

Grupo Editorial Portal
 **Segredo**

A esposa falsa
DO BILIONARIO

L. STEELE

VISIT...

LANZAROTE
Caliente.COM

L. STEELE

A esposa falsa
DO BILIONARIO

Grupo Editorial Portal
 **Segredo**
Belo Horizonte | 2022

Copyright © 2021 Editora Portal

Capa

Dennis Romoaldo

Diagramação

Mylene Ferreira

Revisão, Preparação de Texto e Tradução

Ana Roen

Livro Digital

1ª Edição

L. Steele

Todos os direitos reservados.

É proibido o armazenamento ou a reprodução de qualquer parte desta obra, qualquer que seja a forma utilizada – tangível ou intangível, incluindo fotocópia – sem autorização por escrito do autor.

Esta é uma obra de ficção. Nomes de pessoas, acontecimentos e locais que existam ou que tenham verdadeiramente existido em algum período da história foram usados para ambientar o enredo. Qualquer semelhança com a realidade terá sido mera coincidência.

Sumário

[Sumário](#)

[Sinopse](#)

[Capítulo 1](#)

[Capítulo 2](#)

[Capítulo 3](#)

[Capítulo 4](#)

[Capítulo 5](#)

[Capítulo 6](#)

[Capítulo 7](#)

[Capítulo 8](#)

[Capítulo 9](#)

[Capítulo 10](#)

[Capítulo 11](#)

[Capítulo 12](#)

[Capítulo 13](#)

[Capítulo 14](#)

[Capítulo 15](#)

[Capítulo 16](#)

[Capítulo 17](#)

[Capítulo 18](#)

[Capítulo 19](#)

[Capítulo 20](#)

[Capítulo 21](#)

[Capítulo 22](#)

[Capítulo 23](#)

[Capítulo 24](#)

[Capítulo 25](#)

[Capítulo 26](#)

[Capítulo 27](#)

[Capítulo 28](#)

[Capítulo 29](#)

[Capítulo 30](#)

[Capítulo 31](#)

[Capítulo 32](#)

[Capítulo 33](#)

[Capítulo 34](#)

[Capítulo 35](#)

[Capítulo 36](#)

[Capítulo 37](#)

[Capítulo 38](#)

[Capítulo 39](#)

[Capítulo 40](#)

[Capítulo 41](#)

[Capítulo 42](#)

[Capítulo 43](#)

[Capítulo 44](#)

[Capítulo 45](#)

[Capítulo 46](#)

[Capítulo 47](#)

[Capítulo 48](#)

[Capítulo 49](#)

[Capítulo 50](#)

[Capítulo 51](#)

[Capítulo 52](#)

[Capítulo 53](#)

[Capítulo 54](#)

[Capítulo 55](#)

[Capítulo 56](#)

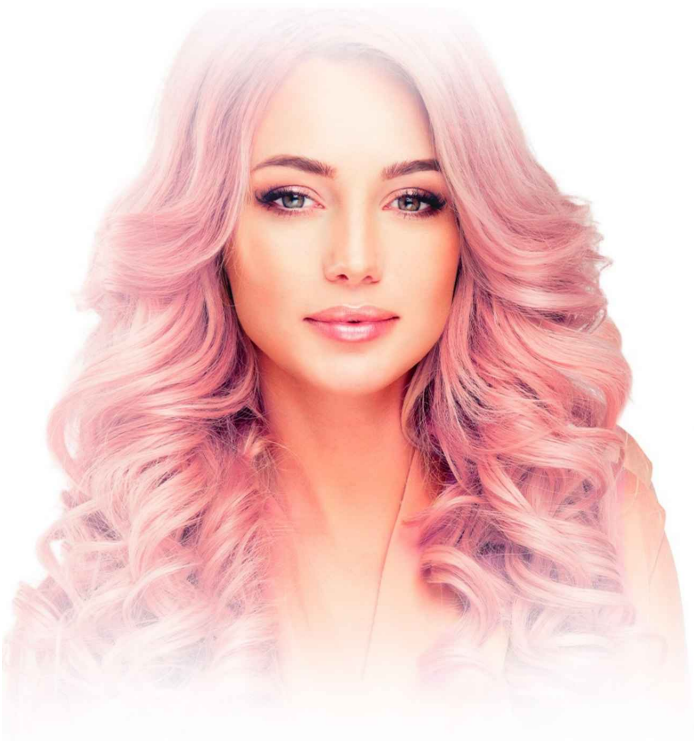
[Sobre a Autora](#)
[Leia Também:](#)

Sinopse

Nunca deveria ter concordado em ser sua esposa de mentira...

Sinclair Amadeus Sterling, também conhecido como Sr. Babaca Supremo com complexo de Deus, era um idiota alto, moreno, zilionário e lindo que estava me chantageando. A primeira vez que o vi, acabei dando uma joelhada em suas muito bem-dotadas *partes baixas*, mas não me pergunte o porquê. Ele tinha aquele ar sério, controlado, e um fogo no olhar que me fazia derreter em segundos. Mas, de verdade, o que me irritava mais do que sua atitude arrogante era o seu senso de humor, ou melhor, a falta dele. Infelizmente, esse homem era também aquele que poderia salvar meu negócio da falência. Então, quando me faz uma proposta para trabalhar para ele, eu não poderia recusar, certo? Mas o emprego era – pasmem – fingir ser sua esposa por trinta dias. Eu deveria ter me virado e fugido na mesma hora, mas lembrei que além de ter dinheiro para liquidar minhas dívidas, ele também tinha contatos e meios para ajudar no tratamento de saúde da minha irmã. Ah, e se não bastasse, ainda tinha aquele vídeo, aff! Bom, são apenas trinta dias. Não é como se eu corresse algum risco de me apaixonar pelo solteiro mais cobiçado de Londres nesse período, né?

Então ele me diz o verdadeiro motivo daquela farsa. E tudo mudou...



A esposa falsa
DO BILIONÁRIO

Summer

Capítulo 1

— Entre tapas e beijos.

— Oi? – Fiquei olhando para o *barman* sem entender o que ele quis dizer com isso.

— Traduzindo, há uma linha tênue entre o amor e o ódio. – Ele agitou a coqueteleira e depois virou um líquido vermelho dentro do meu copo.

— Humpf — bufei. — Por que quando a mulher se interessa por um cara, ele a esnoba?

— Mas é daí que surge a química. — Ele abaixa a cabeça. — Tem que admitir que quando o homem é arrogante e a mulher se faz de difícil, se torna um desafio para os dois, e eles ficam ali esperando para ver quem cede primeiro.

— Mas por quê? – joguei as mãos para o alto. – Por que se odeiam?

— Não — ele riu. — Olha, a garota da escola que eu vivia puxando as tranças e implicava impiedosamente, é aquela com quem...

— ... você se casou — eu concluí por ele.

Seu rosto se iluminou com um sorriso.

— Isso. Entendeu agora?

Sim. Não. Minha cabeça começou a latejar. Fazer um curso intensivo de psicologia de botequim não era a razão de ter vindo ao meu bar favorito em *Islington*, na verdade, tinha marcado de encontrar minha melhor amiga ali, que está - eu olho para a tela do meu telefone - trinta minutos atrasada.

Eu cheiro a bebida, e o vejo levantar as sobrancelhas.

— O que é isso? – Fechei a cara e olhei para o *barman*. – Ei, nem parece que tem álcool aqui! As bebidas são grátis para as

mulheres no *happy hour*, certo?

— Que termina precisamente...— ele me mostra a mão aberta —...em cinco minutos.

— Ah! Valeu! — Dei um soquinho no ar com ironia. — Tempo suficiente para tomar mais uma.

Viro a bebida e um soluço escapa pela minha garganta, mas tratei de disfarçar, e fiz sinal para que ele me servisse mais um drink.

A gente tem que fazer o que é certo... mesmo que o mundo esteja ruindo ao seu redor.

Senti meus olhos arderem e meu coração apertou. Será que é isso o que as pessoas chamam de crescer?

O *barman* coloca os ingredientes da bebida no *mixer*, agita e enche o copo à minha frente com outra dose do líquido vermelho rubi.

— *Salut* — faço um brinde e bebo novamente num gole só. Quando a bebida atinge meu estômago, foi como se tivesse engolido uma espada flamejante e o fogo se alastrou pela minha espinha. Tossi como uma louca.

Minha cabeça começou a girar. O calor foi se espalhando pelo meu corpo, tomando meu peito, indo parar nas extremidades. Não conseguia sentir meus dedos das mãos nem dos pés. *Ótimo. Quase lá.*

— Bota mais um.

— Tem certeza?

— Sim. — Eu aprumo os ombros e pego a bebida.

— Não. Ela já bebeu o suficiente.

— Mas que diabos...? — Eu giro o corpo na banquetta e dou de cara com um par de olhos de um azul anil.

Pareciam insondáveis, com o preto tomando o fundo. A intensidade com que me fitavam me hipnotizaram. Ele esticou o

braço para pegar meu copo e o segurou entre seus dedos grossos. Foi impossível não notar suas mãos grandes, com suas unhas curtas e polidas. *Ser agarrada por elas seria tudo de bom.* Engulo em seco.

— Gostou do que viu?

Fiquei vermelha, e voltei rápido os olhos para seu rosto. Maxilar quadrado, com uma sombra de barba aparecendo, e uma pequena cicatriz lhe corta a sobrancelha esquerda. *Como ele ganhou aquela marca?* Não que eu me importe. Meu olhar desce para a boca dele. Lábio superior fino, o inferior, cheio e carnudo, o que lhe dava um ar de *bad boy*. *Nossa!* Meus dedos dos pés se encolheram dentro dos sapatos e apertei minhas coxas uma contra a outra.

O canto da sua boca se curva em um sorriso sarcástico. *Idiota!*

Aposto que ele acha que a vida é uma grande farra. O encaro e tento recuperar meu copo, mas ele levanta a mão e o deixa fora do meu alcance. Fico furiosa.

— Me dá isso aqui!

Ele balança a cabeça, negando.

— Essa bebida é minha.

— Não mais. — Ele entrega meu copo para o *barman*. — Sirva uma água para ela. Eu quero um uísque, puro.

Resmungando, tento alcançar minha bebida, mas minha banqueta escorrega em sua direção e caio em cima dele. Meus seios batem contra aquele peito duro, parecendo uma rocha esculpida, com camadas e mais camadas de músculos, que ondulam e se contorcem quando ele se vira para o lado, se apoiando contra o balcão. De repente estou vendo o chão se aproximando.

Que merda é essa?

Eu torço meu tronco no último segundo e meu traseiro é que se choca com o piso. *Eita!*

Cheguei a perder o fôlego! Meu cabelo foi parar na frente do meu rosto com o impacto. Tento me levantar, e meu joelho raspa na perna dele.

— Cuidado! — Ele deu um pulo para trás.

—Você me deixou cair?! — Eu gaguejo.

—Hmph.

Inclino meu queixo para trás, o máximo que posso, e me deparo com aquela coxa musculosa destacada pelo tecido da calça. *Que roupa é essa, gente? Quem iria imaginar que um terno moldaria com tanta precisão o corpo de um homem?* Tinha sido feito sob medida na *Saville Row*, com certeza. Levanto a cabeça mais um pouco e paro quando vejo a protuberância que estica o tecido entre suas pernas. *Oh! Tira já o olho daí!*

Eu estendo a mão. Ele pelo menos vai me ajudar a levantar, né?

Ele olha para mim, mas me dá as costas. *Não, ele não vai, de jeito nenhum pelo visto.*

Vi um copo com um líquido âmbar ser colocado na sua frente, e ele o leva até sua boca bem-desenhada. Observo sua garganta se mover, os músculos fortes tensionados. Inclina a cabeça um pouco para trás, e seu pescoço se contrai enquanto ele engole. Aqueles pelos escuros que cobrem seu queixo são um ponto dissonante no perfil limpo, mas lhe dá um ar extremamente viril, e um tremor me varre. Fiquei imaginando aquela barba arranhando a minha pele, marcando a parte interna das minhas coxas quando lambesse meu clitóris, enfiando sua língua dentro do meu canal úmido, bebendo do meu sexo. Oh, Deus! Os arrepios tomaram conta do meu corpo.

Ninguém tinha o direito de ser tão bonito, tão dolorosamente lindo. Ele era magnífico demais até para o seu próprio bem. De repente, uma raiva surda assoma meu peito.

— Seu filho da mãe arrogante!

— Vou fazer de conta que não ouvi isso.

— Você é um idiota, sabia?

Ele pressiona os lábios em uma linha fina, os sulcos em volta da sua boca se aprofundam. Jesus, com certeza esse homem nunca riu nem um único dia em sua vida. Aposto que até dar aquele arremedo de sorriso é algo desconfortável para ele.

O miserável corre seu olhar pelo meu rosto, desce para os meus seios, segue até chegar nos meus pés e depois boceja.

Que ódio! Não vou deixar isso barato, não vou.

— Gostou do que viu? — Levantei o queixo e devolvi a provocação que ele tinha feito momentos antes.

— Desculpa, mas você não é meu tipo. — Ele coloca a mão no bolso da sua calça perfeitamente cortada, o movimento esticando o tecido e deixando mais em evidência seu membro avantajado. Um calor subiu por todo o meu corpo, se concentrando em meu baixo-ventre.

Não achava justo ele poder comprar um guarda-roupa que claramente gritava seu status e que valia o equivalente à economia de um pequeno país do terceiro mundo. Um sentimento de revolta apunhalou meu peito. Ele cheirava a privilégio, tinha garantido o seu lugar na vida.

Diferente dele, eu tive que lutar a cada centímetro do caminho para sobreviver, e ainda tenho que enfrentar muitas batalhas para me manter.

— Última chance... — dali onde estou, ainda esparramada no chão a seus pés, aponto um dedo na sua direção e decreto — ...para se redimir ou...

—Tudo bem, você venceu. — Ele coloca o copo no balcão, então se inclina e estende a mão para mim.

Nesse momento, uma pulseira de aço descascada em seu pulso chama minha atenção. *Ele usa um relógio de camelô?* Sério?

Isso reduz o encanto de sua presença em mais de 1000%. Que esquisito!

Quando vou pegar sua mão, ele a recolhe.

— Ops, mudei de ideia. — Seus lábios se curvam num sorriso irônico.

Meu sangue ferveu! Eu não sou uma pessoa violenta, de verdade. Mas o Sr. Engraçadinho aqui precisa aprender uma lição.

Eu levantei meu pé e acertei um belo coice nele.



A esposa falsa
DO BILIONARIO

Sinclair

Capítulo 2

Meus joelhos cedem e eu vou em direção ao chão.

Que merda ela...? No reflexo, estendo meus braços e minhas palmas batem contra o piso. Firmo meus bíceps para conter o impacto e paro justamente em cima dela.

Um som ofegante chega aos meus ouvidos. Quando me viro, vejo meu cão, Max, arquejando com a língua de fora. Eu fecho a cara e ele murcha as orelhas.

Todos os meus estabelecimentos permitem a entrada de pets, não por eu ser do tipo sensível ou algo assim, não é nada disso, é porque atrai clientes.

Max cheira a garota, então olha para mim. *Hã?* Ele odeia mulheres, mas não essa, pelo jeito.

Viro o rosto na direção dela de novo e meu nariz roça o seu.

Meus braços estão em ambos os lados de sua cabeça. Noto que sua respiração está descompassada, o movimento esticando a parte da frente de seu vestido. Meu olhar foi atraído para um lindo par de seios, o que fez minhas mãos formigarem de vontade de segurá-los, de poder acariciar aqueles mamilos duros delineados contra o... espera aí... o que ela está vestindo? Um camisã rosa choque... com ombreiras?!? Volto a olhar para cima, e ouço um grunhido escapando de seus lábios.

Uma mecha de cabelo cor-de-rosa havia caído sobre seu rosto. Cor-de-rosa?! Quem tingem o cabelo dessa cor depois dos dezoito?

Quantos anos será que ela tem? Analisei a pele lisa, os cílios escuros, o nariz pequeno e a boca...hum... deliciosa e tentadora. O cheiro do seu perfume desperta meus sentidos. *Que diabos está acontecendo comigo?*

Nesse momento, ela abre os olhos e nossos cílios se tocam. Me perco por uns instantes dentro daqueles olhos verdes.

— Posso saber o que é isso? — pergunta, claramente irritada. — Resolveu agora demonstrar como se faz flexão de braço?

— Na verdade, — solto meu peso sobre ela, aproveitando para roçar meu pau na região entre suas pernas — eu estava pensando em demonstrar outra coisa completamente diferente.

Ela engole em seco e suas pupilas dilatam. *Ah, então ela também está sentindo o tesão?*

Tombo mais minha cabeça em direção a ela, chegando mais perto, mais perto...

Uma vermelhidão toma conta do seu rosto e ela fecha os olhos. Mas quando inclina o queixo para cima, aproximando o rosto do meu, saio de cima dela e me levanto.

— Que isso, querida, é um enfático *não, obrigado* para o que quer que você esteja me oferecendo.

Ela arregala os olhos e seu rosto fica ainda mais vermelho. *Adorável*. Uma gama de emoções passou por aquele rostinho lindo em poucos segundos. O que será que se esconde por trás daquela fachada deliciosa?

Ela se ergue, os olhos em chamas.

— Ah! A gatinha vai mostrar as garras? — Meu pau pulsa e fica ainda mais duro. *Por que a raiva dela me excita tanto?*

Quando dá um passo à frente e enfia um dedo no meu peito, meu coração começa a bater como um louco. Ela afunila os olhos e grita, irada: — Seu idiota, vai comer wasabi.

— E isso significa o quê?

Ela solta um grunhido, o que faz meu membro contrair e meu pulso acelerar ainda mais. De repente, a louca gira e pega uma caneca com um resto de cerveja que encontrou em cima do balcão do bar.

— Não ouse — rosno.

Nem tive tempo de reagir. Ela se vira e joga o conteúdo do copo em mim. Olho indignado para a camisa respingada, mas ver a cor de caramelo das lapelas da minha jaqueta se transformando num marrom opaco faz com que a fúria tome conta das minhas entranhas. Fecho as mãos em punho e tento me controlar, ainda mais quando a vejo cair na risada.

Eu levanto meu queixo e digo entre dentes: —Você vai se arrepender de ter feito isso.

Vi o sorriso desaparecer de seu rosto. Ela se vira e coloca a caneca, agora vazia, de volta no balcão.

Eu dou um passo à frente e ela desliza para trás.

— Que drama! Só são roupas, manda lavar e pronto! — Ela engole em seco e joga as mãos para o ar. — Deveria ter imaginado que você não tinha nenhum senso de humor.

— Você arruinou um terno de dez mil libras! — Ergo mais o queixo e a encaro. Ela empalidece, mas logo recupera a pose.

— Deve ter marcado um encontro bem quente para estar tentando impressionar dessa forma.

— Na verdade — tento tirar um pouco do líquido das minhas lapelas — vim até aqui atrás de você.

— Atrás de mim? — Ela franze a testa.

— Precisamos conversar.

— Mas eu nem te conheço! — Ela olha para o barman, que está na outra ponta do balcão.

Ela morde o lábio inferior, o que tira um pouco do batom rosa choque. *Como seria ter aquela boca carnuda sugando meu pau?* Com aquele pensamento, meu sangue corre para minha virilha tão rapidamente que minha cabeça gira e minha pulsação aumenta. *Concentre-se no que você veio fazer aqui.*

— Levará apenas alguns minutos. — Dou um passo à frente, mas ela recua. — Você vai gostar, eu juro.

— Vá *pro* inferno! — Me dá as costas e tenta se afastar.

Eu a deixo dar um passo, outro... É divertido ver a presa ter a ilusão de que pode fugir, torna a caça muito mais divertida.

Me lanço para frente, envolvo um braço em volta da sua cintura e a puxo para mim.

— Me solta!

Por sorte, o bar não estava cheio. Ainda é cedo e os frequentadores habituais não chegaram. E os funcionários... bom, eles estão bem cientes de quem paga seus salários.

— Você vai me ouvir. — Eu apoio suas costas no balcão, então a solto. Ela engole em seco e olha em volta.

Não vou deixar você voar agora, Passarinho. Aproximo mais meu corpo do dela, mas ainda sem tocá-la.

— O que quer que você esteja vendendo, não estou interessada. — Ela levanta o queixo.

— Você não vai escapar. — Dou um sorriso sarcástico. — Toda ação tem suas consequências. — Um rubor sobe pelo seu pescoço e toma o rosto. Parece tão pequena, tão inocente. Uma boa mentirosa, isso sim. Eu estreito meu olhar.

—Você é doido ou o quê? — Ela pisca, confusa.

— Esse seu joguinho — aproximei meu rosto do dela — não vai funcionar.

— Você é completamente louco, só pode! — Ela pisca, aturdida.

— Já estou ficando cansado de seus insultos.

— E disse alguma mentira? — Ela afasta uma mecha do cabelo do rosto, e reparo nas suas unhas, e adivinha? Estão pintadas de... *rosa*.

— E tem mais, você é um idiota insensível e egocêntrico.

— Você está começando a ser repetitiva em suas ofensas, e olha que eu ainda nem te beijei. — Meu sorriso se alarga.

— Não se atreva! — Ela arregala os olhos.

— Isso é um desafio? — Eu inclino minha cabeça.

— É um... — ela examina o espaço, que está começando a ficar cheio, então se vira para mim e diz com voz firme — ... um aviso. Você só pode estar delirando, seu idiota. — Ela inala uma respiração profunda, e continua. — Seu ego é maior que um buraco negro. Aposto que é para compensar sua falta de colhões.

Ouvir sua risada foi a gota d'água. Quantos insultos mais aquela boca deliciosa ainda iria vomitar? Resposta: demais para sequer contar.

— Você... — Eu abaixo a cabeça e a calo com meus lábios.

O calor e a doçura de sua essência explodem em meu paladar. Meu pau se contrai. Eu inclino, aprofundo o beijo, e sinto mais daquele... daquele... perfume, ou seja lá o que ela esteja usando em sua pele, misturado com aquele hálito que enche meus sentidos, que provoca arrepios em minha espinha. Meu membro endurece ainda mais. Enfio minha língua entre aqueles lábios irritantes para apreciar mais seu sabor.

Ela solta um gemido profundo e meu coração dispara. Tão inocente, mas tão ardilosa ao mesmo tempo. Linda e geniosa. O tipo de complicação que eu não preciso na minha vida.

Prefiro o direto e reto. O preto no branco, é assim que escolho definir meu mundo. Mas ela, com seus flashes de cor, cabelo e lábios cor de rosa que ameaçam me levar à beira da loucura, é exatamente o que eu abomino.

Gosto de mulheres que tenham suas prioridades definidas na vida. Que venham me dar prazer, me façam gozar, então vão embora antes que suas emoções se envolvam. Simples assim.

É disso que eu gosto, e não disso... desse pacote de loucura, que joga os braços em volta dos meus ombros, que aperta os seios contra o meu peito, que levanta a cabeça, abre a boca e me convida a tomar tudo.

Essa garota não tem nenhum senso de autopreservação, não? Será que acha que eu vou me apaixonar pelo apelo que vejo em seus olhos? Ela só pode estar querendo alguma coisa.

Afasto minha boca e ela protesta, então entrelaça sua perna na minha, empurra seus quadris para cima, de modo que a suavidade úmida entre suas coxas roce no meu pênis, e segura meu olhar com o seu.

Ela mantém por longos segundos aqueles lindos olhos verdes fixos em mim. Suas bochechas ficam vermelhas, seus lábios se abrem e um gemido corta o ar. O sangue corre para o meu pau, que responde instantaneamente àquela visão.

Porra. É hora de colocar distância entre mim e essa *situação*.

É como eu prefiro conduzir as coisas. Tenho que estar no controle, sempre. Corto tudo aquilo que ameace interferir no meu equilíbrio. O desligo ou o compro. Reduzo tudo a uma mera transação, o mundo que domino, o poder do dinheiro. Comprar e vender, números, lógica. Isso é o que funciona para mim.

— Quanto? — A vejo franzir a testa. — Seja o valor que for, eu pago.

— Você...você está pensando que...

— Um milhão.

— O quê?

— Libras, dólares... você escolhe a moeda, e o valor será depositado em sua conta.

— Você está me oferecendo dinheiro? — Ela fica boquiaberta.

— Pelo seu tempo, se você aceitar participar do meu plano.

— Você acha que eu estou à venda?

— Todo mundo tem um preço.

— Menos eu.

— Isso é um desafio? — *E lá vamos nós de novo.*

— Me deixa em paz! — A cor desaparece de seu rosto.

— Está envergonhada, é isso? Você pode escrever seu preço em um pedaço de papel, se preferir. — Eu olho para cima e noto o barman nos observando. Eu faço um sinal com a cabeça, indicando os guardanapos. Ele pega um, então oferece a ela.

— Você o comprou também? — Ela olha para o atendente.

— O que você acha?

— Percebi que todo mundo aqui está nos ignorando. — Ela olha ao redor.

— É o que eu esperava.

— Mas por quê?

— Adivinha? — Sacudo o guardanapo na frente do seu rosto.

— Você é o dono?

— E serei seu dono também.

— Me deixe ir, ou você irá se arrepender. — Ela ergueu o queixo.

Uma gargalhada tenta escapar da minha garganta, mas a engulo. Isso não é motivo de riso. Eu nunca mostro os dentes durante uma transação, especialmente quando estou negociando uma nova aquisição. E isso é tudo o que ela é, uma peça final no quebra-cabeça que estou montando.

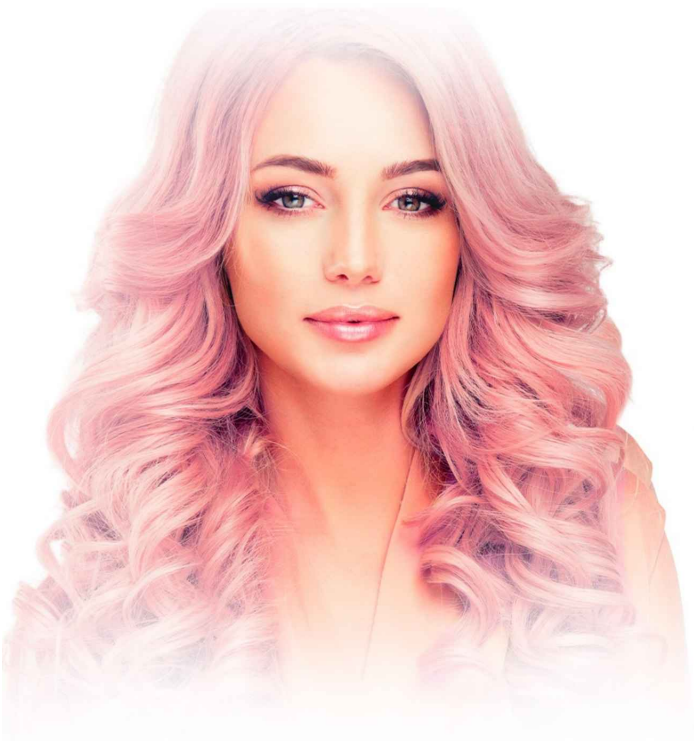
— Ninguém me ameaça.

— Você tem razão.

— O quê?

— É melhor agir. — Seus lábios torcem, seu olhar se estreita, e todos os meus instintos gritam um aviso.

Não, ela não faria isso, de jeito nenhum! Mas a dor corta meus pensamentos e faíscas explodem atrás dos meus olhos.



A esposa falsa
DO BILIONÁRIO

Summer

Capítulo 3

— Você me deu uma joelhada?

Ele rosna, literalmente rosna. Um arrepio de calor sobe pela minha espinha, e meu coração dispara.

Oh, inferno, eu realmente fiz aquilo? Homens e seus egos delicados. Aposto que ele não vai deixar isso de lado.

Eu empurro seus ombros e ele cambaleia para o lado. Me aprumo, olho para baixo, porque ele ainda está curvado, e o encaro. Minhas terminações nervosas formigam. Por que eu tenho reações tão viscerais com esse nojento pomposo?

Ele respira fundo e então se endireita.

— Você... ? — Como ele se recuperou da joelhada nas bolas tão rápido? Eu pisco, surpresa. Ninguém tem tanta resistência, a menos que seja treinado para isso... Nah! Eu deixo o pensamento de lado.

Ele é um playboyzinho mimado, sem dúvida. Um bem típico, desses que gostam de ostentar o que têm. Por que quem tem dinheiro acha que isso é a solução para tudo, hein? *Por que será?*

Uma sensação estranha apunhala meu peito. *Eu estraguei tudo.* Eu perdi a oportunidade de garantir meu futuro e de dar uma chance para minha irmã ter uma vida normal.

O idiota parado na minha frente estende a mão, mas eu me esquivo. Suas feições endurecem, então ele se inclina para frente e vem em minha direção. *Inferno! Não, não vou deixar que ele me pegue outra vez.* Agarro minha bolsa, que está pendurada num gancho embaixo do balcão do bar, e sigo para a saída.

Empurrando a pesada porta de vidro, eu chego na calçada.

— Ei! Onde pensa que vai? — Algo roça meu ombro. Dou um grito e saio correndo.

A adrenalina toma conta das minhas veias. O sangue lateja tão forte em minhas têmporas que acho que vou desmaiar.

Nessa hora, vejo dois policiais na rua. *Graças a Deus!* Eu aceno para eles, grito por socorro, e finalmente consigo chamar a atenção de um deles.

O calor nas minhas costas se transforma em uma fornalha. *Merda, ele está me alcançando.* Ele está muito, muito, perto. O cabelo da minha nuca se arrepiava.

— Me ajudem, por favor. — Escuto uma exclamação baixa atrás de mim, e meu estômago se revira. *Maldito homem, como ele chegou aqui tão rápido?*

— Está tudo bem por aqui? — perguntou um dos policiais.

— Esse sujeito — eu aponto o polegar na direção do Sr. Rabugento — está me assediando.

O segundo policial olha bem para nós, então se endireita e diz: — Sinclair.

— Josephine, Will, como vão? — Ele os cumprimenta com um balançar de cabeça.

Não acredito! São tão íntimos assim que trata os policiais pelo primeiro nome? Será que estão na sua folha de pagamento também? Mas é claro que sim! O idiota com certeza faria de tudo para garantir que as circunstâncias estejam sempre favoráveis a ele.

— Nós não terminamos aqui. — Seu rosnado baixo me segue enquanto me afasto dali.

Passo correndo pelos policiais, subo a rua, viro à direita, depois à esquerda na movimentada Oxford Street e decido continuar correndo por mais umas quadras. Paro para respirar uns instantes, porque já estava sem fôlego.

Quando chego à entrada da estação de metrô da *Tottenham Court Road*, dou uma olhada para trás. Não há sinal dele. *Graças!*

Passo meu cartão na catraca, desço um lance de degraus até a plataforma e vejo meu trem chegar à estação justo naquele

momento. Entro na primeira porta aberta que encontro e desabo em um assento. O suor pinga da minha testa, meu cabelo está grudando na minha bochecha. Eu me curvo, ofegante. Escapei daquele louco por um triz. A mulher sentada no banco a minha frente me encara, de olhos arregalados. Eu encontro seu olhar e ela rapidamente volta a dar atenção para seu Kindle.

Apoio a cabeça contra a janela. Uma coisa boa sobre o metrô de Londres é que a maioria das pessoas evita o contato visual. O anonimato que esta cidade proporciona é justamente o que mais amo... e o que mais odeio também. Significa que ninguém se importa como eu me visto, com o que eu como ou o que faço para me sustentar. Mas também é por isso que ninguém dá a mínima para minha irmã estar se aproximando mais rápido do túmulo a cada dia.

Não, isso não vai acontecer, eu não vou deixar. *Eu vou encontrar uma maneira de sair dessa situação, vou, sim.*

Quando chego na estação seguinte, checo meu telefone e vejo que há um novo e-mail na minha caixa de entrada.

De: Meredith Vincent Para: Summer West

Cara Srt^a. West, Sua solicitação para apresentar uma estratégia de marketing inovadora para a 7A Investimentos foi aceita.

Sr. Sterling, nosso CEO, a receberá amanhã, às 9h.

O endereço está abaixo.

Por favor, confirme sua disponibilidade para comparecer à reunião agendada.

Atenciosamente,

Meredith Vincent Assistente Executiva

Uau! OK. Mas quando foi que escrevi para a 7A Investimentos pedindo para apresentar uma proposta para pegar a conta deles? *Gente, eu não me lembro de ter feito isso!* Eu franzo a testa e balanço minha cabeça.

Ah, não importa. Esta é a minha chance, a oportunidade que precisava para salvar meu futuro, e não vou perdê-la. Digito a confirmação da minha presença, clico em enviar, então guardo meu telefone na minha bolsa.

Eu vou conseguir essa conta, nem que seja a última coisa que eu faça na vida.

O trem para na estação de metrô *Mill Hill East*, e eu desço. Assim que chego na plataforma, o telefone vibra, indicando que há uma nova mensagem de texto.

Isla: Miiiiiil perdões, tive uma emergência no trabalho.

Você sabe como é a vida dos pobres coitados que lidam com organização de casamentos...

Eu: Não me diga! Você me colocou numa enrascada, sua vadia!

Isla: Como assim? Conheceu alguém lá no bar?

Eu: Não, lógico que não. Você só pensa nisso e... espera um pouco... você não faria isso comigo, né?

Bufei.

Eu: Ou faria?

Isla: Do que você está falando?

Eu: Você furou comigo de propósito?

Isla: Euuu? Tá falando do quê?

Eu: Olha, Isla, se eu descobrir que você fez isso
comigo...

Isla: Ele é gostoso?

Eu: Não.

Isla: Um estranho dominante, que te faz ficar com a calcinha molhada e que te deixa louca de vontade de o lambar todinho.

Eu: Queria entender essa sua queda por mulas
obstinadas... quero dizer, machos.

Isla: Ha, ha, ha. Não desdenhe até ter provado.

Eu: Não faço ideia do que você está falando.

Isla: Às vezes você precisa de um abraço, sabe...?

Eu: Exatamente.

Isla:... por trás... com um mastro poderoso te preenchendo.

Eu: Um o quê?

Isla: Domada por um ogro experiente que não aceita um não como resposta.

Eu: Misericórdia, você leu isso que você escreveu,
Isla? Eu juro que se você for...

Isla: Perdão... perdão... ah, perdão, nada, você é muito presa, amiga. Relaxa, viva um pouco.

Eu: Se com isso você quer dizer fantasiar em fazer um
amor violento com um macho alfa...

Isla: Não traga essa emoção de quatro letras para a mistura.

Eu: Tá bom, mas nem todas nós queremos ser
dominadas.

Isla: As famosas últimas palavras.

Eu: Obrigada por jogar seus fetiches na minha cara
Isla: Ei, como você adivinhou que eu amo fazer isso?

Eu: Tô fora, tchau.

Isla: Ficou vermelha, West? Aposto que sim. Falando sério agora, me desculpa por ter furado com você. Houve uma mudança de última hora, uma noiva cancelou o casamento e uh, bem, não foi muito legal.

Eu: Uau, boa sorte lidando com os respingos disso.

Isla: Nesse caso, vou realmente precisar. PS o noivo acabou de entrar no escritório e não está nada feliz.

Eu: Sua chefe não pode atender o cara?

Isla: Ela não está aqui. E, argh! Este homem é completamente irracional! Mas uau, é delicioso! Me deseje sorte.

Eu: Vai lá, amiga. Boa sorte!

Isla: Até mais. Bjs.

Típico da Isla, sempre se derrete por um rostinho bonito. *E eu não?*

Eu inflo minhas bochechas, e coloco meu telefone de volta na minha bolsa. Deixo a estação de metrô e corro para casa. Subo depressa o pequeno lance de escadas que leva ao apartamento de um quarto que divido com minha irmã. Por quanto tempo mais vamos ficar ali eu não posso dizer, já que está difícil manter o pagamento do aluguel em dia. Mas eu vou dar um jeito, eu vou.

— Karma? — eu atravesso a sala e vou em direção ao nosso minúsculo quarto.

— Summer? — Minha irmã levanta os olhos de sua máquina de costura. Seu cabelo escuro emoldura seu rosto. Mas noto que sua pele parece mais pálida do que o normal.

— Você está bem? — Eu me acomodo na cama e fico de frente para ela.

— Por que eu não estaria? — Seus olhos cor de âmbar brilharam com suspeita.

— Por nada. — Abaixo a cabeça.

— Sem falta de ar, sem dedos das mãos ou dos pés dormentes. O buraco no meu coração não me devorou por completo. — Juntou os lábios numa linha fina. — Ainda não.

— Por que você fica tão na defensiva quando falo sobre sua condição?

— Hum, vejamos. — Ela levanta um dedo, mostrando a unha pintada com esmalte preto. — Será que é por que eu estou tentando viver e você fica esfregando minha doença na minha cara toda vez que fala comigo? — Eu respiro fundo.

— Isso não é justo. Eu me preocupo com você, só isso, e tento fazer o meu melhor para...

— Você não é minha mãe.

Todo o sangue foge do meu rosto. Aposto que estou tão pálida quanto Karma, embora seu traje gótico escuro realce sua beleza luminosa.

Nossa... fiquei mais branca que a pintura na parede atrás dela, com certeza.

— Ah, droga, desculpa, Summer. — Ela solta um suspiro. — Estou mais nervosa do que o normal. É que amanhã é dia de feira, então preciso terminar minhas roupas a tempo. Tenho que estar no *Camden Market* antes das 5 da manhã, então... — Ela dá de ombros.

— Certo, vou deixar você em paz. — Levanto apressada e vou para a porta.

— Summer, espera.

Eu me dirijo para o pequeno balcão que separa a sala da nossa cozinha. Pego um copo, vou até a pia, encho com água e

bebo.

— Me perdoe por aquilo que eu disse. — Karma se escora no batente da porta do quarto.

— Você sabe como me atingir, não é? — Eu aperto meus lábios.

— Minha especialidade, mana. Atribua isso aos meus hormônios da adolescência.

Eu bufo, então me viro e inclino o quadril contra o balcão.

— Você é quase tão boa com as palavras quanto o é na modelagem de roupas.

— Oh-oh, eu sinto um cheiro de sermão da Summer chegando. — Ela levanta as mãos para o alto.

— Não seja ridícula. — Eu fico rubra. — É só que eu ainda não consegui entender por que você desistiu de uma bolsa de estudos para cursar moda na *Central Saint Martins*.

— É que eles são muito convencionais. — Ela torce a boca.

— E o que há de errado nisso? — Eu jogo as mãos para cima.

— Você reparou no que está vestindo? — Ela aponta para mim.

— Foi você que fez para mim. — Eu sacudo os ombros. — É excêntrico, mas... reflete minha personalidade.

— Exatamente. — Ela balança a cabeça. — Minhas ideias são muito... incomuns para suas sensibilidades.

— E daí? — inclino meu queixo para cima. — Você poderia ter... se ajustado...

— Diz a mulher que é uma enciclopédia ambulante sobre curiosidades que em grande parte não tem utilidade nenhuma. — Me encara e cruza os braços.

— Isso... — esfrego minha testa com a mão — Isso é diferente.

— Certo. — Ela bufa. — Quantas mulheres de vinte e um anos de idade que você conhece que podem competir contigo nesse campo?

— Eu não sei se isso é algo de que possa me orgulhar — murmuro. Eu envolvo meus braços em volta da minha cintura.

— Você ganhou muito dinheiro participando de *quizzes* *shows* nos pubs e em programas de TV.

— Foi só um show.

— Que lhe rendeu cem mil libras. — Ela bate os dedos contra o batente da porta. — E é esse prêmio que está nos mantendo até agora.

Sim, é com esse dinheiro que temos sobrevivido desde que saí do albergue dos sem-teto aos dezenove anos, e foi com ele que consegui assumir a responsabilidade por Karma e tirá-la do orfanato. E usei uma parte para começar minha empresa de consultoria de marketing.

Eu também uso esse meu talento para criar perguntas e as fornecer em forma de questionários para pubs, bares, festas e para minha crescente lista de assinantes, que adoram receber um quiz diário de curiosidades, que envio cobrando uma pequena taxa.

O trabalho dos meus sonhos. Estufei meu peito. Eu o havia definido, criado, e corrido atrás para torná-lo real. Eu mordo o interior da minha bochecha. Onde eu estava com a cabeça? Pensei mesmo que poderia ganhar a vida com minha paixão por filmes?

Por que eu deveria largar meu trabalho de gestor de marketing para pegar um de – ugh! auxiliar de uma empresa de contabilidade? Eu curvo meus ombros, porque sei a resposta, é porque teria um salário melhor, que permitiria pagar as consultas médicas especializadas para minha irmã, só por isso. Eu tinha sido muito egoísta.

Eu fui muito estúpida por acreditar que eu poderia ter o que quisesse sem comprometer meus sonhos, mas isso até seria

possível se eu não tivesse perdido o cliente mais importante, que representava 80% do meu faturamento.

Eu enrolo uma mecha do meu cabelo, levo-a à boca e mastigo.

— Hábito horrível. — Ela franze a testa.

— Isso me ajuda a pensar. — Eu me afasto do balcão e começo a andar de um lado para o outro. — Eu tenho uma grande reunião amanhã. Se eu conseguir a conta...

—Você vai conseguir.

Meu telefone toca. Olho para minha bolsa, mas não faço menção de pegá-lo.

— Não vai ver quem é?

Eu balanço minha cabeça em negativa.

— Quer que eu atenda?

— Quanto pior ainda pode ficar, hein? — Eu levanto meus ombros, e os deixo cair em seguida, desalentada.

Karma pega minha bolsa, acha meu telefone e lê a mensagem.

— Quem era?

Ela o coloca de volta onde estava.

— Não é nada importante.

— Karma! — Eu faço uma carranca, então vou até ela e pego o celular. Há uma mensagem de texto:

Fedorento: Você tem uma semana para pagar o aluguel ou então...

Certo! Jogo o aparelho dentro da bolsa de novo, então, para não cair em tentação, fecho o zíper.

— Baunilha ou chocolate? — Vou até a pequena geladeira e abro a porta do freezer.

— Isso é uma pegadinha?

— Não é.

— Eu tenho outra opção? — Ela vai para o sofá.

— Não. — Eu rio e pego a caixa de sorvete de baunilha. — Eu que fiz as compras, então...

— Seus gostos são entediantemente previsíveis. — Karma afunda no sofá, amuada.

— Sim, *bem, eu poderia ter sido alguém, em vez de ser uma sem-teto, que é o que eu sou*. — Eu pego a caixa de sorvete e me endireito.

— Isso é uma fala do filme *Sindicato de Ladrões*?

— Você tem lido os meus e-mails de *quizzes*, hein?.

— Aposto que você não consegue adivinhar de qual filme é essa citação. — Ela joga o cabelo por sobre o ombro e fala: — *Não deixe ninguém fazer você sentir que não merece ter o que quer*.

Pego duas colheres de plástico e me junto a ela.

— Muito fácil. — Tomo um pouco de sorvete antes de responder — *10 Coisas Que Eu Odeio Em Você*.

Seu rosto se abre em um sorriso. Esse é um dos jogos esquisitos que nós duas temos o hábito de jogar, que é citar diálogos e fazer com que a outra adivinhe de que filme se está falando. Palavras não custam e confortam. Podemos usá-las para tecer um mundo em que estamos seguros, longe dos pesadelos que assombram nossas vidas.

— Minha vez. — Eu passo a caixa para ela. — *Tenho que celebrar o agora. Viva o momento*.

Karma lambe o sorvete da colher e pega mais na caixa. Ela franze a testa.

— Desiste? — Eu arranco a caixa de sorvete dela.

— Ok, desisto. De que filme é isso?

— De nenhum — Eu caio na risada — essa frase é minha. —
Eu lambo o sorvete restante da minha colher.

Ela pega a caixa, então olha dentro dela.

— Ah! Não é justo, você comeu tudo!

— Você não deveria me subestimar. — Eu rio e me levanto.
—Agora, eu preciso preparar a minha apresentação para a reunião
de amanhã.

— Maravilha! — Ela se anima. — Eu tenho o conjunto certo
para você vestir.



A esposa falsa
DO BILIONARIO

Sinclair

Capítulo 4

—Tenha um bom dia, Sr. Sterling.

Peter, meu motorista, encosta o *Aston Martin* no meio-fio em frente ao meu conjunto de escritórios, que fica em South Bank, uma área nobre de Londres, em um prédio histórico que arrematei após uma árdua guerra de lances num leilão. Valeu o esforço, eu acho. Eu abro a porta do carro e Max se apressa em ir para a entrada do edifício. Ele para próximo ao mendigo que todos os dias está ali postado na calçada. Sua placa de hoje diz: *O Diabo voltou ao Inferno às duas*.

— Outra citação de Lord Byron, hein? — Eu me aproximo do mendigo e coloco um maço de notas no boné virado de boca para cima na frente dele.

Como sempre, seu rosto não muda de expressão. Nós dois somos parecidos nisso.

O grau de separação entre o homem do palácio e o da rua é inferior a sete, filho.

As palavras do meu pai ecoam na minha cabeça. Ele odiava os sem-teto, talvez por atingir algo primitivo nele. Esse medo de perder tudo, da sorte o abandonar, por certo se intensificou após o incidente. Ele perdeu o emprego logo depois do acontecido, e se não fosse pelos meus amigos, não teria tido condições de pagar o tratamento de câncer da minha mãe. Sim, eu tenho alguns amigos... seis para ser mais preciso, e que são do tipo que me apunhalariam se eu virasse as costas para eles. Falando figurativamente, é claro... apenas no tocante aos negócios.

O melhor a se fazer é nunca confiar em ninguém, nem mesmo em seus amigos. Não tem como você se machucar assim, certo?

Caminho em direção à pesada porta de vidro onde Max espera por mim. Eu empurro e ele entra logo atrás. A recepcionista

ergue os olhos e, quando me vê, seu rosto cora.

— Bom dia, Sr. Sterling.

— Há quanto tempo você está aqui? — pergunto e franzo a testa. Ela pisca, desconcertada.

— Você é surda, garota?

— N... não. — A cor desaparece de seu rosto, e acaba combinando com a parede atrás dela.

— Responda à pergunta. — Percebo que ela engole em seco.

— Uma semana.

— Está demitida.

— Mas...

— Você ainda está na fase de experiência, então não precisa ir ao RH. Pode ir embora. Agora.

— O que fiz de errado, senhor? — ela balbucia.

— Não gostei da sua cara.

Isso é verdade, mas, além disso, porque cansei de ver sua perda de compostura toda vez que me aproximo. Essa atitude me faz lembrar como conquistei minha posição nesta cidade, e é algo que odeio.

Eu ando até o elevador, as portas se abrem e eu entro. Parece que a equipe de manutenção dos ascensores terá seu contrato mantido... por enquanto.

— Espera. — Uma mão aparece entre as portas, interrompendo seu fechamento. Uma mulher entra.

— Desculpa... mas não posso me atrasar, eu... — Ela então olha para cima.

Olhos verdes me encaram. Observo seu cabelo rosa preso em um coque, que já está se desfazendo, e a pele pálida e cremosa se colorindo de vermelho. Eu fixo mais meu olhar em seu rosto e o queixo dela cai.

— Você?

— Bem na hora. — As portas se fecham.

— Você está agindo como se estivesse me esperando. — Ela franze a testa.

— E estava. — Mechas de cabelo cor de algodão doce grudam nas bochechas coradas. Meus dedos formigam de vontade de tirá-las do seu rosto. *Que porra é...?* Eu enfio depressa minhas mãos nos bolsos da minha calça.

— Você está me *stalkeando*? — Ela morde o lábio inferior e meu pau se contrai.

— E se estiver? — Eu endireito minha postura.

— Olha, se... se isto é algum tipo de pegadinha... — Seus ombros ficam rígidos, e ela olha para cima e para os cantos da caixa de metal.

— Sem câmeras. — Seu olhar então volta para o meu rosto.

— Este é um elevador privativo. — Eu aperto o botão de parada. O elevador dá um solavanco e para.

— Oh, inferno. — Ela gira e começa a bater a mão na porta.

— Tarde demais. — Eu apoio um ombro contra a parede.

— Por que... por que você fez isso? — Ela engole em seco.

— Não pelos motivos que você está pensando. — Eu cruzo meus braços Ela se afasta o máximo que pode de mim, apoiando as costas na parede oposta de onde estou.

— E por ... por qual motivo seria então?

Desço os olhos pelo seu rosto – que preciso admitir, é bastante impressionante – passo pelo arco do pescoço, e paro na elevação de seus seios. Ela está vestindo uma jaqueta que repuxa nos ombros, claramente não é do tamanho correto para ela. Está abotoada na frente, o que faz o tecido ficar bem esticado, moldando suas curvas.

Essa coisinha irritante deve estar acostumada a exibir seus dotes para conseguir o que quer, sem dúvida. Eu continuo a olhar para seus seios, e ela cruza os braços em volta da cintura.

— Também não é por isso, como já deixei claro antes.

Ela cora. *Hum, que interessante.* Tenho certeza agora que ela é uma ruiva natural, já que a cor de seu rosto destaca cada sarda em sua linda pele. Meu pau endurece. *Por que meu corpo está agindo dessa maneira?* Estou acostumado a controlá-lo, garantindo que minha vontade seja obediente a mim, mas toda vez que a vejo, meu cérebro parece descer para a minha cabeça de baixo. Meu pau se contrai. Eu endireito os ombros e seu olhar cai na minha virilha.

— Quase acreditei em você, mas pelo que estou vendo daqui onde estou, parece que é por 'isso', sim. — Ela faz aspas com os dedos.

Eu endureço mais ainda. *Se controle.* Mas não seria insultado por alguém como ela.

— Então esse é o seu jogo, hein?

— O que está se passando por sua mente idiota?

— Você não vai querer saber. — Eu flexiono meus dedos e ela empalidece.

— Vá em frente. — Ela levanta o queixo em desafio.

— Você não iria aguentar, querida.

— Para de me chamar assim.

— Hum... — Dou um passo à frente e ela gira a cabeça, examinando o pequeno espaço fechado.

— Você está presa, meu Passarinho. Não tem como fugir do malvadão agora.

Sua respiração falha e ela espreme as costas ainda mais contra a parede.

— Pa... para.

— Ninguém me dá ordens. — Eu olho fixo para ela e dou mais um passo à frente.

— Você se valoriza muito, né? — Ela projeta o queixo para cima.

— E, pelo visto, você não se dá o devido valor. — *E deve ser por isso que ela apareceu na reunião hoje sem verificar se havia segundas intenções por trás da oferta.* A raiva sobe pela minha espinha, mas não consigo entender o motivo disso. *Por que estou preocupado com o bem-estar dela?! Está aqui, no meu espaço, exatamente onde eu quero que ela esteja.*

Ela está se infiltrando na minha vida. Será que não imagina o quão ruim isso pode ser para ela? Que não entende os riscos de ficar nas minhas mãos? Não pensa que eu posso fazer coisas com ela das quais nunca se recuperaria?

Enquanto esses questionamentos passam por minha cabeça, meu membro endurece. Uma parte de mim, pelo menos, aprecia a caça. A adrenalina corre no meu sangue.

Hum, isso pode se tornar interessante. Imagine trabalhar com alguém que me desafia, que não rasteja diante de mim? Que se atreve a falar de igual para igual comigo? Realmente interessante. Eu olho para ela e vejo o medo irradiando de seu corpo.

— Está desconfortável, garotinha?

Ela balança a cabeça em negativa.

— Uma linda pequena mentirosa.

Quando ela ergue o queixo, vejo uma gota de suor escorrer por sua têmpora.

Eu levanto um braço e ela se encolhe. Eu pego a gota de suor com meu dedo, então o trago aos meus lábios e o chupo.

Ela solta um som estrangulado. Me observa com uma curiosidade descarada... Ou seria com antecipação?

— Eu poderia te tomar aqui e você não conseguiria me impedir.

Ela congela. Suas pupilas dilatam. Seu peito sobe e desce, a jaqueta esticando mais ainda sobre seus seios. Um botão da peça escorrega de sua casa. *Putá merda*. Eu a agarro e suas feições se contorcem com o susto.

— Não — ela sussurra.

Seus olhos estão arregalados, a boca aberta em um 'O'. Quando aqueles lábios rosados se separam, eu salivo e meu pau lateja. *Ela está tentando me provocar?* Eu alcanço as lapelas de sua jaqueta e noto que todos os músculos de seu corpo ficam tensos.

Eu a puxo até que fique na ponta dos pés e abaixo a cabeça, ficando exatamente acima dela. Suas pálpebras se fecham. Seus cílios grossos emolduram aqueles olhos cheios de alma, olhos que me consomem com sua vulnerabilidade, que deixam à mostra a inocência sob a superfície, espelhando a esperança que ainda tem dentro de si. Ela espera com a respiração suspensa que seu futuro se desenrole, um otimismo que posso despedaçar com minhas próprias mãos.

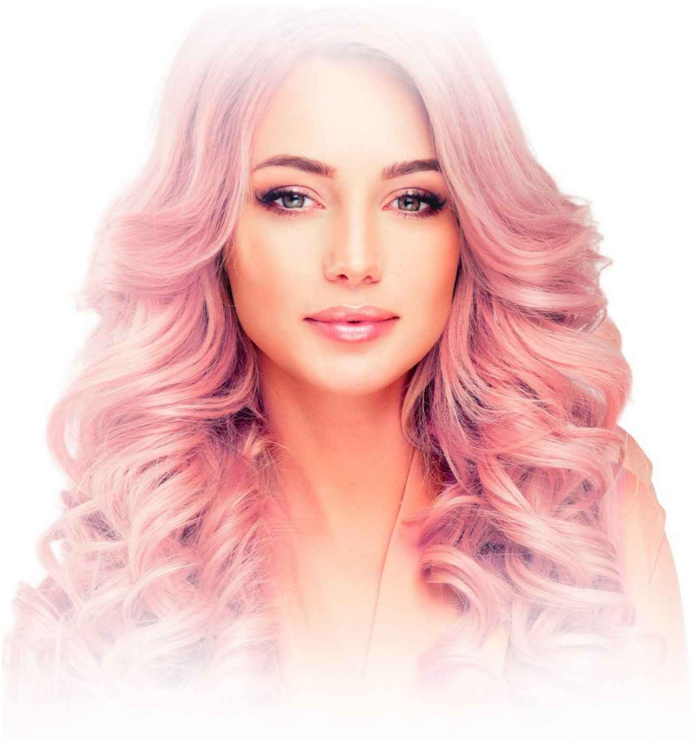
Tenho que ensinar a ela a nunca confiar em ninguém.

Minha respiração levanta o cabelo que cai sobre sua testa e seus lábios tremem. Ela inclina a cabeça para trás, me mostrando a curva daquele lindo pescoço. Vulnerável demais! Vou ter que lhe ensinar uma lição.

— Passarinho?

— Summer — ela engole em seco. — Meu nome é Summer.

— Você é virgem, Summer?



A esposa falsa
DO BILIONÁRIO

Summer

Capítulo 5

— Como é? — Eu abro meus olhos.

Este homem consegue me reduzir a um silêncio surpreso, e isso não é um elogio, embora, de verdade, seja muito difícil alguém roubar minha capacidade de falar. É só mais uma prova de sua estranha audácia.

—Você não me perguntou isso.

— Por que não?

— Porque... porque fazer uma pergunta dessas é extremamente rude.

— É mesmo?

— Você está brincando comigo?

— Eu nunca *brinco*. — Ele pronuncia a última palavra como se fosse algo asqueroso.

— Que figura! — Não consigo conter a risada que sai dos meus lábios. — Se você parasse tempo suficiente para realmente olhar a sua volta, você veria que não vivemos mais na idade das trevas, e perceberia como sua percepção das coisas está equivocada.

— Você realmente acredita que há livre arbítrio neste mundo?

Sua voz atinge minhas terminações nervosas e arrepios se espalham pela minha pele. Deve ser por estar enclausurada neste pequeno espaço que está me fazendo ter aquela sensação de desmaio. Não sou claustrofóbica, mas ficar presa em um elevador com um homão daqueles, que tem uma noção completamente distorcida de sua própria importância é... é o suficiente para minar a força de vontade de qualquer mulher, por mais forte que ela seja... e eu me incluo nessa lista... mas meu desespero para chegar à minha reunião é maior, então preciso pôr um ponto final nisso.

— Eu vou me atrasar.

— Isto pode esperar.

— Lá vem você de novo, achando que sabe o que posso e o que não posso fazer. — A raiva queima as minhas entranhas.

— Por que eu não deveria perguntar?

— Porque... — eu me inquieto — porque... mostraria que você não é um homem educado.

— Mas eu não sou mesmo. Já concordamos com isso. Então por que você não coopera?

— Hoje vai ser um daqueles dias. — Eu solto um suspiro.

— Quanto mais rápido você responder à minha pergunta, mais cedo nós dois estaremos a caminho dos nossos compromissos.

— Então se te disser se sou... sou...

— Virgem... — Seus lábios se curvam.

O bastardo está se divertindo muito às minhas custas. Mal posso esperar para tirar aquele sorrisinho de satisfação do rosto dele. Honestamente, eu realmente quero, mas quero muito, vê-lo de joelhos e rastejando, implorando por misericórdia. Eu juro que não vou ter por ele nem um pinga de pena, nunca.

— Sim, isso. — Eu endireito meus ombros. — Se te disser... o que, a propósito, eu não vou dizer, por que, pisme você, não estamos mais na idade das trevas. As mulheres podem viver como quiserem, namorar quem elas desejarem, dormirem com...

Seus olhos brilham.

— ... mas não com você. — Eu engulo em seco — Eu definitivamente não quero fazer isso com você.

— Ah, então você estava pensando nisso, hein? — Ele olha para mim, com aquele olhar irônico.

Não.

— Vai, admite.

Nunca.

— Desde a primeira vez que você me viu, você quer descobrir como seria fazer sexo comigo, não é? — Ele encosta o nariz na curva do meu pescoço e inala meu perfume. Eu estremeço.
— Me dê o que eu quero.

Nem pensar.

— Diz. — Sua voz cai para um sussurro.

A antecipação aquece meu sangue. Ele seria exigente na cama também? Ah, mas ele pode me posicionar como ele quiser, me agarrar até que eu dê a ele o que ele pede, pode me possuir, me dominar... O elevador dá uma sacudida e seu corpo se choca contra o meu. Nossos peitos, quadris e coxas se unem. Todos os meus sentidos se concentram nele. Minhas terminações nervosas estão no limite.

— Sim.

— *Sim* o quê?

O elevador começa a subir.

— Me solta, as portas vão se abrir a qualquer momento.

— Só quando você completar a frase.

— Mas...

— Você tem menos de trinta segundos.

— Espera...

— Vinte e oito...

— Porra.

— Já te disse, não há negociação sobre isso.

— Você é um idiota, sabia?

— Quinze segundos.

Meu coração parece que vai sair pela boca, o calor queima entre minhas coxas. Ah, meu Deus, eu não podia estar tão excitada, lógico que não. O pensamento das portas do elevador se abrindo e eu ser pega naquela posição comprometedoras tinha um apelo doentio. *Que diabos está acontecendo comigo?* Pelo jeito, gostei de

ser o objeto da atenção obstinada daquele homem, algo que nunca tinha acontecido antes.

— Cinco...

— Não, claro que não, seu cretino.

— Veja, isso não foi tão ruim, foi?

As portas do elevador se abrem. Ele me solta e dá um passo para trás.

Eu me afasto e saio rapidamente dali. Eu olho em direção a ele.

— Você não vem?

— Este andar é para plebeus. — Ele boceja e encosta o ombro na parede do elevador.

Eu abro e fecho minha boca, atônita. *Ele realmente disse aquilo?* As portas se fecham.

Observo os andares sendo marcados no painel do elevador. Ele parou no andar marcado com 'A'. Isso significa que aquele é o andar dos idiotas? Eu rio, então me viro e caminho em direção à recepção.

— Estou aqui para...

— A apresentação? — A mulher elegantemente penteada atrás do balcão da recepção me olha de cima a baixo. *Sério? Será que para ser contratado aqui você tem que ter um complexo de superioridade elevado?*

— Não, para o show.

Ela pisca, aturdida.

— Foi uma piada. — Eu mordo minha língua.

— Oh! — Ela franze os lábios. *Inferno, ela seria a parceira perfeita para o homem que deixei para trás no elevador.* Falando nisso, não resisti e perguntei.

— Por que há duas recepções neste prédio?

— Eu controlo o acesso aos escalões superiores.

Ela disse escalões? Alguém no mundo ainda usa essa palavra?

O telefone dela toca. Ela o atende acionando um botão no seu fone de ouvido.

— Sim, Sr. Sterling. — Sua respiração parece acelerar. — Claro, Sr. Sterling, eu vou mandá-la subir imediatamente.

Ela olha para mim.

— Já estou indo.

Eu giro, então estaco de repente. *Peraí*. Eu dou meia volta.

— Quantos escritórios você disse mesmo que têm lá em cima?

— Eu não disse. — Ela bufa.

— Quantos? — Eu franzo a testa. O idiota-mor havia subido, e deu a entender que ele era o chefe. A minha apresentação vai ser para ele? Não, não é possível. Meu coração começa a acelerar.

— Me diz.

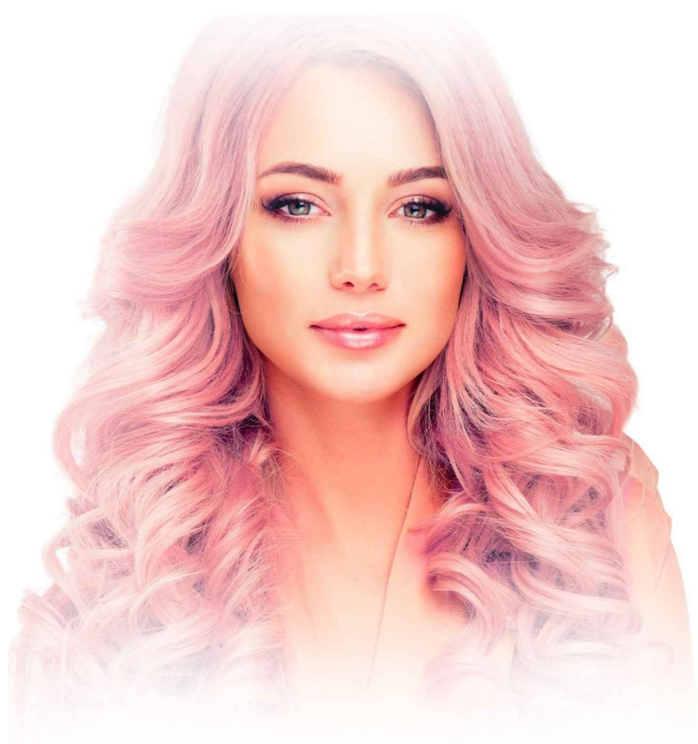
Ela franze a testa e examina as unhas.

— Eu não posso dar informações reservadas.

Eu cerro os dentes, mas forço meus lábios a se curvarem na aparência de um sorriso. — Por favor, isso pode mudar o resultado da reunião que irei participar. Eu realmente preciso estar mais bem preparada para o que está por vir.

Ela franze a testa, então sacode os ombros.

— Um, apenas um, o do Sr. Sterling.



A esposa falsa
DO BILIONARIO

Summer

Capítulo 6

Saio do elevador no andar indicado. Desta vez, a viagem tinha sido feita misericordiosamente sozinha, e fiquei grata por isso. Eu desço no andar dos 'idiotas' e vou em direção a sala de conferências, que fica no final do corredor, conforme me orientou a recepcionista, que ainda me alertou que o Sr. Sterling odeia ficar esperando.

Fiquei tão surpresa ao saber disso!

O lugar me lembra o interior de daqueles clubes frequentados por velhos aposentados, porque tinha um leve cheiro de couro e fumaça de charuto, que parecia estar impregnado nas paredes. Que maravilha!

Pensei no cretino. Pelo jeito é um chauvinista. Provavelmente foi para o internato com outros filhinhos de papai, e todos agora são políticos de alto escalão e tubarões da indústria. Aposto que ele tem vários contatos importantes para quem pode ligar para pedir favores para sua empresa. Foi assim que ele estabeleceu sua empresa tão rapidamente, só pode. Ok, talvez fosse maldoso da minha parte pensar assim. Segundo o que soube, o 7A foi criado por ele e seus parceiros e eles o construíram do zero.

Para minha sorte, o tal Sterling é o responsável pelo marketing, e é por isso que a reunião foi marcada com ele. Meus ombros ficam tensos quando me aproximo das enormes portas duplas da sala de conferências. A porta de madeira maciça tinha uma aldrava e uma cabeça de leão no lugar da maçaneta. Meus dedos se contraem. Antes que eu perdesse a coragem, agarrei a aldrava. *Vai, bate logo. É óbvio que você não vai conseguir ganhar a conta, mas por que não continuar como se não soubesse disso, hein?*

Por Karma. Sim, faça isso por Karma. Ela merece que você dê o seu melhor. Abro a porta e entro.

Uma mesa retangular de vidro ocupa o centro da sala. Há pelo menos dez cadeiras dispostas em torno dela. Uma das paredes exibe uma grande tela de projeção branca.

Eu ando pelo recinto e me aproximo da mesa. Eu preparei um deck de slides que estão no meu laptop, o que significa que eu tenho que conectar meu computador ou plugar meu USB em algum dispositivo. Deveria ter feito uma cópia impressa, mas não tive tempo.

Ok, não entre em pânico. Respire fundo. Você consegue fazer isso.

Deixo minha bolsa sobre a mesa, pego meu USB e me posiciono para ficar de frente para a tela. Eu localizo um console ao lado do telão e vou até ele... *Como diabos isso abre?* Eu pressiono a superfície. Nada. Empurro para a direita... esquerda... *Como será que...?* De repente, o cabelo da minha nuca se arrepia.

— Você não vai precisar disso.

Um estremecimento percorre minhas costas. Eu sabia que era ele antes mesmo dele falar.

— Claro que vou. — Eu continuo a mexer no console, e ele desliza para trás. *Uau!*

Eu plugo meu dispositivo USB, então me endireito. Seu cheiro me envolve. Parece tangerina e grama recém-cortada, com muita testosterona na mistura. Eu engulo em seco e ando em direção à mesa.

Ele estala a língua.

— Você não está entendendo. Não tenho muito tempo disponível.

Eu me viro, e o vejo tamborilando os dedos em seu peito maciço. Certo! Ele é o cliente e este é o seu escritório. Que seja do seu jeito.

— Ok. — Dou a volta na mesa e sento em uma das cadeiras.

— Não te dei permissão para sentar.

Eu enrijeço.

— Muito controlador, não?

Ele tamborila os dedos no peito de novo.

— Não tolero birras infantis. Claramente, você não tem o perfil para gerenciar nossa conta. — Ele gira nos calcanhares e dirige-se para a porta.

Naquele momento, eu nunca odiei tanto alguém. Ele era um imbecil arrogante com complexo de Deus. Se eu não precisasse desesperadamente desse contrato, eu teria dito isso na bem na cara dele.

— Espera.

Ele não para.

— Por favor.

Ele abre a porta.

— Olha, me desculpa. Peço mil perdões. Eu não deveria ter dito aquilo.

— Tarde demais para arrependimentos. — Ele olha para mim.
— Você deveria ter pensado nisso antes de me contrariar.

O sangue desaparece da minha face. O que estou fazendo aqui tentando negociar com um homem que claramente perdeu tanto contato com a realidade que não vê nada além do próprio umbigo? Seu nariz aquilino e sua mandíbula quadrada sugerem força e obstinação, uma vontade férrea que poderia me esmagar se eu deixasse.

Se você ceder agora, vai se arrepender.

Eu preciso desse contrato, mas se eu mostrar meu desespero, eu posso dizer adeus a qualquer esperança de ganhar essa conta. Não, é hora de mudar de estratégia. Para me defender, para lutar com ele em seu próprio jogo, com suas próprias táticas. *Diga alguma coisa, qualquer coisa, para mantê-lo aqui.* Eu engulo em seco, então balanço minha cabeça.

—Tudo bem, vá embora então. Não ouça minha proposta, a
de que posso me colocar à sua disposição vinte e quatro por sete.

Ele franze a testa.



A esposa falsa
DO BILIONARIO

Sinclair

Capítulo 7

Essa deveria ter sido a *minha* proposta. *De onde ela tirou isso?*

Eu fico a encarando. Ela parece presa ao chão. *Está desconfortável, Passarinho?*

Meus dedos tremem e eu os enfio nos bolsos.

— Bem? — A vejo levantar o queixo, como se me desafiasse.

— Bem o quê?

Ela retorce os dedos.

— Não quer ouvir o resto da minha proposta?

Que interessante. Normalmente, sou eu quem manda, quem estabelece as condições, o que exige e nunca é contestado. Ela me enfrenta desde que nos conhecemos, e agora quer tomar as rédeas da negociação, sério?

— Ou você está delirando ou simplesmente é muito estúpida para entender o que falo. — Eu cerro meus dentes.

— Pode ser. — Ela morde o lábio inferior. — Mas você tem que admitir que está curioso.

Continuo olhando para ela, mas sem demonstrar o que se passa em minha cabeça. Quero ver até onde ela vai.

— Nem um pouquinho? — Ela levanta o dedo indicador e o polegar, e reparo nos dedos finos com as unhas pintadas com um esmalte rosa. Pelo jeito a mulher é obcecada por essa cor.

Aposto que ela também deve amar doces, flores e ursinhos de pelúcia, e que se derreteria se recebesse essas tranqueiras no Dia dos Namorados. Daquelas que gosta de cantar num Karaokê em uma noite de bebedeira com as amigas, e de transar com o homem que encontrou no bar e a levou para casa.

Sinto um aperto no peito. A maioria das mulheres com quem me envolvo tem cabelos longos e loiros, estão sempre bem penteadas, usam roupas de grife e sapatos de salto alto, e nunca viram o interior de uma estação de metrô na vida. Mas essa garota...nesse momento, olho para baixo e observo os sapatos dela. *Tênis?*

Eu pisco, abismado. Ela está usando tênis, com sua saia preta que chega até o meio da coxa. Por que eu não tinha notado antes aquela combinação esquisita de roupas? Provavelmente porque eu estava muito ocupado olhando para seus seios... ou era para seu cabelo rosa ridículo, que realmente não tem lugar na minha sala de reuniões?

Max bufa, então corre em direção a ela.

Ela não nota a aproximação do meu cachorro, pelo menos não dá nenhuma indicação. Ele a circunda, cheira seus tornozelos, então deita aos seus pés, sua língua pendendo para fora da boca.

Franzo a testa. Max sabe ser teimoso, e quando ele encasqueta com algo... bem, nada, nem mesmo eu, pode dissuadi-lo. Eu olho para o meu relógio.

—Você tem cinco minutos.

Ela arregala os olhos.

Me dirijo para a mesa de conferência e sento em uma das cadeiras bem no centro.

— Começando... agora.

— M... mas... — Sua boca abre e fecha.

— Você tem o costume de fazer isso?

— O... o quê? — Ela gagueja.

— Isso. Parece que você está se afogando.

Suas bochechas queimam, e o colorido que seu rosto ganha é, a bem da verdade, espetacular. Ele se estende de sua garganta até as pontas de suas orelhas. Será que outras partes dela também

ficam rosadas? Seu traseiro atrevido mostraria cada impressão digital minha quando eu o apertasse? Eu bato meus dedos na mesa.

— Você está aqui para apresentar uma ideia, certo?

Ela acena que sim.

— Então dê o seu melhor. Comece. — Eu estico minhas pernas.

Ela vai em direção ao console para pegar o controle remoto e eu balanço a cabeça, em negativa.

— O que foi? — Ela franze a testa.

— Eu não tenho tempo para uma apresentação longa.

— Mas... mas eu preparei uns slides.

— Faça um resumo. — Ela morde o lábio inferior.

Não fica olhando para ela, não. Mas eu escrutino aquele rosto, e não consigo desviar os olhos de seus lábios rosados. Quando sua boca se abre um pouco, ah, como eu queria que estivesse no meu pau agora! Minha ereção estufa minhas calças. Eu afasto minhas pernas, para ficar mais confortável.

— Srta. West?

— Sim, Sr. Sinclair?

— Você agora tem quatro minutos e cinquenta segundos restantes. — Eu ergo meu queixo.

Ela deixa seu laptop de lado e cruza os dedos sobre a mesa.

— O *briefing* seria sobre como humanizar o rosto da 7A Company, usando estratégias de marketing inovadoras, no que minha empresa é especializada.

— Vá direto para o cerne da estratégia.

— Certo. Minha ideia é explorar os bastidores, seguir os fundadores da 7A para conhecer sua rotina, compartilhando imagens do dia a dia de cada um dos sete sócios, suas interações uns com os outros, como criam estratégias e enfrentam os desafios de gerenciar algo dessa magnitude. Resumindo, apresentar quem

são os indivíduos no comando, para que os possíveis investidores vejam que a empresa não é assim tão fria quanto o recente trabalho de propaganda a mostrou.

— Ah, então você acha que temos uma má reputação no mercado?

— Sim. — Ela não desvia o olhar do meu.

Foi preciso muita coragem para admitir isso, tenho que dar esse crédito a ela. Eu coloco meus cotovelos na mesa e me inclino para frente.

— Prossiga.

— Você e seus sócios são vistos como implacáveis mercenários, que não se importam com seus funcionários ou com qualquer outra pessoa, sempre prontos para conseguir o que quiserem, não importando como, e para ganhar dinheiro para seus acionistas.

— E o que há de errado com isso? — Franzi a testa.

— Lucrar por si só não é suficiente, principalmente se você estiver pensando em fazer um IPO, uma oferta pública privada, o que, pelo que sei, você já está fazendo.

Como ela descobriu isso? Isso é uma informação restrita para nós, os Sete e, claro, nossas equipes.

— Se você está se perguntando como eu soube disso — ela levanta o queixo — havia uma matéria no CITY A.M. de ontem.

— Tinha?

— Pelo visto, sua equipe de relações públicas é uma merda se eles não trouxeram isso ao seu conhecimento.

— Hmm. — Pego meu telefone, procuro a matéria e a encontro. — Nós faríamos o anúncio em uma semana de qualquer forma, não foi nada demais.

Vou destruir quem vazou essa informação.

— O vazamento não necessariamente veio de dentro de sua empresa.

Nossa, ela adivinhou meus pensamentos de novo!

— A mudança em suas mensagens durante os últimos meses era um indicador claro que vocês estavam planejando algo grande. Além disso, o briefing visava reforçar sua reputação, e as empresas fazem isso quando vão...

— Aumentar o capital? — Eu coloco meu telefone no bolso.

Ela balança a cabeça, em afirmativa. Ok, tenho que dar crédito a ela por isso.

— Então você não é apenas mais um rostinho bonito, hein?

Seus lábios se estreitam. Ela entrelaça os dedos no colo, claramente tentando se controlar para não dizer algo de que possa se arrepender.

Mas o que realmente quero saber é por que *eu* não consigo me conter quando estou perto dela?

Eu examino suas feições novamente, observando o brilho em seus olhos, seu entusiasmo fluindo por cada poro, a forma como seu peito arfa, a tensão que flui de seu corpo. Por um segundo, sinto o peso da minha idade. Porra, eu sou apenas uma década mais velho que ela, se tanto, mas o que a vida me ensinou nesse tempo claramente me tornou um cínico. Não que eu vá admitir isso. Jamais.

— Então você acha que pode vir aqui e nos dizer que nossa reputação é péssima, que nossas informações confidenciais foram vazadas e que você sabe melhor do que nós como devemos planejar o futuro da nossa empresa?

— Bem... — Noto uma veia pulsando acelerada em seu pescoço e não consigo desviar o olhar. Isso sugere sua vulnerabilidade, o quão nervosa ela tem estado o tempo todo, na verdade.

Acho que nem todo mundo teve a sorte de ser abençoado com um espírito de luta como o meu.

— O quão desesperada você está para ganhar esta conta?
— A vejo contrair o maxilar. — É óbvio que você não é a melhor agência do mercado. Quero dizer, suas ideias não são lá muito originais.

— É tão original quanto... quanto sua barba. — Ela fecha as mãos em punho.

— Isso é uma piada? — Eu levanto minhas sobrancelhas.

— O que você acha?

— Eu acho... — passo os dedos no meu queixo — que você gostou dela.

— Eu odiei.

— Ótimo. — Eu bato meus dedos na mesa. — Vou mantê-la, então.

Ela me lança um olhar tão cheio de ódio que eu tive que rir.

— Isso não tem graça nenhuma. — E ela fez aquele som, que parece vir lá do fundo de sua garganta, um que fica entre a raiva e a frustração, como tinha feito ontem.

Meu pau se contrai. Que sons ela fará debaixo de mim, quando eu estiver enterrado dentro de sua boceta molhada, enquanto aperto seus lindos seios? *Porra. Volta sua atenção para o jogo.*

— Mostra minha origem. — Eu estufo o peito.

— Você sempre foi esse idiota arrogante?

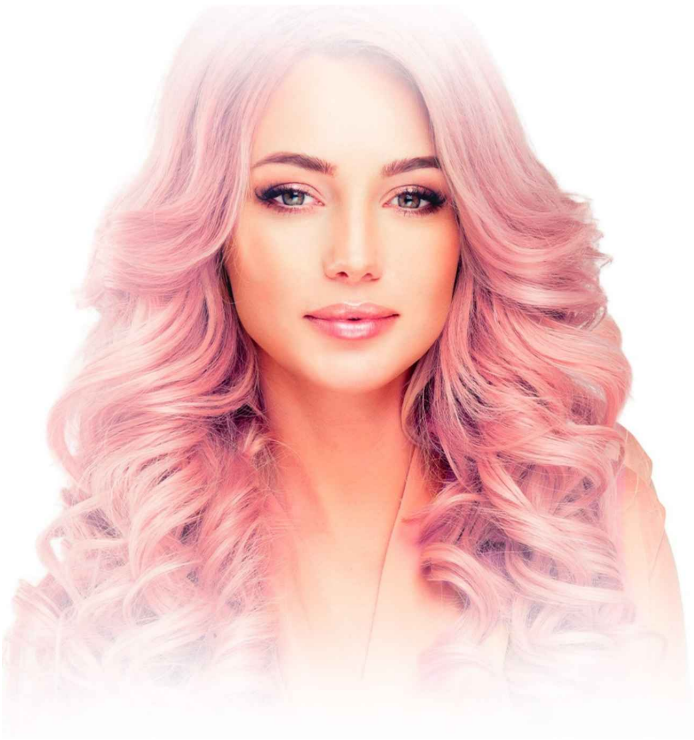
— Cuidado. — Eu a encaro. — Sua tagarelice descontrolada já deixou de me divertir.

— Sabe o que realmente não é divertido? — Ela se move para chegar mais para frente na mesa, então bate a mão no tampo — Eu estar aqui me sujeitando à toxicidade de sua presença.

Nossa diferença de altura é tanta que, mesmo eu estando sentado, ela tem que inclinar a cabeça para trás para olhar para o meu rosto. Ela é realmente pequena, mas deliciosa, perfeita para ser tomada, para ser colocada em uma estante, para ser preservada e, de vez em quando, ser tirada da prateleira para ser admirada.

Isso é uma compulsão minha. Coleciono objetos que provocam emoções extremas, o que admito ser algo que não acontece com frequência. Mas isso não justifica de forma alguma o que eu faço a seguir.

Entrelaço meus dedos e digo: — Então como vai aguentar passar uma semana comigo?



A esposa falsa
DO BILIONARIO

Summer

Capítulo 8

— Uma semana? — Eu grito. Com certeza não tinha ouvido direito. — Você quer dizer sete dias?

— Oh, ela sabe contar! — Ele arregala os olhos, debochado. *Imbecil.*

— Eu não vou fazer isso. — Eu engulo em seco e tento me acalmar.

— Por que não? — Ele tamborila os dedos na mesa. — Você não precisa desse showzinho?

— Sim, mas...

— Então?

— É que... — eu torço meus dedos, nervosa. Como faço para explicar isso sem revelar muito sobre mim? Como? — Há questões pessoais que me impedem de...

— Livre-se dele.

— Como? — Eu o encaro, surpresa.

O ego desse cara é descomunal! Como alguém pode ser tão arrogante assim? Será que todo mundo se curva a ele? Só pode.

Ele cruza a perna e fica sacudindo o pé, calçado com um belo sapato de couro italiano, diga-se de passagem.

— Livre-se do seu amante.

— Você só pode estar brincando. — Meus olhos saltam das órbitas.

— Lá vamos nós de novo. Não entende comandos simples.

— Você fala por charadas. — Eu levanto minhas mãos para o ar, exasperada.

— É uma boa maneira de você exercitar essa velha matéria que você chama de cérebro.

A raiva lateja em minhas têmporas. Meu pulso bate acelerado. A adrenalina toma conta do meu sangue.

— Eu nunca conheci ninguém como... como... você. — Eu bato a mão na mesa de novo.

Com um movimento brusco, ele paira acima de mim e seus dedos cravam no meu pulso.

— Me solta.

— Sua resposta primeiro, *Pink*.

— Não me chama assim!

— Eu te chamo do que eu quiser e quando eu quiser. Vai, fala.

— Não.

— Sim.

Arrogantezinho de merda! Eu olho para seu rosto procurando...procurando qualquer coisa que me dê uma pista do motivo dele agir assim comigo.

— Você nasceu assim ou se esforçou bastante para se tornar essa besta repugnante?

— Você não está aqui para fazer perguntas.

Ele me puxa para frente e meu nariz encosta no dele. O cheiro almíscar do seu perfume me envolve e a umidade aumenta entre minhas coxas. Droga! Como alguém tão horrível podia cheirar tão bem?

— Seu namorado...

— O que tem ele?

—Termine com ele.

Não estava saindo com ninguém atualmente, mas e se estivesse, eu obedeceria a sua ordem?

Sim.

Sim.

— Não. — Eu balanço a cabeça.

Ele solta meu pulso apenas para envolver seus dedos ao redor da minha nuca. Eu estremeço.

—Você vai fazer o que eu mandei.

Minhas terminações nervosas explodem. Aquele tom rouco de sua voz e a intensidade com que ele perscruta minhas feições prendem meu olhar, atingindo direto no meu âmago, direto na garotinha insegura que mora dentro de mim. Aposto que ele conhece minhas fraquezas, que sabe sou alguém que nunca conseguiu construir o seu próprio caminho. Mas eu não vou ceder a ele. Se eu fizer isso, o idiota-mor sairá vencedor e eu não posso lhe dar esse gostinho, nunquinha. Terá que aceitar os meus termos.

— Ah, é? — Eu inclino minha cabeça. — E se eu não fizer isso?

— Você tem certeza que quer saber? — Seus olhos brilham.

Os pelos dos meus braços se arrepiam. *Isso é uma armadilha.* Cada ação dele desde que entrou nessa sala foi cuidadosamente calculada para me levar ao limite, para me desequilibrar, para garantir que eu fique com tanta raiva que acabe perdendo a compostura. *Não diga nada óbvio, não.* Eu jogo minha cabeça para trás e olho bem dentro dos seus olhos.

— Me mostre, filho da puta.

Ele afasta os lábios e seus dentes brancos aparecem. *Uau. Estou vendo uma pitada de divertimento em seu rosto?* Isso muda suas feições, o transforma no que ele pode ter sido quando menino, alguém cheio de vida, pronto para o próximo desafio... que nesse momento, sou eu. Eu tento me soltar.

— Não, não se atreva...

Ele me lança para frente, e no momento seguinte, me vejo esparramada sobre a mesa, meus seios esmagados contra a superfície dura.

— O que ...? Eu me esforço para levantar, mas ele apoia seu braço pesado nas minhas costas. Eu empurro meus quadris para cima, fico na ponta dos pés, mas seu corpo me prende no lugar.

— Me solta, seu bastardo.

— Que interessante, você descobriu minha verdadeira linhagem logo no nosso primeiro encontro.

Eu bufo. *Não fala, não fala nada. Se segura.*

— Tecnicamente, é o nosso segundo encontro.

— Não me corrija. — Ele levanta minha saia.

O ar frio assalta minha pele. Eu congelo no lugar. Não, não...ele não vai...

— Me larga.

— Você disse *largar*? — Ele faz uma pausa.

Há uma nota de riso em sua voz. Eu inclino minha cabeça e ele aumenta a pressão nas minhas costas, para me manter imóvel.

— Você não ousaria... — Meu queixo treme.

— Você deveria ter percebido que eu não gosto que me desafiem. — Ele segura minha bunda e minhas coxas se juntam. Eu cerro as mãos em punho. *Quando eu sair daqui, vou entrar com um processo de assédio sexual contra esse idiota, ah, vou!*

— Não vai funcionar — ele rosna.

— O quê?

— O que quer que você esteja tramando.

Eu congelo.

— Todo mundo aqui vai ficar do meu lado. É a sua palavra contra a minha, e a sua não conta muito.

Minhas entranhas se apertam. Que audácia desse homem! Ele realmente acha que pode se safar do que está fazendo?

— Tem as câmeras.

— Não tem nenhuma nessa sala.

— Tem as da entrada do prédio.

— Já mandei apagar as gravações.

— Tem as do bar... — Eu mordo meu lábio inferior. *Esquece, tonta, ele é o dono.* — Ah, que saber, vai se foder.

Mal termino a frase, a dor explode em meu traseiro. Eu solto um grito.

— Você me bateu! Que porra você pensa...?

— Olha a boca, Passarinho. — Ele bate na minha bunda novamente.

Eu berro. Ninguém nunca tinha me batido antes. Talvez por que ninguém na saga dos lares adotivos por onde passei tenha se importado o suficiente para chegar a esse ponto. Como me deixei cair nessa justo com esse idiota intolerável?!

Me esforço para me livrar do seu agarre, contudo ele joga mais seu peso nas minhas costas. Eu tento acertar um chute nele, mas não consigo. E ele me bate de novo, e de novo, e de novo... cinco, seis... dez vezes.

— Para! — Eu sibilo.

— Aprendeu sua lição?

— Sai de cima de mim, seu bruto. — Eu grito, então ele dá mais um tapa na minha bunda, mas dessa vez com tanta força que meu corpo acaba empurrando a mesa.

— Sinclair.

— O quê? — Minha respiração falha, a dor se transformando em algo que acaba molhando minha calcinha.

— Meu nome, Passarinho. — Ele segura minha bunda. — Meu nome é Sinclair.

A umidade no meio das minhas pernas aumenta. Por que diabos meu corpo está reagindo dessa maneira?

— Diz. — Sua voz se torna um sussurro.

Eu tremo e abro minha boca, já querendo agradá-lo. *Vai, lá. Dá a ele o que ele quer.*

— Não.

Outra palmada.

— Agora. — Ele rosna.

Minha pele se arrepia, minhas terminações nervosas explodem.

— Sinclair. — Eu bufo.

— Viu como nós podemos nos dar bem se você me obedecer? — Sua mão grande espalma sobre a minha nádega dolorida.

Certo. Eu engulo em seco e relaxo meus ombros.

— Não é um namorado.

Ele se afasta um pouco, mas noto que seu corpo está preparado para a ação. Consigo sentir sua energia vibrando em mim.

Viro a cabeça de lado e apoio minha bochecha contra a mesa.

— É a minha irmã. — Olho para ele. — Ela não está bem.

— Isso não é problema meu.

A raiva toma minhas veias.

— Ela não está bem, seu imbecil. Eu não posso deixá-la sozinha.

— Que pena.

O sangue lateja em minhas têmporas. Até esse momento, eu não tinha percebido o quão protetora eu me sentia em relação a minha irmã. Eu posso lidar com um merda, sem problema. Mas e Karma? De jeito nenhum eu vou deixá-la sofrer.

Eu torço meu tronco e seu aperto afrouxa o suficiente para eu conseguir me soltar. Subo na mesa e levanto a mão.

— Faça isso e você perderá não só a conta, mas também sua casa. Você e sua irmã estarão no olho da rua ainda hoje.

— Você não faria isso. — Ele levanta uma sobrancelha. Claro que faria, o idiota não mediria esforços para me destruir.

Então outro pensamento me ocorre.

— Você já sabia disso, não é?

Ele se apruma e arruma os punhos de sua jaqueta.

— Pensou que eu deixaria você entrar aqui sem que mandasse levantar sua ficha?

—Você me investigou? — Meu sangue correu mais rápido nas veias. O pensamento deste homem revirando os cantos e recantos da minha vida me indignou. Minha bunda começa a latejar, cada impressão digital dele parece estar gravada nela.

Eu desço da mesa do lado contrário que ele está, feliz por colocar uma barreira entre nós.

— Não tinha muito a contar, a propósito. — Ele se endireita, e percebo que seu olhar está distante. Sem dúvida, já me descartou em sua mente, a mim e a minha vidinha medíocre. Eu sou alguém sem importância, nem mesmo represento um pontinho em suas preocupações. Eu o odeio... Não, eu o abomino.

Vou encontrar uma maneira de me vingar dessa humilhação. Juro que ele vai se sentir tão desamparado quanto estou me sentindo neste momento. Eu ajeito minha saia, então endireito meus ombros.

—Adeus, Passarinho. — Ele caminha até a porta.

Seu corpo é tão largo que corta a visão da saída. Observo aquela massa de músculos. Deslizo os olhos por suas costas, e me demoro uns instantes sobre aquele bumbum firme. Sinto que a umidade aumenta entre minhas coxas. Não é justo que o diabo tenha um corpo tão irresistível!

Suas pernas poderosas o levam a cada passo dado para mais longe de mim. Se ele sair daquela sala, posso esquecer meu

negócio e minha intenção de pagar o aluguel do próximo mês. *E se a condição de Karma piorar...*? Não, ela está estável. Isso foi o que seu último exame mostrou, mas eu tenho que estar sempre preparada para o pior. Não posso mais ser egoísta.

— Espera!

Ele continua andando.

— Eu aceito. — Ele chega à porta, mas não se vira.

— Vou enviar meu motorista para buscá-la hoje, às 20 horas.

— Mas eu não posso largar tudo...

— Não me tente a mudar de ideia.

Eu te odeio. Eu te odeio. Eu te odeio. Pressiono meus lábios, levanto meu dedo médio, e, para reforçar, mostro a língua, mas tudo isso pelas suas costas. Atitude infantil, eu sei, mas o que ele fez comigo, a forma como me coagiu, é tudo muito louco, completamente fora da realidade, inacreditável.

— Por que você está fazendo isso comigo? Todo esse show... É tudo muito exagerado, cheira a desespero.

Ele para perto da porta e se volta para mim.

— O que você realmente quer de mim, Sinclair?

— Lhe direi quando for a hora certa. — Ele me olha fixo do alto de toda sua envergadura.

Meu coração começa a bater mais rápido. Ah, meu Deus... isso soou tão estranho. O que ele está escondendo de mim? Eu mordo meu lábio inferior. Não, agora não é a hora de lançar mais perguntas para ele. Vou jogar o jogo dele. Ele quer esconder o próximo lance, então serei paciente.

Ele abre a porta, mantendo-a aberta por um instante para me dar outro aviso antes de sair.

— Ah, Passarinho, outra coisa. Aqueles tapinhas de hoje não foram nada. Da próxima vez, você receberá uma punição adequada por sua grosseria.



A esposa falsa
DO BILIONARIO

Sinclair

Capítulo 9

Fecho a porta atrás de mim. Ouço algo bater contra ela, mas ignoro.

Ela está zangada. *Ótimo*. Eu flexiono meus dedos.

Até agora, meu plano está correndo muito bem. Na verdade, está sendo mais fácil do que previ. FRANZO a testa quando um pensamento me ocorre.

Fiquei surpreso por ela ter permitido que eu desse aquelas palmadas nela. Eu achei que ia sair correndo, gritando para tentar chamar a atenção de alguém, que fosse pegar o telefone e ligar para pedir ajuda, o que, é claro, eu a impediria de fazer, mas ela não reagiu como eu esperava. Não foi preciso muito esforço para atraí-la para onde eu queria, na verdade.

Eu aperto o botão do elevador, mas Max bate na minha perna. Olho para baixo e o vejo correr em direção às escadas. Por que não? Meu escritório fica no andar de cima.

E depois do embate com aquela pequena cospe fogo, preciso de tempo para me recuperar. Meu pau volta a endurecer. A forma daquela bunda linda está marcada na minha palma. Por conta dos seus atributos físicos tão atraentes, em alguns momentos esqueço que é alguém que passei a maior parte da minha vida odiando.

Eu cerro minhas mãos em punho. Tudo era um ardil para me tentar. Aposto que ela passou aquele perfume enlouquecedor, parecendo jasmim com umas gotas de pimenta, que havia torcido minhas entranhas, para testar minha sanidade.

Eu não queria ter perdido o controle, mas o que está feito está feito. Eu endireito meus ombros. Da próxima vez, não vou desviar do meu plano. Não vou ceder ao ódio... ódio? humpf... não foi um acesso de ódio, passou longe disso. Havia algo no ar entre nós dois, algo que me incomodou, apertou meu peito e enlouqueceu meu pau até que eu não consegui me conter.

Isso não pode voltar a acontecer. Foi um deslize, o que nunca permiti que ocorresse em nenhum dos meus planos. Não, eu tenho que olhar para além daquele rosto sedutor, focar na escuridão que a mancha, uma escuridão tão parecida com a minha. *Merda!*

Balanço a cabeça, caminho em direção às escadas, e abro a porta corta-fogo para Max. Ele corre à frente e eu o sigo até o andar de cima.

Quando chegamos no meu andar, ele irrompe no corredor com uma enxurrada de latidos, mas ninguém no hall olha para cima. Minha equipe é muito bem treinada para mostrar qualquer sinal de reconhecimento ou espanto. Abro a porta da minha sala e ele entra correndo, pulando no tapete. Quando eu o trouxe aqui pela primeira vez, ele o reivindicou como seu. Eu estava bem-humorado o suficiente nesse dia para permitir que ele o tomasse para si.

— Fica — eu aponto o dedo para ele. Ele ofega, com a língua pendurada, depois apoia a cabeça nas patas.

Eu vou em direção a sala de reunião adjacente ao meu escritório a tempo de ver Damian arremessar sua bola de basquete em uma cesta que havia sido colocada em umas das paredes. A bola quica e depois rola em minha direção. Eu a pego e a devolvo para ele.

— E aí? — Seus longos cabelos loiros emolduram seu rosto.

— Não está na hora de você cortar esse corte, Cachinhos Dourados?

— Isso é inveja? — Ele sorri.

— Por que eu teria inveja de você? — Eu franzo a testa.

— Por quê? Vamos lá. — Ele levanta os dedos. — Porque as mulheres se jogam em cima de mim, porque arrasto uma multidão aonde vou apenas com minha presença marcante, porque posso viajar pelo mundo seguindo minha paixão...— ele inclina a cabeça, pensa um pouco e continua sua lista — ... e porque tenho dinheiro mais do que o suficiente para investir no nosso novo

empreendimento, mas que posso cair fora na hora que quiser se achar que não vale a pena o esforço.

— Claro que vale a pena, seu babaca.

— Se você diz. — Weston dá de ombros e se afasta da janela. — Tenho que sair em meia hora para me preparar para um procedimento muito importante.

Esse sacana é o mais quieto de nós, o mais sério, e o mais brilhante.

Eu me inclino para frente e pergunto: — É de uma cirurgia ou do seu próximo encontro BDSM que você está falando?

— O que você acha? — Seu lábio se curva num sorriso sarcástico.

— Melhor não saber. O que você faz com seu tempo livre é problema seu. Todos nós temos um lado sombrio, mas você, Weston, você me assusta.

Esqueci de mencionar que ele também é o mais cruel de nós todos. Águas paradas escondem os maiores perigos, não é assim o ditado?

— Tomo isso como um grande elogio, já que foi dito pelo mestre do sadismo. — Ele sorri.

— Vamos ficar com o significado positivo disso... por enquanto. — Eu estalo meu pescoço de um lado para o outro. — Bom, senhores, eu não os teria convocado para virem até aqui se não fosse importante. Percebo que todos vocês mal podem esperar para voltar para suas atividades depravadas das quais eu os afastei quando solicitei essa reunião.

Um coro de risadinhas se segue ao meu comentário.

Como eu disse, um bando de idiotas, todos eles.

Vou até o bar, me sirvo de dois dedos de uísque e bebo de um gole só.

— Não vai oferecer? — Saint pergunta.

— Pegue um copo e se sirva.

— Por que deveria, quando... — Ele toma o copo de mim, —... é muito mais satisfatório pegar o que é seu? — Ele coloca o copo vazio sobre o móvel com um baque.

Um fogo lento cresce dentro de mim. Saint sempre conseguiu me irritar da pior maneira. O bastardo gosta disso, provavelmente porque estamos sempre competindo um com o outro desde o dia em que nos conhecemos. Tudo começou no nosso primeiro dia no jardim de infância para ser mais preciso. Ele estava batendo bola no pátio em frente à nossa escola. Fui até ele, peguei o brinquedo e saí correndo, e ele, claro, foi atrás de mim. Não parou de me perseguir desde então. Nem eu a ele. Não é de admirar que tenha se tornado advogado e eu, um banqueiro. Nenhum de nós tinha muito talento no quesito benevolência.

— Você é um mau perdedor.

— Não sou eu que estou segurando um copo vazio.

— Está assim por que eu ganhei a última aposta? — Ele sorri.

— Eu ganhei as três antes dessa.

— Você estava em uma maré de sorte.

— Você está ferindo meus sentimentos. — Eu coloco minha mão no peito.

— E a última vez que ganhou de mim foi quando você decidiu perseguir Mary Jane Nokes, e isso quando estávamos na sexta série.

—Você nem sabia quem ela era. — Eu estalo meu pescoço de novo.

— Não... até vê-la com você.

— Ela sucumbiu aos meus encantos — endireito a postura — e você tem que admitir, é algo que tenho de sobra.

— Não me provoque, filho da puta. — Ele enfia o dedo no meu peito.

— Acalmem-se, crianças. — Uma outra voz soa no ambiente.
— Pensei que já tivessem encontrado uma maneira mais madura de lidar com suas diferenças.

Eu me viro para a entrada da sala. Um homem alto e de ombros largos está parado na porta. Ele tem cabelos escuros cortados bem curtos, uma cicatriz cortando um lado de seu rosto e uma tatuagem aparecendo no pescoço, escapando do colarinho de sua roupa de padre.

—Edward. — Eu dou um passo em direção a ele, tendo Saint nos meus calcanhares. — Não achei que conseguiria vir.

— E perder a chance de tentar salvar as almas dos homens mais devassos desse planeta? — Ele estala a língua.

— Como está a vida, padre? — Meu sorriso se alarga. Aperto seu ombro.

— Não tão boa quanto a de vocês, pecadores, aparentemente. — Ele olha ao redor, analisando os móveis. A sala tinha uma mesa de conferência, que foi convertida numa mesa de sinuca, um sofá de couro enorme, a lareira, o bar, e uma estante que ia do chão ao teto.

— O que achou?

— Muito legal, Sin. Quase tão bonita quanto a mulher com quem trombei nas escadas, que estava com tanta pressa de fugir que não esperou pelo elevador. — Ele inclina a cabeça e volta a me encarar.

Edward não entrava em elevadores porque... bom, ele tinha seus motivos.

— Ela era baixinha, cheia de curvas, cabelo rosa e um rosto tão bonitinho que você antipatiza instantaneamente?

— Antipatia não seria bem a palavra que eu usaria, mas se é isso que você quer que a gente acredite. — Ele dá de ombros.

— Ei! — Eu inclino meu queixo para cima —Você é um padre, não um leitor de mentes.

—Você é um empreendedor implacável, não alguém que é o melhor juiz de caráter.

— Essa empresa prova seu ponto-de-vista com precisão.

— Feliz em te ver, irmão. —Edward ri e dá um tapinha no meu ombro.

— Agora que as bichonas já terminaram com o tricô, podemos ir direto ao assunto?

Um monstro de um homem passa pela porta. Ostenta uma barba loira muito clara, o brilho rivalizando com o castanho dourado de seu cabelo, e um bronzado que parece perpétuo. Eu gemo, contrariado.

— Não me lembro de tê-lo convidado, Arpad.

— E é por esse motivo que decidi vir.

— Certo. Vamos começar ou não? — Weston pergunta de seu canto perto da janela.

— Isso é uma reunião? — Damian fala lentamente, então recomeça a quicar a bola no chão do escritório.

— Se todas as nossas reuniões vão ser essa perda de tempo, não contem comigo. — Saint passa por mim e se dirige para a porta.

O idiota, pelo visto, quer ter um tratamento especial, mas não vai receber isso nunca de mim.

— Se você for embora, Saint, eu juro que corto você dos projetos futuros — digo, mas ele não para e continua seu caminho até a saída. — Você vai se arrepender.

— Eu já me arrependi de ter vindo. — Ele vira a cabeça e me lança um olhar debochado.

— Senta logo essa sua bunda na cadeira, idiota.

Saint se vira para Arpad, que apenas aponta o polegar na direção da sala.

— Com certeza você está se mordendo para saber o que ele quer propor, não é? Se você for embora, sua curiosidade vai assombrá-lo. A menos que você pretenda cometer espionagem industrial e destrua o plano de ação dele.

— Hmm. — Saint para e apoia o quadril contra o batente da porta.

— Certo. — Eu giro, e caminho pela sala. — Sentem-se todos. Não os chamei aqui para perderem seu precioso tempo, como já disse.

— É melhor que valha a pena. — Saint rosna e eu volto meu olhar para ele.

— Podemos começar?

—Vá em frente. — Ele dá um sorriso afetado.

— Há quanto tempo você não tem uma noite de sono decente, cara?

— O que isso tem a ver com o caso? — Suas feições se fecham. Eu me viro então para olhar para o médico.

— E você, Weston, conseguiu passar um único dia sem pensar no que aconteceu naquele dia?

O silêncio desce na sala.

Eles são todos como eu, maiores que a vida, com grandes egos, mentes afiadas, os melhores em suas áreas, no entanto, aqui estávamos nós, reunidos em busca daquela única coisa que nos assombra desde o incidente que mudou nossos destinos.

Fixo meu olhar em Edward.

— Quantas vezes por dia você pede ao Senhor para perdô-lo por seus pecados? — A mandíbula de Edward fica rígida.

— Perguntas retóricas, pecador?

— Os iguais se reconhecem, não é, padre? — A cor foge do rosto de Edward. — Merda, eu não quis dizer isso.

— Claro que queria. — Edward infla suas bochechas. — Foi por isso que nos chamou aqui? Para relembrar os erros do nosso passado?

— Qual é o seu plano? — Saint sai de perto da porta e se joga na poltrona mais próxima. — Você é muito esperto, Sin, é o que mais odeio em você, e possivelmente a única coisa que também admiro. Você conseguiu sair relativamente ileso daquele incidente, recompôs sua vida, foi o primeiro de nós a ganhar um milhão...

E um bilhão... e muitos outros engordaram minha conta desde então, mas quem está contando, hein? Eu endireito minha postura.

— O que esperam ganhar?

— Eu quero 50% de qualquer lucro que vocês tenham — Saint rosna.

— Espera lá! — Weston avança. — Sou um cirurgião, tenho o patrimônio para lá de considerável, mas isso não significa que vou me contentar com menos do que mereço nos lucros.

— E eu sou o investidor-anjo mais procurado no Vale do Silício. — Arpad bate no peito.

— Isso porque Jace decidiu voltar suas atenções para a filantropia. — Damian sorri.

Ele está se referindo a JK, também conhecido como Jace. Ele faz parte de um seleto círculo de pessoas que Arpad e Damian se tornaram próximos em Los Angeles.

— Na verdade, o otário se casou e decidiu se aposentar. — Comenta e fica de pé.

— Boa sorte para ele. — Eu bufo.

Perdedores! Todos aqueles que se deixam levar pelas emoções, que se entregam a essa estupidez Emo, são verdadeiros perdedores. O resultado disso é que se tornam moles, ficam menos agressivos. Nessa armadilha eu nunca vou cair, ainda mais porque

tenho um objetivo e estou focado nele, o de derrubar o homem responsável pela minha desgraça.

— Jace e eu nunca estivemos competindo. — Arpad retruca. — Mas quero aqui ressaltar que eu detenho o recorde de ROI máximo dentre todos nós. Sendo assim — ele flexiona os dedos — eu reivindico a maior parte dos lucros.

—Você não quer ouvir o que Sin vai propor? — Damian aponta em minha direção, então não perco a oportunidade.

— Vou lhes dizer, mas com uma condição.

— O Barão? — Saint faz uma carranca.

— Sim, a porra do Barão. — Eu confesso e vejo a mandíbula de Arpad enrijecer.

— O bastardo sempre consegue atrapalhar nossas conversas mesmo sem estar presente.

— Isso é irritante. — Edward admite.

— Ele é um dos Sete, então o que quer que estejamos planejando, ele precisa participar também. — Saint balança a cabeça.

— Ele está dentro. — Eu ergo meu queixo, os desafiando a discordar.

— Você já conversou com ele? — Saint pergunta.

— Por assim dizer. — Eu tive que seguir o protocolo de segurança que ele estabeleceu, que em resumo é o envio de uma nota digitada sem assinatura para uma caixa postal via correio tradicional. Aparentemente, o correio físico deixa menos rastros do que até mesmo a comunicação em um método eletrônico clandestino. — Ele fecha com o que decidimos aqui.

—Maldito Barão. — Arpad estala os dedos. — Gasta seu tempo como melhor lhe convém, enquanto o resto de nós faz o trabalho duro.

— Não você. — Saint ri. — Está muito ocupado navegando ao redor do mundo nesse seu barquinho.

— É um veleiro. — Arpad arqueia uma sobrancelha. — E para seu governo, isso se chama geração de renda passiva, bebê. — Ele abre os braços. — O que posso fazer? Eu tenho o dom de investir exatamente nas *startups* certas. Falando nisso...— ele aponta o dedo para mim —... vai ou não nos dizer o motivo de estarmos aqui?

— Mídia BV.

— Mídia BV? — Edward pisca, aturdido.

— Que é a sigla para...? — Arpad sorri —Boca Virgem?

— Bravos e Valentes talvez? — Damian revira os olhos.

Eu balanço minha cabeça.

— Não, deixe-me adivinhar. — Saint estala os dedos — Já sei. Boa Vida?

— Quase — faço uma arma simulada com os dedos e aponto para ele. — Mas não, é Boa Vontade.

O silêncio desce no recinto, mas logo risadas estouram.

—Você está brincando?

— Não. — *Não exatamente*. Eu começo a andar pela sala.

— Depois do nosso último escândalo, que resultou em uma propaganda negativa — eu me viro para Weston — que nos levou a ter que vender nossas ações, nosso portfólio...

— Espera aí. — Weston levanta as mãos. — Eu acabei fazendo um grande favor a nós todos. Despejamos as ações antes que o mercado despencasse.

— Pode ser...— Weston franze a testa e fica me encarando. — Seus pecados acabaram mesmo sendo muito lucrativos para nós. — Eu coço o queixo e concordo.

— Mas espero que você não repita o feito. — Edward comenta e cruza os braços.

— Aquele vídeo não era para ter sido divulgado, aconteceu. — Weston se defende. —Mas todo mundo que é alguém nessa vida

já passou por uma situação dessas. E não afetou tanto assim os negócios, não é? Pelo contrário, trouxe uma enxurrada de novos clientes. Parece que a visão da minha bunda inspira confiança, tanto quanto minha taxa de sucesso em cirurgias.

— Uma situação ganha-ganha, boa para todas as partes. — Apoio meus dedos em meus quadris e continuo minha explanação. — Então vamos reinvestir os lucros, formando uma instituição de caridade que...

— ... que nos permitirá dar baixa em uns créditos duvidosos de forma legítima. — Saint tamborila os dedos em seu colo.

— Mas qual é o verdadeiro negócio por trás disso? — Arpad questiona.

— Investimos em *startups*, em artistas promissores, em talentos musicais, bolsas de estudo para residências médicas... lançamos nossa rede. — Eu examino a reação em seus rostos.

— E de quanto estamos falando? — Saint se ajeita na cadeira.

—Vinte e cinco por cento de seus fluxos de renda pelo resto de suas vidas.

— É muito. — Weston assovia.

— É um valor justo. — Eu cerrei minha mandíbula.

— Interessante. — O tom de Edward é de quem está ainda considerando. — Mas preciso pensar.

Não que isso realmente me importe, minha alma vai apodrecer no inferno por usar isso como ardil, mas não é uma má ideia ter benefícios colaterais, então direi o que esses idiotas querem ouvir para fazê-los concordar com a minha ideia.

— Se não fosse o incidente, nós, os Sete, não teríamos mantido contato. Isso...— eu empurro meu queixo — ... essa nova empreitada que vamos compartilhar, seria uma razão para nos mantermos mais juntos.

— Mais um motivo para eu cair fora — Saint faz uma careta.
— Se eu tiver que ver vocês mais do que já vejo, vou acabar me transformando e parecendo com essas suas caras feias, e isso não está na minha lista de desejos. Sem ofensas.

— Sem ofensas. — Eu mostro meus dentes.

— Mas... — Ele faz uma pausa.

— Mas? — Ele tamborila os dedos no colo, fazendo suspense.

— Você tem meu apoio, estou dentro.

Putá merda. Isso!

— E a gente faz essa reunião, o quê...anual? — Damian coça o queixo.

— Mensalmente.

— Mensalmente? — Damian faz uma careta. — Você está ciente da minha agenda, não é?

— Você tem um jato particular, babaca. — Ele fecha a cara para mim.

— Então nos reunimos todos os meses, pessoalmente, para avaliar os riscos. — Saint sorri — Está parecendo que você vai precisar da força do grupo ou algo do tipo para tocar o projeto.

Exatamente, mas não do jeito que ele pensa.

Vai tornar mais fácil para mim acompanhar o que eles estão fazendo. Claro, estou sempre de olho neles, mas nem sempre dá para confiar no que os contratados me reportam. Melhor encontrá-los cara a cara, ler suas expressões, estudar sua linguagem corporal. Decifrar o não dito, minha especialidade.

— E as reuniões serão em Londres. — Decretei.

— De jeito nenhum. Por que Londres? — Arpad rosna. — Odeio esta maldita cidade.

— Eu propus o negócio, eu dito então onde as reuniões acontecerão. Será no meu território. Quem não concordar com isso,

pode cair fora agora. — Eu olho para cada um, mas todos permanecem calados. — Está resolvido então. Londres é o centro do universo, vocês sabem disso.

O clima sombrio e nublado que a cidade ostenta durante a maior parte do ano combina bem com meu temperamento.

— Maldito anglófilo. — Arpad resmunga.

— Francês imundo. — Caio na risada.

— Crianças, por favor. — Edward caminha até mim e agarra meu ombro. — Pela primeira vez, você teve uma ideia em que me sinto confortável em apoiar. Vou colocar metade dos meus investimentos nisso.

— Em troca de...? — Eu franzo a testa.

— 50% dos lucros.

— O que ...? — Meu queixo cai.

— Brincadeira. — Edward ri. — Um sétimo funciona para mim. Embora eu não diga não se ganhar mais, já que minha parte nos lucros será doada para obras revertidas para bem do meu rebanho.

—Você está hilário hoje, padre.

—Sinto-me realmente muito bem. — Seus lábios se abrem em um sorriso maroto.

— Está tendo aulas com quem?

— Ninguém. — Vi seu sorriso se apagar.

— Então, há... alguém?

— Você não vai me pegar nessa. Sabe que levo meus votos a sério. — Ele balança o dedo na frente do meu nariz.

Isso é verdade. Mas a culpa que vi em seus olhos, eu tinha imaginado? Não, não é provável. Eu observo os outros homens na sala.

— Não se enganem, gente. Posso assegurar-lhes que, ao contrário do padre aqui, não tenho um só osso altruísta em meu

corpo. O meu plano é faturarmos com essas pessoas até o dia em que morrerem, sem mencionar os fluxos de receita contínuos.

—Ativos autoperpetuantes? Gostei disso. — Arpad se espreguiça e boceja. —Já terminamos?

— Só mais uma coisa. — Saint pede a palavra. — Como escolhemos em que ou em quem investir?

— Os candidatos em potencial apresentam seus projetos e nós...

— ...nós escolhemos o de maior potencial. — Arpad completa.

— Isso.

— Tenho certeza que será muito bom. — Ele caminha até mim. — Parece realmente uma boa ideia, Sin.

Ótimo.

— A próxima reunião será no meu escritório. — Saint rosna.

Claro, ele iria querer ter a última palavra.

— Combinado. — Eu inclino minha cabeça, em concordância e vejo suas sobrancelhas se franzindo, talvez surpreso por eu não contestar.

— Se não há mais nada... — ele vai até a porta.

—Ainda não terminei. O Midia BV está contratando uma agência para ajudar com o marketing.

— E? — Saint se vira. — Quem dirige essa agência? Alguém com quem você está transando?

Eu olho para ele.

— Entrevistei-a mais cedo. Ela vai gerenciar nossa presença nas mídias sociais, atuando também como nossa relações públicas. Ela dará o pontapé inicial no projeto.

— Definitivamente transando com ela. — Damian coça o queixo.

— Achou que ela não seria escolhida por méritos próprios?

— E não tem *méritos*? — A boca de Weston se curva em deboche.

E muitos. Que eles nem imaginam.

— Pelo menos ela não é uma das nossas funcionárias. Isso já é alguma coisa. — Arpad passa os dedos pelos cabelos.

— Tem algo que quer me dizer, merdinha?

— Ei, não sou eu que estou com tesão por ela, não. — Ele levanta as mãos. Eu franzo a testa, irritado. Como ele ousa falar sobre ela dessa maneira?

— Bom, enquanto ela não é nossa funcionária, não precisamos nos preocupar com questões legais, por ela querer entrar com um processo de assédio contra você.

— Isso não vai acontecer. — Eu cerro os dentes com tanta força que a dor corta minha mandíbula.

— Então você não está interessado nela? — Saint coça o queixo.

— Não. — Noto seus olhos brilharem.

— Posso dar em cima dela, então?

Um rosnado sai de mim. A raiva torce minhas entranhas de um jeito, que só quando minhas mãos agarraram seu colarinho é que percebo que cruzei a sala e avancei nele.

— Parece que alguém aqui está nervoso. — Quando ele sorri, eu abaixo minhas mãos.

— Cala a boca — falo entre dentes.

— Quer tentar me bater, Sin? — Seu tom é afável.

Não seria a primeira vez que teria aquela vontade. O filho da puta sabe como me deixar fora de mim. Eu aliso seu colarinho e me afasto.

— Não, meu velho. — Dou um tapinha em seu ombro. — Na verdade, preciso da sua ajuda.

— O quê? — Ele franze a testa.

—Summer me acompanhará pelos próximos sete dias para obter informações detalhadas para a estratégia de mídia social.

— Ah, é mesmo? — Ele ri. —Isso é um eufemismo para o que você tem em mente? Eu ignoro sua fala e continuo.

—Ela também tem uma irmã.

— E?

— Que não está bem, idiota.

— E você quer que eu faça o quê? Banque a babá?

— Tecnicamente, isso faria dele um *nanny*. — Damian se anima e entra na conversa.

— Um o quê? — Lhe lanço um olhar de soslaio. Ele balança a cabeça.

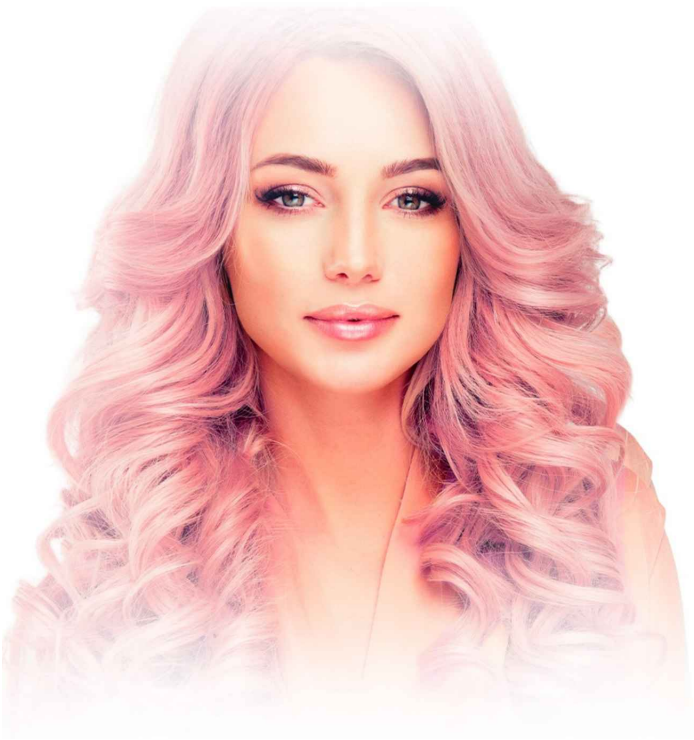
— Você deve acompanhar as tendências. Não que isso seja algo novo. Oh, espere — ele estala os dedos de forma sarcástica — você não é do tipo que se interessa por um assunto como esse, né?

— Deixo essas trivialidades para você, Menino Bonito. — Volto minha atenção para Saint de novo. — Você pode enviar seu motorista para buscá-la e levá-la para o meu apartamento em Hampstead Heath?

— Você vai cuidar da família dela? Qual o próximo passo? Pagar as contas? — Ele franziu as sobrancelhas. — E o que você vai fazer durante esse tempo que vão ficar juntos?

— Não é da sua maldita conta. — Saint fecha a mão e faz um movimento de bombeamento, o que me irrita ainda mais. Viro-me então para o homem à minha direita.

— Doutor? —Weston se endireita e olha para mim. — A irmã tem um problema cardíaco, e considerando que essa é a sua especialidade, você vai dar uma olhada nela, fazer uma avaliação da gravidade do caso, ok?



A esposa falsa
DO BILIONARIO

Summer

Capítulo 10

Eu puxo minha mala em direção à porta imponente do que deve ser a casa de três andares mais bonita que eu já vi na vida.

A rua fica em Primrose Hill. Celebidades vivem aqui... e, claro, o idiota-mor.

Seu chofer me deixou em frente à bela casa coberta de glicínias e eu quase lamentei ver Peter ir embora.

Não que tivéssemos falado muito, porque eu fiquei admirando o Aston Martin que o cretino havia enviado para me pegar, que tinha o cheiro de Sinclair impregnado no estofado. Levo a manga da minha roupa até o nariz e fungo. Bergamota e pimenta. Correção, era eu que estava com o cheiro dele.

Meu estômago se revira. Uma sensação quente sobe pelo meu peito. Eu ainda nem vi o homem e minhas mãos já estão úmidas. De ódio, certo? Eu levanto a mão e bato na porta. Ela se abre. *Que estranho.*

Eu empurro a madeira e entro em um grande hall. À frente, vejo uma escada que leva para o andar de cima.

À minha direita há um elevador. *Elevador?* Acho que quando você é rico você não quer se sujeitar a algo tão banal como subir escadas, né?

Quanto será que ele gastou para comprar o lugar? Peguei um número e adicionei pelo menos mais sete algarismos a ele. Minha cabeça girou. Mas acho que todo o dinheiro do mundo não pode comprar educação, pode?

Ele é o homem mais rico, mais esnobe e mais irritante que já conheci. E vou passar os próximos sete dias com ele. Merda.

Desvio do elevador e sigo para as escadas. Ele poderia pelo menos estar ali para me receber, me guiar. Mas claro que não. Por que eu deveria esperar esse ato de cortesia dele?

Ao pé da escada, paro. Não faço ideia para onde estou indo, e de jeito nenhum vou arrastar minhas rodinhas escada acima.

Por isso o elevador...

Inferno, ele tem que estar certo mesmo quando não está fisicamente presente para esfregar isso na minha cara? Eu deixo minha mala num canto e coloco minha bolsa em cima dela. Em seguida, passei pelo saguão e, virando à esquerda, cheguei na sala de estar cujas portas se abrem para um enorme jardim.

Faço uma pausa no deck que leva a um gramado verde, com cerejeiras em plena floração ao sol da primavera. Fileiras de canteiros de flores enfeitam um caminho que leva a um lago cuja água brilha ao longe. Eu me inclino para frente na ponta dos pés, querendo tanto sair e explorar... Dou um passo à frente quando um som me interrompe. Isso foi um gemido? Eu hesito.

Ouçoo um barulho vindo de algum lugar atrás de mim. Eu sigo o som. Outro gemido suave. Não, não estou imaginando coisas. Meu coração começa a acelerar. Ele não ousaria fazer isso. Ele não teria me chamado aqui para me humilhar.

Na verdade, esse seria exatamente o estilo dele, o de querer me envergonhar ainda mais. Eu congelo no lugar. Mas por que eu deveria hesitar? Eu não fiz nada de errado, fiz? Eu passo pela sala e chego na enorme cozinha. E ali, do lado da ilha, ele está de pé, com camisa desabotoada, as lapelas abertas para mostrar aquele tanquinho esculpido. Quem tem um abdômen modelado daqueles sem ser modelo ou estrela de cinema, hein? Pois o cretino tem.

Suas calças estão abertas na cintura. Minha boca fica seca quando vejo que o cabelo loiro de uma mulher cobre a parte mais importante de sua anatomia. *Droga*. Não que eu quisesse ter um vislumbre de seu pau, claro que não. *Imagina!*

Seus dedos cravam em seu cabelo e ele a puxa para si, fazendo que com que um som de sucção saia da garganta da loira.

Ele puxa o cabelo dela para trás, controlando a velocidade com que ela o chupa. Seus ombros tremem e um som rouco chega

aos meus ouvidos. Minhas bochechas ficam vermelhas e esfrego minhas coxas uma na outra. Nesse momento, os cabelos em minha nuca se arrepiam e levanto o olhar.

Olhos cor de anil queimam em minha direção. Suas feições são duras, sua mandíbula apertada. Seu olhar é quente, cheio de luxúria, mas fechado ao mesmo tempo. Parecia que ele queria me ver olhando para ele. Dou um passo à frente, incapaz de me conter. Se eu estivesse mais perto, eu me veria refletida em seus olhos? Eu veria o quanto ele me quer? Ele sentiria o quanto assistir aquilo estava me excitando?

Eu engulo em seco. Meu corpo todo estava formigando. Cada parte de mim parecia estar acesa com um fogo estranho. Eu não deveria achar isso erótico, eu não deveria.

Um nervo lateja em sua têmpora e seu queixo treme. Quando meu pé encosta no chão, percebo que dei um passo à frente. *Que merda é essa?* Eu pisco, aturdida. Quando olho de novo para ele, vejo sua boca se curvar para cima.

Seus bíceps enrijecem e ele puxa a cabeça dela para trás, depois empurra para a frente novamente. E de novo. E de novo. Eu estava errada. Ela não está dando a ele um boquete. Ele está tirando proveito dela. Ele está usando sua boca para seu prazer. E, no entanto, é como se ele estivesse completamente dissociado de todo o processo. Parece estar fazendo isso por minha causa. Ele queria que eu o encontrasse nessa posição. Mas é claro, ele orquestrou toda essa cena.

Eu congelo no lugar. Eu deveria sair dali, deveria ficar longe dele.

Ele olha para mim e seu sorriso se alarga. Seu peito sobe e desce com velocidade. De repente, ele empurra a mulher com tanta força que ela cai de bunda no chão.

— Ei — ela protesta.

— Saia. — Ele diz sem tirar os olhos de mim.

— Mas, ainda não terminamos. — Ela olha para cima, parecendo confusa.

— Terminamos, sim.

Ele leva as mãos para a frente de suas calças. O barulho áspero do zíper sendo puxado para cima irrita meus nervos. Todos os meus nervos parecem estar estourando de uma vez. Que vão para o inferno ele e sua maldita conta.

Eu corro para a porta, fugindo dali.

— Summer, espera.

Sua voz áspera reverbera em mim e eu estremeço. Meus passos parecem desacelerar por conta própria. *O que diabos ele está fazendo comigo?* Onde estava com a cabeça quando aceitei vir para cá?

Errei quando acreditei que conseguiria sobreviver uma semana com ele. Droga, alguns segundos em sua presença e eu já estou em frangalhos. Lufadas de calor percorrem meu corpo e meus músculos da coxa se contraem. Eu odeio esse homem... Não, odiar é pouco. Eu o abomino.

De jeito nenhum vou permitir que ele veja o quanto mexeu comigo. Que perceba que eu queria ser a mulher de joelhos na frente dele, que queria ser eu a dar prazer a ele. Ai, isso é nojento.

Eu não o quero. Não quero fazer parte desta charada. Tenho que sair daqui. Alcançando a porta da frente, eu a abro e corro para fora.



A esposa falsa
DO BILIONARIO

Sinclair

Capítulo 11

Não era para ser assim, não era. Deixe-a ir. Você não se importa, você não se importa com ela.

— Sin? — Ava olha para mim, suas feições contraídas.

— Saia da minha frente. — Eu tento passar por ela, mas a mulher agarra a barra da minha calça.

— O que está acontecendo?

— Nada. — *Tudo.* — Vá embora. Agora.

— Achei que você me quisesse.

— Não mais. — Enquanto digo as palavras, percebo que é verdade. Que se foda tudo, que se foda ela e que se foda a mulher que me distraiu o suficiente para eu parar um boquete bem no meio.

Eu corro para a sala de estar.

— Quem era ela?

— Não é da sua conta. — E não era mesmo. Nem da minha. Meu Passarinho é um assunto irritante de se lidar. Ela estava com seu cabelo rosa bagunçado, vestindo um jeans e uma camisa xadrez, e completando o traje, um par de tênis... rosa, é claro. A menina não tem nada de outra cor? Se ela pretendia destacar o quão jovem é, ela conseguiu. Toda vez que a vejo, seu frescor me surpreende. Ninguém deveria parecer tão casto, tão puro. Isso era suficiente para destacar as diferenças de nossos caminhos e experiências de vida. Quero tirar sua sanidade, quero apagar esse ar de pureza que a acompanha. Quero marcá-la, contaminá-la... *Porra!* Eu fecho minhas mãos em punho. O que eu sinto por ela vai além do ódio. Eu quero quebrá-la para, em seguida, construí-la novamente, mas em uma versão mais refinada, mais sofisticada, que não lembre em nada o que ela era. *Que merda é essa?* Quando eu comecei a pensar assim? *Não!* Destruí-la é o plano. Nada mais que isso. Inaceitável pensar em algo diferente disso.

Eu cheguei até aqui, não foi? Avancei em direção ao meu objetivo. Eu a tinha no meu território... Então eu a perdi.

— Não quero te ver aqui quando eu voltar. — Digo a Ava quando caminho em direção à porta aberta abotoando minha camisa.

Saio pela porta, desço os degraus e vejo Peter.

— Ela foi em direção à colina. — Suas sobrancelhas se franziram quando eu o ignorei.

Não preciso dos meus empregados me esfregando na cara que o que fiz foi errado.

Max sai correndo da casa, sua coleira brilhando sob os últimos raios do sol poente.

Sigo em direção à colina *Primrose* e começo a subir a encosta, com Max nos meus calcanhares.

Quase chegando no topo, as sombras já se alongam. Passo por um grupo de pessoas amontoadas na grama, depois por um casal namorando num banco. A cabeça dele está no colo dela e ela se abaixa para beijá-lo. *Que romântico!* Eu bufo vendo aquilo.

A vida não é sobre amor, corações e toda essa idiotice que a *Hallmark* enaltece em suas propagandas com o objetivo de manter as pessoas comprando seus produtos. Os otários caem nessa esparrela direitinho. Ainda bem que eu não sou um deles.

Um esquilo passa correndo. Max late e persegue o animal. Essa é a fraqueza dele. Não pode ver uma daquelas criaturinhas que perde a cabeça. Muito parecido comigo quando vejo aquela menina.

Chego finalmente ao topo e viro-me para apreciar a paisagem.

A vista da linha do horizonte de Londres se estende diante de mim. As luzes piscam, substituindo aos poucos o sol que se põe. Olho em volta. Onde diabos ela poderia estar?

Chego na beirada, passando pelas placas que destacam os marcos do horizonte. Não vejo ninguém. Eu me viro para sair dali quando... Pronto! Um ponto rosa chama minha atenção. Vou em direção a ele.

Encontrei-a sentada no chão, curvada sobre si mesma, de costas para o local em que as pessoas se aglomeravam. Seus ombros estão caídos. Ela dobrou as pernas e seu queixo repousa sobre os joelhos. Eu hesito. Ela parece tão sozinha, perdida em seus pensamentos... tão frágil. A dor irradia dela... Não, deve ser minha imaginação. Desde quando sou tão sensível aos sentimentos dos outros?

Além disso, ela não significa nada para mim. Ela é apenas um peão no jogo maior que está em andamento.

O que significa que preciso que ela supere o que aconteceu... e vença tudo o que será lançado em seu caminho.

Por que me importo e quero que ela saia o mais ilesa possível daquilo tudo? Que ela saia mais forte, capaz de enfrentar o mundo? Por quê?

Por que quero ir até ela e puxá-la para os meus braços? Acalmá-la, apagar sua mágoa até que ela volte a sorrir? Por que, quando ela não significa nada para mim?

Eu me aproximo dela. Uma rajada de vento sopra em minha direção. O cheiro dela – cerejas e caramelo misturado com grama cortada – me envolve. Meu pau se contrai. *Que diabos é isso?* Então uma parte de mim a admira. Claro, se tivesse a chance, eu transaria com ela, e faria o mesmo com metade das mulheres dispostas que aparecessem no meu caminho. Só que eu não tenho nenhuma me dando esse mole no momento.

Melhor nem lembrar que eu estava com uma mulher de joelhos, na minha frente, o rosto na minha virilha, me chupando e eu a mandei embora. Por quê? Para vir atrás dessa menina! Mas é só porque eu preciso que ela volte. Não posso perdê-la, não depois de ter chegado tão longe. Ela desempenha um papel importante no

meu plano de vingança, mas que ela não sabe disso. Algo que pretendo corrigir no momento certo, mas não agora.

Paro ao seu lado, e quando ela percebe, enrijece o corpo. Observo seus dedos puxando a grama em punhados.

— Ainda está chateada? — Ela não dá nenhum sinal de ter me ouvido. — Não pensei que você fosse do tipo ciumento.

Ela endireita os ombros.

—Você queria estar no lugar dela, sugando meu pau, não é? Sua cabeça se ergue.

— Se você me pedir com jeitinho, eu posso foder sua boca.

Ela fica de pé. Suas bochechas estão pálidas, seus olhos brilhando como orbes de esmeraldas. *Ei, pode parar com isso. Você não a acha bonita, lembra?* Ela encurta a distância entre nós, e minha virilha desperta.

Ela aponta um dedo na minha direção, e eu tenho uma vontade insana de abaixar minha cabeça e chupar aquele dedo, embora acabaria sendo uma imitação barata do que eu queria fazer com sua boceta desde o primeiro segundo em que coloquei os olhos nela. *Para com isso!*

—Vai, coloca para fora, querida. — Mostro os dentes e inclino a cabeça em direção a ela.

— Como você é cínico.

Eu coço meu queixo.

—Você encenou aquilo para mim.

— Hã? — Finjo bocejar, e cubro minha boca com meus dedos.

—Você sabia que eu estava a caminho. Armou tudo, inclusive deixando a porta destrancada para que eu pudesse entrar e te ver com aquela mulher.

— Por quê?

— O que você quer dizer com isso? — Ela franze a testa.

— Por que eu faria uma coisa dessas, Passarinho? Por que eu iria perder tempo criando algo tão elaborado?

— Por que você é uma espécie de exibicionista pervertido? Você deve gostar de ficar exibindo seu pau por aí, não é?

— Quer pegar nele? — Suas bochechas coram.

— Você se acha muito, não?

— Eu posso deixar você me chupar, se você pedir com jeitinho.

— Meu Deus! — Ela joga as mãos para cima, —você é... é...

— Irresistível?

— Detestável. — Ela quase engasga de raiva.

— Você não quer dizer viril? Admita que você está atraída por mim.

— Não. — Ela cerra os dentes. — De jeito nenhum eu vou alimentar ainda mais esse seu já inflado ego.

— Veremos. — Deixo meus lábios se curvarem.

— Você é tão clichê. — Ela bufa.

— Todo estereótipo tem suas raízes em uma centelha de verdade. — Eu inclino minha cabeça, me aproximando mais dela.

— Não pensei que você fosse do tipo filósofo.

— Não te considerava uma má perdedora.

— Você está certo. — Ela projeta o queixo. Vejo uma lágrima descer por sua bochecha, até chegar no seu queixo. Eu me inclino para frente e a capturo com meus lábios.

— Por que você fez isso? — Ela se encolhe.

— Porque...— *Eu queria provar você? Queria ver se sua essência é tão espinhosa quanto seu exterior? Porque eu tenho esse desejo insano de domar você e descobrir o que te faz vibrar, Passarinho.* — Porque eu quis.

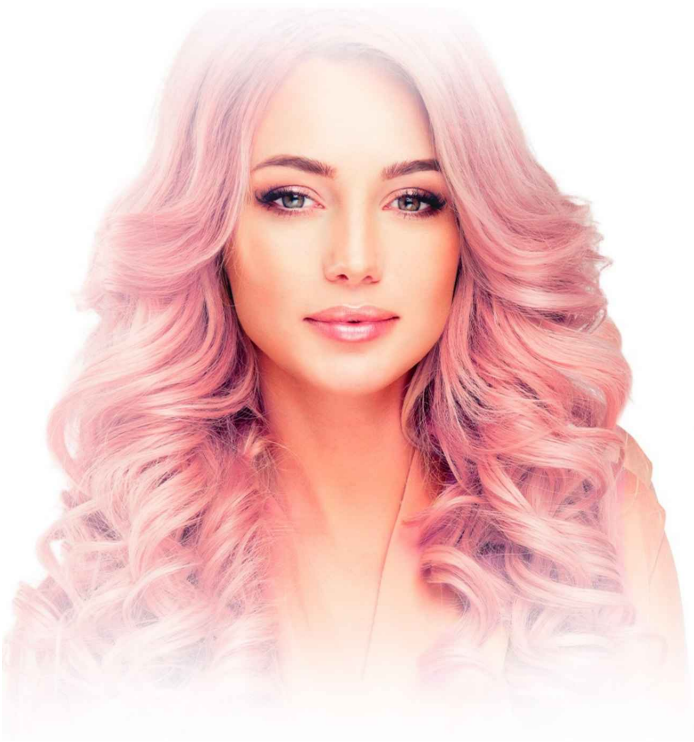
—Você é o homem mais arrogante, mais dominador, mais egoísta que já conheci. —Sua mandíbula endurece e ela dá um passo para trás.

—Você notou, é?

—Será um prazer quebrar um pouco dessa sua arrogância antes de terminarmos. — Ela solta um som exasperado.

— Isso lá é jeito de falar com o homem que vai pagar seu salário? — Eu me balanço apoiado em meus calcanhares. —Não se esqueça que eu tenho o seu futuro e o de sua irmã em minhas mãos. — Ela empalidece.

—Isso não é justo! — Sua respiração falha. —Se você continuar jogando isso na minha cara o tempo todo, então o negócio está cancelado.



A esposa falsa
DO BILIONÁRIO

Summer

Capítulo 12

Toda a expressão desaparece de seu rosto. Ele molda suas feições naquela máscara sem emoção que estou começando a reconhecer e odiar.

— Tem certeza disso? — Olho em seus olhos e balanço a cabeça, confirmando.

— OK. — Ele me dá as costas e vai embora.

Hã? Espera aí. Como assim, ele simplesmente me deixa aqui e vai embora? Eu mordo meu lábio inferior. Por que ele não está aqui insistindo comigo? Eu pensei que ele iria rir de mim, talvez me forçar a ficar... Em vez disso, eu vejo aquela bunda durinha dele se afastando.

Minha boca salivou. Minhas coxas se apertam uma contra a outra. *Para com isso!* Cobiçar aquele corpo lindo não vai trazer seu emprego de volta. *Maldito!* Maldito seja ele por não ter caído no meu blefe. Ele sabe o quanto eu preciso pegar essa conta... e como eu faria qualquer coisa para tê-la de volta. *Você vai rastejar atrás dele agora?* Não... Não. E eu lá tenho escolha?

Ele toma o caminho que desce a encosta gramada da colina.

— Esperar.

Ele aperta o passo.

Idiota. Eu saio correndo. No momento em que eu alcanço, estou ofegante. Meu cabelo gruda nas minhas bochechas. *Ótimo.* Adicione estar brilhando de suor ao meu ego já ferido. Que seja.

— Para.

Ele continua andando.

— Espere, Sinclair. — Ele então para.

Eu me aproximo dele, então passo por ele para me postar na sua frente dele. Seu grande corpo bloqueia a minha visão do resto

do espaço. Eu inclino bem meu rosto para trás. Seu rosto está nas sombras, e na crescente escuridão do crepúsculo, ele parece formidável.

Ele cruza os braços e seus bíceps esticam a camisa. Eu engulo em seco. O calor de seu corpo sai de seu peito e me envolve, me puxa para mais perto, mais perto...

Eu aperto meus dedos na frente do meu corpo, como se fosse uma barreira. Ele poderia me empurrar e continuar marchando para longe de mim, e não haveria nada que eu pudesse fazer sobre isso. Noto que a umidade se acumula entre minhas pernas. Maldito seja, pela forma como faz meu corpo responder a cada movimento seu. Sua presença, seu cheiro, todas as suas ações me atraem para ele. Todos os meus sentidos me fazem querer me aproximar mais dele. Eu olho para cima, tentando discernir a nitidez de suas maçãs do rosto, o nariz adunco, o lábio superior fino, aquele lábio inferior carnudo que me faz querer estender a mão, puxar seu rosto para baixo até ficar paralelo ao meu, então cravar meus dentes nele, nessa sua parte sensual e carnuda. E essa não é a única parte que me chama atenção nele. Uma risada sobe pela minha garganta.

—Você vai se desculpar? — Seus olhos se afunilam. Sua boca se crispa.

— O que...? — Eu cravo meus sapatos no caminho lamacento. Para ser honesta, era exatamente isso o que eu pretendia fazer, ou pelo menos pensei que era isso o que faria quando parti atrás dele. Agora, com ele me olhando com aquele sorriso superior – ok, eu admito que aquele olhar de desdém o deixa mais sexy, parece que o torna inacessível, mas é tão quente... minhas terminações nervosas estremecem, mas ele dizer aquilo foi o cúmulo.

De jeito nenhum vou dar a ele a satisfação de vencer esta rodada. *Isso não é um jogo, coisinha estúpida, é a sua vida.* E é minha prerrogativa estragar tudo ou garantir que Karma tenha um tratamento digno.

— Não. — Eu levanto meu queixo.

Sua boca abre e fecha. Ele pisca uma vez, duas, parecendo não acreditar no que ouviu. Ha, acho que o Sr. Espertalhão está sem palavras. Teve um AVC. Para mim, isso soa como uma vitória.

Ele diminui a distância entre nós, até que suas grandes mãos me prendem. Eu engulo em seco e o vejo abaixar o rosto, nossos cílios quase se tocam.

—Diga isso de novo.

Meu corpo treme. Eu luto contra a vontade de me afastar. Sinto a raiva dele irradiar pelo seu corpo. O nervosismo toma conta de mim.

—Não. — Eu inclino minha cabeça mais para trás. — De jeito nenhum vou me desculpar por isso.

— Eu teria deixado você ir embora se você não tivesse vindo atrás de mim. Você cometeu um erro quando fez isso.

— O quê? Como assim? — Minha garganta parece fechar.

— Você teve sua chance e a perdeu. — Um nervo lateja em sua têmpora.

Ah, não, isso... isso não é nada bom...

Eu me afasto dele e ele não me impede. Mas isso não é tranquilizador. Seus olhos brilham e suas narinas estão dilatadas.

O que quer que aquela mente maligna dele tenha conjurado, eu tenho certeza que não vou gostar.

— Corra, Passarinho.

— Quê?

— Eu vou contar até cinco.

Os pelos da minha nuca se arrepiam. Eu dou uns passos para trás, pronta para sair em disparada. Tinha que fugir deste inferno de homem, que atrai cada parte de mim, mesmo que seu temperamento repila cada célula do meu corpo. Toda ação tem uma reação igual e oposta... Quem disse isso? Einstein? Esquece isso. Não é hora para trivialidades estúpidas, não.

— Explique melhor. — Limpo minha garganta.

— Se eu te pegar, você faz o que eu mando pelos próximos sete dias.

— E isso vai ser diferente do que era antes em quê? — Ele levanta uma sobrancelha.

— Quer que eu desenhe para você?

—Você quer dizer...— eu empalideço. — Você quer dizer que agora o nosso acordo...

— Abrangerá a sala de reuniões e o quarto.

— Vá se foder. — Ele dá um sorriso sarcástico.

— Se eu fosse egoísta, diria que você iria gostar e muito do prazer que posso lhe dar, mas não é sua rendição física que eu quero.

— O que é, então?

— Sua submissão emocional, seu colapso mental.

—Você só pode estar delirando. — Ele levanta os ombros e depois os deixa cair.

— Minha oferta é essa.

—E se eu não concordar?

— Não me lembro de ter dito que isso é uma negociação.

— Seu idiota.

— Você precisa aprimorar seu vocabulário.

— E você...— Eu passo meus dedos pelo meu cabelo.
—...você precisa de uma nova atitude.

— Suponho que pense que é você quem vai me mudar, não é? Muitos tentaram e falharam, minha querida. Eu não sou o *bad boy* que você pode domar, muito menos o herói de um romance que veio para resgatá-la.

—E...?

— Pegue seu pior pesadelo e multiplique por 1000... Então some mais alguns. — Ele ri.

— Sua imbecilidade está a florada. — Meu coração começa a acelerar. A adrenalina enche meu sangue.

— Seus... instintos de luta ou fuga precisam estar aguçados. Eu quis dizer cada palavra que eu disse. — Ele estufa o peito.

Sinto uma veia pulsar em minhas têmporas quando vejo suas narinas se dilatarem. O bastardo sente meu medo. O suor pinga no interior das minhas palmas. Eu levanto um dedo.

— Espera.

Seus ombros estão tensos, cada parte dele parece estar no limite, como se estivesse se aprontando para o início de uma corrida, para começar o jogo que ele arquitetou em sua mente. Ele está animado. *Maldito!* Essa coisa toda é uma brincadeira para ele... e eu estupidamente caí na sua teia. Eu tenho que assumir o controle, de qualquer jeito.

— Então deixe me entender direito. Se eu conseguir fugir de você agora, eu posso ir embora?

— Eu não vou repetir.

Sinto um suor frio escorrendo pelas minhas costas.

— Se... se você me pegar...?

— Então você é minha para eu fazer o que eu quiser.

— Pelos próximos sete dias, certo? E você vai pagar todas as minhas dívidas e providenciar para que minha irmã seja tratada por um especialista? — Ele acena com a cabeça, concordando.

— Vou depositar outro milhão em sua conta, para mostrar minha boa vontade, para que vocês duas tenham condições de construir um futuro.

Por que ele está fazendo isso? Tem alguma coisa errada aqui. O que ele não está me contando?

Ah, mas que escolha eu tenho?

Ele tornou esse acordo impossível de resistir... Mais uma razão para eu fugir. Eu tenho que ficar longe dele, antes que ele me destrua.

— Combinado. — Eu estendo a mão.

Ele a ignora. Abre os lábios e seus dentes brancos perolados brilham aos primeiros raios do luar.

Minhas pernas começam a tremer. *Afastese, fuja dele agora.* Meu corpo se inclina para trás, pronto para fugir. Algo primitivo dentro de mim, no entanto, insiste que eu fique. Encontro seu olhar e não consigo desviar dele enquanto ele se aproxima.

Sua respiração queima minha face.

— Comece a correr. Você tem uma vantagem até eu completar minha contagem regressiva.

— Cinco.

Eu fico tensa. *Vá, sua tonta.* A dureza em seu olhar me perfura. Tenho a impressão que ele pode ver meu coração, minha alma e todos os meus desejos se descortinando a sua frente.

— Quatro.

Eu dou um passo trêmulo para trás. *O que estou tentando provar? Por que não estou aproveitando a pequena vantagem que ele está me oferecendo?* Porque é uma armadilha, é uma...

— Dois.

— Ei, você está trapaceando. — Eu suspiro. — Você não está fazendo a contagem direito.

— Um. — Ele mostra os dentes e eu me viro e corro.



A esposa falsa
DO BILIONARIO

Sinclair

Capítulo 13

Eu a vejo sair correndo ladeira abaixo.

Ela acelera o passo, o movimento de suas nádegas ressaltado pelo jeans justo. Meu pau se contrai. Meu corpo inteiro me implora para segui-la.

Merda!

Eu não tinha a intenção de iniciar este joguinho, mas quando ela me desafiou, algo dentro de mim estalou, trazendo à tona o caçador que adora brincar, correr atrás de sua presa, brincar com ela, antes que ela implore por sua vida. *Tomá-la?* Não.

Eu nunca quis que isso fosse tão longe.

Era para ter sido fácil. Iria encurralá-la até que ela estivesse indefesa, então ia lhe jogar uma corda salva-vidas e observá-la se enredar na armadilha. Em vez disso, os finos fios da rede estão se apertando ao meu redor.

O suor escorre pelas minhas costas. Odeio essas camisas de manga comprida sociais. Prefiro estar vestido casualmente, mas essa é a imagem que tenho que mostrar ao mundo.

Era importante manter essa fachada até encontrar os responsáveis por virar a vida de nós sete de cabeça para baixo.

Eu não posso falhar com eles, não posso.

Eu começo a correr, cobrindo a distância na metade do tempo que ela levou.

Coração batendo forte, minhas têmporas latejando, adrenalina correndo em meu sangue. Caça, tudo sempre se resume à caça. Eu tinha a habilidade de rastrear e prender minhas vítimas. Foi por isso que fui escolhido para liderar essa incursão contra nosso inimigo. Essa confiança depositada em mim vindo daqueles homens não era um elogio que recebia de ânimo leve. Nem minha responsabilidade para com eles.

Pegue-a, coaja-a, faça-a se curvar de bom grado às suas investidas.

Todos os poros da minha pele parecem estourar. Eu a persigo enquanto ela sai correndo do parque, subindo a rua que leva à minha casa. Ela sabe para onde está indo? Parece uma pombinha com um localizador. *Voe para longe, Passarinho, deixe-me continuar a te caçar.*

Ela corre pela calçada e vai em direção a estrada em que as paredes das casas contornam a encosta. *O que ela está fazendo?* Eu franzo a testa e aumento o meu ritmo. Ela continua sua fuga desordenada. Seus ombros estão tremendo e sua velocidade diminui. Ela deve estar cansada, sem fôlego por conta da descida. Pelo menos ela conseguiu descer sem cair de cara no chão.

Max corre para se juntar a mim. Ele emparelha comigo, com a boca aberta, a língua pendurada.

Eu dou a ele liberdade total para circular pela casa e pelos jardins. Na verdade, isso se dá porque tenho fé em sua capacidade de cuidar de si mesmo. Ao contrário do que acontece com aquela mulher. Ela precisa de uma maldita coleira para ser mantida sob controle. Não posso permitir que ela se machuque, não até que ela tenha desempenhado seu papel no meu plano, é bom que fique claro.

Meus dedos formigam. Como seria circundar a extensão de seu pescoço, enquanto eu a curvo sobre minha mesa e a penetro por trás? Meu pau fica instantaneamente animado pelo pensamento. Eu rosno baixo. Essa reação primitiva que continuo tendo com ela é inaceitável. Devo manter distância dela, ou complicará ainda mais as coisas.

Eu estalo minha língua e Max avança. Ele se aproxima dela e vejo sua velocidade diminuir ainda mais. Ela cambaleia, mas continua correndo, indo em direção à minha casa. Max passa por ela, entrando pelo portão que está aberto, subindo o caminho de pedra do jardim. Ela o segue. *Boa menina.* Eu vou ser mais gentil com ela quando eu a pegar. Uma onda de algo feroz se desenrola

no meu peito. Antecipação? Luxúria...? Admiração por ela ter aguentado até aqui? Tudo bem. Eu não sou um mau perdedor. Eu lhe darei o que foi combinado.

Porra! Eu não consigo formar uma frase com palavras coerentes quando se trata dela. Eu desacelero e passo a caminhar. Sigo pelo caminho do jardim e a vejo sentada nos degraus. Ela está olhando para frente, as pernas dobradas na altura dos joelhos, as feições contraídas. Eu me abaixo e me acomodo ao lado dela.

Ficamos ali sentados em silêncio. O vento farfalha nas árvores que contornam minha propriedade. Na estrada na frente da casa, observo um ciclista passar.

— O que você estava fazendo? — Minha voz sai mais rouca do que eu pretendia. Eu limpo minha garganta.

— Fazendo?

—É. Você cambaleava para frente e para trás como se...

— Como se alguém estivesse atirando em mim. — Ela leva uma mecha daquele cabelo rosa à boca e a mastiga.

— Não tinha ninguém fazendo isso, eu te garanto.

— Você não estava lá? — Ela me lança um olhar de soslaio. —Pude sentir seu olhar me atingindo.

— Não entendi o que você pretendia fazer. — Eu franzo a testa.

— Diz o homem que é o epítome de todas as coisas coerentes. — Ela joga os braços para cima.

Eu esfrego a parte de trás do meu pescoço. *Droga!*

— Me pegou nessa. Mas eu sigo um método até para as minhas loucuras, enquanto você...

— Eu o quê? Sou espontânea? Interessante?

— Eu diria um pouco confusa na verdade.

— Hmm. — Ela aperta os lábios.

—Tenho que admitir que isso desperta minha curiosidade.

— Oh, meu Deus. Você percebeu o que fez? — Ela olha para mim, surpresa.

— O quê?

— Você me fez um elogio. — Ela estende a mão e coloca a palma contra minha testa. — Você está se sentindo bem? Não está tonto nem nada?

Parte do meu sangue corre para o meu rosto, o resto, para a minha virilha. Se ela olhar para baixo, verá exatamente o que seu toque está fazendo comigo, como estou duro. Sua proximidade entra de mansinho sob minha pele e toma conta do meu âmago, incitando-me a chegar mais perto... mais perto.

— Admita, você sempre arranja uma desculpa para me tocar.

— Você e seu ego — Seus lábios franzem.

— São feitos um para o outro.

— Totalmente diferente do que posso dizer sobre nós dois. — Ela retira a mão.

— Ah, não, não começa. — Eu seguro seu pulso.

— Me deixa ir.

— Você deveria ter pensado nisso antes de voltar para meu covil, Passarinho.

— Como se eu tivesse escolha.

— Você sempre teve uma escolha.

— Fácil para você dizer isso, do alto da sua posição de poder.

— Tudo o que você vê aqui, eu lutei para ter. Eu criei o meu futuro e agora estou dando a você a chance de fazer o mesmo.

— Certo. — Ela joga a cabeça para trás e seu cheiro se torna mais forte em minhas narinas. Minha pulsação acelera, minhas têmporas latejam, sinto até mesmo a parte de trás das minhas pálpebras se agitando.

— Por que você voltou?

— Para não ser insultada por você, lógico.

— Isso sou eu que decido.

Ela desvia o olhar, apenas sua respiração acelerada quebrando o silêncio.

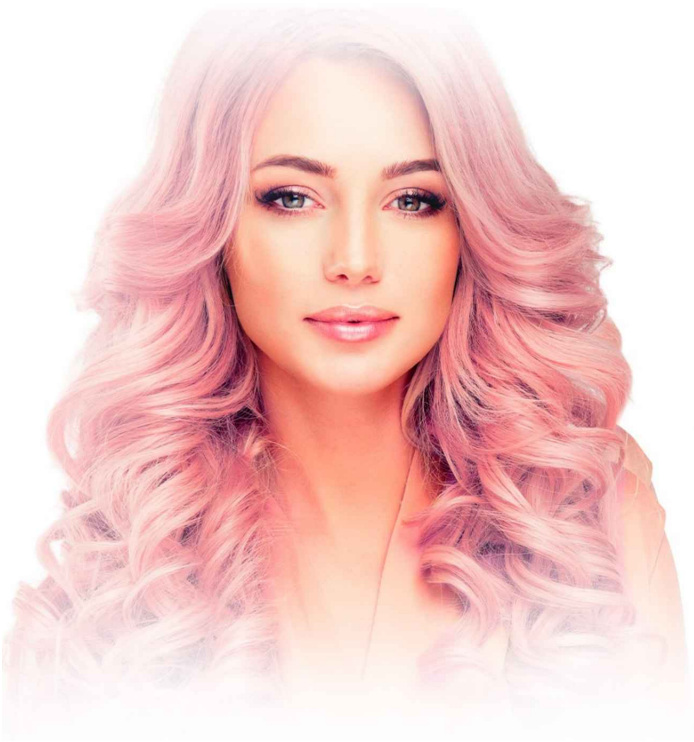
— Me conta. — Eu faço círculos sobre seu pulso delicado com meu polegar.

Sinto sua pulsação aumentar, espelhando a minha. *Putá merda. É a coisa mais gostosa que já experimentei, e ainda não a beijei.* Algo quente se assoma em meu peito. Minha boca saliva.

— Diz.

Seu peito sobe e desce descompassado. Suas feições se torcem. Então ela endireita os ombros, olha nos meus olhos e finalmente me dá uma resposta.

— Pelo dinheiro. Eu preciso do dinheiro.



A esposa falsa
DO BILIONÁRIO

Summer

Capítulo 14

Algo zumbe perto do meu ouvido, e eu abro meus olhos. Onde estou? As grandes janelas deixam entrar a luz do sol, que incide sobre o piso de madeira. Meus dedos agarram o tecido macio do edredom, e eu olho em volta. Estou deitada em uma cama que não é de um tamanho normal. Ela é enorme e parece se estender de um lado ao outro do quarto.

Certo, estou na casa de Sinclair Sterling, em seu quarto de hóspedes.

O zumbido soa novamente. Eu me apresso a me sentar e pego meu telefone, que está conectado na tomada, sobre a mesa de cabeceira ao lado da cama.

— Alô? — Limpo minha garganta.

— Srta. West?

— Quem está falando? — Franzo a testa.

— É a Alia, da 7A Investimentos. Estou ligando para acordá-la.

— Me acordar? — Eu pisco.

— Sim, srta. West. O Sr. Sterling determinou que eu fizesse essa ligação para ter certeza que a senhorita chegaria ao escritório a tempo para a reunião, que começará às nove horas.

— Reunião? — Eu tinha um compromisso agendado com ele para hoje? Aposto que ele marcou sem me avisar. Típico do cretino fazer isso comigo. — Que... que horas são?

— São 8h15.

— 8h15? — Eu me arrasto até a beirada da cama.

— Bom dia, Srta. West. — A linha fica muda.

Eu olho ao redor do cômodo tentando me orientar. Depois daquela conversa que tive com Sinclair, quando eu disse que tinha

voltado para ele porque eu precisava de seu dinheiro, entramos na casa e ele me mostrou meu quarto. Então me joguei na cama e adormeci. Fim da história.

Olhei para o meu celular de novo. Não lembro de tê-lo colocado para carregar. O que significa... que ele deve ter feito isso.

Então ele estava aqui no meu quarto me olhando enquanto eu dormia? Está cada vez mais parecido com um *stalker*! Eu curvo meus ombros.

Arrepios aparecem na minha pele. Eu deveria ficar assustada com isso... mas... hmm... o que será que ele pensou enquanto me observava? Me ver dormindo o deixou excitado? Aquela bela protuberância que ele ostenta entre os músculos definidos de suas coxas ficou ainda mais grossa?

Esfrego minhas pernas uma na outra e meus mamilos endurecem. *O que há de errado comigo?* Eu odeio aquele homem. Não o acho atraente, nem um pouco. *Ah, quem eu quero enganar?* Quanto mais odioso ele é comigo, mais vontade de dar um tapa nele e de beijá-lo eu tenho. Também quero lambar todo o seu peitoral esculpido, e... *Para!*

Mas ele também não é imune a mim. Percebi que ele me comia com os olhos na noite passada!

Há algo entre nós, uma estranha química, que flui e parece tomar todo o ar da sala quando estamos juntos.

É por essa razão que eu deveria ter fugido dele quando tive a chance. Mas eu fiquei. Eu não podia ir.

Eu preciso muito do que ele está me oferecendo. Não é apenas minha vida que está em jogo, e ele está ciente de como estou desesperada. Foi por isso que ele me atraiu, me prendeu... O pior é que a cada passo do caminho, ele age como se eu realmente tivesse a opção de escolher.

Escolher, pois sim! É como apontar uma arma para a cabeça de uma pessoa que está parada na beira do penhasco e dizer para ela: escolha agora, se jogar e cair logo nos braços da morte, ou vir

comigo e deixar que eu decida quando será seu fim. Isso é o que ele vai ser, minha queda das graças do rei. E pior, eu estou indo para ele de bom grado. Mas por enquanto.

Examino o quarto e vejo umas roupas dobradas na cadeira ao lado da cama. Há um bilhete em cima delas.

Sim, ele *realmente* esteve no quarto enquanto eu dormia. Os pelos dos meus antebraços se arrepiam.

Eu me levanto e pego o papel.

Escritório. 9 horas da manhã. Mesma sala de conferências.

Vista isso.

De nada!

Só isso? A nota não está assinada, típico.

Ele estava com raiva na noite passada. Não havia nenhum sinal externo de sua fúria, exceto pelas narinas dilatadas. Pensando bem, também tinha uma veia latejando em sua têmpora.

O que ele esperava, hein? Que eu me jogaria a seus pés e diria a ele o quanto eu queria que ele me beijasse, que fizesse amor – corrigindo, trepasse – comigo? Pois isso é tudo o que teria com este homem. Seria uma luta de poder unilateral, que terminaria apenas de uma maneira, com minha submissão. Ele me teria sem compromisso e deixaria sua marca tatuada em cada uma das minhas células.

Ele me possuiria e me mudaria para sempre, e não haveria nada que eu pudesse fazer para impedir isso.

Assim como eu fui incapaz de vencê-lo em seu próprio jogo. Eu posso ter começado aquela pequena competição ontem, pensei

que conseguiria me defender contra ele, mas Sinclair virou a mesa.

Como um bom soldado, eu marchei de volta para sua casa, para minha prisão – uma gaiola dourada onde ele pode manter seu pássaro cativo.

Meus dedos dos pés se curvam. Meu couro cabeludo parece formigar. *Seu passarinho*. Por que o pensamento de me curvar à sua vontade parece tão tentador?

Deve ser porque eu o odeio, porque detesto olhar para a cara dele e ver tudo o que ele representa. Mas, há uma linha tênue entre o amor e o ódio e, com certeza, estou confundindo os sinais do que quer que esteja acontecendo entre nós. Eu tenho que passar pelos próximos dias, sobreviver a eles o melhor que puder, e então eu estou livre para partir, isso acreditando que ele vai me deixar ir embora e supondo que restará algo em mim que eu possa chamar de meu.

Olho para o visor do meu telefone e vejo que já são 8h20.

— Merda, merdinha, merdaaaa. — Eu saio da cama tão rápido que tropeço e caio de bunda no chão. —Droga.

Eu me levanto e corro para o chuveiro. Apenas Sinclair-Sacana-Sterling, um imbecil de primeira linha, faria uma coisa dessas comigo, me deixando para trás para enfrentar o tráfego da hora do rush. Como diabos eu vou chegar lá às 9? Nem de carro eu conseguiria avançar pelo trânsito naquele horário. Não que eu tivesse dinheiro para pagar um táxi, o transporte público era a minha única opção. *Inferno!*

Cinco minutos depois, volto para o quarto, pego as roupas na cadeira, coloco-as e me inspeciono no espelho.

O conjunto era composto de uma saia-lápis, que se agarrava às minhas coxas e chegava abaixo dos meus joelhos, um comprimento respeitável, na verdade, mas o corte...? *Uau*. Realça minhas curvas e faz meu corpo parecer quase... sexy? A blusa tem mangas compridas que me cobrem até os pulsos, mas é de renda.

Eu apoio minha mão no quadril e percebo como a roupa se molda ao meu corpo. É comportada e erótica ao mesmo tempo.

Calço os sapatos... salto agulha. Mas noto que não são muito altos, têm a altura certa para destacar as minhas pernas. Me sinto diferente. Estou tão elegante, como alguém que realmente pertence a esta casa, com ele, debaixo dele. *Para com isso.* Eu endireito meus ombros e pego meu telefone.

Comecei a reconhecer as nuances em seu olhar, a ruga que aparece entre as sobrancelhas quando ele está refletindo sobre algo, a curvatura da sua bunda, o volume entre suas pernas. Nossa, se na posição de *descanso* ele fica daquele tamanho, então como será quando estiver excitado? Eu engulo em seco e aperto meus joelhos. *Não vá nessa direção. Agora não.*

Começo a cantarolar baixinho, um velho truque que uso para tentar manter minha mente ocupada e deixar de lado pensamentos impróprios... nesse momento específico, tirar meu foco das calças de Sinclair Sterling, que é onde minha boca ficaria feliz de estar se tivesse escolha.

A tela do meu telefone mostra 8h35. Droga! Eu tiro os sapatos de salto, enfio-os na minha bolsa e coloco meus tênis. De jeito nenhum que eu vou correndo para o metrô com essas coisas nos pés. Pego meu telefone e minha bolsa, desço apressada as escadas e saio pela porta principal.

Aperto o passo pela rua, que está tranquila nesse horário, com a saia dificultando meu progresso. Aposto que ele planejou tudo isso, só para testar minha determinação. O que ele disse mesmo? Que quer me quebrar mentalmente e emocionalmente, não foi isso? Bem, veremos, Sr. Sterling.

Uma vez que estou no elevador, troco de sapatos. Ele não precisa saber que estava de tênis até entrar no prédio.

As portas se abrem no andar dos escritórios da 7A. Ando pelo corredor e me dirijo para a sala de conferências, a mesma que ele tinha me recebido da última vez que estive aqui.

Pego meu telefone e vejo que estou cinco minutos atrasada.

Pelo menos ele colocou para me acordarem às 8h15... o que me deu tempo suficiente para chegar aqui, apesar de ser a hora de maior movimento no metrô. Falando nisso, ainda não consegui entender por que fez essa palhaçada comigo.

Abro as portas duplas e estaco na entrada. Os pelos da minha nuca se arrepiam. Na cabeceira da mesa está Sinclair.

— Você está atrasada. — Ele me encara.

— Como você planejou. — Eu entro e fecho a porta atrás de mim.

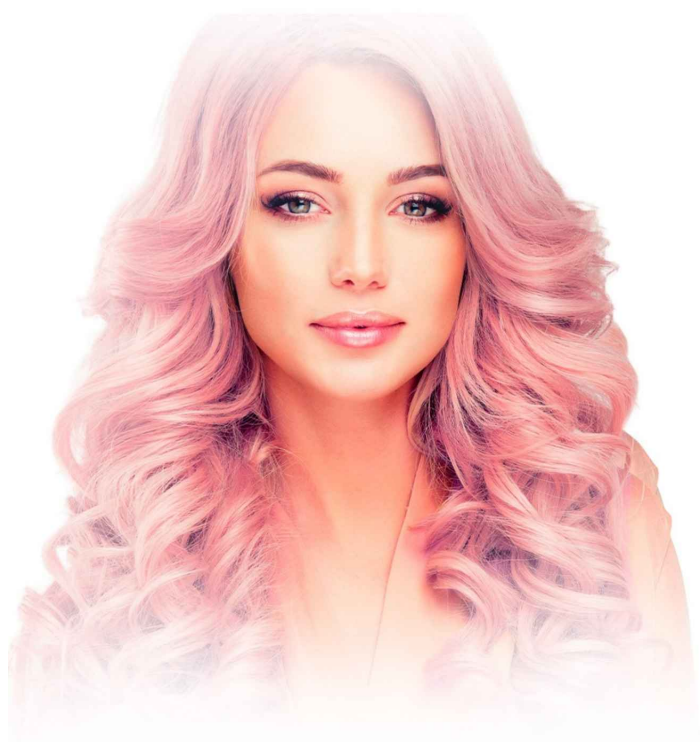
— Desenvolva isso.

— Toda essa sua operação de sabotagem não vai funcionar.
— Meus joelhos tremem. Eu agarro minha bolsa com força e caminho até a mesa.

— Srta. West?

— O... o quê? — Eu gaguejo.

— Tranque a porta.



A esposa falsa
DO BILIONARIO

Summer

Capítulo 15

Sua voz rouca ecoa pela sala. Todos os pelos da minha nuca se arrepiam.

Eu giro, abro a porta e estou saindo da sala quando ouço: — Com você do lado de dentro, Srta. West.

Minha boca fica seca. Faço uma pausa no meio do passo. Eu deveria ir embora, fugir daqui, sem nem olhar para trás...

— Nem pense nisso. Se você deixar essa sala agora, o acordo está encerrado. Vou garantir que o médico não atenda mais sua irmã e que ela volte imediatamente para aquele casebre que você chama de apartamento. Oh, espere, isso não será mais possível, porque seu senhorio já o alugou, então...

— Como você se atreve a colocar minha irmã nessa situação? — Eu grito.

Ele levanta os ombros e os deixa cair antes de responder.

— Porque eu...

— ... você pode, não é? — Eu balanço minha cabeça, com desgosto. — Diga-me algo novo.

— Toda essa conversa está me entediando. — Ele pega seu telefone elegante — o último modelo, é claro, afinal era um idiota privilegiado — aperta um número, então o leva ao ouvido. — Saint, aquela garota sobre quem conversamos ontem, pode cancelar sua próxima consulta com o doutor porque...

— Para! — Eu cruzo meus braços na minha frente.

— Sim, o negócio foi cancelado. — Ele diz olhando para mim.

— Por favor, para. Eu farei o que você quiser. — Maldito seja, agora estou rastejando, mas não posso deixar Karma acabar nas ruas, não posso.

— Sim, acabou, você pode mandá-la de volta e ...

Eu me aproximo dele, pego o telefone de sua mão e o levanto acima da minha cabeça.

Ele olha para mim e estende a palma da mão. Eu olho então para o telefone.

—Você vai se arrepender por ter feito isso. — Seu tom me garante que a ameaça será cumprida.

Eu olho para a tela. Não há nenhuma chamada em andamento. *Desgraçado*.

— Você fingiu fazer a ligação. Por que fez isso?

— Você sabe qual é o seu problema? — Suas feições se transformam em uma máscara. Ele finge bocejar.

—Você pensa que é o único adulto quando entra em uma sala e se acha superior a todos os outros.

—É porque eu sou.

Ele apoia a mão no quadril.

— Vou te dizer uma coisa, seu idiota, sua arrogância ainda vai ser sua ruína.

Ele curva os lábios para cima e seus olhos brilham. Ele não parece zangado, longe disso. Ele parece... animado. Ou seria intrigado? Ele se levanta e se aproxima de mim.

—E é claro, será você quem vai derrubar o rei, certo?

—Você está no comando desta empresa porque sua equipe tem muito medo de você. Eles precisam do dinheiro para pagar suas contas, então se calam. Eles nunca vão questioná-lo, eles vão dançar no seu ritmo.

— Mas você não vai, não é? — Ele tira um fiapo imaginário de seu ombro.

—Não. — Dou um passo à frente e me aproximo mais dele.

O calor de seu grande corpo me atinge. Sinto sua raiva vibrar, formando uma bolha cheia de tensão que nos envolve, mas não que eu me importe.

Eu cheguei até aqui, não foi? Agora tenho que terminar o que comecei.

— Aquelas pessoas lá fora? — eu aponto o polegar na direção da porta — Eles não têm ideia da escuridão que se esconde sob esse seu comportamento polido. Que no fundo você é inseguro quanto a sua riqueza, sua posição. Você acha que pode perder tudo em um piscar de olhos, então você a segura com mão de ferro com suas mãos gananciosas.

Ele une as sobrancelhas e aperta a mandíbula com tanta força que eu posso literalmente ouvi-lo ranger os dentes. *Tomara que alguns desses brancos perolados quebrem.*

— Continue. — Sua voz é tão suave, tão baixa, mas consigo sentir a ameaça em seu tom. A adrenalina entra em minhas veias, atinge meu estômago e se acumula entre as minhas coxas. Eu engulo em seco. Resisto à vontade de fechar as mãos em punho, de piscar e desviar o olhar. *Dê meia volta e fuja agora, antes que tudo vá para um ponto sem retorno.* Mas, na verdade, eu já tinha passado desse ponto há muito tempo. Não há mais espaço para arrependimentos.

Eu endireito meus ombros, mas continuo encarando aquele olhar cor de anil ardente.

—Você usará seu poder para conseguir qualquer coisa, para solidificar seu falso espaço no mundo. Talvez consiga lavar os lucros do seu negócio em alguma besteira sem fins lucrativos, e construir uma reputação falsa. Porque é isso o que você é, uma farsa. Alguém que não tem ideia do que é fazer o bem, que poderia usar seu dinheiro para fazer a diferença na vida dos outros, mas não o faz. Você não tem ideia do que é não ter dinheiro, de viver com medo por não saber se terá o que comer ou se conseguirá manter o teto sobre sua cabeça, do que é não dormir preocupado com a saúde de um ente querido.

Faço uma pausa, respiro fundo e volto a carga.

— Sabe, mesmo convencido de que é um fracassado porque todos os seus sonhos viraram fumaça, quando você vê os dias passando e percebe que está mais perto do túmulo, tenta lutar e se agarrar ao que lhe resta de vida, transformando o presente em algo melhor, pois sabe que o tempo está acabando, escorrendo pelos seus dedos, mas tudo que você vê quando está na frente do espelho é você mesmo, um completo fracasso, e mais nada.

Assim que termino, vejo que estou arfando e sinto as lágrimas ameaçando transbordar. Quando foi que deixei de falar sobre seus defeitos para desnudar minha alma? Cada coisa que eu disse sobre ele é verdade, mas as que falei sobre mim, também. Isso se tornou uma espécie de guerra estranha, na qual não haverá vencedor. Correção, a pessoa que vai perder tudo sou eu.

Ele tem dinheiro e posição. A reputação, ele sempre pode reconstruir. E eu? Vou perder tudo o que importa para mim, vou ficar sem nada, e nem mesmo terei meus sonhos esfarrapados para me agarrar. Eu o chamei de farsante, quando na verdade a grande impostora ali sou eu. Meus ombros caem. Um sentimento sombrio de desânimo corre em minhas veias. A vergonha inunda cada milímetro do meu corpo, e tenho certeza de que ele percebeu o quanto já me arrependo dessa explosão. Grande lutadora eu sou.

Eu me arrasto em direção à porta.

— Passarinho?

— O quê? — Não me viro. Não quero ver no rosto dele o triunfo presunçoso que, sem dúvida, coroa as feições do cretino. *Alguém me mate agora, por favor.* Oh, espere, não precisa, eu já estou fazendo um trabalho muito bom em me enterrar viva sem ajuda.

— Meu telefone.

— Hã? — Olho para o dispositivo elegante que ainda seguro entre meus dedos. Droga, poderia pelo menos ter feito minhas unhas. Talvez não indo a uma manicure num salão, mas eu poderia

ter permitido que Karma as lixasse, como ela frequentemente se oferecia para fazer. Que pensamento estúpido!

Eu me viro mais uma vez, me arrasto de volta em direção a ele.

Cada passo me traz mais perto de seu calor, daquele cheiro masculino que é só dele. Sua presença dominante cria uma aura invisível, e se eu entrar em seu campo de influência estou acabada, estarei presa para sempre nas ondas do seu magnetismo, que me envolveriam, me atrairiam e me consumiriam até que eu me esqueça de mim mesma, de tudo o que era importante para mim... como o mundo que só me trouxe decepção até agora.

Paro a alguns passos dele e estendo o telefone.

Uma batida. Outra. Mais uma. Meu coração parece que vai sair pela boca.

Ele não faz nenhum movimento. Eu olho para ele e suspiro. Aqueles olhos... A escuridão de sua íris parece ter ficado ainda mais profunda. Suas feições são tão duras que poderiam ter sido esculpidas em algum metal ainda a ser inventado, como o...

— Aço-Aranha. — *Ahhh...sério que falei isso? Ai, garota, agora não é hora de mostrar sua preocupação com trivialidades inúteis.*

— O que disse? — Ele me encara, confuso.

— Ah, é... é o biomaterial mais forte... é, mais forte que o aço e é biodegradável.

— E...?

— Seu rosto poderia ter sido esculpido com esse material, ele é tão...

— De tirar o fôlego?

Ele diz isso com uma cara séria. Ele realmente deve se achar o máximo.

— Feio. — Eu inclino meu queixo para cima e balanço seu telefone na frente dele. — Assim como seu telefone idiota, que já

que parece que você não o quer de volta, eu vou...

— Muito temperamental, Passarinho. —Ele estala a língua.
— E justamente depois daquele belo discurso que você vomitou em cima de mim, você se comporta assim?

— Adivinha, idiota? — — Me entrega. — Ele estende a mão, com a palma virada para cima.

— Tarde demais. — Jogo o telefone por cima do ombro dele.



A esposa falsa
DO BILIONARIO

Sinclair

Capítulo 16

Ela gira e corre em direção a saída.

Por pura sorte, ou puro instinto, eu levantei meu braço e peguei o telefone no ar.

— Sua diabinha!

Eu avanço e a agarro pela cintura com meu braço livre. Ela grita e se esforça para escapar do meu aperto. Eu a puxo contra mim, suas costas grudadas no meu peito, a curva daquela bunda doce pressionada contra minha virilha. Claro que fico instantaneamente duro. Meu pau estufa minhas calças e se encaixa no vale entre suas nádegas. Ela estremece, então seus ombros enrijecem. Cada parte dela fica rígida.

— Deixe-me ir. — Ela bufa.

— Depois do que fez comigo? — Eu abaixo minha cabeça até meus lábios roçarem sua orelha. Ela estremece. Sinto seu cheiro se espalhar no ar. Oh, sim, a pequena provocadora está tão excitada quanto eu. — Que, aliás, falhou.

— Hã?

Enfiei o telefone na frente do rosto dela.

— Droga. — Seus ombros caem — Ai, Summer, você não consegue fazer nada direito, né?

Sua autodepreciação é evidente em seu tom, e algo quente apunhala meu peito. Toda sua autoconfiança parece ter sido drenada dela. Mas por que eu deveria me incomodar com isso? Não era o que eu queria desde o início, ela à minha mercê? Mas depois daquele discurso explosivo que ela fez, sentia que algo tinha ficado alojado em algum lugar dentro de mim. Embora nada do que ela tenha dito retratasse a minha realidade. Claro que não.

Eu não sou inseguro, não sou aquele que está agarrando sua posição no mundo como se só isso lhe importasse. É importante, é

claro. Não, não estou admitindo que ela estava certa.

Tudo o que fiz até agora foi com um objetivo maior. É um meio para um fim. Assim como ela. Então por que estou hesitando agora que a tenho onde a quero? Fraco. Porque eu prefiro que ela lute comigo, me desafie, me enfrente... É muito mais divertido do que o que acontece com o resto dos meus funcionários, que fogem só de me ver. Talvez eu esteja entediado e queira que alguém além dos membros do grupo dos Sete brinque comigo, não é? E, tenho que confessar, ela é muito mais agradável aos olhos do que qualquer um daqueles paspalhos.

— Você vai se desculpar, Passarinho?

Ela se esforça para se soltar de mim e eu aperto mais meu braço sobre ela.

—Você vai admitir que errou na sua análise?

—Não. — Sua coluna endurece.

— O que você disse? — Franzo a testa.

— Eu não fiz nada de errado. Fui precisa na minha fala sobre você. Essa é a única coisa em que realmente sou boa, avaliar uma pessoa.

— Ah, sim! — Eu movo meu quadril contra sua bunda. Meu pau engrossa. —E o que você me diz sobre o tamanho disso?

— Eu poderia processar você por assédio sexual. — Seu corpo inteiro estremece —Não seja grosseira.

— Estou sendo grosseira? — Ela dá uma risada curta.

—E falsa.

—Sério? Você precisa examinar essa sua cabeça.

—Prefiro examinar... você.

—Aargh. — Ela tenta me dar uma cotovelada, mas eu desvio. Ainda bem que sou ágil, e seu cotovelo apenas raspou meu abdômen. A ouvi bufar.

—Fica quieta ou você vai se machucar.

— Para de me dizer o que fazer.

— Não fui eu que começou.

Ela faz um som sibilante. Que fofo. Eu mordo o interior da minha bochecha.

—Você está começando a soar como um disco de vinil arranhado.

—E você está me irritando profundamente. — Ela joga a cabeça para trás e encosta no meu peito. As vibrações que sinto com esse movimento ricocheteiam até o destino inevitável... minha virilha. Fico ainda mais excitado. *Porra.*

Eu corrijo minha postura. Ela aproveita para entrelaçar os dedos, levanta os braços e enterra os cotovelos no meu plexo solar.

Estrelas piscam atrás dos meus olhos. Minha visão se turba.

— Já chega.

Eu a empurro contra a mesa de conferência, e ela guincha.

Eu a inclino para que sua bochecha fique plana na superfície. Sua bunda se projeta no ar e se encaixa muito bem na minha frente, muito obrigado por isso. Eu deixo cair o telefone na mesa, então flexiono meus dedos.

— Se você continuar a se portar assim, vai só piorar as coisas.

— Me deixa. — Ela me dá um chute, que pega na minha canela.

Minhas coxas dobram com a dor.

— Não vou deixar isso impune. — Dou um passo para trás, colocando um pouco de espaço entre nós, então bato na bunda dela uma vez.

Seu corpo inteiro estremece.

— Jesus — ela grita.

—*Você ligou, querida?*

— Ah, meu Deus, isso foi além do brega. Você leu o livro *As Dez Maneiras de Seduzir uma Mulher*? Para seu governo, idiota, este não é um deles, tá?

— É *Um Milhão de Maneiras*, na verdade. Eu que escrevi.

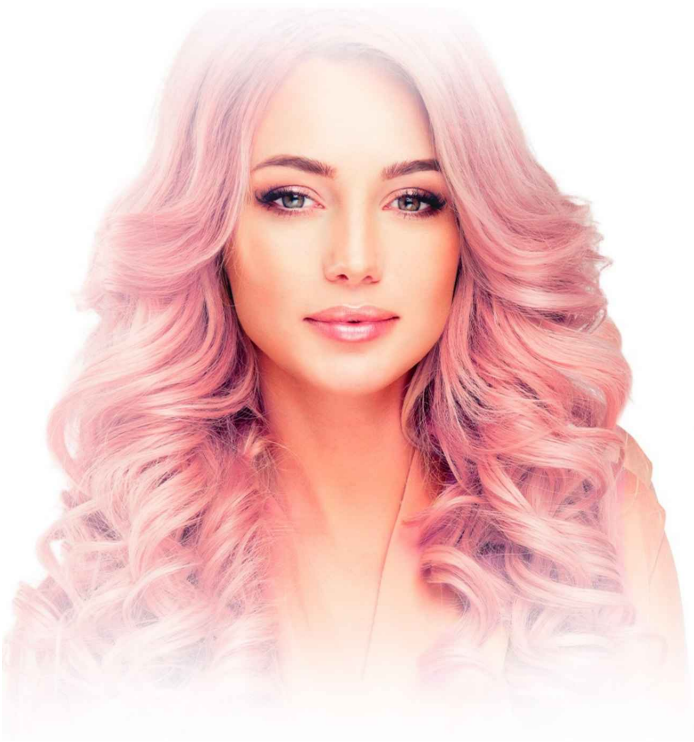
O silêncio perdura por mais uns segundos até que ouço sua risada. Um peso sai dos meus ombros. Seria culpa por como estou me comportando com ela? Quando estou com ela me entrego a ações as quais sempre me arrependo depois. Que diabos está acontecendo aqui?

— Somos altamente inflamáveis quando estamos juntos — sussurro, meus dedos sobre sua mandíbula deliciosa — e é aí que está o problema.

—Ah, não... não, não, não. — Ela balança a cabeça. —Não tente atribuir isso a uma química estranha que nos atrai, do tipo que eu te odeio porque secretamente me sinto atraída por você, porque isso não é verdade, não estou atraída por você. Não estou.

— Que tal descobrirmos se é verdade ou não?

Puxo sua saia-lápis para cima e deixo sua bunda de fora.



A esposa falsa
DO BILIONÁRIO

Summer

Capítulo 17

O ar frio atinge minha bunda exposta.

O que ele vê? Meu traseiro coberto por uma minúscula calcinha vermelha, a que ele tinha comprado para mim. Eu engulo em seco. Foi por isso que ele deixou na cadeira essa lingerie de seda e renda, e eu não resisti em vestir, né? Ele estava planejando essa cena o tempo todo. Eu empurro meu corpo para cima, tento me virar, e o ouço estalar a língua. O sangue lateja em minhas têmporas. *Como ele ousa me tratar assim?* Eu uso meus braços como alavanca e torço meu tronco, ou pelo menos tento, porque ele joga o peso de seu braço em volta da minha cintura, efetivamente me prendendo na superfície de madeira.

—Ei, o que você está...? — Ele separa minhas pernas usando uma das suas e eu perco a fala.

Ele insere seus dedos sob o cós da minha calcinha. Eu fico com dificuldade de engolir. O calor de seu corpo queima a parte de trás das minhas coxas.

—Então você estava dizendo...? — Ele debocha.

Estava, é? O que eu estava dizendo mesmo? O que...

— O que aconteceu com toda aquela ousadia, hã?

Por que ele ainda está falando? Por que ele não cala a boca e executa logo a humilhação que ele tem em mente, hein?

— Devo dar mais umas palmadas em você de novo?

Sim.

Sim.

Eu balanço minha cabeça.

— Gostou tanto assim, Passarinho?

Na verdade, estou me apegando a esse apelido, não que eu vá lhe dizer isso. Se eu o fizer, aposto que vai insistir em jogar isso

na minha cara o tempo todo, e... ei, eu não tinha balançado a cabeça?

— Aquilo foi um 'não', Sr Espertinho...

Ele bate na minha bunda de novo e eu grito.

Honestamente, o tapa não foi tão doloroso, era apenas o meu ego que estava dando um chute na sua retaguarda... traseira... traseiro... haha, bom, não era hora para jogos de palavras.

Ele dá um tapa na minha bunda, mas mais forte dessa vez. Bastardo, provavelmente leu minha mente. Sinto sua mão se conectar com meu traseiro novamente, e meu corpo inteiro se move para frente desta vez com a força do golpe. Um gemido sai dos meus lábios. Que merda!! Eu não gostei disso, eu não....

Ele traz sua palma para entrar em contato com minha bunda novamente. A dor aquece meu sangue e a umidade se acumula entre minhas coxas.

—Então você estava dizendo que não sente atração por mim, certo?

Mais um tapa. Eu grito de novo.

—Você disse que eu não conseguiria seduzi-la, não é?

—Ei, não foi isso que eu...

Outro tapa. Meu corpo inteiro estremece. Minhas costas formigam. Meus dedos do pé se curvam. Eu bufo, e fecho minhas mãos em punho. Eu não vou gritar novamente. Não vou.

—Você disse que não há nada entre nós...

—Você está distorcendo minhas palavras, seu idiota.

Ele me vira.

—Sua calcinha que está torcida, totalmente fora do lugar, querida.

Ele segura o espaço entre minhas pernas, e eu olho para ele, minha respiração ofegante. Minhas costas latejam, meu couro cabeludo parece estar pegando fogo.

Ele toca minha boceta coberta pelo tecido, e a umidade entre minhas pernas se intensifica. O calor faz minhas bochechas queimarem.

—Você está deliciosamente encharcada.

Obrigada por dizer o óbvio.

Ele massageia meu núcleo, e um gemido treme na minha garganta. Ele desliza os dedos sob a costura da minha calcinha, e eu ofego. Arrepios tomam a minha pele. *Por favor. Por favor, não pare. Por favor, deslize seus dedos dentro da minha calcinha, e os enfie em minha boceta molhada que espera ansiosa por isso. Inferno, o que se tem que fazer para conseguir ser fodida por uns dedos, hein?*

—Diz.

Eu franzo a testa.

—Você sabe que você quer.

—Não.

Ele usa a palma da mão para esfregar meu monte, e seu toque combinado com a fricção do tecido contra meu clitóris... Ah! Uma sucessão de tremores varre meu corpo. *Não, não, não.* Assim não. Eu mordo meu lábio inferior e suas narinas se dilatam. Ele abaixa a cabeça, até que nossos cílios se emaranham.

—Já atingiu o clímax em uma sala de reuniões antes, querida?

Eu faço uma careta para ele e sua boca se curva.

— Foi o que pensei. — Ele tira a mão e eu pisco.

O que...? Ele coloca a palma da mão de volta na minha boceta já sensível, e não contenho um grito.

Todo o meu corpo fica tenso, minha coluna se curva, e o orgasmo sobe para envolver minhas coxas, minha cintura... percorre minha espinha e chega aos meus olhos. Faíscas de vermelho e preto nublam minha visão. A umidade jorra entre minhas coxas.

Meus ombros tremem, meus seios doem e o vazio dentro do meu sexo se intensifica.

Eu abro meus olhos para encontrá-lo examinando minhas feições.

—Você fica linda quando goza, Passarinho. — Algo queima profundamente naqueles olhos —Você é única, sabia disso?

O calor que me toma cora minhas bochechas.

— Você acabou de dizer o que eu acho que você disse?

Imediatamente, todas as emoções desaparecem de seu rosto e suas feições se fecham. *Ah, então é assim, né?* Então vamos ter que deixar passar batido que o cretino me mostrou a primeira rachadura em sua armadura?

—Você gosta de curiosidades, Pink? — Ele franze a testa e uma linha se forma entre suas sobrancelhas lindamente arqueadas.

E aqui vamos nós novamente. Estou começando a me familiarizar com sua natureza manipuladora. E *P.S.*, eu gosto menos desse apelido. Eu levanto meu queixo.

— Quantos orgasmos você acha que uma mulher é capaz de ter no espaço de cinco minutos?

Não pense que é uma pergunta retórica. Além do mais, tenho a sensação de que vou descobrir isso logo, logo. Aliás, antes que ele ache que eu vou responder a essa pergunta, ele completa com outro pensamento.

—Espero que você esteja contando.

Seus lábios se curvam nos cantos, sua intenção brilhando em seus olhos.

Espera. Quê? Não, não.

Ele desliza o dedo dentro da minha calcinha e o enfia na minha boceta molhada. — Ah! — Perco o ar. Meus quadris tremem.

— Isso te excitou, Passarinho? — Ele acrescenta um segundo dedo, e um terceiro. Eu suspiro. Pontadas de prazer

irradiam do meu núcleo. Ele enfia os três dedos mais fundo, então os curva. Minha respiração fica presa e minhas coxas espasmam. Meus olhos reviram nas órbitas. OH MEU DEUS. O que ele está fazendo comigo? Uma sensação de vibração sobe pela minha espinha e desce novamente. Meu corpo inteiro parece estar vivenciando uma sensação fora do corpo. As vibrações se intensificam. Eu o sinto se inclinar em minha direção.

Ele fica parado em cima de mim por um segundo, tempo o suficiente para eu conseguir um pouco de ar, mas o sinto tirar os dedos de mim. Eu abro os olhos a tempo de vê-lo pegando seu telefone, que está tocando. Ele coloca o aparelho entre a orelha e o ombro e atende a chamada.

— Alô?

Que diabos? Ele atendeu o telefone e me deixou no vácuo? A raiva explode nas minhas entranhas. Eu inclino meu queixo, levanto meus ombros da mesa, mas ele volta a enfiar os dedos dentro do meu núcleo pulsante. Isso é o cúmulo! Bati a mão na mesa. Seu olhar trava com o meu. Os olhos cor de anil escurecem e se tornam quase pretos, escuros, taciturnos, assim como o resto dele. Suas feições se contraem com uma intensidade quase dolorosa, sua mandíbula treme.

— O que houve? — Ele fala ao telefone.

Ele está realmente mantendo uma conversa enquanto está com os dedos dentro de mim?

Quero dizer... honestamente... não acredito nisso... isso não está acontecendo. Sem chance. A adrenalina corre em meu sangue.

Eu empino o corpo na mesa, tentando me levantar, mas ele consegue engancha os dedos dentro de mim novamente, e novas sensações fazem minha espinha estremecer, meus dedos dos pés se curvam e os das mãos, formigam. Meu couro cabeludo parece estar pegando fogo. *Ah, não, não.*

Eu não vou gozar para esse idiota, não quando ele não mostra ter nenhum respeito por mim, não quando ele está

conversando com outra pessoa no telefone e dando a mínima para mim. Os pelos dos meus antebraços se arrepiam e meus mamilos endurecem. Não pode ser, eu ainda estou excitada? Meu sexo aperta. *Jesus, eu não posso estar excitada.* Meu barômetro de merda não entrou em combustão espontânea agora, não é?

Ele puxa os dedos, se inclina sobre mim e fica perto o suficiente para sua respiração levantar o cabelo na minha testa.

— Essas projeções estão muito fora da realidade. De jeito nenhum vou pagar 50% a mais por uma marca que está claramente em declínio.

A voz no telefone grasna algo que não consigo entender.

E ele está discorrendo sobre números enquanto me masturba? A cor cora suas bochechas e suas narinas se dilatam. O bastardo está se divertindo imensamente. É a perfeita demonstração de superioridade, dando um foda-se para o mundo, dizendo que ele pode fazer o que diabos ele quiser que nunca será punido. Eu cerro meus dedos em punho. Eu serei sua queda. Eu juro por tudo o que me é caro que vou me vingar por essa humilhação que ele me fez passar hoje. Ele continua enfiando os dedos dentro de mim e um tremor sobe pelas minhas coxas, seguido do mais profano de todos os orgasmos que poderia me dominar. Um gemido escapa dos meus lábios.

A voz do outro lado do telefone fica em silêncio. Então ouço:
— Sinclair, você está com alguém aí?

—Claro que não, não há ninguém na sala comigo.

Ninguém?

Ei, eu sou mais do que a soma de todas as pessoas que você já conheceu na vida, idiota. Eu abro minha boca para dizer isso a ele, mas seu olhar se estreita, ele abaixa a cabeça e fecha a boca sobre a minha.



A esposa falsa
DO BILIONARIO

Sinclair

Capítulo 18

O gosto dela penetra na minha boca.

Mel e cerejas misturados com algo tão intangível, tão delicado, que minha cabeça gira. Eu inclino minha cabeça para encaixar melhor nossos lábios e seu corpo inteiro fica rígido. Eu lambo sua boca. Sinto as ondas de sensação tremerem em seu peito e seus seios arfam. Eu mordisco seu lábio inferior e sua boca se abre. Eu enfio minha língua, danço sobre a dela, e seu gosto se intensifica em minha boca.

Nada inocente, nem um pouco.

Tão forte, tão sensual, com camadas tão complexas que eu levaria meses, anos, para decifrá-la, para resolver o quebra-cabeça que ela é. Minha virilha lateja, meu pau endurece. Eu giro meu polegar em torno de seu clitóris e um gemido treme em sua garganta. Eu o sorvo com meus lábios.

Eu passo minha língua por seus dentes afiados e arrepios surgem na minha pele. Um rosnado baixo ressoa no meu peito, eu me inclino mais para frente, então meu peito prensa seus seios.

— Então você percebe que temos que rever este acordo.

Eu aprofundo o beijo, e o tremor de seu corpo se intensifica. Sua coluna se curva. Seus seios se empinam para cima. Eu movo a palma da minha mão contra o botão inchado de seu clitóris, e ela explode.

Seu corpo estremece, sua cabeça cai para trás, gemidos de prazer jorram de sua boca dentro da minha. Eu engulo tudo, até a última gota de seu prazer. Meu peito dói. Meu pau se contrai, mas me contenho, de jeito nenhum eu vou gozar nas minhas calças. Sinto ela ficar mole debaixo de mim.

— Sin, você está aí?

Eu afasto minha boca da dela.

— Não vou alterar nada. Ou aceitam minha oferta ou podem ir para o inferno.

Há silêncio do outro lado da linha, mas logo veio uma resposta.

— Entendi.

Eu jogo o telefone de lado, certificando-me de desligar a chamada antes.

Ela está de olhos fechados e um gemido rouco sai de seus lábios. Meu pau endurece ainda mais e minhas pernas tremem. E *esta* é a minha deixa. Eu deveria me afastar dela. Deveria pagar até o último centavo que devo a ela e libertá-la. Mas deixaria de lado tudo o que lutei por toda a minha vida?

Ela abre os olhos, e aquelas lindas íris verdes me encaram, as pupilas ainda dilatadas pelo orgasmo que arranquei dela. Mas lá no fundo, a dor tremula. Eu abusei da minha posição. Inferno, eu tenho quebrado todas as malditas regras desde a primeira vez que a encontrei. Mas, e daí?

Que diferença faz ter mais uma mentira para acrescentar a minha cada vez mais extensa lista de prazeres secretos? Justo no topo está ela.

Eu puxo meus dedos de dentro dela e nós dois estremecemos. Eu levo minha mão em direção a sua boca e coloco meus dedos entre seus lábios, e ela os chupa.

Eu sinto aquela sucção até na ponta do meu pau, que fica mais duro, se é que isso é possível. *Tenho que me afastar dela. Agora.*

Eu tiro meus dedos de sua boca, então os trago para a minha e lambo a combinação de seus sucos. Suas pupilas dilatam ainda mais, o cheiro de sua excitação me toma as narinas... e a minha se intensifica. *Não*, não posso ficar ali, porra, estou perdendo meu autocontrole. Eu me afasto e seu olhar me questiona. Quando ela separa seus lábios, eu não consigo me conter, eu não posso.

Eu me aproximo novamente, abaixo minha cabeça e a beijo. Ah, ela é tão malditamente doce, tão irresistível. Deixo seus lábios e mordisco sua pele, indo do queixo até sua têmpora. Pressiono meus lábios na pele macia.

—Você está bem?

Silêncio. Então ela assente.

— Que bom.

Eu me levanto e estendo a mão para ela, que faz uma careta para mim, olhando do meu rosto para a palma da minha mão, então finalmente pega meus dedos. Eu a puxo para que se sente, depois a coloco de pé. Ela perde o equilíbrio e eu a apoio, segurando-a pelos ombros. Quando vejo que ela consegue se firmar, eu a solto. Em seguida, ela desce a saia, cobrindo seus quadris. E a ajudo, e meus dedos roçam suas pernas, ela estremece. Eu dou um passo para trás, colocando distância entre nós.

—Você ainda não me mostrou seu planejamento.

Ela me encara, parecendo atordoada com minha colocação.

— Planejamento? — ela murmura.

— Te encontro em meu escritório, em dez minutos. — Eu me viro e sigo em direção a porta, mas antes de sair da sala, acrescento. — Você estará segura lá, não se preocupe.

Por que eu tive que dar essa nova chance a ela? Eu não cedo um milímetro, nunca, não entendo por que com ela tudo é diferente. Deve ser porque ela é crucial para o sucesso do meu plano, e eu quase estraguei tudo. Quase. Bem... eu levanto meus ombros e os deixo cair em seguida. Que pena. Hora de seguir em frente. Se tem uma coisa em que sou bom, é aprender com meus erros, e esse Passarinho aqui é o maior de todos.

— Você espera que eu acredite nisso? — Sua voz sai firme.

Ótimo. Uma onda de orgulho enche meu peito. Ela é mais forte do que imagina. Eu olho para ela por cima do ombro — O que você acredita ou deixa de acreditar é irrelevante.

Ela se ergue em toda a sua altura, o que ainda significa que tem que inclinar bem a cabeça para trás para encontrar meu olhar. A diabinha é destemida. Ou ingênua. Ou, o que é mais provável, ambos.

—Tenho muitos defeitos, mas mentir não é um deles.

Mas esse não é, na verdade, o maior de todos eles?

Ela cruza os braços.

— Como se eu tivesse escolha...— ela murmura.

— Não, você não tem.

— Não precisa esfregar na minha cara. — Ela balança a cabeça, — Onde fica seu escritório?

— Um andar abaixo, a sala no final do corredor. Não tem erro.

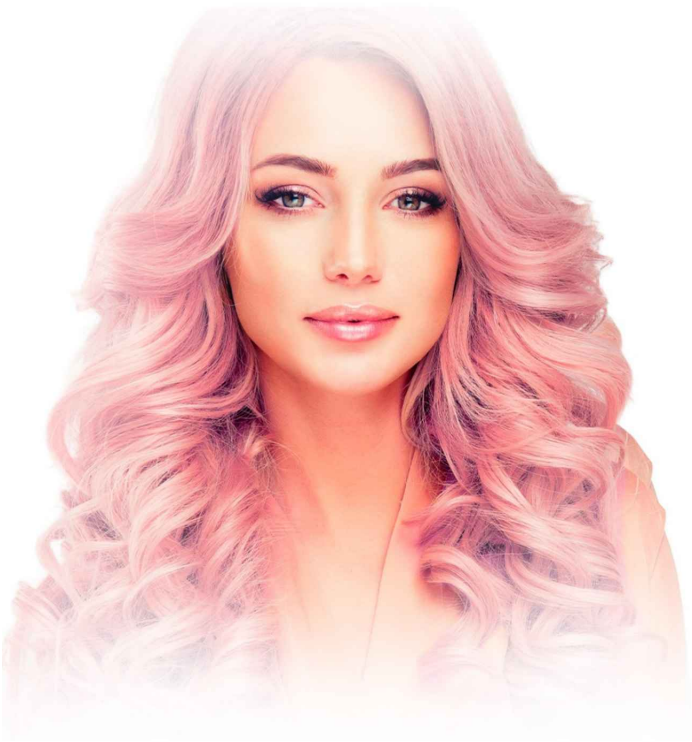
— E lá tem chicotes, correntes e cabritinhos esperando para serem sacrificados ao diabo?

Não consigo evitar que meus lábios se curvem.

— Se você quiser, mando providenciar. — Abro a porta, mas antes de sair, a chamo —Ah, Passarinho, mais uma coisa.

— O quê?

—Não se atrase.



A esposa falsa
DO BILIONARIO

Summer

Capítulo 19

Eu seguro meus pulsos sob a água da torneira do banheiro. Os pelos dos meus braços estão arrepiados. *Controle-se. Está tudo bem.*

Vai dar tudo certo.

Eu gozei nos dedos do meu novo cliente enquanto ele negociava algum tipo de acordo pelo telefone. Aperto minhas coxas e me olho no espelho.

O que tem de errado comigo? Eu não achei realmente excitante o que ele fez comigo, não é?

O controle completo de suas ações enquanto me fodia com os dedos, me levando não a um, mas a dois orgasmos, bem ali na mesa de conferência, era algo... hedonista. Essas coisas não acontecem na vida real. Que audácia do cara!

Será que ele já tinha feito isso com outra mulher antes? Fecho a torneira e fico segurando o metal frio. Claro, com certeza. Mas, será que já tinha feito isso naquela mesma sala de conferências? Lá não há câmeras, então não corre risco de ter evidências incriminatórias de seus encontros.

Eu levanto meu queixo. Eu não vou ser mais um número na longa lista de amigas de foda que ele com certeza tem. Não quero que ele ache que seu poder e sua conta bancária podem me comprar. Mas... não foi o dinheiro dele que me trouxe até aqui no fim das contas?

É ele quem dá as cartas. É ele que pode me dar o que eu desesperadamente preciso. Droga, nem vendendo meu corpo eu iria conseguir a quantia que ele está me oferecendo, pelo menos não tão rápido. É a minha vida, a vida da minha irmã, o destino do meu negócio que estão em jogo aqui.

Mas até onde eu iria para garantir meu futuro? Eu me venderia para satisfazer as perversões de um homem? Ainda mais

de um obcecado pelo poder, um imbecil detestável, mas tão lindo que faria uma mulher desmaiar só de olhar para ele mesmo estando a metros de distância. E aquele corpo? Eu engulo em seco. Ele parecia ter saído das páginas de uma revista de moda. Sem mencionar que tem uma mente afiada, totalmente focada em seus objetivos. Ele consegue resolver um negócio complexo, mesmo tendo o resto de seus sentidos sendo empregado para realizar outras tarefas. O homem literalmente dividiu sua atenção entre mim e cálculos frios, garantindo sua satisfação com as transações que negociava e a minha.

A umidade toma conta da minha calcinha já molhada. Eu mudo meu peso de pé para pé. Droga, eu não tinha escolha. Eu tiro minha calcinha e a enfio dentro da minha bolsa.

Nesse momento, a porta se abre e uma mulher mais velha entra. Ela está vestida com uma saia justa, um blazer e saltos altos. Ela faz uma pausa na pia ao lado da que estou e dá uma ajeitada em seu cabelo já elegantemente penteado. Nem um fio de cabelo está fora do lugar. Encaro meu reflexo. Meu rosto corado, e os fios de cabelo rosa estão grudados na minha testa. Agarrando uma toalha de papel, eu enxugo a pele brilhando de suor. Seu olhar encontra o meu no espelho.

—Você tem uma pele linda.

— Obrigada. — Mordo o interior da minha bochecha.

—Você é nova aqui?

— Acertou, mas não vai ganhar nenhum prêmio por isso. — Minha voz sai mais irônica do que eu pretendia.

—Não se deixe afetar por ele.

— Ele quem?

— Sinclair. — Ela pega seu pó compacto na bolsa e passa no nariz. —O latido dele é pior que a mordida.

— Ah, tá.

— Ele teve uma infância difícil.

— Difícil? — Eu volto minha cabeça em sua direção.

— As coisas horríveis que ele e o resto dos Sete enfrentaram quando eram crianças teriam levado muitos a cometer suicídio ou a seguir pelo lado errado da vida. — Ela fecha a caixinha do pó compacto. — Admito que às vezes saem dos trilhos, mas eles contam com o apoio um do outro e com a verdadeira lealdade que existe entre homens... Bem, há eventos que moldam o caráter de um homem, sabe?

Os Sete? Quem são os Sete? É por isso o nome 7A? Como faço para saber mais sobre eles? Eu amasso o papel em uma bola e o jogo na lixeira.

— Não há honra entre ladrões. Isso não significa que suas ações descabidas podem ser toleradas.

— E se você não estiver vendo o quadro por inteiro e sua visão parcial prejudicar seu julgamento?

— O que você quer dizer com isso?

Suas feições suavizam.

— Deixo para você descobrir. Você é uma mulher inteligente, certamente vai conseguir juntar as peças desse quebra-cabeça sozinha. — Ela estende a mão e dá um tapinha no meu ombro.

—Vamos, querida, ele odeia atrasos. — Ela se vira e se dirige para a porta.

— Espera.

Ela para e volta seu corpo em minha direção.

— Quem é você?

—Trabalho para os Sete, estou com eles desde o início.

— Início...

— Quando eles fundaram sua primeira empresa.

Eu procurei saber sobre os antecedentes do Sr. Cretino, é claro, mas não descobri muita coisa. Ele deve manter seus registros sob sigilo, porque não encontrei quase nada sobre ele. Só achei

umas matérias sobre a compra da falida Tenor Investimentos, que ele renomeou para 7A Investimentos. Ele se manteve fora dos holofotes desde então. Aposto que ele usa seu poder/dinheiro para comprar sua privacidade. E agora há a Mídia BV, a empresa para a qual estou trabalhando, que acaba de ser lançada. Essa foi a última notícia que encontrei, quando pesquisei na internet ontem à noite antes de dormir. Ando em direção à mulher.

—Isso é tudo que vai contar para mim?

—Por enquanto, sim. — Ela enfia a mão na bolsa e tira um cartão. —Venha me fazer uma visita quando tiver um tempo.

Eu pego o cartão. *Meredith Vicent*.

— Foi você que me mandou um e-mail?

Ela balança a cabeça, confirmando.

No papel não há função, nenhum número de telefone ou endereço de e-mail. Só seu nome.

—E você tem um cargo tão alto na empresa que não precisa de apresentação?

Ela ri, e o som é tão contagiante que não consigo evitar que meus lábios se torçam para cima.

—Não seja boba. — Ela olha bem dentro dos meus olhos. — Meu trabalho é altamente confidencial. Eu trabalho para os Sete e não preciso me apresentar a eles, preciso?

Certo. Isso não faz muito sentido, mas vou aceitar qualquer apoio que puder obter neste lugar.

—Então você vai me ajudar?

—Tenho a sensação de que vamos *nos* ajudar. — Ela empurra a porta e sai.



A esposa falsa
DO BILIONARIO

Sinclair

Capítulo 20

Ela está exatamente quinze segundos atrasada. Ando de um lado para o outro na frente da minha mesa. Olho novamente para o relógio no meu pulso.

Vinte segundos agora.

Como ela ousa me deixar esperando? Eu passo meus dedos pelo cabelo. Por culpa dela, minha manhã inteira está fora do curso normal. Eu tinha perdido a segunda reunião do dia, porque eu tinha me distraído. Às 9 da manhã, que era sem dúvida a hora do dia em que eu estava mais concentrado, não consegui trabalhar, porque bastou olhar para ela que todos os pensamentos coerentes foram drenados da minha cabeça, e pior, deixando uma parte de mim latejando e doendo, me lembrando que estava muito viva.

Meu pau se contrai novamente e minhas pontas dos dedos formigam. Trago meus dedos até meu rosto e cheiro. O perfume de sua excitação nubla meus sentidos. Meu pau endurece imediatamente. Droga, por que eu não lavei as mãos?

Por quê? Porque queria manter em mim a prova de que a fiz se contorcer e pulsar debaixo de mim, de tê-la visto implorar por mais. Se aquela ligação do filho da puta do Saint não tivesse me interrompido...

Tenho que me lembrar de esmurrá-lo na próxima vez que nos encontrarmos. Se ele não tivesse telefonado para falar daquela negociação.... que, a propósito, vencemos e iremos expandir nossa presença no Sudeste Asiático. Outro mercado, outro dia.

Dominar o mundo é pelo que vivo. Estávamos negociando essa aquisição nos últimos seis meses e as coisas seguiram o fluxo esperado. Mais um bilhão entrará em nossas contas até o final deste trimestre financeiro; estaremos ainda mais ricos. Teria mais recursos ainda para ir atrás do bastardo que nos causou tanto

sofrimento. E eu tenho um importante peão neste movimento exatamente onde eu quero. Ao meu alcance. À minha mercê.

Eu massajeio minha nuca. Então por que não estou satisfeito? Tento afastar essa sensação estranha que apunhala meu peito.

Não há nada pessoal no que estou fazendo. Ela é um meio para um fim. Sei que não é culpa dela ser a personificação dos meus piores pesadelos, mas preciso usá-la para quebrar meu inimigo. Mas então por que estou andando para frente e para trás, seguindo uma linha no piso de madeira?

Olhei em volta, observando o meu escritório, com seus painéis de madeira, os sofás de couro e estantes com livros do chão ao teto. Foi mobiliado de forma a atender minhas necessidades e meus gostos, dado o tempo que passo nele. Havia ainda uma poltrona feita sob medida e, em frente a ela, um sofá-cama, grande o suficiente para que ficasse confortável nas ocasiões em que tivesse que dormir aqui.

O couro escuro do sofá destacaria lindamente sua pele cremosa, suas sardas em seus braços, e os cachos rosa de sua cabeça, porque sua boceta é tão lisa quanto no dia em que nasceu.

Meu pau cresce, esticando o tecido da minha calça. Que porra, essa mulher vive se infiltrando em meus pensamentos! Me volto em direção a porta assim que ouço uma batida. Relaxo meus ombros e ordeno.

— Entre.

O silêncio se estende.

Pelo jeito, ela está se recompondo também. *Que comecem os jogos, Passarinho.* Resolvo ir para minha mesa, era melhor colocar uma barreira entre nós. Me apresso e sento em minha cadeira.

Ela abre a porta e fica por uns instantes na soleira.

Eu abaixo meu olhar para a cadeira em minha frente, então o volto para seu rosto.

Seus lábios se apertam. O fogo queima naqueles olhos. Meu pau instantaneamente estica minhas calças. *Essa garota é corajosa.* Ela é uma lutadora por natureza. Isso é bom. Ela vai precisar de toda essa força para aguentar o que tenho reservado para ela.

Ela vem até a mesa, se senta e coloca a bolsa no chão.

— Srta. West.

— Sr. Sterling. — Ela tira um dispositivo parecido com um tijolo de sua bolsa e o coloca sobre a minha mesa.

— Que porra é essa?

Ela levanta a tampa e aperta um botão.

— É uma máquina do tempo. — Ouvi um ruído quando ela ligou o aparelho.

— O que você acha que está acontecendo? — Ela franze a testa e olha para a tela.

— Certamente isso é algo teletransportado direto do século passado.

Outro zumbido e ela franze a testa.

— Não, retiro o que disse. — Esfrego meu queixo. — Deve ter vindo de dois séculos antes.

— Há ha — ela faz cara de paisagem.

O laptop faz mais uns estalos; ela revira os olhos.

— Vamos, vamos — ela murmura baixinho. Segundos depois, solta um sibilo e endurece a coluna. — Agora não, por favor. — Ela bate na tampa, depois começa a socá-lo.

— O que você está fazendo? — Uma dor começa a latejar em minhas têmporas.

As coisas não estão indo como eu planejei. Estou tão perto de conseguir minha vingança... Não apenas para mim, mas para todos os Sete, e essa coisinha está ameaçando destruir cada centímetro do meu plano cuidadosamente orquestrado.

Eu me inclino para frente e agarro seu pulso; ela congela. Seus ombros ficam tão rígidos que tenho certeza de que ela está tendo uma convulsão.

— Relaxe. — Eu fecho meus dedos e sinto sua pulsação acelerada.

Ela puxa a mão e eu a solto. *O que é essa compulsão estranha de querer tocá-la?*

—Você não precisa disso... desse... dispositivo... para nossa reunião.

—Mas — ela se mexe na cadeira — eu preparei uma apresentação a respeito dos planos que tenho para desenvolver as mídias sociais.

—Aposto que você tem todos os detalhes bem aqui— eu bato na minha têmpora. —Dê-me os pontos principais.

— Eu não faço nada de improviso. — Ela torce os dedos. — Sr. Sterling, gastei muito tempo preparando esses slides.

— Então você deve estar muito familiarizada com a essência do projeto. Resuma para mim.

Seu queixo balança e uma gota de suor desliza por sua bochecha.

—Eu... minha mente está em branco.

Medo do palco? Na verdade, acho que ela ainda está irritada com o que aconteceu na sala de reuniões. Eu me inclino para trás em minha cadeira de couro e coloco meus cotovelos nos braços.

—Você vai aprender algumas coisas enquanto estiver comigo, Pink.

— Com certeza, vou aprender como você usa mal o seu poder... — Ela começa a marcar os itens nos dedos, — como você usa seu dinheiro para comprar o silêncio da sua equipe, como você manipula a vida das pessoas como se fossem meros brinquedos... — Ela respira fundo.

— É assim que você fala com o homem que tem seu futuro nas mãos?

Ela pisca, e abaixa o olhar.

— Desculpa... nem sempre sou tão indelicada. É que você sabe ser irritante.

Eu inclino minha cabeça.

— E também não estou acostumada a perder. — Ela projeta o queixo.

— Nem eu. — Examino suas feições.

Seguro seu olhar no meu por um instante, então junto meus dedos.

— Está mais calma?

A pequena distração tinha sido para tirar sua mente da tarefa em mãos; uma maneira de superar o nervosismo. Era um pequeno truque que aprendi ao longo dos anos e, aparentemente, funcionou para ela.

Sua testa franze. Ela examina minhas feições, então assente.

— Como já tínhamos combinado, estarei acompanhando você por...

— Morando na minha casa.

—...por mais seis dias.

— Seis dias e três horas.

— Certo. — Ela abre a boca como se quisesse me repreender, então aperta os lábios.

Eu franzi a testa. Ela vai se conter? Espero que não. É mais interessante quando ela entre em embate comigo.

Ela se senta mais ereta.

— A estratégia original era humanizar o rosto da Mídia BV, a fim de gerar relações públicas positivas, mostrando a face das pessoas envolvidas no projeto, que no caso são as mesmas pessoas que promovem a empresa 7A.

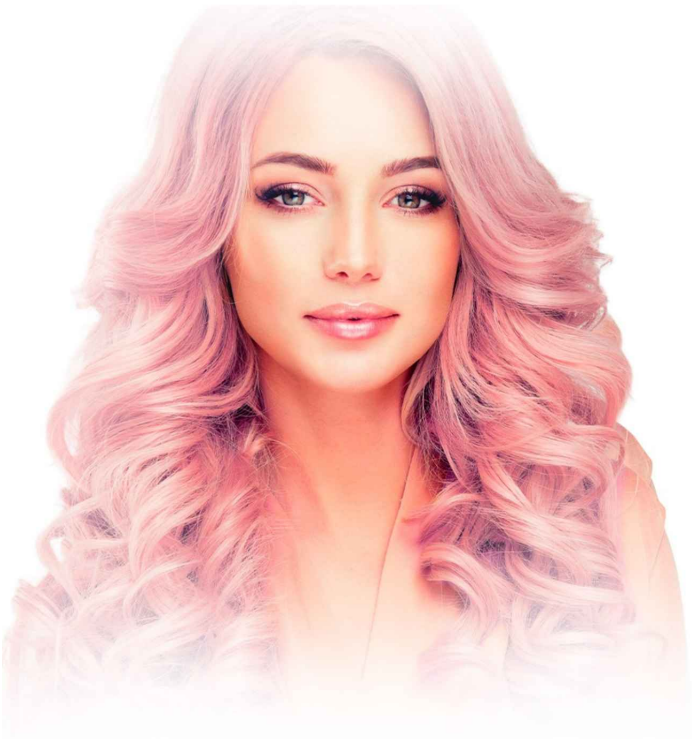
—As agências de notícia são muito boas em fazer isso, não são?

— Como?

— Resumindo o que digo e usando minhas palavras contra mim. — Eu levanto uma sobrancelha.

Ela fecha os dedos em punho, mas repousa as mãos no colo, parecendo tentar se recompor.

— Como eu estava dizendo, esse era o propósito por trás da Midia BV, mas não acho que sua ideia irá funcionar.



A esposa falsa
DO BILIONARIO

Summer

Capítulo 21

Fica quieta. Se controla. O que você está fazendo? Você não poderia encontrar uma maneira de compartilhar suas opiniões de forma mais diplomática? Vai que ele perde a cabeça, fixa seu olhar frio em mim e manda chamar a segurança para me expulsar? Meu estômago se revira e engulo a bile que sobe pela minha garganta.

Toda a expressão divertida desaparece de seu rosto, deixando visível apenas uma máscara fria e dura, como se cada emoção dentro dele tivesse sido congelada. Vejo sua mandíbula tremer. *Ui, isso não é nada bom!*

Uma veia pulsa em sua têmpora. Eu engulo em seco e agarro os braços da minha cadeira, me preparando para a explosão.

Uma risada faz vibrar aquele peito largo.

Eu congelo no assento. Não, não, ele deve estar tendo um colapso. Uau. Fui eu que causei isso?

— Prossiga. — Seus olhos brilham — Hã?

—Você conseguiu chamar minha atenção, Passarinho, não desperdice a oportunidade.

Eu respiro fundo e continuo.

— Não é possível enganar todo mundo o tempo todo. — *Ao contrário daqueles em seu círculo íntimo, a população em geral não pode ser comprada.* — Por que você quer que as pessoas acreditem que você quer corrigir seus erros?

— Quem disse que quero isso?

— Certo. Então por que você elaborou esse projeto? Por que a criação da Mídia BV?

Ele bate as pontas dos dedos uns nos outros.

— Eu assinei um termo de confidencialidade, então o que você disser aqui fica dentro dessa sala. — Meu aperto na cadeira

fica mais forte.

Vejo suas sobrancelhas se franzirem.

— Muito bem. Pelo visto, você já entendeu que a Mídia BV servirá apenas de fachada. Precisamos *comprar* a boa vontade do público, mas também precisamos de um negócio legítimo para conseguirmos dedução de impostos.

— Uma organização sem fins lucrativos.

— Mas, o dinheiro que será canalizado através da entidade será usado para fazer o bem.

— Sim, servirá para encontrar os melhores talentos do mundo, em diferentes áreas, patrocinando-os, fornecendo investimento inicial em troca de uma porcentagem de seus lucros ao longo da vida.

— Vá direto ao ponto. — Ele continua tamborilando os dedos.

—Eu sugiro que você altere algumas coisas, como mudar o nome para refletir sua intenção e que em vez de uma porcentagem dos lucros, você dê ao talento escolhido uma parte do capital social, juntamente com o financiamento imediato. Dessa forma, você os vincula à sua empresa, enquanto os ajuda a se preparar para alçar voo no futuro. Todos saem ganhando. E, outro ponto.

Ele não move um músculo. Tirando uma veia saliente em sua têmpora, poderia muito bem dizer que seu rosto foi esculpido numa rocha.

— Que vocês sete não se vinculem com a empresa.

— Entendi certo?

Eu confirmo com a cabeça.

— E quem você sugere que lidere esta iniciativa?

Minhas entranhas se agitam. Meu coração bate tão forte que tenho certeza que vai pular para fora do meu peito.

—Você chegou até aqui, Pink, não pare agora.

— Eu.

—Você?! — Ele pisca. Sim, o homem realmente parece surpreso. Consegui deixar sem palavras o notório cretino zilionário.

A adrenalina enche meu sangue. Eu levanto meu queixo e o encaro com firmeza.

— Sim, eu. Eu quero chefiar a iniciativa.

A cor toma suas bochechas. Seus bíceps parecem inchar, os músculos de seu pescoço se esticam quando ele engole. Acho que ele não gostou do que eu disse, né? Eu não o culpo. Se eu estivesse no lugar dele – embora, na verdade, quisesse que *ele* estivesse em mim... *Sua louca, o que você está fazendo? Isso lá é hora de ficar pensando nisso? Dê o fora enquanto ele está muito chocado para reagir.*

— Bom, é melhor eu ir agora. — Eu deslizo da minha cadeira, pego minha bolsa, e me esgueiro em direção à porta.

— Srta.. West?

Eu não paro, continuo indo em direção à porta.

—Eu ainda não te dispensei.

O olhar em seu rosto diz tudo, idiota. Se você acha que vou ficar aqui esperando que você me dê qualquer outra punição... Meu estômago dá uma cambalhota, nervosismo puro e total me toma. Quanto mais rápido eu sair daqui, melhor. Chego à porta e seguro a maçaneta.

— OK.

Eu congelo. Ele não disse isso. Sem chance. Não. Não. Abro uma fresta da porta.

— Se você passar por essa porta...

— Sim, estou ciente. Você cancelará a consulta da minha irmã com o médico. E você não vai me dar a conta da BV, que, a propósito, o nome é uma merda, quero dizer, é intrigante, mas não exatamente o que chamaria de um sucesso de marketing, considerando todas as conotações que acompanham a sigla e...

Um gemido feminino corta o ar.

Eu endureço no mesmo instante.

O som de carne batendo contra carne e um gemido baixo preenchem o silêncio que se fez entre nós. Todo o cabelo da minha nuca se arrepia. Maldito, não podia ser...

Eu dou meia volta e olho em sua direção. Seu olhar cor de anil ardente se choca com o meu. Eu estremeço. A força de seu olhar parece me dominar, até que o ar fica denso com palavras não ditas... misturado com o desejo... luxúria.

A raiva me toma. Raiva dele, por tudo o que ele representa. Raiva de mim mesma, por odiá-lo e por o querer ao mesmo tempo.

—Você não fez isso.

Ele não move um músculo.

Outro gemido vem do aparelho deixado sobre a mesa e o sangue lateja em minhas têmporas. Eu corro até lá e pego o telefone. Ele não reage. *Não olhe para a tela. Não olhe.* Meu olhar é atraído para a cena.

Lá estou eu. Cabeça jogada para trás. Olhos fechados. Bochechas coradas. Cabelo grudado na testa. É o rosto de uma mulher no auge do êxtase. Bile sobe pela minha garganta. O ângulo da câmera me pegou em toda a minha glória pré-clímax, mas e ele? Ele não aparece. Há apenas um braço, que poder ser de qualquer um. Claro, ele garantiu que sua reputação não seria afetada por isso.

O *eu* na tela agarra o braço do homem, arqueia o pescoço, mostrando a boca arredondada em um *O*. É imundo, sujo... mas completamente excitante. Meu estômago se revira. Não consigo tirar os olhos da tela.

Um braço preenche minha linha de visão. Ele pega o telefone da minha mão e desliga o vídeo.

O silêncio desce sobre a sala.

Ele está a poucos centímetros de mim. O calor de seu corpo me envolve. Eu tremo. Sinto que minhas mãos e meus pés estão

gelados.

— Achei que você tivesse dito que não haveria câmeras...

— Eu menti.

Claro.

— Ei, espera um minuto... — eu forço as palavras através dos lábios dormentes. —Você atendeu seu telefone, então não poderia estar gravando nele...

Ele arqueia uma sobrancelha. Eu fico rígida.

— Então havia outra câmera na sala...?

Ele circula o ar com o dedo. Fico em choque.

— Mais de uma câmera?

Ele confirma com a cabeça. Meus joelhos se dobram, eu cravo meus saltos no chão para me equilibrar.

Honra entre ladrões? Ledo engano. Meredith não sabe que está trabalhando com o diabo disfarçado. Assim como eu.

O mundo gira, meus joelhos parecem fraquejar e sinto a escuridão se aproximar.

Quando recobro a consciência, tudo o que vejo é um azul de vários tons. Olhos, seus olhos. Eles não são frios e vazios. Há um oceano de emoções escondidas, bem lá no fundo. Tão profundos, tão intensos, parecendo ondas furiosas batendo em uma costa pedregosa, que me puxam, me puxam. Minha boca está seca. Minhas mãos e pernas tremem.

— Não ouse desmaiar de novo.

Consigo sentir a fúria brotando em seu peito, e todas as minhas terminações nervosas parecem incendiar ao mesmo tempo. O mundo entra em foco novamente. Eu tento engolir, mas minha garganta dói.

— Beba isso. — Ele segura um copo perto dos meus lábios.

De jeito nenhum! Se ele acha que vou aceitar alguma coisa vindo dele, ele está...

Ele me encara. Eu fecho meus lábios com força.

— Não seja teimosa. — Ele rosna.

Viro meu rosto para o lado. Meu coração começa a acelerar e minha visão vacila novamente.

— Tudo bem.

Ele se levanta e dá um passo para trás, então ouço o baque do copo batendo em uma superfície.

— Eu não envenenei a água. — Ele balança a cabeça como se não acreditasse que eu pudesse suspeitar que ele faria uma coisa dessas.

Minha língua parece grossa na minha boca. Uma gota de suor escorre pelas minhas costas. O silêncio toma a sala.

— Por favor, Summer.

Arrepios se espalham pelo meu corpo. Talvez seja pelo fato de que ele falou meu nome, ou porque usou a expressão que começa com 'P'. Eu rio de mim mesma. Por que estou me importando com isso?

Estou com muita sede, uma secura toma minha garganta. Viro-me de lado, apoio as mãos no chão e me sento, em seguida me esforço para ficar de pé. O mundo se inclina e depois se endireita. Eu alcanço o copo. Meus dedos estão tremendo. Que estranho aquilo. Quero dizer, nada aconteceu, exceto... que meu mundo inteiro se desfez completamente. Não tinha mais onde me agarrar, tudo o que eu pensava que era, tinha trabalhado para conquistar, todas as minhas esperanças, sonhos e ambições não existem mais. Meu negócio, minha irmã... Karma. *Concentre-se em Karma. Eu preciso passar por isso por ela.* Esvazio o copo e o coloco de volta sobre a mesa. Em seguida, passo as costas da mão em meus lábios para secá-los.

— Por quê? — Eu levanto minha cabeça e encaro aquelas feições que passei a odiar.

— Por que fez aquilo?

— Porque preciso me vingar do seu pai.



A esposa falsa
DO BILIONARIO

Sinclair

Capítulo 22

— Meu pai? — Ela empalidece ainda mais. Os fios cor-de-rosa de seu cabelo parecem ainda mais brilhantes contra suas feições magras. Ela é muito magra.

— Quando foi a última vez que você comeu?

Ela pisca e passa os nós dos dedos nos olhos.

— Responda você primeiro, por que você quer se vingar de um homem morto?

— Porque... — dou um passo à frente e paro. Eu pretendia contar tudo isso a ela, é claro, só não pensei que seria na fase inicial do jogo. Que pena. Mas aquele desmaio mudou tudo.

Quando ela desmaiou, meu coração falhou uma batida. Tudo dentro de mim parou. Só quando a peguei nos braços que percebi que tinha corrido em seu socorro.

Ah! O zilionário de coração frio, que engole empresas no café da manhã, foi abalado pela visão de uma mulher desmaiando. Se a mídia tivesse me visto naquele momento, essa seria a manchete. Felizmente eu a peguei antes que ela batesse no chão, ela poderia ter se machucado, e se isso tivesse acontecido, eu nunca me perdoaria. Eu balanço minha cabeça. *Que porra é essa, cara?*

Eu endireito meus ombros e levanto meu queixo.

— Por quê? — Ela insiste. Suas pupilas estão dilatadas.

— Porque ele destruiu minha vida e a de meus amigos, e porque...

Eu hesito. Não queria dar a próxima notícia para ela desse jeito. Mas por que não? Por que estou me preocupando se isso vai machucá-la? Era isso que eu queria desde o início, não era? Trazê-la para o nosso lado, não importando o que fosse preciso fazer para alcançar meu objetivo.

E o que quero é atrair o pai dela para minha armadilha. Eu preciso ver o bastardo pagar, e essa é a maneira mais infalível, então foda-se o dano colateral.

Eu cerro meus dentes e digo: — Porque seu pai está vivo.

Ela pisca, aturdida.

— Não!

— Sim.

— Não, você está enganado. Meu pai morreu em um acidente de avião. Eles nunca encontraram seu corpo, mas... ele...

— Seu queixo treme. — Ele não morreu, não é?

Eu balanço minha cabeça, confirmando.

— Então... onde... onde ele está?

— Nos Estados Unidos.

— Como você sabe disso? — Ela franze a testa. — E eu e minha irmã, como chegou até nós?

—Você realmente quer saber? — Eu estalo minha língua.

— Quantas pessoas você teve que pagar? Quanto tempo durou sua busca até nos encontrar? — Ela aperta os braços nas laterais do corpo e prende a respiração.

— Isso importa?

— Acho que não. — Ela envolve os braços em torno da cintura. — Ele nunca me procurou em todos esses anos. — Seus ombros caem. — Ele nos fez acreditar que tinha morrido. Ele nos deixou a própria sorte.

As emoções desfiguram suas feições. Meu coração dá uma guinada. Eu não deveria ter lançado essa bomba sem aviso prévio. *Ei? O que é isso?*

Eu cerro as mãos. Eu fiz a coisa certa. O quanto antes ela souber o verdadeiro motivo dessa farsa, melhor será para o meu plano funcionar.

— Então tudo isso... o esquema para me encontrar no pub, depois me chamar para fazer uma proposta para pegar a conta da sua empresa... tudo isso fazia parte de um plano de vingança?

— Não por completo. A 7A e a Mídia BV precisam realmente de ajuda de marketing, embora você não tenha sido minha primeira escolha para conduzir uma campanha.

— Sou muito boa no meu trabalho. — Ela rosna.

— Você perdeu seu maior cliente.

— Não foi por culpa minha. Droga, a última campanha de marketing que entreguei teve a retenção da marca aumentando em 75% ano a ano... Se isso não for um bom resultado, me diga o que é.— Seu olhar se estreita. — Foi você, não foi? — ela prende a respiração.

Ah, isso está ficando interessante.

— Você fez isso!

— Não sei do que você está falando.

Ela aponta um dedo na minha direção.

— Você os convenceu a cancelar o contrato comigo.

— Pode ser. — Eu tamborilo meus dedos no meu peito.

—Você garantiu que eu estaria tão desesperada que agarraria a primeira oportunidade que aparecesse.

— Posso ter... ah... dado uma mãozinha para fazê-los pensar em contratar outra empresa, sim. — Olho minhas unhas. — Mas os eventos que se seguiram — estalo minha língua — tudo culpa sua.

— Minha? — Suas sobrancelhas se franziram.

— Se você tivesse me dado ouvidos lá no bar...

— Você foi um completo idiota aquele dia. — Ela projeta o queixo. — O que você esperava? Que eu me jogasse aos seus pés e concordasse em cumprir suas ordens sem pestanejar?

Olho bem para ela e curvo os cantos da minha boca.

— Oh, pelo amor de Deus! — Ela faz aquele barulho que sai do fundo da sua garganta novamente, e porra, meu pau se contorceu. Eu franzo a testa. Quem é essa mulher, que consegue mudar o rumo de todas as conversas que temos?

— Seu tempo está se esgotando. — Eu ajeito os punhos da minha camisa. — Vai aderir ao meu plano... ou... bem, você não tem escolha, não é mesmo?

Seus lábios se apertam numa linha fina.

— Você é tão insensível quanto meu pai, que se manteve afastado todos esses anos. Ele claramente não quer nada conosco, nunca nos procurou... Então por que você acha que ele vai se importar com o que você faz ou vai deixar de fazer comigo?

—Ah, porque acho que ele vai se importar e muito quando descobrir que sua filha vai se casar com um dos homens mais ricos deste lado do planeta.

Ela arregala os olhos, depois joga a cabeça para trás e ri, mas ri tanto que se inclina para apoiar no sofá. Lágrimas começam a escorrer por suas bochechas.

Eu me dirijo até o aparador, despejo uma generosa dose de uísque num copo, em seguida, caminho em direção a ela. Quando paro na sua frente dela, ela se encolhe, e meu estômago dá um nó.

Claro, ela me odeia, e deve ser na mesma proporção do desprezo que tinha por ela devido a imagem que tinha formado em minha cabeça todo esse tempo.

Ela era apenas um peão em um jogo muito maior e agora... agora não posso voltar atrás. Estou muito perto de conseguir o que sempre quis. As coisas não aconteceram exatamente como planejei, isso tudo graças a ela. Ela é esperta, vou lhe dar esse crédito. No entanto, nada atrapalhará minha empreitada nessa reta final, não depois de ter passado uma década planejando cada movimento. Estou muito, muito perto para desistir.

Coloco o copo na mesa e me afasto.

— Beba.

— Eu não preciso disso.

— Beba, parece que você está prestes a ter um colapso. Embora eu não me importe com que te aconteça depois, preciso de você viva pelo tempo necessário para dar cabo do meu plano.

Ela me lança um olhar fulminante. Seus olhos verdes queimam, seu rosto ruboriza e seus seios sobem e descem por conta da respiração acelerada. *Porra, ela é magnífica.* Meus dedos formigam de vontade de tocá-la. Meu pau vibra. Aquele fogo, aquela fúria que ela deixa transparecer me deixa louco. Parece que estava tudo represado atrás daquela fachada desmiolada. Ela é um pequeno vulcão, esperando o momento certo para entrar em erupção, e adivinhe quem estará no final recebendo toda aquela lava? *Não. N-ã-o. Eu não.* Não se apaixone por ela. Não tente salvá-la, só porque ela acabou se mostrando totalmente diferente daquilo o que você pensou que ela era.

— Beba... ou não. A decisão é sua.

Eu me afasto e caminho em direção à minha mesa. Atrás de mim, eu sinto seu movimento. Assim que apoio o quadril contra o móvel, a vejo tomar o uísque de um só gole. Ela tosse, xinga, então fica por instantes olhando para o vidro em sua mão.

— Eu odeio você. — Termina de falar e joga o copo contra a parede. Ele ricocheteia, atinge o chão e sai rolando até parar perto dos seus pés. Ela se abaixa para pegá-lo e o joga na parede novamente. Dessa vez ele se estilhaça, seus pedaços se espalhando pelos cantos da sala.

— Isso ajudou?

— Não. — Ela olha ao redor. — Você estava brincando, certo, sobre o que você disse antes?

— Parece que estou brincando? — Eu me permito um meio sorriso.

— Não. — Seus ombros caem. Ela leva a mão ao cabelo. — Mas casar com você? — Seus dedos tremem enquanto ela puxa uma mecha. — Isso é um absurdo.

— Uma mulher e um homem se casarem. — Eu dou de ombros. — O que há de errado nisso?

— Tudo.

— O que importa é que será um evento que seu *pai* não vai querer perder.

— Aquele que esteve ausente toda a minha vida, que preferiu não nos contar sobre sua existência? Por que ele se importaria?

— Adivinha, querida? — Eu giro um dedo no ar.

— O quê? Ele quer conhecer a decoração da sua sala?

Eu movimento a palma da minha mão.

— Ele quer se sentar atrás da sua mesa? — Ela aperta os olhos.

— Mais uma chance.

— Ele quer firmar um contrato com sua empresa?

— Nada mal. — Bato os dedos no meu peito.

— Ele deve estar endividado, eu presumo? — Ela pega uma mecha de seu cabelo rosa e a leva à boca.

Hábito interessante esse, embora um pouco estranho para o meu gosto. *Porra, o que eu tenho a ver com isso?* Eu preciso dela apenas pelo tempo que for necessário para trazer o velho à minha porta.

— Depois das enormes perdas que seu negócio sofreu, ele teve que vender seus ativos e se mudou para os EUA.

— Se você sabe onde ele está, por que não se vinga dele lá?
— Sua testa enrugou.

— Qual é a graça nisso? — Eu amplio minha postura. — Quero que ele pague por seus pecados na cidade onde cometeu seus crimes, na frente daqueles que o conhecem.

—Você quer destruí-lo por completo, é isso? — Ela fecha os dedos na frente dela.

— *Considero o réu culpado de todas as acusações.*

— Por que ele voltaria aqui?

— Será a chance de se redimir na frente de seus pares em seu país de origem, cortesia dos contatos que eu vou apresentar a ele. — Abro os braços. — Seria um belo presente de casamento para minha futura esposa, garantir que seu pai seja bem cuidado.

— Então você vai trazê-lo para cá usando dinheiro como isca? — Ela se encolhe.

— E também dando-lhe a chance de um recomeço, sem falar que poderá reencontrar suas filhas.

— E se ele se recusar a vir? — Ela coloca as mãos nas laterais do corpo.

— Ah, mas ele virá.

— Como sabe? — Ela fala num sussurro.

— Porque vou convidá-lo pessoalmente para vir assistir ao casamento de sua filha, que acontece dentro de... — Olho para o relógio.

— Quando?

— Três dias.

— Em que mundo você vive que acha que a papelada pode correr em tão pouco tempo? — Ela levanta as mãos.

Eu tiro alguns fiapos imaginários da minha lapela e evito olhar para ela.

— Não.... — Ela arfa e cerra os punhos. — Você... Você...

— É incrível como o dinheiro pode comprar qualquer coisa, em qualquer lugar... especialmente como facilita pedir favores a quem está no lugar certo. — Eu dou um sorriso de canto de boca. Gosto disso.

— Você... Você pode conseguir a licença e tal até lá? — Ela pisca aturdida.

— Com tempo de folga. — Eu inclino minha cabeça. — Você não precisa se preocupar com nada.

— Só tenho que aparecer. — Ela aperta os lábios e olha para a saída.

— Nem pense nisso. — Eu seguro o telefone.

Ela empalidece.

— Se você for desmaiar novamente, certifique-se de estar sentada.

Seus ombros enrijecem, manchas de cor vermelha enfeitam suas bochechas e faíscas saem de seus olhos. *Aí está você de volta, meu Passarinho.*

— Diga o lugar e a hora que eu estarei lá. — Ela projeta o queixo.

— Não é tão simples. — Eu me inclino para frente, e o cheiro de seu corpo se intensifica em meus sentidos.

Meu pau se contrai e o suor faz as palmas das minhas mãos ficarem escorregadias. *O que essa maldita tem que me faz ficar assim sem nem fazer esforço?* Eu faço uma carranca.

— Você terá que morar comigo pelos próximos 30 dias.

— Não senhor! — Ela abre e fecha a boca. — O acordo que fizemos era uma semana!

— Mudei de ideia.

— Concordei com 7 dias. — Ela treme.

— Preciso de mais tempo para executar meu plano a contento. — *Por que estou me incomodando em dar explicações a ela?* Não é como se ela tivesse escolha.

— Mas... mas... 30 dias? — Ela engole. — É muito.

—Tenho que convencer o mundo que o casamento é real.—
Eu levanto meus ombros.

Que se foda o mundo. Eu não me importo nem um pouco com que os outros vão achar. Na verdade, eu não tinha pensado sobre o período de tempo ... *tá*, mas eu preciso de tempo... apenas o suficiente... para descobrir o que diabos eu vou fazer com este

pequeno... melhor dizer, *grande* problema que eu tenho nas mãos, pois quando se trata dela, não me reconheço.

Não estou no controle... e isso... eu não suporto. Eu tenho que descobrir o que essa mulher tem que me desestrutura. Parece uma doença que grudou em mim e que se recusa a sair do meu corpo, do meu sangue e eu... tenho que encontrar uma cura para isso.

—Então? — Meus lábios se curvam para cima em um arremedo de sorriso.

— Mas...? — Ela aperta os dedos.

—Eu não estou pedindo.

—Você vai me manter aqui contra a minha vontade.

Olho para o telefone.

— Tá, tá... — Ela passa os dedos pelos cabelos. — Eu sei que você tem esse vídeo incriminatório... mas... 30 dias?

Estreito meu olhar.

—É um período de tempo muito mais longo do que eu esperava.

Meu coração começa a bater mais rápido. Então o Passarinho tem garras, hein? O que eu pensei? Que ela seria diferente do resto do mundo? Que não estava só interessada no meu dinheiro? Que estaria realmente atraída por mim? Eu a coagi a esse arranjo esperando... esperando o quê? Que ela emergiria disso tudo como uma maldita fênix? *Merda*. Eu endireito minha coluna.

— Quanto?

Ela pisca, parecendo confusa.

— Pense num número.

— Certo. — Ela morde o lábio inferior, e eu fecho as mãos.

— Diga logo antes que eu mude...

— Cinco.

Eu levanto minhas sobrancelhas.

— Cinco milhões. — Seu queixo treme.

Nada mal. Ela teve a presença de espírito de puxar uma quantia maior do que eu esperava.

— Dois. — Eu limpo toda a expressão do meu rosto.

Ela se endireita.

— Quatro.

Uma veia pulsa nas minhas têmporas. E ela sabe negociar também, não é? Não poderia ser diferente. Ela é uma sobrevivente. Sabe aproveitar as oportunidades quando surgem.

— Dois e meio. — Eu mantenho meus braços soltos ao meu lado.

Ela abre a boca, mas eu levanto uma mão, encerrando o assunto de vez.

— Essa é minha oferta final, e nós dois sabemos que é mais dinheiro do que você esperaria ganhar em toda sua vida.

— Idiota!

Eu finjo um bocejo e levanto meu telefone.

— Tudo bem, acho que vou enviar isso para...

— Fechado.

— E sexo.

Ela empalidece e sua respiração fica acelerada.

— Isso nunca fez parte do acordo.

— Hmm. — Eu passo meu dedo em sua bochecha e a sinto estremecer.

— Eu nunca vou forçá-la. — Eu recuo um passo. — Mas antes de terminarmos este arranjo, você estará me implorando para te possuir, para ter meu pau dentro de você, para te fazer gozar.

Ela volta a estremecer, mas diz com voz firme: — Nunca.

— Você vai se entregar, Passarinho, isso eu prometo, e será por vontade própria. — Eu coloco o telefone no meu bolso e sigo em

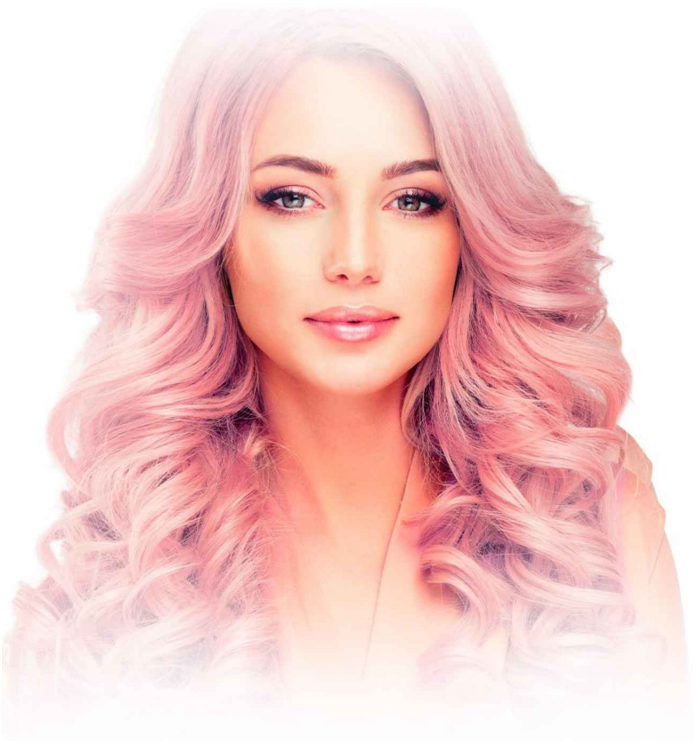
direção à saída.

— Um dia... um dia, farei você se arrepender do que está fazendo comigo.

O sangue lateja em meus ouvidos, em minhas têmporas, em meus pulsos. Merda, essa não é a coisa mais excitante que já ouvi alguém dizer para mim.

Eu olho para ela por cima do ombro.

— Estou ansiando por isso.



A esposa falsa
DO BILIONÁRIO

Summer

Capítulo 23

— Cruel. Sádico. Escroto. Cretino...

A cada novo nome que dou a ele, a almofada recebe uma estocada da agulha de tricô que seguro em meus dedos trêmulos de raiva. Só parei quando Karma a tirou da minha frente.

— Dia ruim, hein? — Ela dá um tapinha no travesseiro e o coloca atrás da cabeça.

— Porco. Anta. Ameba. — Eu estava espumando de ódio.

— Estrume. — Ela estende a palma da mão e eu entrego a agulha de tricô para ela.

Eu me levanto e começo a andar pelo quarto.

— *Dizgraziato*.

— Isso é italiano? — Ela enrola a lã em volta da agulha, puxa-a de um jeito tão ritmado que não consigo acompanhar.

— Isso importa? — Paro por um momento, olho para ela, mas logo volto a andar de um lado ao outro.

— Acho que não. Mas uma coisa é certa, ele está te ajudando a expandir seu vocabulário.

— Já era bastante extenso antes dele surgir na minha vida, muito obrigada.

— Você está falando comigo? — Suas agulhas estalam.

— *Taxi Driver*. — Eu paro de andar e presto atenção nas citações.

— Mantenha seus amigos por perto e seus inimigos mais perto ainda. — Ela puxa mais lã do novelo.

— O Poderoso Chefão. — Eu sorrio. — Isso é o melhor que você sabe fazer?

Seus olhos brilham.

— Você sabe assobiar, não sabe, Steve? É só juntar os lábios e soprar.

— O que você está tentando me dizer, hein? — Eu levanto minhas mãos. — Sempre sei quando você está tentando me manipular.

— Eu? — Ela enrola a lã entre as agulhas. — Como se eu me achasse capaz de te convencer a fazer qualquer coisa que você não queira.

— Sim, você senhorita. Você é tão manipuladora quanto aquele idiota horroroso.

— Achei que você o achasse bonito. — Ela franze a testa.

— O que isso tem a ver com a minha pergunta? — Uma dor de cabeça ameaça surgir.

— Você não quer enxergar a verdade.

O silêncio só era quebrado pelo clac-clac das agulhas.

Eu me viro e vou para a frente do sofá onde ela está esparramada.

— O que você está tentando me dizer? — Eu franzo a testa. —E essa última citação é do filme Questão de Honra.

Ela não responde. Seus dedos flexionam, e fico olhando a lã desaparecer no espaço entre suas agulhas para ressurgir do outro lado, transformada em um desenho perfeito. Bem diferente da minha vida, que é tão bagunçada quanto uma linha cheia de nós. Estou mal mesmo, estou até me comparando com um novelo, e nem mesmo é com a matéria-prima Credo.

— Por que você gosta de tricotar?

— É calmante, me ajuda a focar em algo diferente do que está se passando na minha mente.

— Certo.

—Você deveria tentar.

Ela olha para mim por cima das agulhas.

—Não, obrigada, tenho maneiras melhores de me livrar de minhas frustrações. — Eu me afasto e vou me sentar na outra ponta do sofá.

— Ah, tem? Como? Destruindo almofadas?

— Destruí nada. Ela tá inteirinha... Olha. — Puxo o travesseiro de trás do pescoço dela e acaricio o tecido.

Era de um algodão sedoso, mas repleto de texturas. Como a pele do peito dele, que tem textura diferente daquela que envolve o músculo túrgido que fica entre suas pernas. *Concentre-se no assunto em questão*. FOCA! Eu enterro minha cabeça em minhas mãos.

— O que vou fazer, Karma?

— Nada.

— Hã? — Eu a observo através dos espaços que deixei entre meus dedos. Ontem, depois daquilo que ele fez comigo, o idiota me evitou pelo resto do dia. Ou seria o contrário? Afinal, eu fiz o possível para nem ver a cara dele.

O que foi fácil, considerando que ele estava fora do escritório, ou assim Meredith me informou.

Ela me mostrou meu cubículo, que não fica perto do escritório dele, graças a Deus. É um andar abaixo, com o resto da equipe de marketing.

Devo ficar feliz que ele não está demonstrando favoritismo, ou ficar chateada por que minutos depois de me pedir em casamento ele estava me deixando de lado, como se eu fosse uma... peça de maquinário descartável? Ou uma mancha no tapete que ele podia pisar e tripudiar em cima?

Espere um segundo. Eu não estou considerando seriamente sua proposta estúpida, certo? Quero dizer, todo esse esquema é insano. Eu deslizo para o chão, em seguida, inclino meu queixo para cima.

— O que você quer dizer com *nada*?

Minha irmã tricota outro ponto e então responde.

— Exatamente isso. Não é como se ele tivesse lhe dado uma escolha, certo?

— Não, né?

— Quer você goste ou não, ele vai colocar você no esquema que ele montou. E ele não vai aceitar um “não” como resposta.

Meu coração começa a bater mais forte.

—E então? Me finjo de morta?

—Oh, não.

Ela continua tricotando, no seu ritmo. Eu sigo sua ação, tentando focar, focar...

— Ah, merda, me dê isso aqui. — Pego o tricô de suas mãos e o jogo de lado.

— Quinze minutos. — Ela ri.

— O quê?

— Foi o tempo que você aguentou desta vez sem arrancar minha obra de arte das minhas mãos.

Eu bufo e ela continua rindo.

— É um cachecol? — Eu franzo a testa, — O que você estava fazendo afinal?

— É uma estola... para você.

—Ah! — Aquilo aquece meu peito. Minha irmã pode até ser uma vadia irritante, mas ela me ama. Ela tem muito carinho por mim, assim como eu tenho por ela...

Ela ri mais alto.

O sangue lateja em minhas têmporas.

— Você é uma idiota.

—Você acreditou em mim, não foi? — Seus ombros tremem ao som de suas gargalhadas.

—Ahhh! Não posso acreditar que me apaixonei por essa coisinha. — Eu vou em sua direção e caio em cima dela, para fazer cócegas em sua barriga.

Ela ri mais forte.

Eu arrasto meus dedos para baixo e para cima, e ele tenta se defender. Sua risada aumenta de volume.

— Para— Ela engasga.

— Só se jurar que nunca mais fará isso comigo.

Ela dá um tapa no braço do sofá, lágrimas escorrem por suas bochechas de tanto rir.

— Eu juro. Você ganhou. Paz.

— Tarde demais — grito, fazendo cócegas agora em suas axilas. Ela bufa, suspira, me empurra, e eu me jogo no tapete. Fiquei ali ofegante, olhando para o teto. A claraboia está aberta e permite que a luz entre.

Ela me segue e se joga ao meu lado no tapete.

—Você é horrível.

— Diz a Bruxa Malvada. — Eu sorrio, referindo-me ao apelido que dei a ela quando éramos criança.

— Para melhor te comer. — Ela faz um som rosnado, imitando a voz do Lobo Mau.

— Aposto que é isso que o Sr. Mauzão deve estar dizendo sobre mim agora. — A risada fica presa na minha garganta. Não, isso não é engraçado, não mesmo. Eu saí correndo do escritório ontem às seis da tarde em ponto, o horário oficial de fechamento da 7A Investimentos. Eu não avisei a ninguém, apenas mandei uma mensagem para Karma, e quando ela respondeu com o endereço em que estava, eu vim ficar com ela.

— Ele é grande e mau? — Ela inclina a cabeça.

— Mau? — Eu traço com o dedo as bordas das nuvens que vejo lá em cima. — Sim. — E é grande?

Ela se vira e fica de frente para mim, com um sorriso malicioso no rosto. Minhas bochechas ficam vermelhas.

— Não é da sua conta.

— Awww. Você está corando. Tão fofo. — Ela dá um tapinha na minha bochecha.

— Ah, vá arrumar o que fazer. — Eu a empurro para longe.

Ela começa a tossir. Fico na dúvida se é de verdade ou não. Pode parecer insensibilidade da minha parte, mas seu pensamento afiado e sua maldade geral compensam o que falta no departamento da saúde, o suficiente para às vezes me fazer esquecer que ela está tecnicamente doente.

Ela tosse novamente, e seu corpo inteiro treme.

— Caramba, obrigada por isso, viu? Vai lá, me conta.

— Não tenho nada para contar. — Eu fungo. — Não aconteceu nada.

— Alguma coisa aconteceu. Com certeza.

— Você quer dizer diferente do que eu já te contei que...?

— ...que ele quer que você case com ele, que vai convidar nosso pai, que achávamos que estava morto, para comparecer ao casamento e que planeja se vingar dele...? — Ela conta nos dedos.

— Exatamente. — Eu arrasto meus dedos pelo tapete novamente. — Este lugar é muito bom.

— Lá vai você mudar de assunto. — Ela examina o ensolarado apartamento de três quartos em que está alojada. — Sim, é muito bom. E o carro em que vim para cá era lindo também.

— É mesmo?

— O motorista era muito gentil, e me ajudou a empacotar minhas coisas. Ele me trouxe para cá e me disse que eu tenho uma consulta com um especialista marcada para amanhã.

— E você concordou com tudo, não questionou nada? — Jogo minhas mãos para o alto.

— Ah, ele me mostrou um papel, assinado por Sinclair Sterling, da 7A Investimentos, que é a empresa onde você foi para a entrevista. Ele me disse que parte do acordo era que você teria direito a hospedagem paga pela empresa.

Algo que ele tinha esquecido de me dizer.

— E você acreditou nele?

— Como não acreditar? — Ela franze o nariz. — Ele parecia confiável, e trouxe um papel assinado pelo chefe dele, com as orientações. Além disso, quando espiei pela janela e vi aquele Aston Martin...

—Você viu o carrão, e pronto, você esqueceu todo o resto.

— Não só isso, foi enviado pela 7A.

— Espere só até eu colocar minhas mãos neles. — Flexiono meus dedos.

— Na verdade, você já esteve com elas em cima de um deles.

— E, finalmente chegamos no ponto em que queria. — Pego uma mecha de cabelo e mordo a ponta — O que devo fazer?

— Vá em frente. — Ela se levanta, passa por mim e foi recuperar seu tricô.

— Fácil para você dizer isso. Você não quer é perder esse apê.

— Ninguém mais diz *apê*. — Ela examina seu tricô.

— Eu digo.

— É um lindo apartamento em *Regent's Park*. — Ela funga.

— Você já parou para pensar nas consequências disso tudo?
— Eu passo meus dedos pelo meu cabelo. — E se nosso pai se recusar a vir, ou pior — eu me sento depressa — e se ele concordar?

— Ele com certeza vai concordar. — Ela torce os dedos.

Levanto-me de um salto e começo a andar de novo.

— O que significa que eu tenho que ir adiante com este casamento, isso supondo que até lá eu não tenha matado o cretino. E então, e se... e se...?

— Ele exigir sexo?

— Isso não tem graça. — Lhe lanço um olhar fulminante.

— Ele não falou nada sobre isso com você?

Sim.

— Claro que não. — Eu balancei minha cabeça com veemência.

— Vocês já discutiram o assunto?

Pior que sim!

— Não!

— Ele é tão sexy quanto os tabloides dizem que ele é?

— O que você leu sobre ele?

— Eu sabia que você estava interessada nele. — Ela dá um sorriso debochado.

— Claro que estou. — Eu passo meus dedos pelo meu cabelo. — Eu só tenho que fingir um relacionamento com ele e tentar sair ilesa disso.

Meus ombros caem. É aí que está o problema. Se eu passar mais tempo perto dele, vou estrangulá-lo... Ou pior, vou me jogar aos seus pés e implorar para ele me lambar todinha... isso depois que eu beijar e chupar seu pomo de Adão, e arrastar minha língua para baixo, passando pelo seu peito, até chegar no seu..., *não, não.*
Para por aí!

— Você está atraída por ele, né?

— Não.

— Você gostaria que isso tudo fosse real?

— Isso o quê? — Cruzo os braços e fico olhando para ela.

— O casamento, a vida de privilégios, o pai voltando para nossas vidas, e participando do seu casamento, com você usando o vestido de noiva que fiz e que seria exibido para todos os paparazzi, e eu, claro, sendo sua dama de honra...

— Pronto, já se inseriu na história. Não que eu me importe com isso. — Não me importo mesmo. De verdade. Mas e o resto? Sim, ela está certa. Eu quero dizer... não. Quero dizer... simmmm, eu queria que tudo isso fosse verdade, mas não com um homem que amo odiar. E que odeio desejar. E que quero estrangular... mas só depois que ele me der orgasmos suficientes para me manter com altas dosagens de endorfina, é claro.

—Aaaah. — Enfio os nós dos dedos nos olhos. — O que que eu faço, Karma?

Ela puxa o fio de seu tricô, e a coisa toda se desfaz. Ela joga as agulhas de lado, então cruza a sala para me abraçar.

—Você sabe o que vou dizer, certo?

— O quê? — Solto um suspiro.

— Mostre-me o dinheiro!

E essa não é a maldita verdade?

Pelo visto, isso é tudo o que realmente parece importar nesse mundo.

Com certeza faz o mundo girar; é o que deixa os homens de joelhos, o que compra para você o melhor tratamento com o maior especialista da cidade, o que garante que você possa perseguir seus sonhos, seus objetivos, suas ambições, o que garante que você nunca vá para a cama com fome ou se sinta desamparado... Ok, talvez não o último.

Mas nove em de dez, é o dinheiro que vence.

E é por isso que estou seguindo com esse esquema maluco, de me casar com esse bilionário-valentão. Eu cruzei meus dedos. *Droga, por que minhas mãos estão suando?*

Eu giro para encarar minha irmã.

— É isso mesmo? Essa você tirou do fundo do baú se estiver fazendo referência a *Jerry McGuire*. É... muuuito icônico. Até uma criança teria acertado essa.

— Então? — Ela levanta o ombro e o deixa cair.

— Adivinha qual vai ser minha?

— Estou esperando. — Ela inclina a cabeça, — Dinheiro é algo que você precisa caso não morra amanhã.

Há uma lição em algum lugar nessas palavras que posso tirar para a minha vida, mas dane-se se eu não conseguir decifrá-la hoje.

— *Wall Street*? Você se rebaixou o suficiente para citar *Wall Street*? — Ela franze os lábios.

Tempos desesperadores e tudo se resume a isso... O que posso dizer em minha defesa, hein?

— Você vai ficar bem, Summer. — Ela agarra meu ombro.

— As famosas últimas palavras.



A esposa falsa
DO BILIONARIO

Sinclair

Capítulo 24

— Você fez o quê? — Saint está se servindo de uma dose do uísque de cem - ou era de duzentos anos de idade? - quando ergue os olhos da garrafa e um pouco do líquido âmbar respinga em sua gravata, que hoje é vermelha!

Pelo amor de Deus! Olhando para as roupas que ele está vestindo, você pensa que o homem está indo se casar. Oh, espere, isso é o que estávamos discutindo. Só que não são as núpcias dele, são as minhas.

— É. — Eu passo os dedos pelo meu cabelo. Os fios estão tão compridos que entram na minha gola, nunca tinha deixado ficar tão longo assim. Eu preciso agendar um horário com o barbeiro, mas acabei lembrando dela passando os dedos pelos fios, e as sensações foram tão agradáveis, ok, mais do que agradáveis, confesso.

Eu amei que ela embrenhou os dedos no meu cabelo e o segurou enquanto eu a levava ao orgasmo... *Espera aí. Como é que é?* Agora vou adotar novo visual porque isso me recorda de como ela gozou em meus dedos, enquanto o cheiro açucarado de sua excitação provocava minhas narinas e eu enfiava minha língua entre seus lábios e saboreava a sua, com aquela essência de mel... Merda. Meu pau fica instantaneamente ereto. Claramente, *e/le* não entendeu que aquilo tudo fazia parte de uma farsa. Vou até o telefone que está na minha mesa.

—Meredith? Você pode marcar um horário com meu barbeiro? Sim, hoje à noite, depois do expediente. — Faço uma pausa. — Não, espere, diga para ele ir até minha residência. — Uma das vantagens de ser um zilionário é que você pode fazer com que o serviço vá até você, onde e quando quiser. Sim, isso é verdade.

— Sua mente está vagando, idiota.

Saint coloca a garrafa no balcão com um baque.

— Sua mira está horrível, seu cabeça-dura.

— Hã?

Eu empurro meu queixo em direção a sua gravata.

Ele olha para baixo e encolhe os ombros. Em seguida, tira a gravata e a joga no cesto de papéis.

— Por que você se incomoda com essas coisas?

— Tem sua serventia. — Ele pega o copo. — E essa marca em particular, é muito boa para outros usos.

— Me poupe dos detalhes sórdidos de seus gostos pervertidos. — Não que eu não esteja ciente deles. Meu detetive particular me mantém informado sobre suas *atividades* e as dos outros membros da nossa pequena 'família feliz', e por isso tenho conhecimento sobre o clube privado que ele gosta de frequentar, o mesmo que de vez em quando faço uma visita, mas que me certifico que seja num dia em que ele não esteja lá. Algumas coisas precisam ser mantidas escondidas, *capisce*? — Sua vida pessoal não é da minha conta.

— Mas você tomou para si responsabilidades que são de interesse de todos nós.

Eu olho para ele. Ele está certo, apenas está afirmando o óbvio, como sempre.

— Casamento? — Ele leva o copo aos lábios e bebe seu conteúdo. — Mesmo? O que você estava pensando quando inventou isso?

Meu pau que estava pensando por mim, lógico.

— Você está atraído por ela, eu entendo. Ela é gostosa... de uma certa maneira. — Ele toma outro gole, então gesticula com o copo para mim. — Então transe com ela, seu idiota, acaba com seu sofrimento, mas propor casamento?

A raiva assoma minhas entranhas.

— Não fale dela desse jeito.

— Hã? — Seus ombros ficam rígidos. — Detecto um traço de sentimentalismo em sua fachada um tanto quanto enfadonha?

— Vá se foder.

— Muito original. — Ele leva o copo aos lábios, depois o coloca sobre a mesa. — Então, me diga, o que você estava pensando? Me conta.

Sim, eu vou contar, mas assim que eu organizar as coisas na minha cabeça. Eu cerro meus punhos na lateral do meu corpo, então vou até a janela e olho para a praça que fica em frente. Tem um casal se beijando em um canto, em outro, uma garotinha corre atrás de um cachorro, com sua mãe a chamando. E assim é Londres.

Cada maldito edifício dá para um espaço verde, um parque ou um bosque. Um incentivo para as famílias crescerem e multiplicarem. Bem, mas isso nunca fez parte dos meus planos. Sem família. Isso ou qualquer outra dessas merdas emo não para mim. *Então... por que eu fiz isso?*

Eu reagi por instinto quando fiz aquela proposta, meu cérebro deveria estar em meus pés. Embora, para ser honesto, eu soubesse que poderia precisar elaborar um pouco mais as coisas para garantir que o bastardo mordesse a isca. E, eu meio que gosto da ideia... *Que porra é essa?*

— Só dormir com ela não teria sido suficiente. — Não que eu não tivesse chegado perto de fazer isso. E para ser sincero, não sei por que não fiz ainda.

Eu poderia ter tirado vantagem dela naquele dia na sala de conferências, quando ela estava esparramada sobre a mesa, com as pernas abertas para mim. Minha boca saliva só de lembrar. Meu pênis endurece. Uma pulsação ganha vida em minhas bolas.

Claro, meu corpo está a ponto de ganhar uma medalha de ouro olímpica por estar sempre pronto para ficar excitado com o menor indício de pensamentos sobre ela.

— Será que estou entendendo direito o que você dizendo, meu velho? — Saint diz com um tom assombrado.

— Que seria...?

— Que você está atraído por ela. Talvez você tenha desenvolvido um ponto fraco no que diz respeito ao pobre e indefeso passarinho.

Eu enrijeço. Como ele sabe que eu a chamo de Passarinho?

— Sim, você não é o único a ter olhos por toda parte, meu velho.

—Você mandou me vigiarem! — Minha visão escurece, a raiva lateja em minhas têmporas.

—Olho por olho... Embora prefira gastar meu tempo com outras coisas, como explorando a anatomia feminina. — Ele estala a língua.

— Isso não se resume a sexo.

— E é exatamente isso o que eu tenho tentado enfiar nessa sua cabeça dura, seu imbecil. — Ele levanta os olhos para o alto.

— O quê?

— Trepas com ela.

Eu olho fixo para ele.

— É o que eu penso. — Ele levanta as mãos. — A propósito, quando foi que você começou a flertar com aquela palavra de quatro letras?

— Deixa de ser ridículo.

— Apenas sou um bom observador.

— Ah, vá se foder, seu merda.

— Você é tão criativo com seus insultos. — Ele balança a cabeça. — Temo que você esteja passando para o lado negro da força, meu amigo. Melhor pegar seu pau na mão e apontá-lo na direção certa.

— Vou te avisar pela última vez, não fale merda dela, nem quando eu estiver por perto, e muito menos quando eu não estiver presente, fui claro? — Cerro meus dentes com tanta força que a dor corta meu rosto.

Seu queixo cai. Ele olha em volta, então caminha até a mesa, pega um abridor de cartas antigo e corta a palma da mão.

O sangue jorra.

— Que porra...?

— Relaxa, não é uma tentativa de suicídio. Se eu quisesse me matar, conheço maneiras mais interessantes que garantiriam que eu deixasse esse mundo em grande estilo.

—Você realmente tem que parar de ouvir rock clássico, cara.

— Tem uma música do Bon Jovi que fala sobre isso. — Ele pega um lenço e envolve a mão.

— O ponto que você quer chegar com essa encenação toda seria...?

— Era só para provar para mim mesmo que eu não estou sonhando.

— E eu achando que eu era o mais sangue-frio do grupo.

— Você? — Ele inclina a cabeça. — Você, Sin, tem consciência. Eu, por outro lado, nunca hesito.

Eu já tinha testemunhado isso.

—Você salvou minha vida naquele dia no porão. — Eu ergo o queixo.

— E minha mão estava tão firme quando enterrei a caneta do bastardo em seu pescoço quanto está hoje. Ainda lembro do sangue espirrando em meu rosto. —Ele ergue a mão fechada, e mostra o lenço arruinado.

—Eu nunca vou esquecer isso. — É por esse motivo que eu tolero todas as suas babaquices, e não por confiar nele ou algo

parecido. —Mas não me subestime ou o resto dos Sete. — Eu estalo meu pescoço.

— Posso te garantir que não perco meu precioso tempo pensando no resto de vocês. Bom, para completar o objetivo deste exercício tedioso, tudo que me resta dizer é: faça o que diabos for preciso, mas não se envolva com ela. Livre-se dela.

Muito tarde.

—Você entendeu, Sin?

O filho da puta está certo. Como sempre. Eu já deveria ter feito isso. Era o que eu estava planejando fazer. Eu iria me aproveitar dela, fazendo-a se dobrar à minha vontade, forçando-a a participar do meu plano para tirar seu velho do esconderijo e colocá-lo em minhas mãos, para fazê-lo pagar por tudo que fez. Não, não vamos deixar isso para a justiça resolver, de jeito nenhum. E quando se tem dinheiro, muito dinheiro, ele pode ser usado para mascarar todos os seus pecados, mas não me quadro nessa categoria. Uso minha riqueza para ampliar meu poder, para garantir que nunca seja esquecido. Para imprimir minha marca na vingança que planejamos todos esses anos. E estava quase lá quando eu venho e estrago a porra toda.

Bom, talvez isso não seja totalmente verdade. Talvez eu não esteja dando o crédito devido a minha estratégia, ou aos meus instintos.

— Não esquenta sua cabecinha, meu velho. — Abro os braços, para enfatizar minha fala. — Isso tudo faz parte de um plano.

— É mesmo?

— Claro. Eu precisava encontrar uma maneira de convencer Adam que isso é sério.

— Sei. — Ele esfrega o queixo.

— O que foi?

— Não acredito em você.

— Que merda do caralho!

—Você está entrando numa furada. Você poderia simplesmente ter feito ela ir morar com você, fingir que estão tendo um caso e pronto.

— Até parece que você é um expert em relacionamentos, hein?

— Ei, eu sei como evitá-los, e tive muito mais sucesso nisso do que você e todo o resto dos Sete.

Ele está certo, claro.

Todos nós, com exceção de Edward, gostamos de curtir a vida, sem nos amarrar a ninguém, e com certeza queremos continuar assim.

— Eu não consideraria pagar por sexo como ter experiência.

Ele me encara, depois ri. Seus ombros sacodem tanto que ele tem que se segurar na beirada do balcão do bar.

— O que é tão engraçado? — Eu franzo a testa.

— Você, babaca. Você, que vai pagar pelo maior erro da sua vida.

— Você está me dando nos nervos. — Eu ando em direção ao telefone sobre a mesa de conferência e aperto o viva-voz.

— Sin? — Meredith atende.

— Ligue para a segurança — eu rosno.

Há uma pausa, então ouço: — É o Saint?

— Como você adivinhou?

— Porque sempre que vocês dois estão juntos acaba nisso, um ou outro ameaçando chamar a Segurança. Ah, me poupe, tenho mais o que fazer.

O tom de discagem soa.

—O que...? — Eu tiro o dedo da tecla e o zumbido irritante é interrompido. — Ela desligou na minha cara?

— Ela salvou sua vida, a de nós todos. Ela cuidou da gente, dos pobres garotos perdidos que éramos, dando-nos uma casa longe de casa para que tivéssemos a oportunidade nos encontrar. É graças a ela que estamos aqui e não acabamos na rua, como viciados em crack ou criminosos, bem, nossas empresas excluídas desse pacote.

— Verdade. — Uma dor de cabeça começa a apertar minhas têmporas.

—Ela tem o direito de te ignorar se achar que é a coisa certa a se fazer.

—Você tinha que trazer isso à tona, não é?

—Alguém precisa manter os pés no chão e seguir com o plano. — Ele caminha em direção à saída. —Especialmente quando você parece determinado a estragar tudo.

Meu estômago se revira. Eu esperava que conversar com Saint me ajudasse a encontrar uma solução. *Até parece.*

O babaca tem um jeito irritante de sinalizar meus erros, o fodido advogado do diabo encarnado. Ele é o único dos Sete que me enfrenta, o que significa que eu odeio sua coragem e, sim, também confio no seu toque particular de crueldade para me chamar de volta para a realidade, o que ele havia feito com sucesso. E isso me deixa onde? Segurando minhas malditas bolas na mão.

— Espera.

Ele chega à porta e segura a maçaneta.

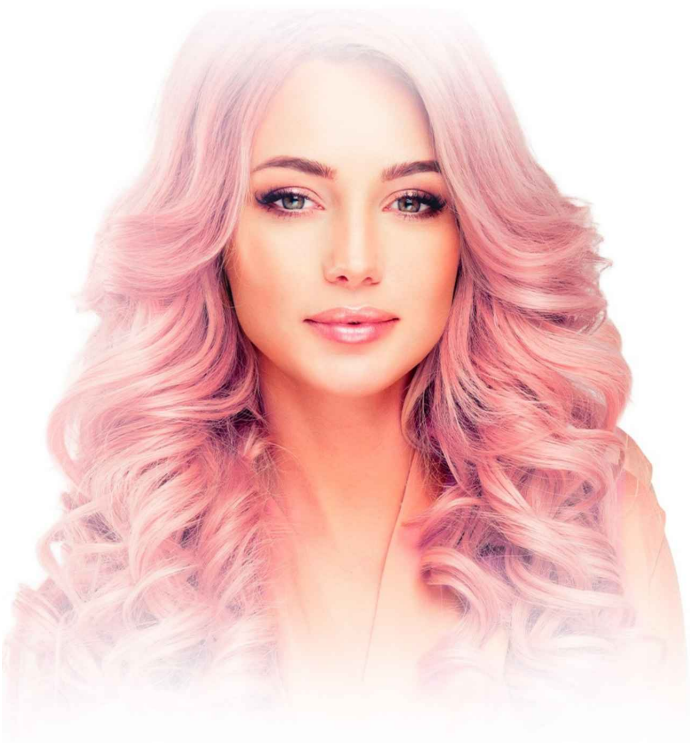
— Que merda, Saint. O que você quer que eu faça? Que implore?

—As palavras são supervalorizadas. — Ele me lança um olhar divertido por cima do ombro. — Nós nos destacamos do resto do grupo, você sabe disso.

Eu fico tenso e dobro meus dedos em punho. Claro, eu devia ter imaginado. Tudo tem que ser barganhado com esse idiota. Ele é muito parecido comigo, algo que detesto. E é também por isso que

somos os únicos do grupo que se tratam de igual para igual. Merda! Eu o chamaria de oponente digno se estivesse me sentindo caridoso hoje, o que não estou, não quando uma sensação de peso se aloja no meu estômago. Eu endireito meus ombros.

—Diga seu preço.



A esposa falsa
DO BILIONÁRIO

Summer

Capítulo 25

— Já vai. — Digo quando ouço a campainha.

Estou sozinha, de novo, na mansão em *Primrose Hill*.

É o começo do fim de semana e eu não o vi... e nem a qualquer outra pessoa, desde que voltei a pisar os pés ali.

Ele parece concordar com a filosofia de que os servos não devem ser notados, exceto pelos resultados de seus esforços. Sem dúvidas, ele tem uma equipe a seu dispor, pois quando cheguei, na noite passada, encontrei minha cama arrumada, a comida aparece magicamente na geladeira, e todo o lugar está impecável, o que confirma que realmente alguém limpa o espaço. Mas é desconcertante, parece como morar em um hotel.

Eu tremo e examino a enorme biblioteca. Adotei o espaço como meu. As estantes do chão ao teto, emoldurando a janela que dá para o jardim, é o meu refúgio. Então por que continuo olhando para a porta o tempo todo, esperando vê-lo, hein?

Não que eu sentisse falta dele. Não. *N-ã-o*.

É um alívio não ficar em suspense, ou ter que espiar pelos cantos antes de ousar ir a algum outro lugar dentro da casa.

Voltei do escritório – de metrô – de novo, mas não estou reclamando. Se há alguma coisa que eu tenho inveja é de pessoas que vivem sua vida cotidiana, com nada mais para se preocupar no mundo do que escolher o bar que vai na sexta à noite, ou qual roupa vai usar para trabalhar de manhã, ou marcar um encontro e levar para casa para transar no final de semana... Ah, sobre esse último... bom, eu sempre admirei muito quem consegue fazer isso.

Não que eu não tenha tentado fazer isso, mas aparentemente, eu tenho um estranho conjunto de moral, com certeza enraizado em mim por causa dos ensinamentos que recebi das freiras na escola do convento, que Karma e eu havíamos frequentamos.

Enquanto eu me apeguei a essas crenças, que foram com certeza minha âncora para enfrentar a vida, Karma decidiu seguir por outro caminho.

Quando ela deveria estar rindo e brincando com as outras crianças, ela preferia se isolar e nos espiar por trás das janelas. Então, quando ela finalmente atingiu a maioridade e se juntou a mim no mundo real, ela mal podia esperar para se soltar e explorar sua sexualidade, isso nos dias que sua saúde permitia, é claro.

Desço correndo os degraus, abro a porta e Karma pula para dentro.

Ela está vestindo jeans skinny escuro, rasgado nos joelhos, botas de salto quadrado, uma blusa que descia por um ombro, presa por alfinetes de segurança, e vejo que um deles foi parar no seu lábio. Piercing no lábio? Eu pisco, surpresa.

— O visual de Gwen Stefani não tinha desaparecido junto com os anos noventa?

— Isso mostra o quão pouco você sabe sobre as tendências atuais, mana.

Hã? Eu franzo a testa e ela ri.

—É tão fácil te zoar, né? — Ela puxa meu cabelo e começa a andar pela casa.

—Você poderia, pelo menos, fingir ser um adulto responsável?

— Ei, eu tricoto, e mando minha contribuição de dois centavos para *O Mundo Segundo Garp*.

— Do que você está falando? — Seguro as pontas do meu cabelo em volta dos meus dedos.

— Significa que amadurecer é algo superestimado. Além disso, você já é adulta o suficiente por nós duas.

Suas botas deixam pegadas enlameadas no chão polido. Devo dizer algo? Mas por que eu deveria me importar? Esta não é a minha casa. Estou hospedada ali pelo período que... que...? Que

durar um casamento falso com um cretino detestável e de coração frio, que está tentando ao máximo esquecer minha existência, pelo jeito.

— O que veio fazer aqui?

Ela dá uma olhada em volta e assovia.

— Nossa, você tirou a sorte grande, mulher.

— Estou no limite da minha paciência. — Eu apoio minha mão em torno da porta entreaberta.

— Ser capaz de reconhecer uma coisa boa mesmo quando ela é atirada na sua cara nunca foi seu ponto forte.

— O que você quer dizer com isso?

Ela balança as mãos no ar e gira.

— Olha para tudo isso, querida. Isso tudo pode ser seu. Correção, já é seu.

—É tudo fingimento. — Eu bufo.

— Você não me ouviu? — Ela se inclina para frente nas pontas dos pés. —Você tem que fingir até conseguir.

Eu faço uma careta.

— Como no filme *Legalmente Loira*?

— Na verdade foi o filme Uma Linda Mulher que me veio à mente.

— Ah, então eu devo me prostituir, é isso?

— Foi você que disse isso. — Ela sorri.

—Honestamente, Karma, você consegue ser uma grande vadia às vezes.

Ela deixa cair as mãos ao lado do corpo.

— Poxa, isso foi um golpe baixo, baixo até mesmo para você.

— E sua estupidez em me dizer que preciso aceitar meu destino, que tenho que seguir em frente independente do meu papel num plano esquisito inventado por um psicopata...

— Ele não é um psicopata...— Ela faz uma careta.

— ... cheio de si mesmo, um bilionário filho da puta...

— Zillionário, na verdade...

—... e você quer que realmente eu fique feliz com isso? Você só pode estar brincando. — Minha respiração fica descompassada.

Ela fica séria e vem em minha direção.

— Ei, Summer, me desculpe por ter chateado você.

— Tudo bem, o problema não é você. — Eu bufo.

— Eu sinto muito, de verdade. Você está certa, eu posso ser grande uma vadia às vezes. Acho que é uma profecia autorrealizável. Afinal, com um nome como *Karma* eu não tinha chance de ser outra coisa, né?

— É melhor que *verão*.

— Não é você que tem que repetir seu nome para as pessoas várias vezes quando se apresenta.

— Melhor do que as pessoas instantaneamente assumindo que sou algum tipo de hippie.

— E suas roupas não corroboram a que pensem isso, né?

Olho para minha saia longa, a blusa tipo camponesa e o tênis cor-de-rosa.

— O que há de errado com o que estou vestindo?

— Nada.

— Não é minha culpa se as pessoas julgam pelas aparências. — Eu bufo.

— Mulher, você é muito otimista. O mundo é governado pelas aparências. Você ainda não colocou isso na sua cabeça?

— O que mostro para o mundo não é o que sou por dentro.

—É verdade. — Ela balança a cabeça e seus lábios se curvam.

— Não vá rir de mim. Como você sabe, sou mais rebelde do que pareço.

Ela me olha de cima a baixo.

— Vamos concordar em discordar disso, tá bom, mana? Você é mais uma desajustada peculiar.

Oi? Isso é bom ou ruim?

—Você é alguém que quer acalmar as coisas, tornar o mundo um lugar melhor, alguém que anseia por aprovação masculina.

—Você acha que eu tenho traumas por causa da ausência de papai? — Eu a encaro, surpresa.

— Não temos? — Ela levanta os ombros, depois os deixa cair.

— Essa foi a coisa mais verdadeira que você já disse. Quero dizer, considerando como fomos abandonadas por nosso próprio pai, é claro que estaríamos por fim procurando a aprovação dos homens em nossas vidas, não é?

— A diferença é que você tem medo de perder o controle. Você fará qualquer coisa para domar as circunstâncias, enquanto eu... Ela olha por cima do meu ombro.

— Você? — Eu empurro meu queixo.

—Eu jogo com as cartas que recebi, em vez de perturbar a mesa inteira, procurando aquele Ás que provavelmente nunca cairá no meu colo.

— Se está insinuando que nunca vou me contentar com nada menos do que com o cara *certo*, você está coberta de razão. — Eu inclino meu rosto para cima e olho em seus olhos.

Droga, eu poderia continuar elaborando meu discurso, mas isso não é um jogo de poder. Não é. Essa sou eu e minha irmã conversando sobre nossas diferenças, né? E é hora de ela entender o que realmente penso sobre essa questão.

— Não vou desistir de procurar uma pessoa que seja compatível comigo em todos os sentidos.

Ela balança a cabeça, pisca, e eu franzo a testa. Será que caiu algum cisco em seus olhos? Não importa. Desta vez, vou ter a última palavra.

— Este casamento é tão falso quanto o sorriso da Victoria *Posh Spice* Beckham.

O cabelo da minha nuca se arrepia e um frisson de eletricidade sobe pela minha espinha. Tarde demais percebo o que ela estava tentando me avisar. *Não vire. Não vire.* Uma explosão de calor nas minhas costas me faz estremecer.

— Poderia repetir?



A esposa falsa
DO BILIONARIO

Sinclair

Capítulo 26

Sinto cada parte dela ficar rígida.

— Você me ouviu. — Ela se vira.

Eu a encaro.

Suas bochechas ficam vermelhas, mas ela segura meu olhar.
Impressionante.

Meu Passarinho está pensando em abrir suas asas, é isso? Por que deveria me importar que ela esteja se referindo a esse relacionamento como uma farsa? É, não é? Fui eu quem iniciou isso, então por que estou com tanta raiva que ela está ressaltando que tudo não passa de fingimento, por quê? Porque isso é tudo o que sempre vai ser. Outra mentira em uma longa série de ilusões, no que eu sou bom em arquitetar, afinal.

Eu ando até ela. Mais perto, mais perto. Sua respiração fica acelerada. Paro quando estou bem na sua frente dela. Ela inclina a cabeça para trás, bem para trás, para olhar para mim.

— Na verdade, acho que não. — Levanto a mão e ela se encolhe. Ela está com medo. Ótimo. Eu arrasto meu dedo por sua bochecha. — Diga de novo.

— *Play it again, Sam?*

— Hã?

— Você me fez lembrar da cena do filme Casablanca. — Ela engole em seco. — Aquela cena em que Ilsa...

— Pede para Sam tocar *As Time Goes By*?

Ela confirma com a cabeça.

— Você entendeu tudo errado.

— Não, eu acho que não. — Suas sobrancelhas se franziram.

Eu aliso o vinco que se formou, e ela vira a cabeça.

— Escute — ela bufa — você pode ser o chefe no escritório, mas quando se trata de curiosidades sobre filmes...

— Eu estou sempre certo. — Eu curvo meus lábios.

— Você não pode ser perfeito em tudo. — Ela bufa.

— Hã?

Gostei disso.

— O que você vai me dar em troca se eu provar que você está errada?

Ela aperta o maxilar.

— Então...?

— O que você quer?

— Você.

— Como é? — Ela grita.

— Você me ouviu.

—Você já me tem em suas mãos, concordando com todos os planos sórdidos que você, sem dúvida, passou os últimos anos...

— Uma década, na verdade.

— ...arquitetando. Você me fez concordar com esse casamento de mentira...— suas bochechas ficam vermelhas.

—É aí que você está errada. — Eu me inclino para frente até que meu rosto quase roça o dela. Quase.

Eu não preciso olhar para baixo para descobrir que seus mamilos entumeceram, o que esperava. Ou que minhas calças estão de repente muito apertadas na minha virilha, uma infeliz consequência de nossa proximidade, algo que vou aliviar assim que eu apontar seu erro.

— Duplamente, a propósito.

Seu olhar se alarga.

— Você é um arrogante sabe-tudo. Não é possível ter uma única conversa séria com você.

— É mesmo? — meu sorriso se alarga.

Uma pulsação ganha vida na curva de seu pescoço. Eu quero abaixar minha cabeça, acariciar aquele espaço onde o cheiro dela seria mais concentrado. *Porra, por que você quer fazer isso?*

Começo a levantar a mão, mas a abaixo, mas meus dedos formigam de desejo. *Por que estou sentindo essa vontade louca de tocá-la novamente?* De sentir a suavidade de sua pele sob minha palma, espalmar minhas mãos em sua bunda, empurrar as pontas dos dedos para dentro do núcleo quente entre suas pernas...

— Ei. — Ela bate palmas.

— Não levante a voz. — Eu jogo meu queixo para cima.

— Eu vou fazer o que eu quiser.

— Summer! — Uma nova voz soa no espaço.

Olho sobre seus ombros e vejo a mulher com quem Summer estava falando quando entrei.

— Quem é você?

— Oi. — Ela vem em minha direção. — Sou Karma.

— Karma?

Ela solta um suspiro.

— Desculpe minha ascendência e a dela. — Ela aponta Summer com a cabeça. — Nós somos o resultado do que acontece quando você cruza uma hippie que come flores com um ex-milionário perdedor com vício em jogo.

Não brinca! Mas não é essa a raiz de todo esse maldito problema.

— Prazer em conhecê-lo. — ela estende a mão.

Eu olho para sua mão estendida, então para o rosto dela.

— Sem jurados.

Ela pisca, suas feições assumindo um semblante atordoado, então ela ri. Ela começa a gargalhar a plenos pulmões, algo que é estranhamente contagiante.

Eu pego meus lábios se contraindo.

—Você deve ser a irmã.

— E você deve ser o Cretino. — Ela sorri.

— Cretino? — Eu franzo a testa.

— Cala a boca, Karma. — Summer gira e eu a puxo contra o meu corpo. Ela esperneia e seu quadril roça o meu.

Eu coloco meu braço ao redor de sua cintura fina, e enterro meus dedos na curva de seu quadril. Ela estremece, depois fica imóvel.

— Então, esse é o meu apelido? — Eu sorrio.

—Só você levaria isso como um elogio. — Summer bufa.

—Vou relevar.

— Por que acho isso tão difícil de acreditar?

— Você está certíssima em desconfiar.

— Por que você nunca diz o que realmente pensa?

— E onde está a graça nisso?

O olhar da *Karma Chameleon* está sobre nós.

— Acho que vocês dois ficam muito bem juntos.

—Do que você está falando? — Summer joga os braços para cima, exasperada. —Nós nos odiamos.

— Claro. — Os olhos de Karma brilham. — Minha irmã é bastante boa em acreditar nas próprias mentiras.

— Foi a primeira coisa que descobri sobre ela, embora neste caso, eu tenha que admitir que ela está certa.

Summer volta o rosto para mim.

— Ah, meu Deus, você está se sentindo bem? Está com febre ou algo assim?

— Hã?

— Você concordou comigo. Isso é inédito. Está chovendo?

— Sempre está chovendo em Londres, você nunca reparou?
Ela faz aquele barulhinho com a garganta e eu rio.

—E — puxo uma mecha de seu cabelo rosa —completando aquilo que comecei alguns instantes atrás...

—Você sempre tem que dar a última palavra?

— Definitivamente, está me conhecendo melhor. — Inclino minha cabeça. — Cuidado, você pode acabar gostando de mim.

— Nunca. — Ela franze o nariz.

— Voltaremos a isso depois. Como eu estava dizendo antes, você está errada.

— Sobre o quê?

— Uma citação equivocada da linha *Toque, Sam...*

— Não. — Ela pisca.

— Pode checar. — Eu sorrio.

Ela olha em volta e dá um tapinha nos bolsos da saia.

— Você está procurando por isso? — Estendo o telefone dela, que está na minha mão, ela o pega e encara a tela.

— Você me ligou...?

— Qual é o sentido de se ter um telefone se você nunca o mantém com você?

—Vinte vezes?

— Conto que esteja sempre à minha disposição. Esqueceu?
— Eu levanto uma sobrancelha.

— No final de semana?

— Você trabalha para mim vinte e quatro por sete, esqueceu?

— Como posso esquecer! — Ela aperta o maxilar.

— Então?

— Então o quê?

— Não vai conferir?

— Vou te poupar o trabalho. — Karma dá um passo à frente.
—Ele está certo.

— E o que há de novidade nisso? — Não consigo evitar o tom levemente vitorioso da minha voz.

Que golpe baixo! Por alguma razão, quando estou perto dela, perco completamente o controle, e imagina se não vou aproveitar todas as oportunidades que tenho para ficar por cima. *Literalmente*.

Summer alterna o olhar de mim para Karma, então pega o telefone. Seus dedos tocam na tela, então seus ombros enrijecem.

—Eu te disse.

—Tá, você disse. — Ela solta um suspiro e o cabelo em sua testa se levanta. — Essa é a primeira vez que erro. Te dou o crédito disso.

Eu abaixo minha voz, de forma que só ela ouça.

—Você vai me dar cada uma de suas primeiras vezes.

Ela ergue a cabeça para olhar para mim.

— Feliz?

Eu confirmo com a cabeça.

— O que mais você quer?

— Fizemos um acordo no início desta conversa, esqueceu?

— Estou perdendo a conta deles, idiota.

Eu levanto a mão, acaricio sua bochecha, então sussurro: —
Prefiro *Cretino*.

— Acho que vou te chamar de pé na bunda.

— Mal posso esperar para enfiar meu pau nesse buraco também — murmuro.

Sua respiração trava.

Eu me afasto e observo as reações pelo que disse passarem pelo seu rosto. Suas pupilas dilataram e a pele cremosa de seu pescoço ficou vermelha. Meu pau instantaneamente endurece.

Sua boca se abre, e é quando, como o bom filho da puta que sou, me aproveito. Encurto a distância entre nós, abaixo minha cabeça e fecho minha boca sobre a dela.

Cada músculo em seu corpo enrijece. Eu passo minha língua entre seus lábios e um pequeno suspiro escapa dela. Eu mordisco sua boca, chupo sua língua e sua coluna se curva. Eu a seguro firmemente contra o meu corpo. Ela literalmente parece derreter em meus braços.

Meu pau endurece, minhas bolas latejam, uma pulsação em resposta explode em minhas têmporas. *Porra.*

O som de uma garganta sendo limpa me atinge. Diminuo a intensidade do beijo e me afasto, mas não consigo parar o estrondo de prazer que vibra no meu peito. Ela deve ter ouvido também. Eu a deixo colocar alguma distância entre nós, não muita, pois mantenho meu braço em volta da cintura dela.

— Então...— Eu me volto para Karma. — Que bom que você conseguiu vir.

— Não deixaria de ajudar minha irmã a planejar seu casamento.

— Como é? — Summer levanta a cabeça — Foi você que a convidou para vir aqui?

— Sim — Karma confirma.

— Você hackeou a senha do meu telefone? — Summer me lança um olhar de reprovação.

— Não precisei. Eu identifiquei seus números favoritos.

— Como você sabia...? — Ela franze os lábios. — Você abriu os arquivos no meu laptop para poder descobrir meus padrões?

— Você me dá muito crédito. Agradeço, mas acontece que você é muito previsível.

Ela rosna baixo. Droga, esses pequenos sons que ela faz... Vou garantir que sejam bem altos quando eu a tiver esparramada de novo sobre a minha mesa e...

— É invasão de privacidade. — Ela sibila.

—Essa não é a única coisa que vou invadir.

Ela fica vermelha e sua respiração acelera de uma maneira que indica que ela está muito excitada. Aposto que a calcinha dela está encharcada, não que eu esteja reclamando. Eu gostaria que estivéssemos sozinhos para que eu pudesse enfiar meus dedos entre suas pernas e confirmar minha teoria. Meus dedos se agitam, então e eu os dobro em um punho ao meu lado.

—Você vai usar cada palavra que eu disser contra mim? — Summer murmura.

Eu arqueio uma sobrancelha.

— Esquece. — Ela joga o cabelo para trás — Sr. Sterling — Karma nos interrompe. — Gostaria de dizer que foi com certeza uma oferta muito generosa.

— Que oferta? — Summer franze a testa.

— Ele não te contou? — Ela pisca, — Quantos homens dariam carta branca para a noiva organizar o casamento do jeito dela?

— Apenas os ardilosos, os manipuladores, e os detestáveis. — Summer murmura.

Tão mal-humorada. Essa mulher, ela não percebe que não tem a menor chance de me vencer? Ainda assim, tenho que dar a ela todos os créditos por tentar, o que é mais do que reconheceria com qualquer outro oponente. Ela está se mostrando nada parecida com o que eu esperava. Surpresas, odeio, mas desafios... Sim, posso definitivamente compará-la a um quebra-cabeça a ser montado, um jogo, mas com a certeza de que haverá um único vencedor - eu.

— Isso é tudo? — Eu permito que meus lábios se torçam.

—E você...— Summer olha carrancuda para Karma — não acredito que você está se juntando a ele contra mim com.

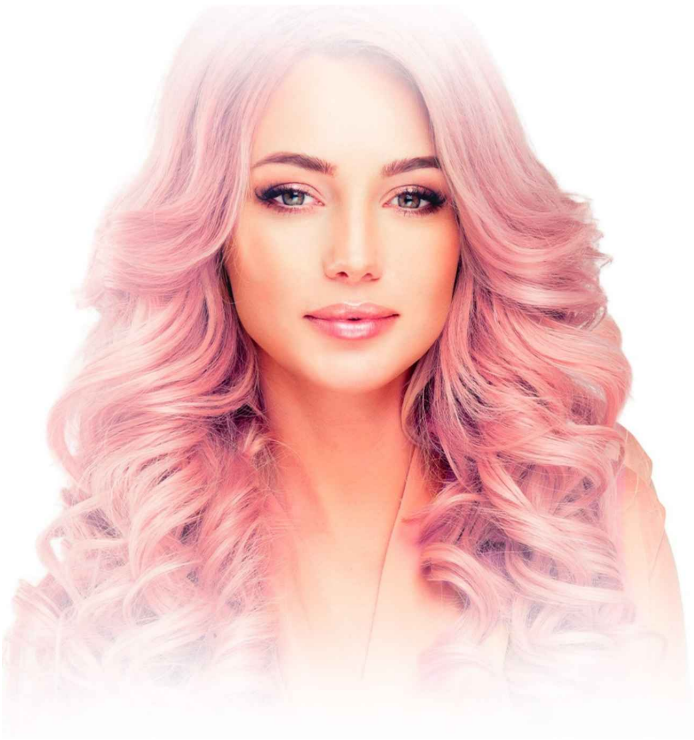
A porta da frente se abre com um estrondo.

— Chegamos muito tarde?

Summer pisca os olhos, aturdida.

—Isla, Amelie?

—Tomei a liberdade de convidar suas amigas mais próximas para ajudar também.



A esposa falsa
DO BILIONARIO

Summer

Capítulo 27

— Ele deixou o cartão de crédito dele com você, certo? — Karma pula para cima e para baixo, não se contendo de tanta animação. E ela está certa, ele deixou.

Eu ergo o pedaço preto de plástico que ele colocou na minha palma. Não esperava por isso, e não tenho certeza do que vou fazer a respeito.

— Eu voto para que façamos bom uso disso. — Amelie pega o cartão da minha mão.

Eu tento pegá-lo de volta, mas ela o mantém fora do meu alcance.

—Oh, não, Sra. Dona Certinha, eu não vou permitir que você estrague a nossa diversão.

— Cristo, Amelie, isso é sério. Não quero ficar em dívida com ele. — Eu coloco as mãos na cintura.

— Você já está — Karma fala arrastado. Ela está sentada numa confortável poltrona de couro com uma taça de vinho na ponta dos dedos. Ela se sente em casa naquela sala de estar, com vista para o belo jardim atrás da casa. As portas estão abertas para permitir que a brisa quente do verão entre no cômodo. Dá para ver daqui as grandes rosas cor-de-rosa e amarelas florescendo e um prado de flores silvestre, que se estende a perder de vista. Um caminho de pedra leva até o lago, e além dele há muitas árvores altas dão vista para uma queda d'água que jorra do muro que circunda a propriedade. Idílico. Lindo. E tudo tão errado.

Eu não mereço estar aqui, mergulhada na beleza desse momento, quando tudo o mais está errado. Lugar errado. Ocasão errada. Noivo errado. O que eu estava pensando quando concordei com ele? Oh! Espere, eu não tive escolha. Se eu tivesse recusado, estaria jogada na rua, lutando para salvar minha vida e a de minha irmã, a mesma irmã que, nesse instante, se serve de mais um

pouco de vinho que, sem dúvida, deve ser obscenamente caro, e levanta a taça em minha direção.

— *Salut.*

— Você não deveria estar bebendo. Ele neutraliza o efeito dos medicamentos que você está tomando.

— Não é o que o médico diz — ela murmura.

— Ah, é? — Eu marcho até ela. — Por que você não me ligou dando notícias quando foi vê-lo, hein?

— Isso importa? — Ela engole o vinho. — Eles são todos iguais, não são capazes de diagnosticar o que há de errado comigo, apenas prescrevem uma medicação diferente, depois me dizem para ter cuidado com minha dieta, para fazer exercícios... Como se eu tivesse oitenta em vez de dezoito anos.

— Pelo menos, pelas leis do país, com a idade que tem, você já pode legalmente beber.

— O que tira um pouco o brilho dessa minha rebeldia. — Ela toma outro gole de vinho, depois soluça.

— Você já bebeu o suficiente.

— E você ainda não bebeu. — Ela me oferece sua taça.

Eu olho para ela, então franzo meus lábios.

— Ah, vamos, mana, me dê esse prazer. É um momento de felicidade. Hora de celebrar.

— Você está estranha.

— Sei disso. — Ela olha para o cálice. — Deve ser o álcool, ou o ambiente bastante agradável em que nos encontramos. Certamente não é o seu temperamento, que como sempre, deixa muito a desejar.

Ela leva o copo aos lábios e eu o arranco dela.

— Ei! — Ela protesta.

Eu bebo de um gole.

— Gostoso, não? — Ela estala os lábios.

— Então é esse o sabor que um vinho deve ter?

— Certamente está um passo à frente da última bebida que provei, que saiu de uma caixa de papelão. — Amélie caminha até nós, uma garrafa recém-aberta na mão, e enche minha taça. Em seguida, pega outra e entrega para Karma.

— Acho que ela já teve o suficiente de vinho por hoje — murmuro fracamente.

Amélie sorri.

—Vamos, precisamos do álcool para acompanhar os debates sobre os detalhes do casamento.

— Além do vinho ser muito bom — Karma ri.

Isla vem correndo do jardim, cabelo despenteado, suas bochechas coradas.

— Gente, as flores... ah, meu Deus, tem uma estufa com orquídeas. Essas flores devem valer uma fortuna!

— Tente milhões. — Com certeza, não consigo acertar o valor de nada que tem dentro desta casa, isso vai além da minha imaginação. Melhor adicionar muitos zeros após qualquer uma de nossas suposições.

— Gente, este homem é podre de rico. — Isla arremessa os braços tão largos que quase me derruba. Eu recuo para uma distância segura.

— Ele é um zilionário, muitas vezes mais rico do que você imagina. — Ela caminha até o espelho enorme que ocupa quase um canto de toda a parede. — E este é um espaço dos sonhos.

Nossos reflexos nos saúdam, com o jardim ao fundo. A mansão é imensa, impressionante, mas com um toque de sofisticação, muito parecido com o homem que a possui.

—É... ah... pois é. — Eu engulo em seco.

Karma ri.

— Gente, ela já domina a arte de subestimar as coisas, hein?

— Sim, você notou? — Amelie ri. — Quanto mais dinheiro você tem, menos você fala sobre isso.

— Poxa, isso não é justo. Estou um pouco nervosa com a velocidade com que tudo está acontecendo, isso é tudo.

— Ei. — Amelie caminha até mim — não quis dizer isso do jeito que saiu. E, para registro, acho que você está fazendo a coisa certa.

— O quê? — Eu zombo. — Simulando um casamento com um detestável Sr. Endinheirado que está me usando para promover seu império?

— Foi isso que ele te disse? — Ela estreita o olhar. — Que é um casamento de mentira?

Eu faço que sim com a cabeça.

— Eu acho que ele está mentindo.

Karma e Isla se aproximam.

Eu envolvo meus braços em volta da minha cintura.

— O que te leva a dizer isso?

— Ele chamou sua irmã e suas melhores amigas para te ajudar a planejar seu casamento. — Amelie acena com a mão no ar. — Isso parece coisa de um homem que não sente nada por você?

— Ah, mas ele tem sentimentos, sim. — Eu rio.

— Aha! — Seus olhos brilham. — Você já transou com ele, hein?

— Não... uh... — Eu mudo meu peso de um pé para o outro. — Não exatamente.

— Ou você dormiu com ele ou não. — Amelie inclina a cabeça.

— É meio complicado. — Fico vermelha.

— Sempre é. — Isla acena com a cabeça.

— E como você sabe disso, Senhorita Estou-Me-Guardando-Para-O-Casamento? — Eu torço meus lábios.

Karma apoia a palma da mão no quadril.

— E você sabe?

— Não. — Eu estico o queixo. — Estive muito ocupada trabalhando, para considerar querer dormir com alguém. Além disso, eu não conheci ninguém com quem eu quisesse fazer sexo, ok?

— Summer, não acredito. — Amelie se volta para mim. — Diga-me que não é verdade.

— Ei, o que está se passando nessa sua cabecinha?

— Você é virgem? — Amelie franze a testa.

— Agora está falando como ele.

— Eu sabia. — Ela estala os dedos.

— Do que você está falando?

— Aposto que isso faz parte da atração que sente por você. Provavelmente, você é a primeira mulher meio decente que ele encontrou...

— Puxa, obrigada. — Eu tusso em minha mão.

— ... e que de quebra nunca esteve com outro homem. Aposto que trouxe à tona todos os seus instintos possessivos e ele decidiu que iria reivindicar você.

— Uma encantadora de idiotas, essa sou eu. — Eu bufo, e jogo meu cabelo sobre meu ombro. — Ele poderia ter dormido comigo sem precisar para isso se casar, certo? E além do mais — eu empurrei meu queixo para cima — eu disse a ele que não era virgem.

Amelie olha para mim, surpresa.

— Aposto que inconscientemente ele sabia que você estava mentindo.

— Tipo, nós temos alguma conexão secreta, então ele pode ler minha mente? — eu zombo.

— E tem? — Ela abaixa o queixo.

— Claro que não. — Eu olho para ela, exasperada.

— Mas você transou com ele ou não?

— Caramba, o que é isso, a Inquisição Espanhola? — Eu levanto as mãos para o ar. — Não, não transei. Além disso, todas vocês estão se esquecendo de uma coisa. Isso é tudo uma farsa, um teatro.

— Não sei, está me parecendo muito real. — Isla aperta meu ombro.

Fala mais.

— Karma mencionou que há um acordo.

— É mesmo? — eu rosno.

— Está tudo certo. — Amelie dá um tapinha na minha bochecha. — Você finalmente está ficando esperta, aproveitando as oportunidades para melhorar de vida.

— Caramba, obrigada, com amigas como você quem precisa...

— *Enemas?* — Karma sorri.

— Ugh. — Faço um som de engasgo. — Odeio quando você inventa piadas grosseiras, tipo essa.

— O que este casamento não é. — Amelie franze a testa para Karma que faz um gesto como se estivesse passando um zíper nos lábios.

— Como vou planejar um casamento em 2 dias? — Dou um suspiro. — Quer dizer, eu nunca imaginei que um dia estaria subindo no altar. Sei que todo o cenário é falso, mas... vocês entendem o que quero dizer, não é?

Eu torço meus dedos na minha frente e engoli as lágrimas que ardem em meus olhos. *Por que tudo parece tão esmagador de repente?* Eu fungo.

— Ei. — Amelie esfrega minhas costas. — Estamos aqui para com você. Eu, por exemplo, acho que você deve fazer exatamente o que seu coração manda.

Que é o quê? Me jogar nele e implorar para ele me foder? *Não, isso não, volta.* Me jogar nele e exigir que ele me liberte dessa farsa estúpida? Melhor, mas que ele não vai aceitar. Ele está determinado a se vingar de tudo o que meu pai fez com ele. Ainda não me contou o que foi. O que será que aconteceu de tão ruim? Alguma guerra corporativa deu errado, sem dúvida. Tenho certeza que foi isso. Ele provavelmente está reagindo de forma desproporcional ao que ocorreu.

— Minhas habilidades como organizadora de casamentos foram claramente desafiadas, hein? — Isla me leva para o outro lado da sala. — Por sorte, você tem uma coisa a seu favor.

— Tenho?

— Sim. — Ela sorri. — Você tem o cartão de crédito dele, então... — Ela sacode os ombros.

Sim. Meus ombros se curvam ao ouvir isso. É, o dinheiro realmente pode comprar qualquer coisa, até mesmo os arranjos para um casamento não planejado, não é?

— Escute, querida, estamos todos do seu lado, mesmo que estejamos constantemente tendo que ir fazer xixi. — Karma cruza os braços atrás das costas.

— Hmm. É mesmo?

— Claro. — Suas feições mostram uma expressão determinada. — Prometo não dizer nada com duplo sentido....

— Aleluia.

— ...pelo menos pela próxima meia hora.

— Obrigada por sua gentileza. — Eu caio na risada.

— Ah, e deixa seu vestido de noiva comigo.

— Eu... não sei se devo, Karma. — Eu torço meus dedos.

Seus olhos brilham.

— Você quer chamar a atenção dele?

Eu mordo meu lábio inferior.

— Você quer garantir que ele nunca mais subestime você? Você quer surpreendê-lo?

— Sim... mas, você pode criá-lo em 2 dias?

— É difícil, mas não... impossível. — Ela bate o dedo na bochecha. — Não se eu pegar o vestido em que estava trabalhando e... — Ela se anima e estala os dedos. — Ah, acho que sei exatamente o que vou fazer. — Ela aperta meus ombros. — Confie em mim.

As últimas famosas palavras.

— Você não vai se arrepender. — Ela pisca.

Oh, inferno. Meu estômago se contrai.

— Está resolvido então. — Ela sorri. —Vamos colocar esse show na estrada.

Amelie acena com o cartão de crédito preto.

—Certo, meninas, o que vamos encomendar primeiro?



A esposa falsa
DO BILIONARIO

Sinclair

Capítulo 28

— Está muito quente aqui.

Eu corro meu dedo pela gola da minha camisa. Optei por uma camisa simples de manga comprida, calças justas e um blazer. Sem gravata. Essa era minha maneira de mostrar que essa cerimônia não significava nada para mim. Um gesto inútil. A quem estou tentando convencer? Meu estômago está se revirando e eu puxo as mangas da minha camisa o tempo todo. Meus dedos estão tremendo. *Que porra!*

— Está nervoso, meu velho? — Saint pergunta com um ar debochado.

— Que merda é essa que você está falando? — Eu puxo meu lenço e enxugo a gota de suor que escorre pela minha têmpora.

— Devo ligar o ar-condicionado?

— Porra, odeio essa atmosfera artificial. — A verdade é que ficar preso em qualquer espaço fechado faz minha cabeça girar, a menos que eu tenha algo para me distrair. Eu brinco com o fecho do meu relógio, e parte da tensão nervosa é drenada dos meus ombros.

— Sim. — Ele fica sério. Todos nós sete temos essa fobia específica em comum, mas cada um tem a sua maneira de lidar com isso.

—Aqui. — Ele abre uma caixa de madeira.

— Se você estava pensando em me propor matrimônio, chegou um pouco tarde demais. Além disso, eu não gosto de você para tanto.

—Hahaha — Ele dá uma risada sarcástica. — Sabendo o quanto você detesta joias, imaginei que poderia lhe dar algo tão ou mais valioso.

Ele me entrega o estojo e vejo colunas de folhas de tabaco enroladas aninhando-se no fundo da caixa. — Ah, você se lembrou. Fiquei emocionado agora.

Ele ri.

Eu gentilmente puxo um dos charutos. É uma das minhas malditas fraquezas, junto com uísques raros. Acontece que quando o dinheiro aumenta na sua conta, sensibiliza seus gostos para que você comece a apreciar as coisas boas da vida.

Ele pega um para si e coloca a caixa na mesa. Pegando um cortador de charutos, ele quebra as pontas, depois segura o isqueiro na minha frente para acender o meu, e em seguida faz o mesmo com o dele.

O cheiro pungente de couro esmagado e amêndoas torradas, entrelaçado com algo doce – cerejas? – quase tão bom quanto o sabor dela, enche meus sentidos.

Eu inclino minha cabeça para trás e solto um círculo de fumaça. Meus músculos relaxam um pouco.

— Detesto ter que dizer isso, mas foi uma excelente ideia.

— Consegue sentir? — Ele inclina a cabeça.

— O quê?

Levo o charuto à boca, dou uma baforada.

— Essa quietude, essa calma antes da tempestade, essa sensação de que está prestes a cair um temporal devastador. São seus últimos minutos como um homem solteiro. A fragrância de um charuto de 100 anos conseguiu destravar seus músculos tensos?

— Apenas 100 anos? — Eu tusso. — Você me desapontou agora.

— De nada. — Seus olhos brilham, divertidos.

— Estou realmente tocado por você ter se lembrado da minha fraqueza por isso. — Eu dou outra baforada reverente.

— Custando meio milhão de dólares o bastão de fumaça, é bom você estar mesmo.

— Agora quem está contando seus centavos, hein? — Eu sorrio.

Ele ri e dá uma longa tragada.

— A propósito, vi o que você preparou.

— E?

— Você não está conseguindo me enganar, Sin.

— E quem disse que estou tentando, bastado?

— Se você queria se casar com ela, não precisava armar esse circo tão elaborado. Quero dizer, você poderia ter dito ao resto de nós que estava apaixonado e pronto.

Amor? Eu tossi.

— Eu mal conheço a mulher, cara.

Meu colarinho começou a apertar a minha garganta, mas resisto ao impulso de abrir outro botão.

— É uma farsa. 30 dias e terminamos.

—Você a fez assinar um contrato? — Ele bate os dedos uns contra os outros.

Eu congelo. *Não.* Eu estava confiante de que o vídeo incriminador garantiria que ela faria o que eu quisesse. Além disso, eu estava planejando deixá-la ir assim que eu fizesse o acordo com o pai dela, o que deveria acontecer muito, muito em breve.

— Eu não preciso de um.

Ele abre e fecha a boca, depois engasga com a risada. Seus ombros tremem, ele ri tanto que as lágrimas escorrem pelas suas bochechas.

— Não morra perto de mim. — Eu bato nas costas dele tão forte que ele acaba se jogando para frente.

Ele cambaleia para longe, saindo do meu alcance, e encosta o quadril na janela.

— É uma boceta de ouro? É isso? Ela é tão succulenta que seu pau domina seu cérebro agora?

— Já te disse, não...

— Tá, tá. — Ele se endireita. — *Não fale sobre ela desse jeito*. Eu sei. E sinceramente, sem qualquer desrespeito ao que quer que exista entre vocês dois...

— Não há nada...

— Você ouviu o que você disse, hã? — Ele coloca a mão atrás da orelha. — Sem contrato, idiota. Você está completamente desprotegido, totalmente vulnerável. Pode ser acusado de assédio sexual no local de trabalho. Pode perder pelo menos metade do patrimônio, porque não fez nenhum contrato pré-nupcial. Ela pode te deixar sem nada antes do final disso...

— Ela não vai fazer isso. — Eu cerrei minha mandíbula.

O fato é que honestamente não me passou pela cabeça fazer um contrato com ela. Por quê? Eu confio tanto assim nela? Tenho tanta certeza da minha capacidade de controlá-la? Eu realmente acho que sou capaz de manipulá-la para fazer exatamente o que eu quero? Ela era um enigma interessante, um que eu nunca tinha me deparado antes. Examino as cinzas que se acumulam na ponta do charuto.

— Você tem algo contra ela? — Ele examina minhas feições.

Eu inclino minha cabeça, mas não digo nada.

— Tem algo incriminador o suficiente para fazê-la se curvar a todos os seus caprichos?

Eu permito que minha boca se curve em um sorriso.

Vejo seus músculos relaxarem.

— Muito bem... — Ele sopra a fumaça perfumada. — Eu quero acreditar em você...

Eu também.

—... e para o seu próprio bem, espero que você saia ileso disso tudo. Considerando....

— Por favor, prossiga. — Enfio a mão no bolso.

— ...que claramente, você está escorregando para o outro lado.

— O que você quer dizer com isso? — Eu franzo a testa.

— Esta pode ser uma cerimônia falsa, mas é juridicamente verdadeira. Tem que ser para funcionar. Então, claramente, é isso que está deixando você nervoso.

— Não. — Levo o charuto à boca. Fico feliz em ver que meus dedos estão firmes. — Eu sei o que estou fazendo, mas você sabe? Considerando os 150.000 dólares que você gastou neste charuto...

—São 500.000 dólares...— suas bochechas afundam quando ele dá uma tragada —por bastão de fumaça.

—Hmm.— Estreito meu olhar, e o observo através da nuvem perfumada. O bastardo se superou nessa. Ele nunca soube quando parar.

— Considere como meu presente. — Ele ergue o charuto em uma simulação de brinde. —Afinal, não é todo dia que meu pior inimigo se casa.

Eu rosno.

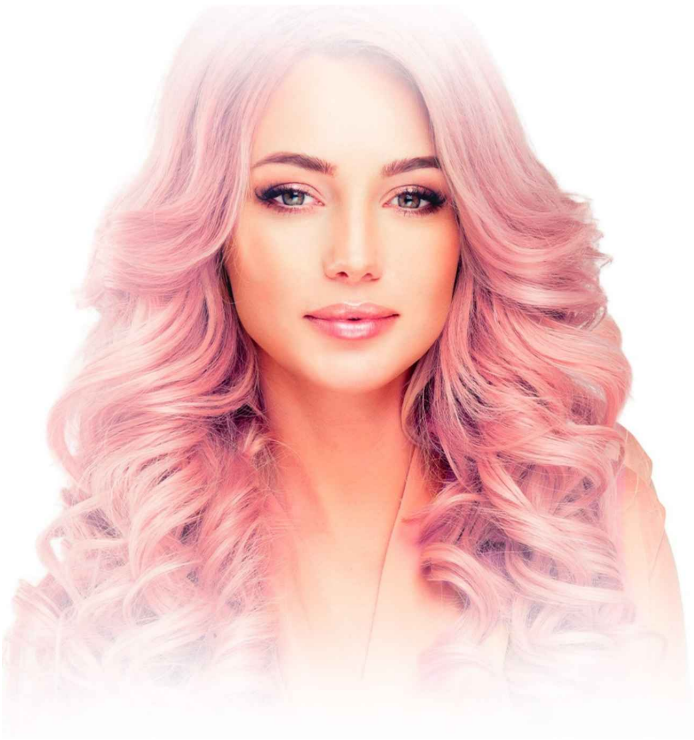
— Desculpe, quero dizer, *se casa de mentira* — ele fala pelo canto da boca — e sem nenhum tipo de papel para amortecer a queda.

Felizmente para ele, eu ignoro essa última parte.

— Não vai me distrair de minhas ambições, nem tirar meu instinto para os negócios.

— Acho que você está se defendendo demais. — Ele ri.

—Vamos ver, não é? — Eu torço meus lábios.



A esposa falsa
DO BILIONARIO

Summer

Capítulo 29

Cretino: Srta. West, você esqueceu que vai se casar em precisamente 3 horas?

Eu: Estou dando o meu melhor.

Cretino: Pare de ser obstinada.

Eu: Pare de ser tão dominador.

Cretino: Eu nasci assim.

Eu: Sabe o que dizem sobre pessoas que se esforçam demais para se projetar?

Sem resposta.

Eu: É aquele velho ditado sobre como aqueles com bolas pequenas tentam compensar demais em todos os outros campos da vida.

Cretino: Posso garantir que minhas bolas são maiores que o tamanho normal, assim como meu pau, como você deve ter adivinhado pela maneira como esfregou sua pélvis devassamente contra minha virilha.

Eu: Alguém já te disse que você é bruto? E alguém ainda usa a palavra 'devassa'?

Cretino: Eu uso.

Aposto que o idiota tem os lábios curvados naquele sorriso cínico. Aperto minhas coxas uma contra a outra. Droga, não posso ter uma única interação com esse homem sem ficar excitada? Eu limpo minhas palmas úmidas na minha camisa.

Cretino: Você ainda está aí, Srta. West?

Eu: Faz diferença?

Cretino: Não.

Idiota.

Cretino: Contanto que você apareça para o casamento, não me importo com o que você veste.

Seria bem-feito para ele se eu aparecesse nua.

Cretino: Não faça isso.

Eu: Você não tem ideia do que eu estava pensando.

Cretino: Não ? Você é muito previsível, Pink.

Imbecil. Vou fazer uma surpresa pra ele, que ele não ter tempo nem de reagir.

Cretino: Você também não terá coragem de fazer isso depois do nosso tempo juntos.

Eu: Pare de colocar palavras na minha boca.

Cretino: Isso foi muito fácil.

Eu: O quê? Ser capaz de prever que seu ego não tem limites? Você acha que pode manipular qualquer um e se safar.

Cretino: E não é verdade? Eu consegui que você seguisse meus comandos até agora, não foi?

Eu jogo o telefone de lado e começo a andar de um lado para o outro. *Pense no dinheiro no banco.* Um milhão já foi depositado. Mais um milhão será depositado no dia do casamento, portanto hoje. Depois, começo a contar cada dia até chegar ao trigésimo, ou quando meu pai concordar em unir forças com ele, o que vier primeiro, para me ver livre. Se ele não estivesse de posse daquela gravação de vídeo sobre mim, eu já teria caído fora.

Se ele não tivesse aquela porcaria sobre mim, eu jamais teria concordado com essa farsa em primeiro lugar. *Porra*, a pobreza é uma merda. Bom, agora eu não sou mais pobre. Eu só tenho que sobreviver pelos próximos dias. Isso é tudo.

O telefone vibra novamente e eu o ignoro. E de novo. Após o terceiro zumbido, eu decido pegá-lo.

Cretino: Aquilo foi desnecessário, me desculpe.

Hã? O quê? Ele está se desculpando?

Cretino: Não espere que eu faça isso de novo.

Quando eu me convenço que ele não tem coração, ele vem e quebra a minha ilusão. Isso não é nada bom. Eu não quero vê-lo como humano, porque ele não é. Ele é um monstro sem coração e eu fico bem mais confortável pensando nele assim.

Cretino: Você está aí?

Não.

Eu: sim.

Cretino: O médico lhe deu um atestado de saúde?

Ele providenciou para que seu médico pessoal me examinasse na privacidade do meu quarto ontem. Claro, ele poderia ter me avisado sobre isso, mas não, por que ele faria isso? O médico apareceu e eu fiquei lívida.

Eu queria recusar... até que o bom senso venceu.

Quando ele recomendou que eu usasse uma injeção anticoncepcional, eu concordei. Melhor estar protegida. A última coisa que quero é engravidar. Eu engulo em seco.

Cretino: Estou limpo também.

Que ótimo... eu mordo meus lábios. O que isso significa?

Que vamos fazer sexo na primeira noite do nosso casamento? Minhas bochechas coram. Deus, eu pareço tão arcaica. Além disso, de jeito nenhum eu quero ter que dormir com ele... Ou quero?

Silêncio. Então outra mensagem salta na tela.

Cretino: Eu sei o que você está pensando.

Eu: Então você pode ler minha mente agora?

Cretino: Muito facilmente. Nesse instante, você está imaginando que eu pretendo seduzi-la em nossa primeira noite. Você está errada.

É?

Cretino: Vou pegar o que já é meu.

Eu: Não sou sua.

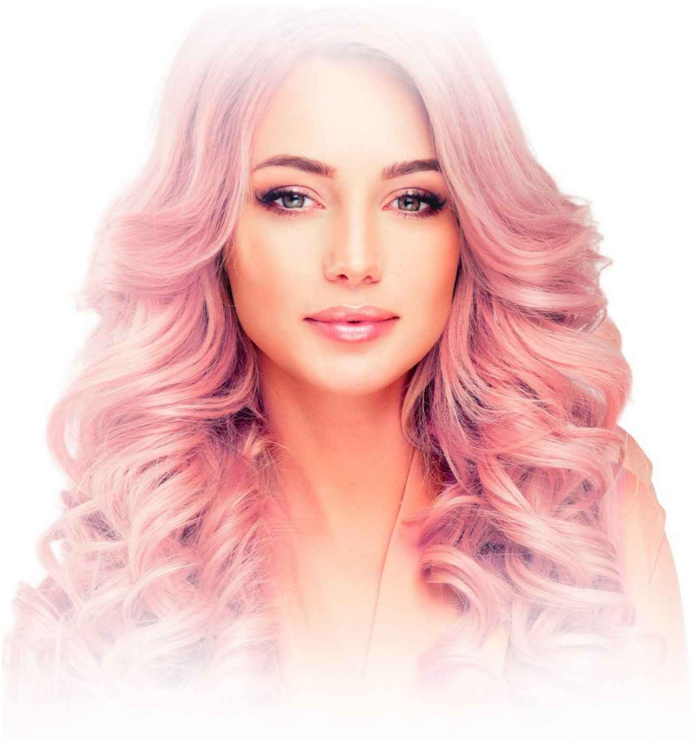
Cretino: Veremos.

Eu: Vá se foder.

Cretino: Estou contando com isso. Ah... e Pink...

Quê?

Cretino: Não me envergonhe.



A esposa falsa
DO BILIONÁRIO

Summer

Capítulo 30

Envergonhá-lo, é? Se ele não tivesse me provocado, eu não teria concordado com o plano de Karma.

Eu me inspeciono no espelho.

O que eu estava pensando quando concordei em usar o vestido que ela havia criado? Eu tinha concordado com a ideia, porque... sim, eu queria chocá-lo. Mostrar que ele não deve me subestimar. Eu jogo minha cabeça para trás.

Todo esse casamento de mentira é um acidente de carro anunciado. É inevitável que tudo dê errado, e eu vou dar um empurrãozinho para piorar ainda mais as coisas.

É culpa dele, por me tratar... pior do que lixo. Como se eu não existisse.

Inferno, ele trata aquele maldito relógio velho com mais carinho. Pelo menos ele o massageia, toca, mexe na pulseira, dá atenção. E para mim? Ele me dispensa como se eu fosse uma criança birrenta, ou uma idiota desmiolada que não tem ideia do que está fazendo. O que não tenho, admito. Senão, por que eu teria embarcado nessa situação? Fingindo um casamento, que na verdade eu queria muito que fosse real.

Eu aperto meus dedos ao redor do buquê de flores.

Finalmente reconheci isso para mim mesma, né? Embora a lógica determine que eu o abomine, meu corpo não pode negar o efeito que ele tem sobre mim.

Não é por que ele é bonito. Não é só por isso.

É também por essa confiança completa que se mostra a cada movimento seu, pela maneira como ele parece entrar em um espaço e dominá-lo instantaneamente, como todos os outros ao seu redor parecem reconhecer que ele é o mais perigoso dentre eles, pelo modo como ele usa sua arrogância com absoluta obstinação, uma

admiração que o mundo lhe deve, pela sua mente privilegiada, tão diferente de tudo a que estou acostumada — uma segurança que gostaria de ter.

É isso mesmo? Tenho inveja de tudo que ele representa? O que eu perdi, graças ao erro de meus pais? Mas isso não sou eu. Eu sempre tive orgulho de ser minha própria pessoa e fazer meu caminho por este mundo no meu próprio ritmo. Não preciso de ninguém para me resgatar. Não, não preciso.

Então, o que estou fazendo aqui? Eu olho para o meu ramalhete.

Flores silvestres. Brancas, rosas e violetas misturadas com o verde. Felizmente não é o buquê caro que Amelie queria que eu encomendasse.

Não é que eu fosse avessa a gastar o dinheiro dele, mas as opções que Amelie me mostrou para o bufê e para a decoração não combinavam com a ideia que eu tinha de como eu queria que um casamento fosse, tudo parecia tão... estranho.

Eu tenho que ser honesta, na verdade eu nunca perdi meu tempo imaginando como seria meu casamento dos sonhos.

Quando você cresce tendo que descobrir como sobreviver e de onde virá sua próxima refeição, especialmente quando você tinha tudo num dia e no outro, foi tirado de você, bem, você aprende a não pensar muito sobre um futuro distante. Você realmente tenta se concentrar no agora e no que você tem. Talvez também tivesse a ver com a leve obsessão de minha mãe em aproveitar o momento.

Talvez ela tivesse uma intuição para as coisas que viriam a acontecer com ela, que sua vida seria brutalmente interrompida quando descobriu que estava com sepse. Quero dizer, pelo amor de Deus, quais eram as chances disso acontecer? A provável causa foi a longa exposição a tinta que ela usava para pintar os tecidos das roupas que ela adorava usar, e isso a havia matado. Inferno.

Isso abalou tanto meu pai que ele se afundou no trabalho, e acabou negligenciando a mim e a Karma, até que um dia, ele não

voltou para casa. Aparentemente, ele não tinha sido o homem de negócios honesto que se fazia passar. Ele tomou uma série de decisões erradas nos negócios, depois pegou dinheiro emprestado com a Máfia - *péssima ideia, papai* - e quando não conseguiu pagar o que tinha pegado, ele nos abandonou e deixou o país. O covarde.

Tivemos sorte de poder escapar com vida. Pelo menos nossos lares adotivos não foram tão ruins assim - eu ouvi algumas das histórias de horror contadas pelas outras crianças. Agradei às nossas estrelas que acabamos indo morar com pessoas que, embora não fossem muito amorosas, também não eram monstros. E eles não me separaram da Karma. Ficamos juntas até eu completar dezesseis anos, quando tive que ir para um albergue para desabrigados. Eu tentei protegê-la, mas a doença de minha irmã a fez amadurecer muito cedo, o que a fazia parecer ser mais velha que seus anos cronológicos indicavam.

Eu levo as flores ao meu nariz e inalo seu perfume. O cheiro do campo me envolve. Quem quer que as tivesse colhido sabia exatamente quais flores colocar no arranjo.

Ouçõ uma batida na porta.

— Entre. — Encaro o espelho e me inspeciono mais uma vez.

Passos soam, então o rosto de Karma aparece ao lado do meu no espelho.

— Uau. — Ela suspira.

— Isso é bom ou ruim?

—Humm. — Ela inclina a cabeça. —Você está...

— Fala. — Agarro meu buquê até meus dedos ficarem brancos.

— Belas flores. São as suas favoritas?

Eu olho para a explosão de cores.

— Elas não são lindas? Gostaria de saber quem as comprou para mim?

— Talvez Amelie ou Isla? — Ela se inclina para frente e tira um fiapo do meu vestido.

— Talvez. — Eu mudo meu peso entre meus pés. —E você não respondeu a minha pergunta.

—Qual delas? — Seus lábios se curvam para cima.

— Você sabe — eu solto um suspiro. — Como estou, Karma?

Ela coloca distância entre nós, me olha de cima a baixo, e suas sobrancelhas se franzem.

— Você está...— Ela morde a bochecha.

— Tá tão ruim assim? — Eu engulo.

— Você está... Bom, não como eu esperava. — Seu rosto se abre em um sorriso. —Você vai *causar*.

Minha respiração pausa.

— Muito?

— Sim, muito. — Ela afasta uma mecha de cabelo da minha têmpora. — Não era isso que você queria? Deixá-lo chocado?

— Mais ou menos. — Meu coração começa a martelar. — Talvez eu devesse esquecer isso e...

—Não. — Ela segura minha mão. — Você é forte, linda, uma baita mulher. Ninguém pode te fazer baixar a cabeça. Ninguém. Você é uma rainha, que pode ter tudo o que quiser. Você nasceu para viver uma vida épica, mas nos seus termos. Você vai seguir seu destino e nenhum cretino pode tirar isso de você, pois você possui seu poder. Você é você.

— Uau. — Eu pisco, emocionada.

Suas sobrancelhas franzem, então ela se endireita e se afasta. Eu a sigo e agarro seu braço.

— Você quis dizer mesmo tudo aquilo que disse?

Ela hesita, depois desvia o olhar.

—Você acredita em mim, Karma?

Ela respira fundo, em seguida, inclina a cabeça para cima.

— Sim.

Algo em meu peito se ilumina. Lágrimas se formam nos meus olhos, e eu pisco para afastá-las.

— Obrigado.

Ela balança a cabeça, dá um passo para trás, então me inspeciona com atenção.

— Eu também acredito neste vestido que criei para você.

— Ah. — Eu olho para o vestido. — Eu nem sei como você conseguiu terminá-lo tão rápido. — Eu aperto seu ombro. — Obrigada, mana.

Ela responde com um breve balançar de cabeça. Por um segundo, tenho certeza de que ela vai me abraçar. Avanço então em sua direção, mas ela se abaixa para endireitar a saia do meu vestido.

— Seu pequeno discurso, — eu enrugo minha testa — não era tirado de um filme, era?

— Não.

— E...?

— Foi algo que li em um livro de autoajuda.

—Você lê livros de autoajuda?

—Nãooo. — Ela hesita. —Aconteceu de encontrá-lo no assento do metrô. Li algumas páginas, e o que li me tocou.

—Hmm.

Ela se levanta.

— Eu realmente amo esse vestido. É audacioso, ultrajante. Não parece você, mas é você.

Eu me endireito e me inspeciono, uma última vez. Fazia sentido de uma maneira engraçada, ao estilo Karma.

—Você está certo. Desta vez.

Ela encontra meu olhar no espelho. Seus olhos estão muito brilhantes.

— Você tem algo em seus olhos, Karma?

— Claro que não. — Ela vira a cabeça para o lado para enxugar a bochecha. —Vamos, você quer chegar na hora, não quer?

— Pelo contrário. — Eu sorrio. — Não vamos chegar na hora.



A esposa falsa
DO BILIONARIO

Sinclair

Capítulo 31

— Ela está atrasada.

Eu estalo meu pescoço, mudo meu peso de um pé para o outro.

—Onde diabos ela está? — Eu esfrego a parte de trás do meu pescoço. — Eu odeio esperar.

— Melhor se acostumar, meu velho. — Saint sorri de sua posição perto da janela.

— Que porra você quer dizer com isso?

— Acalme-se.

— Não me diga o que fazer — resmungo e começo a andar de um lado para o outro.

Não é que eu esteja desconfortável... Ok, talvez um pouco, mas não porque eu esteja sendo o centro da atenção, isso não me incomoda nem um pouco. O que está me perturbando é o fato de eu estar aqui, em pé, na frente das pessoas que me conhecem por estar sempre no comando, aquele que dá as ordens e garante que tudo sempre corra conforme o planejado, e ela está me fazendo esperar. Isso é inaceitável!

Essa mulher está se aproveitando do fato de que eu não posso fazer muito para mudar isso. Ainda não, não agora na frente do grupo seleto de pessoas reunidas no jardim dos fundos da minha casa.

Summer adora este espaço. Eu a peguei andando entre os canteiros de flores, a cabeça erguida para o sol para receber os raios no rosto, mas não, não foi por isso que eu o escolhi como local para a cerimônia. Era prático, só isso. Essa foi a única razão... certo? Eu esfrego a parte de trás do meu pescoço de novo.

— Ainda bem que não está chovendo, hein? — Saint olha para o céu azul claro.

— Então é sobre isso que iremos falar, sobre o clima?

— Estou tentando preservar o seu orgulho. — Ele me lança um olhar de soslaio. — Melhor desapegar dessa sua mania. É ladeira abaixo a partir daqui.

— Cala a boca, seu fodido.

Seu sorriso se alarga.

— Isso é apenas o começo, ela fazendo você esperar no altar. Quando você estiver desfrutando da felicidade conjugal, não se esqueça do motivo pelo qual você embarcou nesta viagem.

—Você entendeu tudo errado.

— Eu? — Ele arqueia uma sobrancelha.

Eu passo meu dedo ao redor da gola da minha camisa.

Um fio de suor escorre entre minhas omoplatas. Algumas nuvens poderiam surgir agora. Mas, claro, no único dia em que contei com o clima se comportando de acordo com a norma, tudo tem que ser uma surpresa. Olho para o relógio no meu pulso. *Ela está atrasada pra caralho.*

— Quinze minutos. — A voz de Edward interrompe meus pensamentos.

— Dezesesseis minutos agora. — Eu olho para ele.

— Ela é a noiva.

— É um fodido casamento de mentira. — Eu abaixo meu tom.

— Não parece de onde eu estou. — Um lado de seu lábio se arqueia. O padre está se divertindo.

— Não se acostume muito com isso. — Eu rosno.

— Não sei, mas daqui, é uma visão maravilhosa. Uma delícia ver você todo desconfortável, Sin.

— Não vai durar para sempre. E exijo uma participação de 25% nos lucros da BV Mídia.

—De jeito nenhum. — Edward balança a cabeça.

—Aí está você. — Saint dá risada. — Estava me perguntando quanto tempo levaria para a parte idiota de você aparecer.

— Sempre estive e estará aqui. Eu o mantive temporariamente protegido por deferência ao resto de vocês.

Edward franze a testa.

— E eu pensando que sua noiva estava finalmente começando a aparar suas arestas.

—Nunca. — Eu estalo meu pescoço de um lado para o outro, tentando soltar os músculos que de alguma forma se contraíram. Onde diabos ela está, afinal?

Eu olho para o meu relógio novamente.

— Dezesete minutos. — Respiro. —Ninguém... Ninguém nunca me deixou esperando tanto tempo.

— Sempre há uma primeira vez. — Saint se balança sobre os calcanhares.

— Espere até ficar nesta posição, imbecil.

— Isso nunca vai acontecer. — Ele ri.

— Nunca diga nunca, seu merda — resmungo.

— Acha que pode se abster de xingar por mais alguns minutos? — Edward me encara, então enrijece.

Uma corrente elétrica percorre minhas costas. *Ela chegou.* O silêncio desce e se espalha pelo local, uma quietude completa e absoluta. Minha pele transpira. Minha garganta fecha. Eu deveria virar, eu deveria. Mas não, eu olho para frente. Não há música, minha escolha. Esta não era para ser uma maldita ocasião feliz. É apenas uma formalidade. Eu precisava desse protocolo para convencer o pai dela, que deverá chegar dentro de cinco minutos, foi o que Peter me informou. Eu tinha cronometrado isso até o último detalhe. Ainda bem que eles estavam presos no trânsito e iriam demorar um pouco mais do que o esperado para chegar. Isso é para provar o quanto eu havia orquestrado até o último detalhe deste pequeno circo. A única coisa que eu não esperava era que minha

noiva estragasse tudo...*não*, volta um segundo. Não minha noiva, minha parceira de negócios. Não, melhor, *refém* neste pequeno arranjo que vai garantir que eu possa finalmente deixar os fantasmas do meu passado para trás e... Seu cheiro me envolve. Cerejas e caramelo misturados com aquela misteriosa nota de antecipação. Um perfume definitivamente feminino que só poderia pertencer a apenas uma mulher. Ela.

Não vire, não vire.

Eu giro e todos os músculos do meu corpo ficam tensos. Todos os meus sentidos se concentram nela. Minha visão se estreita, os tambores de sangue latejam na minha têmpora. *Ela não fez isso. Sem chance.*

A saia era longa com uma fenda que ia até o meio da coxa. A renda e o chiffon se agarram às suas curvas, destacando sua cintura, mostrando aquela circunferência incrivelmente pequena, que implorava para que fosse envolvida pelas minhas mãos e que a puxasse para junto do meu corpo, isso antes de eu colocá-la no meu colo e bater naquela bunda deliciosa pelo que ela está fazendo comigo. Aquele vestido... Ela não o usa, ela o possui. É ela.

O fato de ser de um rosa neon destaca a cor de seu cabelo, que se derrama em ondas gloriosas ao redor de seu rosto. Audacioso. Ousado. Ele personifica aquele traço de atrevimento que ela tenta tanto esconder, mas que escapa pelas rachaduras em sua fachada de qualquer maneira, especialmente quando eu a provoco. Ela não pode controlá-lo. Assim como não mais posso controlar o desejo que vem à tona. Meu pau se contrai. Eu observo a elevação de seus seios, abrigados na delicada renda que sobe pelo peito e acaba em um ombro. Aposto que quando ela se virar, vou ver um decote enorme nas costas. Meus dedos formigam. *Como ela ousa se exhibir assim?*

Ao meu lado, Saint puxa uma respiração profunda. Eu não preciso me virar para descobrir que ele está excitado. Todos os meus amigos. Não, espera, nenhum deles merece ser chamado de

qualquer coisa além de conhecidos que mais odeio na vida porque a estão vendo naquele vestido.

Eu quero rasgar o tecido, enterrar meu nariz no pano e levar sua essência para meus pulmões, depois, tomá-la em meus braços, incliná-la e reivindicar tudo para mim, penetrar em cada orifício de seu corpo, até que cada poro de sua pele escorra com meu esperma. *Porra.*

— Quem é ela?

— Como assim? — eu rosno. — Ela é minha noiva.

— Não ela. — Saint sacode o queixo. — A outra mulher, a do vestido dourado, que acabou de entrar.

Do que diabos ele está falando?

Não há outra mulher aqui para mim, exceto a sereia embrulhada naquele vestido delicioso, que vou garantir que seja queimado, só para que ela nunca mais me provoque com o toque de carne que aparece por entre aquela fenda enquanto ela caminha.

O olhar de Summer encontra com o meu, e ali fica.

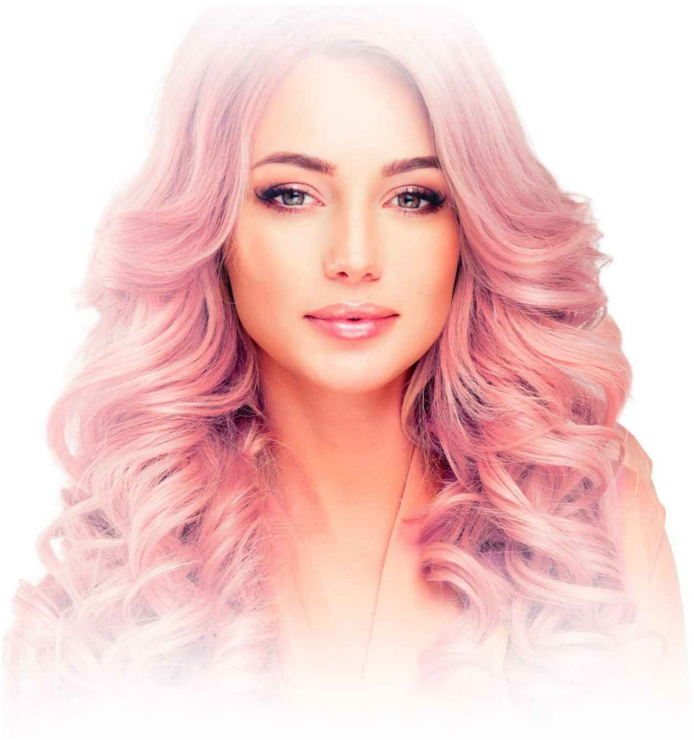
Seus quadris balançam sob o tecido macio e sedoso. Suas bochechas estão pálidas, apesar do blush. *Ótimo.* Estreito meu olhar e noto sua garganta se mover enquanto ela engole. Ela está a um passo de mim quando subo meus olhos de volta para os dela. Suas pupilas dilatam. Seu queixo treme. Ela para.

Não desista agora, Passarinho. Venha. Chega mais perto.

Ela se aproxima de mim. Seu cheiro toma minhas narinas. A veia na base de sua garganta vibra com tanta velocidade que tenho certeza de que ela não está apenas com medo, mas também excitada, tão excitada quanto eu estou neste instante. Meu pau se avoluma, e eu endireito minha postura para disfarçar minha excitação. Aposto que está claro para todo mundo quanto estou excitado, mas quem não estaria?

Ela dá mais um passo, o que a deixa a poucos centímetros de mim. O nervosismo dela é visível. Ela pisca e a química entre

nós parece aumentar. Dá outro passo, depois se projeta para frente.



A esposa falsa
DO BILIONARIO

Summer

Capítulo 32

Merda, merdita, merda.

Vejo o chão vindo ao meu encontro. É isso. Vou cair e arruinar todo impacto que criei até agora. Vou fazer papel de boba depois de todo o esforço que fiz para parecer sexy e sedutora. Tão malditamente desajeitada, argh. *Como você pôde fazer isso, Summer?* Fecho os olhos com força e espero a inevitável colisão com o chão. Uma faixa firme se prende em volta da minha cintura e sou puxada contra uma extensão muito dura e ampla, que parece ser de feita de músculo puro. Não, não, não. Eu seguro firme o buquê de flores. Então o cheiro de bergamota e couro caro enche meus sentidos.

—Você precisa prestar atenção onde pisa. — Seu hálito quente queima minha bochecha.

Os cabelos em meus antebraços se arrepiam.

—Abra os olhos, Passarinho.

Eu balanço minha cabeça.

— Não vai poder adiar para sempre. Você também pode aceitar seu destino.

Nunca. Eu vou lutar contra isso... contra essa coisa entre nós. Não importa se essa atração pulsa no limite dos meus nervos. Todas as minhas células parecem ter se transformado em mingau. Meus joelhos tremem. Seu aperto na minha cintura me faz estremecer.

Eu olho para cima e meu olhar colide com o dele.

Manchas prateadas brilham profundamente naqueles olhos cor de anil.

— Precisa ter cuidado com o que os riscos que decide correr.

Eu tremo e ele me coloca de pé. Eu tento me afastar, mas seu aperto no meu queixo me impede. Ele olha nos meus olhos,

com uma intensidade que é quase uma carícia física. Aperto minhas coxas. Malditos sejam ele e essa resposta física avassaladora que sempre tenho quando estou perto dele. Eu endireito minha coluna, o que prende sua atenção. Não vou desviar o olhar, não vou. Um lado de seus lábios se curva. Ele inclina a cabeça. Em reconhecimento? Uma aceitação das linhas de batalha que desenhei?

Por que estou tentando tornar isso mais difícil para nós dois? Por que não posso seguir o que quer que ele tenha planejado e tento sair disso ilesa? Porque que sei que isso nunca vai dar certo. Se eu ceder, ele só vai querer mais. A única maneira de sair disso inteira é me segurar, cravar meus calcanhares bem no chão e mostrar a ele que não pode tomar como certo que vou fazer o que ele quer. Se isso significa que tenho que recorrer à arrogância, que assim seja.

— Eu sei exatamente o que estou fazendo. — Eu estico o queixo.

— É mesmo?

Eu inclino minha cabeça para trás, sem quebrar nossa conexão.

— E você?

Suas narinas se dilatam, a pele ao redor de seus olhos se contrai. Uma nuvem de calor sai de seu corpo e bate no meu peito. Eu suspiro.

O peso de seu domínio parece se intensificar, me prendendo no lugar. Eu não consigo me mexer. Não consigo respirar. Não consigo me afastar do peso de sua presença, que parece se enrolar ao meu redor, apertando meus quadris, minhas coxas. Eu engulo em seco. Uma gota de suor desliza entre meus seios e seu olhar se move para baixo, então volta para o meu rosto. Seus lábios se curvam naquele sorriso infernal. Todas as minhas terminações nervosas parecem incendiar-se ao mesmo tempo. *Maldito homem.*

—Normalmente se beija a noiva depois do casamento, mas talvez queira fazer as honras agora?

Uma voz corta a tensão entre nós. Eu fico tensa.

Ele se aproxima, abaixa a cabeça até que nossos cílios se emaranham. Eu separo meus lábios. *Me beija. Por favor.* Minha respiração fica presa.

Sinclair me solta tão de repente que eu perco o equilíbrio, mas consigo me endireitar. *Idiota.*

Agarro os caules de minhas flores com tanta força que minhas unhas enterram nas hastes macias e atingem as minhas palmas. Por que eu pensei que este dia seria diferente dos outros que passamos juntos, hein?

Ele se vira para o ministro.

— Eu posso esperar.

Um sentimento quente apunhala dentro do meu peito. Eu não queria que ele me beijasse, mesmo. Então por que meus olhos estão nublados pela decepção? Eu levanto minha cabeça e olho para frente.

Os lábios do ministro se movem. Eu não consigo ouvir o que ele está dizendo. Olho para além dele, e fico admirando a água do lago ondulando na superfície, e vejo os pássaros que voam livres de um lado para o outro, o que acabou levando o resto da minha compostura. Meus lábios tremem. *Maldito homem.*

— Sinclair Amadeus Sterling, você aceita Summer Cora West como sua legítima esposa?

— Aceito.

Eu ouço as palavras como se estivessem vindo de muito longe. Sinto o vento aumentar de intensidade, e uma rajada mais forte me faz cambalear. *Eu não posso fazer isso, eu não posso.* O mundo gira ao meu redor. O rosto do ministro aparece e desaparece na frente dos meus olhos. *Eu.... não posso.*

Uma mão grande agarra meus dedos, me persuadindo a afrouxar meu aperto no buquê. Observo enquanto as flores

escorregam dos meus dedos. Ele o pega no ar e entrega para alguém ao meu lado.

Sinclair puxa meu braço e eu me viro para encará-lo.

Olhos cor de anil encham minha visão. Turquesa, cerúleo e tantos outros tons de azul que parecem refletir o céu acima.

— Summer Cora West, você aceita Sinclair Amadeus Sterling como seu legítimo marido para amar, respeitar e obedecer?

Eu pisco. *Obedecer?* Claro que ele mandaria destacar isso, não é?

Seu olhar se intensifica. Essas pupilas escuras parecem varrer todas as barreiras e rasgar minha alma. Ele pode me ver nua, ver todos os meus medos, esperanças e aspirações, e ele é o dono de todos eles. Eu fui dele desde o momento em que coloquei os olhos nele, desde quando ele determinou para mim e para o barman que eu já tinha bebido o suficiente. Ele entrou na minha vida com a força de um furacão e varreu todos os meus protestos. Eu nunca tive chance. Eu dei meu sim a todos os seus comandos. Mas ainda estou aqui, de pé na frente dele, tentando fazer uma última tentativa para resistir. Uma bola de emoção tapa minha garganta. Eu tento inspirar e meus pulmões queimam. Eu balanço minha cabeça. Abro minha boca.

Seu olhar se aprofunda. Então ele abaixa a cabeça e fecha a boca sobre a minha. Ele enfia a língua entre os meus lábios, aspira qualquer ar que me resta. Ele suga de mim, bebe de mim, enterra os dentes em meu lábio inferior com tanta força que sinto gosto de sangue. A dor varre minha espinha. Minhas coxas espasmam. Todos os pensamentos são drenados da minha mente. Um silêncio substitui os ecos de gritos na minha cabeça. Ele suaviza o beijo, passa a língua pelo meu lábio inferior. Uma vez. Duas vezes. Um tremor brota para a vida, vindo do fundo do meu ventre. Um gemido sai da minha boca e ele o engole. Seu corpo inteiro parece estremecer. Não, deve ser minha imaginação. No segundo seguinte, ele se afasta. Prescruta meus olhos. Ele deve ter encontrado o que procurava, pois assentiu.

— Faça a pergunta de novo. — Ele se dirige ao padre sem tirar os olhos de mim.

— Sin... — A voz do padre tem um tom de incerteza.

— Faça. — Ele rosna.

Silêncio por mais uns instantes, então o padre faz a pergunta novamente.

Sinclair não quebra a conexão entre nós. Ele esfrega o polegar no meu pulso, uma carícia suave que deixa um rastro de faíscas na minha pele. Eu engulo em seco.

— Summer?

A voz do padre me convence. O suor pinga das palmas das minhas mãos.

— Aceito.

Meu batimento cardíaco acelera. Minhas entranhas se agitam. Uma rajada de vento sopra meu cabelo sobre meu rosto e eu estremeço.

Ele afasta os fios para longe da minha face. — Está tudo bem, Passarinho. — Seus lábios se curvam.

Algo quente se enrola em meu peito. Não consigo tirar meu olhar de suas feições, das maçãs do rosto salientes, do nariz adunco e de seu lábio inferior carnudo.

— Trouxe as alianças, Sinclair?

Suas feições endurecem.

— Sin?

— Sem alianças.

O que eu achava? Que ele teria comprado anéis para nós dois? Quer dizer, eu não tinha conscientemente pensado nisso, para ser honesta, mas presumi que ele me surpreenderia. E ele tinha, apenas não da maneira que eu esperava.

Ele examina atenciosamente minhas feições. Se ele esperava uma reação da minha parte, ficou desapontado. É melhor

mesmo não ter nenhum indicativo físico de que há algo entre nós. Realmente não há nada que nos prenda um ao outro, exceto aquela filmagem, o que garante que vou cumprir todas as suas exigências. Eu firmo meus lábios.

— Eu os declaro marido e mulher. Pode agora beijar a noiva.

Ele abaixa a cabeça, mas eu viro meu rosto e seus lábios roçam minha bochecha. Ele sussurra: — Aproveite seus últimos segundos de liberdade, pois em breve você estará engaiolada.

Eu respiro fundo, olho para cima e encontro seus lábios curvados em um sorriso. Ele endireita a cabeça, e o fogo naqueles olhos se apaga. Como ele faz isso? Quente em um segundo e frio no próximo? Por que não posso ser tão sem coração, tão obstinada quanto ele? Porque eu sou muito humana, muito emocional. Boa demais. Não sou páreo para sua vontade de ferro, para a pura força e determinação que reside em cada poro de seu corpo. E cá estou eu casada com ele... pelo menos, pelos próximos vinte e cinco dias. A raiva inunda meu peito e minhas entranhas se reviram. Eu levanto minha mão.

Ele balança a cabeça.

—Você vai se arrepender.

Ele tem razão.

A realidade do que está acontecendo cai em mim, e um tremor toma conta do meu corpo. A adrenalina corre em meu sangue e uma veia lateja em minha têmpora. Eu preciso me afastar dele antes que eu tenha um colapso completo. Eu giro e sigo pelo caminho que havia tomado minutos antes, quando um homem entra na minha frente.

Ele era alto, com ombros largos e fios grisalhos nas têmporas. Seus olhos verdes tinham manchas de cinza semelhantes aos meus e se iluminaram com o reconhecimento.

— Summer! Olha para você, como cresceu minha garotinha.



A esposa falsa
DO BILIONARIO

Sinclair

Capítulo 33

— Pai? — Sua espinha fica tensa.

O homem mais velho caminha em direção a ela.

—Me desculpe por não chegar a tempo para levá-la até o altar.

Eu tinha me certificado disso. Era um dos muitos presentes de casamento que eu tinha reservado para minha *futura esposa*.

Seu pai estende as mãos, e ela se encolhe. Ele cruza os braços ao redor dela e a puxa para um abraço.

Ela fica rígida enquanto ele a aperta e acaricia suas costas.

Ela se encolhe e eu cerro os punhos. É óbvio que eu não esperava que o encontro entre eles fosse efusivo, afinal o homem abandonou suas filhas e as deixou à própria sorte, mas não sou completamente sem coração. Eu dei a ela avisos suficientes de que ele estaria aqui. Ela não sabia exatamente quando, mas eu me certifiquei de que seria no momento em que estivesse mais fragilizada. Eu queria vê-la desmoronar na frente de seu pai, e observar como ele reagiria ao reencontrá-la depois de todo esse tempo. Bem, já tive minha resposta. O bastardo está se regozijando com a chance de usá-la para promover seus próprios interesses, e Summer está em completo choque.

Se ela já estava perto de desabar antes, claramente chegou ao fim de suas forças.

As feições de Adam se torcem. Ele levanta a cabeça e seu olhar trava com o meu. O que ele irá fazer depois? Como ele vai orquestrar a aproximação da qual depende o resto de seu futuro?

Sou muito bom nisso, não? Juntando os peões, observando sua interação, apreciando seu desconforto e esperando a minha vez de jogar. Foi assim que conquistei meus sucessos comerciais,

estando constantemente em movimento, procurando minha próxima vítima, que neste caso, é ele.

Eu deveria estar feliz, comemorando por estar tão perto de me vingar de tudo que perdi. Então por que meu coração está pesado? Por que há uma sensação de queimação no meu peito?

Os lábios de Adam se torcem em um meio sorriso. Ele agarra o braço dela, mas ela se afasta.

Ele coloca o braço em volta dos ombros dela e vejo Summer ficar ainda mais rígida. Foda-se isso. Cruzo a distância até eles.

—Você não vai nos apresentar, Summer?

Ela não reage.

Eu deslizo meu braço ao redor de sua cintura, puxando-a para perto de mim.

Adam dá um passo para trás, um brilho surgindo em seus olhos escuros. O bastardo estava tentando obter uma resposta de mim, tentando avaliar até onde meus sentimentos por sua filha realmente vão. Eu o subestimei? Eu cometi um erro ao chamá-lo para ser testemunha deste casamento?

Adam realmente se importa com sua filha ou ele está tentando descobrir o quanto eu estou envolvido com ela, e então usar isso contra mim?

Não importa. Eu vou encontrar uma maneira de conseguir o que eu quero dele. Eu sempre consigo. Mas, neste momento, o que preciso fazer é afastar minha esposa da causa de seu desconforto.

Seu corpo treme e eu a coloco mais perto de mim.

— Adam Rhodes. — O homem mais velho estende a mão. — Prazer em conhecê-lo.

Eu olho para a mão estendida, então inclino meu queixo para cima.

— Não posso dizer o mesmo.

Summer muda seu peso de pé para pé. Esfrego a curva de seu quadril, e ela respira fundo, parte da sua tensão parecendo deixá-la. Bom.

— Bem, pelo menos você está sendo sincero. Temos isso em comum.

— Temos? — Eu empurrei meu queixo.

Ele levanta as mãos. — Você me convidou para vir até aqui, Sinclair. Quando falamos sobre sua proposta de negócios?

Meu estômago se revolta e eu aperto mais meu braço sobre Summer.

—Você veio até aqui para o casamento da sua filha, o mínimo que poderia fazer é fingir que está feliz por ela.

—Hmm. — Ele coloca a mão sobre o peito. — Mas tenho certeza que minha filha sabe o quanto estou feliz por ela. — Ele busca seu olhar. — Não é, Summer?

Ela abaixa a cabeça e suas feições se fecham em uma máscara endurecida. Eu nunca vi Summer tão... sem reação, tão derrotada. Acostumei a vê-la sendo atrevida, cheia de vida, irritada e aborrecida... mas sempre, sempre, ela deixou suas emoções a mostra. É o que espero dela, o que ela não pode esconder de mim, porque é o seu diferencial. Preciso ter a certeza de que ela vai falar o que pensa, me desafiar, sempre obter uma vantagem de mim. É o que me excita, e estou sentindo falta disso agora. Não gosto de vê-la tão derrotada, tão à beira de ser quebrada... Só eu posso fazer isso.

—Minha esposa está cansada.

Summer não reage ao fato de eu usar esse termo em voz alta. *Droga, isso não é bom. Por que ela não está dizendo nada?*

— Ela precisa descansar um pouco.

— Claro, mas primeiro quero que ela conheça alguém. — Ele acena para a mulher atrás dele.— Victoria, venha conhecer sua enteada, querida.

Uma mulher dá um passo à frente. Ela está usando um requintado vestido dourado que chega até os joelhos. O tecido se ajusta às suas curvas e destaca sua pele pálida. Tem a testa larga, feições afiladas, e seu cabelo escuro cai como uma nuvem lustrosa sobre seus ombros. Sua beleza etérea é realçada pelo olhar acanhado em seus olhos. Ela é pelo menos duas décadas mais nova que Adam, mais ou menos da idade de Summer.

Atrás de mim, ouço uma forte inalação de ar. Saint se aproxima de nós e percebo que está olhando para Victoria.

Victoria franze a testa e se afasta de Adam. Seu movimento a leva a se aproximar de Saint, que alterna o olhar entre o casal.

— Summer, prazer em conhecê-la. — Victoria estende a mão.

— Eu não sabia... — Summer engole em seco.

— Que você tinha uma madrasta?

—...que eu ainda tinha um pai. — Ela cospe as palavras, então se endireita.

A mandíbula de Adam endurece.

— Espero que vocês possam se dar bem. — Ele tenta apaziguar os ânimos.

Saint fica tenso, percebo pelas suas mãos fechadas ao lado do corpo. Era como se estivesse chateado com alguma coisa.

— Eu não queria que você soubesse dessa forma, gostaria que houvesse uma maneira de ter avisado a você sobre nossa vinda, mas...

—Você não precisa se desculpar. — Summer a interrompe. Seu olhar se volta para o pai, seus olhos se estreitando. —Eu entendo.

Sem dúvida, o bastardo planejou isso, usar sua nova esposa para tentar se aproximar de sua filha. Eu cerro meus punhos ao meu lado.

— Quem sabe, assim que você retornar da sua lua de mel, a gente... —Victoria olha de Summer para mim.

— Não haverá lua de mel. — A corto, e sinto o corpo de Summer ficar tenso novamente.

Droga, eu não queria que fosse assim... Ok, eu tinha planejado soltar essa informação no momento mais oportuno, o que claramente é agora, pela forma como a respiração de Summer ficou presa em seu peito. Ela tenta se afastar e eu a aperto mais forte, mantendo-a junto ao meu corpo.

— Não até que tenhamos resolvido nossos negócios. — Eu olho para Adam. — Nos encontramos amanhã.

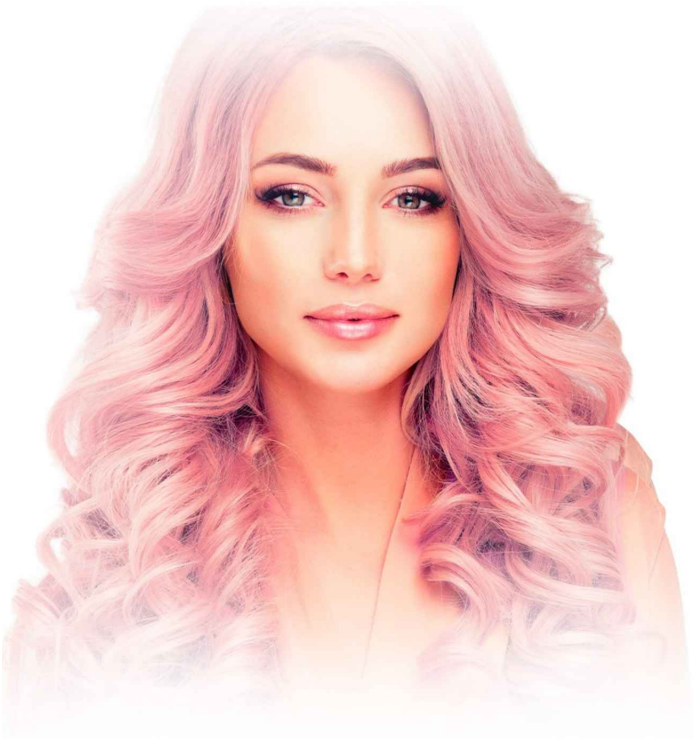
Por que estou adiando esta reunião a qual tanto esperei?

Me afasto do casal. Summer segue minha liderança sem protestar. Isso não é típico dela. Claramente a presença de seu pai abalou completamente seu espírito. Não era exatamente o que eu pretendia. E eu não gosto disso, nem um pouco. Eu aumento meu ritmo, arrastando-a junto comigo.

Ouçó Saint iniciar uma conversa com a esposa de Adam.

— Então, Victoria... é esse seu nome, certo?

— Sra. Rhodes para você. — Victoria o interrompe. —Você é um dos empregados da casa?



A esposa falsa
DO BILIONÁRIO

Summer

Capítulo 34

— Ela realmente perguntou isso a ele?

Viro-me para Sinclair a tempo de ver seus lábios se contraírem.

— Deu para notar que há uma química interessante entre Saint e sua madrasta, isso para dizer o mínimo.

—Ele não parece ser do tipo que tenta seduzir mulheres casadas.

Sinclair balança a cabeça.

— Não que ele tenha muita ética, mas isso é algo que ele evita, por isso achei essa cena intrigante.

— Você poderia ter me avisado que ele tinha se casado novamente. — Eu puxo meu braço do dele e ele me solta. Seu calor me deixa, e calafrios correm pelo meu braço.

—Você também poderia ter me avisado. — Ele aponta para o meu vestido.

—Não é a mesma coisa.

— Minha esposa se exibindo vestindo quase nada...

— Este é um vestido completamente decente e...

— Não é. — Ele rosna, e passa a subir os degraus de dois em dois.

Aumentei meu ritmo para acompanhá-lo.

— ... e sou apenas sua esposa de mentira. — Ofego.

Sua mandíbula treme e uma veia salta em sua têmpora.

— Então, você não pode me dizer o que fazer ou vestir, considerando que eu nem tenho uma aliança no meu dedo.

Alcançando o andar que leva ao seu quarto, ele para e se vira para examinar minhas feições.

— É por isso que você está fazendo biquinho?

Eu forço tirar todas as emoções do meu rosto.

— Esta é a minha cara normal.

— E é linda por sinal.

—Você me fez um elogio?

Ele franze a testa.

— Sim. Não. — Ele passa os dedos pelos cabelos. — Pode ser.

Sinclair me segura pelo braço quando vou passar por ele.

— Eu mandei levarem seus pertences.

— Para onde?

Ele aponta o queixo para as portas duplas fechadas.

— Para minha suíte.

— Mas... mas...

— Precisamos manter uma fachada para que as pessoas acreditem no nosso casamento.

— Mas ninguém vai bisbilhotar nos seus aposentos, não é?

— Eles não ousariam. — Ele endurece as feições. — Considere isso uma precaução. Por mais que eu confie em minha equipe, eu não os contrataria se não confiasse, não vou correr nenhum risco até que o negócio seja feito.

— Mas...

Ele solta um suspiro.

— Olha, Summer, você parece exausta e eu não me importo se puder descansar um pouco antes que tenhamos que nos juntar aos convidados para o jantar, então...

— Eu não acho que termino o dia viva se tiver que continuar representando hoje. — Empalideço.

— Me explique melhor isso — ele murmura. As linhas ao redor de sua boca parecem pronunciadas. Seu cabelo está

despenteado, talvez por ter estado ao ar livre e porque ele passou as mãos pelos fios grossos. Não que eu o estivesse observando ou algo assim, claro que não.

— Podemos ter essa conversa dentro da minha suíte? — Ele passa um dedo pelo colarinho como se o estivesse apertando. Reparei que ele não está usando gravata. Não tinha parado para pensar sobre isso, mas notando agora esse detalhe é que percebi que nunca o vi usando uma no pouco tempo que o conheço.

Ele empurra as portas duplas.

Eu hesito.

— Como quiser. — Ele levanta os ombros e desaparece dentro do cômodo.

Eu mudo meu peso de um pé para outro, pego uma mecha de cabelo e começo a mastigá-la. Melhor parar com isso. Não quero que ele perceba o quão nervosa estou me sentindo agora. Ando em direção à suíte e entro. Sinto as portas se fecharem atrás de mim com um estalo.

O espaço da antessala é enorme. Três vezes o tamanho do quarto que eu estava ocupando. Esse é o estilo de vida dos ricos e famosos, hein? Eu ando até a janela enorme e espio lá fora.

Uma varanda envolve todo o andar. De um lado da casa, se tem a visão da encosta de *Primrose Hill*. Viro para o outro lado, e o horizonte de Londres se avista ao longe. É raro ter uma vista panorâmica da cidade, considerando que as regulamentações governamentais determinam que você não pode construir acima de uma certa altura. Vê-la à vontade daqui é um deleite.

O som da água correndo em uma banheira me atinge. Eu me viro e caminho em direção à porta que leva ao quarto, que é mais ou menos do mesmo tamanho do cômodo que eu estava. O destaque do lugar é a enorme cama king size que ocupa quase uma parede. Está forrada com lençóis em tom azul royal, com grandes almofadas jogadas contra a cabeceira, que é feita de madeira sem enfeites. Ao pé da cama há um banco, no qual ele descartou o paletó.

O som da água corrente fica mais alto. O vejo saindo de outro espaço. Está com as mangas da camisa arregaçadas, e observo as veias que correm pelas laterais de seus poderosos antebraços. O homem malha? Com certeza, considerando a forma em que está. Suas calças se agarram aos poderosos músculos da coxa, destacando o volume entre as pernas. Essa é a sua condição normal em repouso? O homem é bem provido, como descobri pelo meu contato com aquele músculo específico de sua anatomia.

— Se você continuar me encarando assim, vou deduzir que quer que eu exerça meus deveres de marido.

Minhas bochechas queimam. Eu olho para seu rosto, para encontrar seus lábios curvados naquele sorriso que estou associando a ele. Por que ele tem que ser tão incrivelmente bonito e tão completamente seguro de si? É parte de seu charme, no entanto me faz querer dizer algo para mostrar que não sou afetada por ele. *Mentirosa.*

— Onde eu vou dormir?

Ele olha para a cama.

— Mas só tem uma cama aqui.

— Que é larga o suficiente para nós dois dormirmos nela sem nos tocarmos.

Eu mordo meu lábio inferior.

— Confie em mim. — Ele me olha de cima a baixo — Eu sei o que você esconde por baixo desse vestido, e adoraria tirá-lo e transar com você, mas eu sei me controlar.

— Não foi o que me pareceu quando você me fodeu com o dedo na sala de conferências.

—Havia uma razão para fazer isso.

O vídeo.

Ele passa por mim, caminha em direção a uma porta na outra extremidade e a abre.

—Eu preparei um banho para você. — Ele olha para trás.

O *quê*? Eu ando até o banheiro e espio lá dentro. É espaçoso, amplo o suficiente para percorrer o comprimento do quarto e da sala. Uma banheira gigante ocupa uma grande parte de uma parede. Do outro lado estão pias duplas, e umas garrafas de vários tamanhos e cores enfeitam o balcão ao lado delas. Para completar o belo cenário, enormes janelas se abrem para deixar a luz do sol entrar.

— De nada, a propósito. — Ele fala lentamente.

—Você tinha que estragar tudo dizendo isso, né?

Ele inclina o quadril contra a porta do closet.

—Ah, mas esse é o ponto. Você ainda está tentando encontrar algo de bom em mim, quando, na verdade, cada movimento meu é calculado para garantir que eu me aproxime do meu objetivo.

—Sua vingança, seu império, isso é tudo o que importa.

Ele cruza os braços sobre aquele peito largo.

— E teria mais alguma coisa?

— Tenho certeza que O Lobo de Wall Street teve aulas com você.

— Na verdade, foi o maldito Gordon Gekko. — Ele sorri.

— Essa coisa toda é uma piada para você, não é?

—Pelo contrário. — Seu sorriso se apaga. —Eu nunca levei tão sério qualquer outra coisa na minha vida.

Uma veia lateja em sua têmpora e seu olhar se intensifica.

Minha respiração parece falhar, meu pulso bate forte e um calor líquido se espalha entre minhas pernas. Não percebo que dei um passo à frente, até que o vejo se endireitar.

Ele aponta em direção à banheira.

—Descanse, Passarinho, você vai precisar.



A esposa falsa
DO BILIONARIO

Sinclair

Capítulo 35

— Surpreso que você tenha mesmo levado adiante essa recepção, mano. — Damian, que se autointitulou o barman da noite, me entrega um copo de uísque. Eu pego o copo, e bebo de um trago só seu conteúdo.

Ele levanta uma sobrancelha, mas o enche de novo.

—Você está bem?

— Ótimo. — Eu tomo o uísque de 200 anos como se não houvesse amanhã.

— Como estão os noivos?

Eu olho para cima e vejo Jace entrando, acompanhado por Arpad e Weston. Eu faço uma carranca.

— O que você está fazendo aqui?

— Não deixaria de testemunhar você se enforcando por nada, mano. Além disso, seus amigos garantiram que eu soubesse a data e a hora.

—Sinclair. — Uma mulher se coloca entre Jace e Arpad. Os homens se afastam, e ela avança. — Como você pôde?

— Sienna? — *Putá merda!* Eu estendo meu copo, mas Damian balança a cabeça em negativa.

— Você está bebendo muito rápido. Você precisa estar sóbrio, cara.

— Bobagem. — Pego a garrafa de Damian e me sirvo. Estou no meio de esvaziar o conteúdo do copo quando Sienna me alcança.

— Francamente, Sin. Você pensou que poderia se safar mantendo isso em segredo?

— Prefiro fazer as coisas sem alardes.

— Sério? — Ela apoia a mão no quadril. — E você espera que eu acredite nisso?

— Sim. — *Droga, eu não quero mentir para ela.*

Sienna e Jace são os únicos fora do círculo dos Sete que eu considero como amigos. Eu examino a sala. Que porra eu faço com esta garrafa agora? Damian a tira de mim. Lhe lanço um olhar agradecido, e ele balança a cabeça e se afasta.

— Pergunta a ele, Sienna, por que ainda não apresentou sua noiva para nós.

— Ora, Sinclair, como você pôde? — Seu olhar se alarga.

— Não é para tanto. — Olho para as cadeiras confortáveis dispostas no deck. Todo mundo que significa algo para mim, não necessariamente ocupando a posição de *amigo*, está ali. Eles me olham com expressões variadas de curiosidade. Há um clima de antecipação no ar. Eles estão esperando a noiva chegar. Bem, tecnicamente eu também estou, embora não queira admitir.

Uma risada irrompe de um canto, e eu me viro para encontrar Amelie envolvida em uma conversa animada com Isla e Karma.

Weston segue meu olhar.

— Quem são elas?

Como se eu me importasse em fazer as honras.

— Por que você não vai até lá e se apresenta? Você pode descobrir por si mesmo dessa forma.

— Talvez eu faça exatamente isso, mas primeiro... — Ele se vira para o bar e serve duas taças de champanhe. — Não acredito que você confiou nesse idiota para ficar encarregado das bebidas. — Ele aponta o queixo para Damian.

— Olá para você também. — Damian ergue seu copo de uísque e toma um gole. — Acho que estou animando adequadamente o ambiente.

— Certamente você quer dizer diminuindo em cem o QI coletivo do lugar, né, velhote? — Weston ri.

—Vocês são tão deliciosamente britânicos. — Sienna alterna o olhar entre eles.

Jace se aproxima e a puxa para perto.

— Só por esse motivo que agradeço ao meu velho por insistir que eu estudasse num internato no Reino Unido. Esse sotaque é sucesso garantido. — Ele acaricia a barriga de Siena.

— Contanto que nosso filho ou filha fale assim como você, já fico satisfeita. — Ela levanta os olhos para Jace.

— Quando nasce o bebê? — Damian se aproxima dos dois.

— Em menos de quatro semanas. — O peito de Jace parece estufar.

É, o homem está acabado. Pacote completo: anzol, linha e arpão.

— Fico feliz por vocês dois. — Weston se endireita. — No entanto, vejo algo que precisa da minha atenção. — Ele se desculpa e caminha até Amelie.

As três mulheres ficam em silêncio enquanto Amelie o olha desconfiada.

Ela parece saber se cuidar, tem a esperteza de rua escrita na testa, ao contrário de minha esposa, que claramente é muito ingênua. Por ter se permitido ser seduzida por mim, só posso chegar a essa conclusão. E por que continuo insistindo em chamá-la de *minha*? Ela não é. Eu não a toquei, não desde aquele dia na minha sala de conferências, quando eu quase gozei em minhas calças enquanto eu a levava até o orgasmo, quando senti o gosto de seus lábios, a sensação daquele núcleo macio e úmido quando ela atingiu o clímax em meus dedos.

O cabelo da minha nuca se levanta, então eu viro e a vejo.

Ela está parada na porta. Um vestido simples de gola alta rosa pálido a cobre até abaixo dos joelhos.

Aquela peça fazia parte do enxoval que tinha mandado entregar para ela. Era o mais conservador de todos os vestidos que

eu pessoalmente havia comprado e havia escolhido aquele para que usasse no jantar. O que eu não contava era que a simplicidade do corte fosse realçar tanto suas curvas. Destacou sua figura exuberante em vez de escondê-la. E o rosa suave enfatizava o rubor de suas bochechas e a cor de seu cabelo. Minha boca salivou. Minhas calças ficam apertadas na virilha.

Eu quero lamber a cremosidade de sua pele, enterrar meu nariz em seu cabelo perfumado, agarrar seus seios empinados e apertar até que seus mamilos se contraíam, que suas coxas se apertem, e a carne macia entre suas pernas derreta ansiando por mim, por meu pau. Queria minha essência dentro dela, transbordando de todos seus orifícios. *Porra*. Eu fecho meus olhos e balanço minha cabeça. Quando levanto minhas pálpebras, ela ainda está lá, examinando o ambiente, e seu olhar se volta para mim. Ela engole em seco, e eu juro que posso ouvir o som de onde estou, bem do outro lado da sala.

Ela levanta o queixo. Meu pau instantaneamente espelha o movimento. Essa mulher... eu a sentiria em um estádio lotado. Pode me vender que eu a encontro em uma sala lotada.

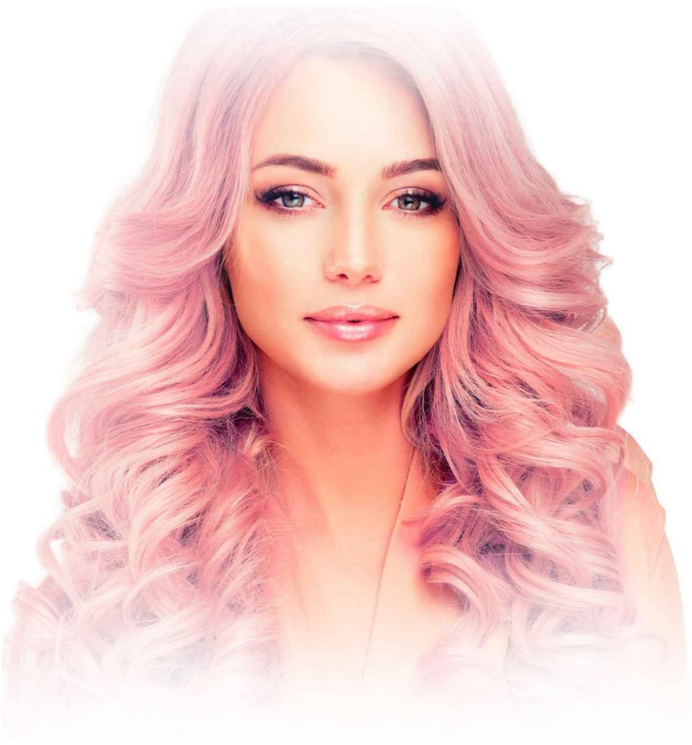
Cada poro do meu ser estala em atenção, cada músculo do meu corpo se contrai com a tensão. Se abrissem meu peito agora, veriam minha carne tremendo com a necessidade dela. De estar dentro dela. De prendê-la no chão e a penetrar com força.

Transar com ela, marcá-la, reivindicá-la.

Que merda é essa...?

Uma cerimônia de faz de conta e eu querendo mostrar ao mundo a quem ela realmente pertence. Por quê? Por que me incomoda que cada maldito olhar masculino na sala esteja sobre ela? Sei que são pessoas em quem confio, mais que posso confiar em qualquer outras, e que nunca quebrariam sua lealdade a mim, bem, todos, menos Saint. Nesse bastardo eu não confio. Ele me lança um sorriso e, em seguida, segue em direção a ela. *Porra, o que ele pensa que está fazendo?*

Somente quando meu pé toca o chão à minha frente é que percebo que estou me movendo. Eu caminho até o local onde está a minha esposa. Aparentemente estar presente na cerimônia não significou nada para o meu ex-amigo e parceiro de negócios que está prestes a ser assassinado. Mas um homem entra na minha frente.



A esposa falsa
DO BILIONARIO

Summer

Capítulo 36

O que há de errado com ele?

Sinclair faz uma pausa para falar com meu pai, mas seu olhar não sai de cima de mim. Suas narinas estão dilatadas e suas sobrancelhas, franzidas. Aqueles olhos cor de anil brilham como se ele tivesse pensamentos assassinos em mente. Por que diabos ele está tão bravo?

Foi algo que eu fiz?

Ele fecha os dedos ao lado do corpo e a pele em seus dedos fica branca. Há uma ferocidade refletida em seu rosto que não existia antes.

— Ciúme combina com ele, não acha?

Seu amigo entra na minha frente, cortando Sinclair da minha linha de visão. Isto é, se puder mesmo chamar esses homens de mais de 1,80 m de altura, com andar elegante e os ternos de 10 mil libras de amigos.

— Sou Saint. — Ele estende a mão.

— Não, você está enganado. — Eu inclino minha cabeça para trás, bem para trás, para olhar em seus olhos. O que há com esses caras? Eles colocaram algo na água que beberam quando eram crianças, que todos eles parecem mais altos que um arranha-céu?

— Acredite em mim quando digo isso. Conheço Sin há muito tempo e nunca o vi tão irritado antes.

—Talvez tenha algo a ver com...— Hesito. O quanto esse cara está ciente dos planos de Sinclair?

—Vingança? — Seus lábios se curvam. — Contra seu pai?

Eu apenas balanço a cabeça.

— Isso é prioridade em nossas mentes agora. Por que você acha que todos nós, digo, a maioria de nós, está aqui hoje?

— Não para o casamento — murmuro.

— Temos que segurar a vontade de prender seu pai em um canto e fazer com que ele, e os homens para quem ele trabalhou, pague pelo que fizeram.

Ele estende o braço e eu o seguro, e me leva para um lado mais afastado do deck.

Olho para trás e vejo que o resto dos homens se aproximou de onde Sinclair e Adam estavam conversando.

— O que meu pai fez para que todos vocês tenham tanta raiva dele? — mordo o lábio inferior.

Saint endurece as feições.

— Quanto Sinclair lhe contou sobre o que aconteceu conosco?

— Nada, não me contou nada. — Eu solto um suspiro. Por que contaria? Ele não precisa, não me deve nada. Sou agora sua legítima esposa, mas nem isso conta. — Ele não precisa, certo? Afinal ele...

— Te coagiu para concordar com este casamento, não é?

Lhe dou um olhar de soslaio.

—Você não acha que eu teria feito isso de boa vontade, acha?

— Bem, ele tem jeito com as mulheres.

— Não com esta aqui. — Tento me afastar dele, mas sou segura pelo braço.

— É do seu interesse participar desse jogo.

— Como é?

—Você espera conseguir ganhar algo a mais com esse arranjo.

— Já estou conseguindo...

— Além de vantagem monetária.

— Todos vocês são tão egoístas quanto ele?

— Não nos julgue por ele. Cada um de nós tem seus pontos fortes. — Ele olha para o lado e eu sigo sua linha de visão e vejo a mulher de pé, sozinha, olhando para a lareira.

— E fraquezas, aparentemente — murmuro baixinho.

Ele volta a me olhar.

— Quanto bem você conhece Victoria?

Então ele não quer se referir a ela como minha madrastra, não é?

— Primeira vez que a vejo.

— Peça para ela me encontrar antes de partir para os Estados Unidos.

— Por quê?

— Tenho uma proposta para ela.

— E por que ela se interessaria?

Ele varre sua figura da cabeça aos pés.

— Confie em mim, mulheres como ela sempre se interessam.

Eu fico rígida. Não devo nada a Victoria, mas ela... é... da família... mais ou menos isso. Não é que eu queira defendê-la, ou ao meu pai... um pouco talvez. Além disso, qual é a motivação de Saint aqui?

— Acabamos de nos conhecer.

— Então? — Ele dá um tapinha na minha mão. — Você me ajuda, e eu prometo que vou ajudá-la a encontrar uma maneira de se vingar de Sterling.

— Pensei que fossem amigos.

— Mas do tipo competitivo.

— Por que você quer encontrar com ela?

— Minhas intenções, juro a você, são... — Ele hesita. — Quero apenas conhecê-la melhor.

—Você quer entrar debaixo da saia dela.

Ele ri.

—Isso também. Mas não quero machucá-la. — Ele examina minhas feições. —Não, a menos que ela queira.

Ele tem mesmo as mesmas inclinações que Sinclair insinuou?

— O que aconteceu com vocês... os levou a terem esses comportamentos distorcidos?

Ele franze a testa, então solta minha mão.

—Você vai ter que perguntar isso a Sterling.

— Pensei que você fosse me ajudar com ele.

— O que você quer saber?

— Qual é a fraqueza dele?

Seus lábios se curvam e ele me examina dos pés à cabeça.

— Não, você está errado.

— Sim.

— Não entendo.

— Você, Summer West, o tocou de maneira inimaginável. Você se infiltrou sob a pele dele de um jeito que nem imagina.

— O que você quer dizer com isso?

— Esse casamento, isso não fazia parte do plano.

— Não?

— Nós tentamos dissuadi-lo.

— Nós?

— Nós, os Sete. — Ele faz um movimento circular com os dedos.

Ah! Eu examino os rostos dos homens na sala.

— Jace não faz parte do grupo — acrescenta. — O sétimo, o Barão, não está aqui. — Saint coloca a mão no bolso, e pude observar que cada centímetro desse homem exala a perfeita imagem de um imbecil autoconfiante, dominador, de classe alta. — Sinclair sente algo por você. Ele está tão perdido em suas emoções que não percebe o quanto está envolvido nessa farsa.

Meu coração começa a bater forte.

— O que você está tentando dizer com isso? — Posso até deduzir o que seja, mas quero que ele me diga. Quero ouvir as palavras saindo de sua boca.

—Você, minha querida, é a fraqueza dele.

Vejo uma mão descer no ombro de Saint, levanto os olhos e encontro Sinclair me encarando.

— Afaste-se dela.

— Só estamos conversando, meu velho.

— Qualquer coisa que você queira dizer a ela, passa para mim.

— Espere um segundo. Eu ainda estou aqui. — Fico furiosa com aquilo.

— Como quiser. — Saint se afasta, mas se vira para mim. — Pergunte a ela, não estamos fazendo nada demais, não é?

Sinclair planta seu corpo entre nós.

— Olha aqui, seu idiota— ele indica seu rosto —você dirige suas perguntas para mim.

— Muito possessivo, hein? — As sobrancelhas de Saint se erguem.

— Vá se foder.

—Você pode tirar o homem da sarjeta, mas a sua origem não se apaga, está entranhada em cada parte do seu núcleo, não é?

Cada músculo do corpo de Sinclair fica rígido. Seus ombros parecem ter aumentado de tamanho, esticando ainda mais o tecido

de sua camisa. A tensão toma todo seu corpo. Ele levanta o braço, mas eu o agarro.

— Não.

Eu cravo meus dedos nele, e sinto seu calor irradiar pelos meus dedos quando toco sua pele, que viajou direto para seu destino lógico: meu núcleo.

—Por favor. — Ele é tão grande que eu tenho que usar minhas duas mãos para circular a circunferência de seu músculo.

Ele se inclina para frente, com seus dentes trincados.

—Vou matar você por tocá-la.

Eu o encaro. *O que deu nele?*

— Estou cansado de suas ameaças vazias, Sterling. — Saint o afronta, carrancudo.

Ah, pelo amor de Deus! Eu me coloco entre os dois, mas Sinclair continua olhando fixamente para Saint. Fico na ponta dos pés e agarro o colarinho de Sin.

—O que...? — Ele olha para baixo.

Eu aproveito sua distração, o puxo para mim, fico na ponta dos pés e o beijo.

Seus lábios são mais macios do que eu me lembrava, o que deve ser minha imaginação, porque não há nada de suave nesse homem. Eu mordo seu lábio inferior, e seu corpo inteiro reage, mas ele fica lá, imóvel.

Estou tentando distraí-lo para que não entre em uma briga, é isso? *Por quê?* Por que me importo se ele passará envergonha na frente de seus amigos? Eles o conhecem melhor do que eu, há muito mais tempo do que eu, e provavelmente estão acostumados a vê-lo fazendo cena. Mas o instinto tomou conta, e, talvez, uma onda de possessividade. Meu coração parece errar uma batida. Por esse segundo, senti uma pontada de propriedade sobre ele, uma preocupação descabida com sua reputação. Ou é pura emoção pelo fato de que ele estava com ciúmes porque outro homem me tocou?

De qualquer forma, foi estupidez minha agir por impulso. Eu solto meus braços e dou um passo para trás.

— Desculpa — murmuro. — Eu não deveria ter feito isso.

Eu giro meu corpo com a intenção de sair dali, mas, no segundo seguinte, seus braços envolvem minha cintura, e ele me puxa de volta. Sua boca cai sobre a minha. Eu suspiro alto e o som se perde, consumido por ele.

Sua língua pede passagem por entre meus lábios abertos, emaranhando-se com a minha.

Seu gosto intenso enche meu paladar. O calor de seu corpo me aquece, me envolve e me amarra a ele. Sua palma cobre minha face e ele inclina minha cabeça para cima, aprofundando ainda mais o beijo. Ele me puxa para mais perto, até que meus seios estão colados na parede implacável de seu peito. Meus mamilos se enrijecem e meu sexo contrai. Cada poro do meu corpo parece se abrir com antecipação, e ele não para.

Seus dentes colidem com os meus, sua língua lambe a minha, o cheiro dele enche meus sentidos. Suas coxas duras embalam meus quadris e seu pau túrgido esfrega contra o meu núcleo. Eu tento me afastar, mas seus dedos grossos envolvem meu pescoço. Ele me segura no lugar, com cada milímetro do meu corpo pressionado contra o dele, me marcando, me possuindo, um sinal claro de que sou dele.

Eu não vou conseguir escapar. Não vou conseguir sair desse relacionamento ilesa. Ele possuiu minha alma desde o segundo em que colocou os olhos em mim, reivindicou meu corpo desde o momento em que me conheceu. Eu estava tão errada quando achei que poderia encontrar meu caminho de volta para sair disso, porque eu não posso. Estou presa e vou queimar nas chamas provocadas por Sinclair Sterling, pois ele não me dará trégua. Ele não se importa com ninguém. Não cuida de ninguém, exceto de si mesmo... e talvez dos Sete?

Um tremor percorre meu corpo. Minhas mãos e meus joelhos estão trêmulos. A coerência dos meus pensamentos se perde naquele beijo. Meu coração acelera. Ele realmente é o macho alfa indomável que sua reputação diz que é. Então é por isso que estou tão atraída por ele, incapaz de me afastar, enquanto ele devasta minha boca, me marca com seu toque? É por isso que não consigo conter os gemidos que saem da minha boca? Ele morde meu lábio inferior. Eu suspiro, e arrepios pontilham minha pele. Ele afasta sua boca da minha, e eu me desequilibro.

— Olhe para mim.

Eu levanto minhas pálpebras e encontro aquele olhar cor de anil com manchas prateadas.

—Você é minha, Passarinho.

Eu engulo em seco. Não consigo desviar o olhar e nem refutar a possessividade que vejo refletida em seus olhos.

O som de palmas me atinge e eu estremeço. Ele envolve seu braço em minha cintura e me coloca ao seu lado.

Minhas mãos e pés estão tão dormentes. Uma sensação de frio desliza pelas minhas costas e eu estremeço de novo.

Ele me puxa para mais perto, me aquecendo com o calor de seu corpo. Minha garganta fica seca. Ele me quer, isso está claro, mas isso sempre existiu. No entanto, algo mudou nos últimos segundos. A balança pendeu ainda mais a seu favor, se isso fosse possível, porque agora eu o quero, quero sentir seu toque na minha pele. Mas uma parte dentro de mim quer afastá-lo. Minha cabeça gira com essa divisão.

O homem loiro atrás do bar contorna a bancada e vem em nossa direção com duas taças de champanhe.

— Vamos fazer um brinde.

Sinclair pega os dois copos e me entrega um.

As vozes na sala se acalmam. Ele me solta, apenas para ficar de frente para mim e poder me encarar.

Eu olho para seu pescoço. Se eu me inclinasse, eu poderia pressionar meu nariz na curva de sua garganta e sentir aquele cheiro que só ele tem. Um arrepio me percorre.

— No momento em que te vi, soube que era você, Summer...

Um silêncio desce na sala. Eu engulo em seco e, no silêncio, ouço o sangue pulsar em meus ouvidos.

— Então você entrou naquele elevador e eu tive a certeza. — Ele faz uma pausa e desabotoa seu blazer. Sua camisa branca gruda nos planos duros de seu peito, os botões abertos revelando alguns fios de cabelo preto. O calor se acumula entre minhas pernas e eu aperto minhas coxas.

— A terceira vez que te vi, você estava falando sozinha.

Quê? Eu inclino meu queixo para cima e ...que erro, porque seu olhar trava com o meu.

Minha garganta fecha e meu pulso começa a acelerar. Seus olhos brilham com tanta sinceridade e com um calor que me atraem instantaneamente. Ele está realmente dizendo a verdade? Será que está?

— Foi quando me apaixonei por você.

Eu pisco, aturdida. Este homem...este homem... ele é um mentiroso consumado! Se alguém pudesse refletir seu coração em seus olhos conseguiria ver isto neste instante.

— Eu soube então que tinha que te fazer minha. Para amarrar você a mim de forma irrevogável, para que você nunca pudesse me deixar.

Um suspiro soa atrás de mim. Será que ninguém aqui consegue ver que é tudo mentira?

Ele se aproxima e a química entre nós aumenta. Seus ombros largos bloqueavam a minha visão dos outros presentes. Ele poderia estar falando apenas comigo, revelando seu verdadeiro eu. Olho para ele em transe, uma parte de mim aplaudindo o show que ele está dando.

— Porque você me completa.

Ele não disse isso.

Era trecho famoso de um filme dos mais superestimados de todos os tempos, e ele o está usando neste exato momento.

Se ele queria dar uma facada direto no meu coração, ele não poderia ter achado jeito melhor. Oh, como é inteligente este homem! Ele me conhece muito bem. Sabe como esmagar cada um dos meus desejos tolos.

Alguém aplaude, e outro se junta a ele, e depois um terceiro.

Ninguém na sala percebeu o que ele fez.

— Sou o homem mais sortudo do mundo por poder chamá-la de minha esposa.

Eu me afasto com lágrimas se juntando nos meus olhos. Minha garganta fecha. A pressão aumenta em minhas têmporas.

— Summer Sterling.

A completa confiança em seu tom me açoitava. Eu me esforço contra a atração que ele exerce sobre mim e me forço a dar mais um passo à frente. E outro.

— Posso te chamar pelo meu nome?

Eu paro. Meus pés se recusam a se mover. Maldito seja este homem! Como ele pode me jogar no chão em um momento, então me levantar bem acima das nuvens, me fazendo alcançar o sol no próximo?

Ele não percebe o quão cruel é quando ele faz isso? Que isso me deixará tropeçando na sarjeta, atolada nos espasmos da paixão que é evocada por suas palavras?

Então me obrigo a virar e a respirar fundo.

— Nunca.



A esposa falsa
DO BILIONARIO

Sinclair

Capítulo 37

Ela não deveria ser tão inteligente, tão magnífica, tão capaz de me acompanhar passo a passo.

Depois daquela réplica ao meu discurso completamente não planejado – sim, e isso reflete o quanto ela consegue me tirar do prumo – a sala inteira ficou em silêncio. A raiva desceu pela minha espinha, mas estava misturada com um orgulho feroz.

Então a sala explodiu em aplausos.

— Bravo. — Arpad se adiantou e a beijou nas duas bochechas. Eu não o impedi, mas apenas porque o coração do idiota já é de outra pessoa. Além disso, é uma típica afetação gaélica, uma que eu deixarei passar... desta vez.

Suas amigas a cercaram. Saint se conteve. *Bom*. Acho que ele entendeu a mensagem, finalmente.

Eu dei um passo à frente e os convidados se afastaram, permitindo que me aproximasse da minha esposa.

— *Touché*, querida. — Eu levantei minha taça numa saudação. Ela me olhou com tanta raiva que meu pau enrijeceu em resposta. *Porra*.

Ela ergueu o queixo, se recusando a ceder e afastar o olhar, e isso exigiu muita coragem. Nem mesmo os Sete, exceto talvez o Saint, teriam aceitado o desafio que lancei. Ela teve.

Summer entendeu a mensagem, que eu usei a paixão que ela tinha por filmes contra ela. Eu não estava brincando quando disse que era um mestre nisso, a sétima arte era um amor antigo que eu havia relegado, mas que ela o reacendeu em mim nos últimos dias. Estava usando esse artifício para miná-la. Usei uma linguagem em código que só ela entenderia o que eu estava falando, pois pretendia que o significado a atingisse, embora não tivesse certeza se ela alcançaria a ideia. Não era uma fala de um filme popular de Hollywood, mas, sim, de um filme independente

baseado em um romance. Amores esquecidos da minha infância vieram à minha mente... de ler, correr no campo. *Porra!* Aqueles tinham sido dias idílicos antes de seu pai mudar minha vida para sempre.

Foi por esse sentimento que eu a rastreei e garanti que ela concordaria com meus planos. Só que ela os derrubou completamente. Acabou por ser alguém completamente diferente do que imaginava. Ela pode ser mais jovem do que eu em anos, mas compensa sua idade com sua determinação férrea. E o que é aquela fome de sobrevivência, parecida com a que me manteve durante todo o tempo em que os Sete e eu quase perdemos nossas vidas? Eu sinto essa força nua nela também. Ela é a minha metade. Eu não poderia ter escolhido uma parceira de vida melhor se eu tivesse decidido encontrar uma intencionalmente. Esse pensamento me faz enrijecer. A precisão das minhas palavras penetra no meu sangue, confirmando o que eu já sabia. Eu preciso parar essa viagem louca sem volta para minha destruição.

Tenho que focar no meu objetivo, o grande final que venho preparando há tanto tempo, o fim de seu pai, destruindo-o para que ele não tenha mais vontade de viver. E para conseguir isso, preciso fazer uma única coisa que é tirar seu dinheiro, o que fará com que perca sua liberdade, sua nova esposa e qualquer conexão restante com suas filhas.

E ficar permanentemente conectado a ela, com seu parentesco com esse homem sempre vindo a minha mente, é inaceitável. É hora de lançá-la para fora do meu sistema.

Eu estou em frente a janela do meu quarto, mas me viro para verificar onde ela está e a vejo na porta. Eu tinha me despedido dos convidados e a arrastado para cá.

Não que alguém fosse sentir nossa falta. Cada um dos Sete sabia o que se esperava deles. Todos os jogadores estavam reunidos no gramado logo abaixo. Eles fariam sua parte. Agora era hora de colocar meu próprio plano em ação.

— Feche a porta.

A vejo estremecer. Ela aperta os lábios, se vira e encosta as portas duplas, que se fecham com um estalo suave.

— Olhe para mim.

Ela hesita.

— Não me deixe esperando, Passarinho.

Então ela gira e me encara. Seus dedos se fecham em punho ao lado do corpo. *Será que a irritei?*

A vejo dar um passo à frente, mais outro... continua lentamente até chegar à cama.

— Pare.

Ao ouvir meu comando, ela interrompe os movimentos.

— Dispa-se

Ela enrijece.

É agora que ela protesta, grita comigo, ou melhor ainda, se vira e sai correndo para se proteger no meio dos nossos convidados, que ainda estão festejando lá embaixo.

Mas não. Ao invés disso, ela leva as mãos as costas.

Eu ouço o som de um zíper sendo aberto e vejo que me fodi, porque fico instantaneamente duro.

Ela leva a mão para o decote e puxa o tecido por um ombro, depois pelo outro. Seus movimentos são precisos, mesmo que seus dedos estejam trêmulos. O vestido desliza até parar em seus quadris.

Minha boca enche de água e meu peito dói.

—Tire tudo.

Summer empurra o vestido para baixo. A peça se acumula em seus tornozelos, então ela dá um passo e a chuta para o lado. Fica ali de pé, com os globos perfeitos de seus seios nus à mostra. Eu passeio meu olhar pelo seu corpo e seus mamilos endurecem. Desço os olhos, percorrendo sua barriga lisa até chegar no triângulo coberto pelo tecido de sua calcinha.

Olho para o pedaço de pano, depois volto para o rosto dela.

Ela está pálida.

Eu levanto minhas sobrancelhas e ela endurece sua mandíbula. Em seguida, começa a retirar sua calcinha e a joga de lado. Eu deixo meu olhar cair sobre a carne entre suas coxas, agora completamente nua, expondo a pequena fenda em sua base que brilha na luz rosada do sol de fim de tarde.

Meu pau enrijece ainda mais. Um pulsar acelerado tamborila em meu peito, em minhas têmporas, até mesmo em minhas bolas. O que ela está fazendo comigo? Eu preciso estar dentro dela rápido antes que eu exploda nas minhas calças.

—Feliz? — Seus dedos estão apertados ao lado do seu corpo.

Ainda nem estou perto disso.

— Suba na cama e fique apoiada sobre as mãos e os joelhos.

Noto ela arfar. Suas belas pupilas verdes se dilatam. De raiva? De luxúria? Ainda não sei, mas vou descobrir.

— Faça.

Ela respira fundo, então se ajeita na cama, se apoiando em seus cotovelos e joelhos, com sua bunda linda se projetando no ar. Meu pau lateja, minha garganta fecha. Ela tem tanto poder sobre mim, mas ela não percebe isso. Pretendo manter assim.

Eu caminho até ela, ficando próximo ao pé da cama.

— Abra mais.

Ela mexe os quadris, então aumenta o 'V' entre as coxas. O tom róseo de sua boceta brilha entre suas pernas. O sangue flui tão rápido na minha virilha que minha cabeça gira.

Eu me inclino para frente e seguro sua bunda. Ela choraminga.

Arrasto meu polegar pelo vale entre suas nádegas. Ela estremece e um gemido sai de seus lábios. Sua coluna se dobra.

Eu a puxo para trás e desço minha mão em sua bunda. Ela arfa.

—Você me desafiou.

O estalo soa alto. Eu dou outro tapa em seu traseiro e seu corpo inteiro estremece. Ela bufa.

— Na frente de todos.

Eu dou outra palmada e ela rosna.

—Você gosta de me desafiar, não é, Passarinho?

Eu continuo batendo em sua bunda e a ouço fazer barulhos que se alternam em algum lugar entre um protesto e uma anuência.

— Você quer competir de igual para igual comigo, é isso?

Ela balança a cabeça em concordância.

— Diga.

— Sim. — A palavra sai em um gemido.

— Ótimo, então você deve arcar com as consequências de seus atos. Não vá dizer depois que foi por falta de aviso, doce Summer.

Eu bato em sua bunda linda e dura novamente. Ela uiva. E bato de novo; ela grita. E de novo... seis, sete, oito... Eu aumento a intensidade, vou cada mais rápido, mais forte, mais frequente. Suas coxas estremeçam e seu corpo afunda no colchão.

— Segure essa bunda no alto, se não fizer isso, Passarinho, eu juro que não vou parar até que eu te arranque um orgasmo sem tocar sua boceta.

Ela rosna algo ininteligível, mas abaixa a cabeça e apoia a bochecha no colchão. Olha por cima do ombro e vejo seus olhos verdes brilhando, seus lábios tremem. A cor vermelha toma sua face. Cada curva de seu corpo, cada ângulo de sua coluna rígida,

mostra a postura desafiadora. Seus dedos cravam no tecido da colcha. *Bom.*

—Você está excitada?

Ela olha fixo para mim.

— Responda agora, Passarinho, ou então eu...

—Não.

Eu bato novamente na bunda dela e ela estremece. E de novo...

—Você vai continuar me desafiando?

Ela está tremendo.

— Fala.

— Sim. — Ela diz entre dentes e não consigo evitar que meus lábios se curvem em um sorriso.

—Bom...— *Então não se importa se eu a punir um pouco mais, não é?*

Seus lábios se abrem.

—Não, não...

Dez, onze, doze... Eu bato em seu traseiro em forma de coração de novo e de novo. A cada tapa, seu corpo inteiro se curva, treme, os nós dos dedos ficam brancos, o cheiro de sua excitação se aprofunda, seus pés, ainda nos sapatos de salto feitos sob medida, se afundam no colchão.

Seu queixo treme, seus ombros se curvam, uma lágrima rola pelo seu rosto, mas ela não abaixa os olhos. Não desvia o olhar. Não faz um barulho, até que eu levanto o braço mais uma vez.

— Pare. — Ela chia.

— Por que eu deveria?

—Porque...— Ela engole em seco. — Porque estou dolorida.

Eu desço minha palma novamente em sua bunda e ela geme.

— Porque eu quero que você pare.

Resposta errada. Eu continuo com os tapas e seu corpo inteiro sacode. Seu queixo treme; seus ombros se erguem para trás.

— Por que eu sou sua esposa?

— Isso mesmo. — Eu abaixo meu braço e começo a desafivelar meu cinto. Seu olhar cai em minha virilha. — E é por isso que eu vou foder sua boceta, para você nunca esquecer disso.

Eu abaixo o zíper da minha calça e tiro meu pau. Sua respiração se torna acelerada.

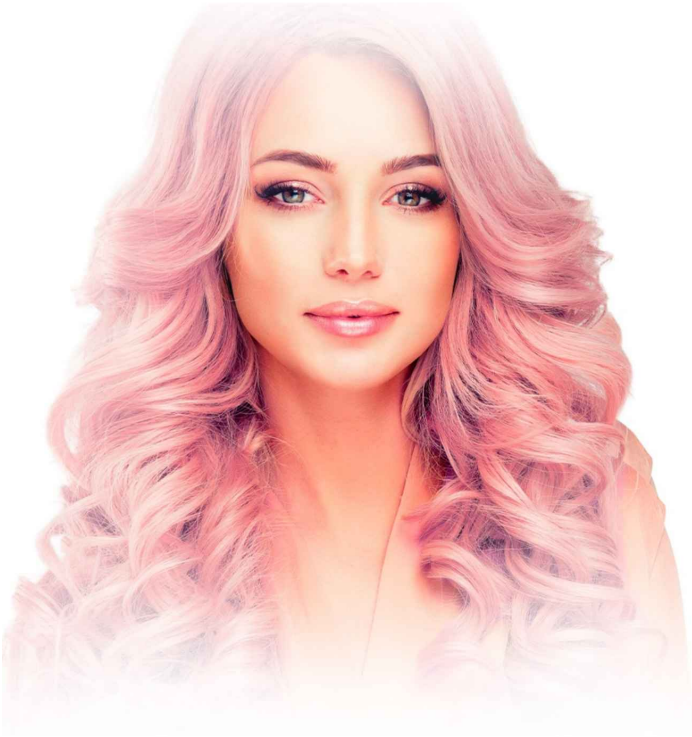
— Eu vou me inserir em cada célula do seu corpo. — Eu me inclino para frente até que meu pau esteja alinhado com sua boceta. — Vou fazer com que cada pensamento seu, cada frase, cada sequência de trivialidades em sua mente comece e termine comigo.

Ela estremece.

— Vá se foder, Sinclair Sterling.

— Com prazer.

Eu desço minha mão.



A esposa falsa
DO BILIONÁRIO

Summer

Capítulo 38

Sua mão toca minha boceta e eu explodo.

A umidade aumenta entre minhas pernas. Um tremor varre minhas panturrilhas, minhas coxas, sobe pela minha espinha e culmina atrás dos meus olhos. Minhas mãos e minhas pernas cedem. Eu cambaleio para frente e caio sobre o colchão.

O que...?

Suas mãos agarram minha cintura, sinto o calor de suas palmas me abrangerem de ponta a ponta. A antecipação corre em meu sangue e rola em direção ao seu destino inevitável, meu núcleo já molhado.

— Sinclair...

— Sin.

— O quê?

— Me chame de Sin.

—Merda. — Mordo meu lábio inferior. —Por que você não me fode de uma vez e acaba logo com isso?

— Peça.

— Não.

Ele apalpa minha bunda que ainda lateja e as sensações chegam no meu núcleo. Ele arrasta a cabeça de seu pênis entre meus lábios inferiores e eu gemo. O membro grosso sugere o quão bom seria se eu cedesse de uma vez. O vazio dentro de mim se aprofunda. Tão vazio! Tão incompleto! Eu cravo meus dedos na colcha. Mas de jeito nenhum eu vou dar esse gostinho a ele.

—Tão teimosa...

Eu o sinto se mover. O seu calor envolve minhas costas e desliza para baixo entre minhas coxas sensibilizadas. Minha garganta fecha.

—Tão receptiva...

Ele acaricia a pele no ponto onde meu ombro encontra meu pescoço, e meu sexo se contrai. Arrepios queimam minha pele; minha respiração trava. Ele move meu cabelo para o lado e deixa beijinhos na minha nuca. Eu tremo. Ele chupa a pele bem ali onde eu sou mais sensível e eu gemo.

Ele acaricia meu quadril, seus dedos se movendo de forma a roçar a borda da minha fenda sensível. O pelo áspero em sua virilha roça meu traseiro e alfinetadas de dor irradiam de seu toque. Um gemido sai dos meus lábios.

Sou eu fazendo isso? Por que eu pareço tão carente? Por que meu corpo está traindo tudo o que estou tentando dizer a ele?

—Tão linda. — Ele mordisca minha pele, descendo por um caminho ao longo da minha espinha, e meu coração dispara. O sangue corre veloz para meu clitóris, meus mamilos endurecem com tanta intensidade que chegam a doer. Eu mordo o interior da minha bochecha para me impedir de pedir que me tome, para que acabe com essa loucura, ou seja lá o que for isso que me conecta a ele, que liga minha mente a dele, meu coração a essência de seu ser, que é certamente a alma mais escura e cruel que já existiu. Se é assim, por que estou faminta por ele?

Ele arrasta o queixo pelo comprimento da minha espinha e arrepios queimam na minha pele.

— Me peça para te foder.

Eu balanço minha cabeça em negativa.

— Vamos, peça.

Eu estremeço. Meu coração aperta. Algo dentro de mim estala. Oh, inferno, eu sei que vou me arrepender disso. Eu inspiro.

— Me foda, Sin.

Seu corpo inteiro parece congelar. A tensão irradia dele. O calor de seu corpo se intensifica, até que tenho certeza de que estou derretendo por dentro e por fora. O suor pinga na minha testa,

minhas terminações nervosas estalam, crepitam, esperando, esperando...

Sua respiração provoca a concha do meu ouvido.

— Obrigado, Passarinho.

Minha garganta fecha.

Eu o sinto recuar, suas mãos agarram meus quadris, então ele entra em mim. Eu grito. A dor me corta e eu tento me afastar.

— Que porra é...?

Seu aperto em minha cintura se intensifica.

—Você mentiu para mim?

— Nada que você não tenha feito também. Eu estava só retribuindo a gentileza.

Suas pontas dos dedos cravam em meu quadril.

— Você estava me manipulando?

— Assim como você.

— Você queria que eu me sentisse culpado por tirar sua virgindade?

— E se sente? — Olho para ele e estremeço.

Seu rosto é uma máscara coberta por sombras. Suas maçãs do rosto se destacam tão nitidamente que eu poderia sentir a dureza nelas.

— Não. — Ele aperta a mandíbula com tanta força que ouço um estalo, posso literalmente ouvir o som de seus molares rangendo. — Você quer saber como isso me faz sentir, Passarinho?

Uma veia pulsa em sua têmpora.

— Me responda.

—Co... como?

Uma gota de suor escorre por sua têmpora, um músculo salta em sua mandíbula. As linhas brancas que marcam sua boca revelam o quão perto ele está de perder o controle. A força de seu

domínio salta dele e despenca sobre meus ombros. Eu me sinto incapaz de me mover. Incapaz de desviar o olhar.

Sua mão desliza pela minha barriga e roça meu clitóris. Sensações de calor em espiral vêm de seu toque. Ele inclina a parte superior do corpo para mais perto, até que seu peito parece me envolver por todos os lados.

Eu engulo; meus dedos do pé enrolam. O que ele vai fazer agora?

Ele abaixa a cabeça e lambe meus lábios.

— Isso me faz querer fazer você pagar por essa afronta, de forma que você nunca vai querer mentir para mim novamente.

Minha garganta fecha. Uma bola de emoção enche meu peito. Todas as minhas células cerebrais parecem se acender ao mesmo tempo. Como ele pode soar tão duro, tão inflexível, mas tão sedutor ao mesmo tempo? E por que diabos eu acho isso tão excitante? Minha boceta tem espasmos e ele geme.

—Você gosta disso, não é?

Sim.

Sim.

Eu balanço minha cabeça em negativa.

— Ainda mentindo? — Ele inclina os quadris, e seu pau se contrai. — Chegou a hora de você aprender a não mentir. — Ele toca meu clitóris.

Mais umidade surge entre minhas pernas. Um gemido sai dos meus lábios.

Seus ombros se esticam, seus bíceps parecem crescer de tamanho.

— Esses pequenos sons que você faz me excitam, sabia disso? — Suas pálpebras se fecham, apenas uma fresta do cor de anil pode ser vista brilhando entre eles. Eu tremo. Suas feições se fecham, e seu olhar se intensifica.

—Eu não quero te machucar.

Eu engulo em seco.

— Embora eu esteja começando a achar que você gosta quando eu faço isso.

Eu mordo o interior da minha bochecha, para me impedir de concordar.

Ele sai de dentro de mim e a dor diminui; ele roça seu pau na entrada dos meus grandes lábios e seus dedos dedilham meu clitóris. Eu tremo. Ele libera meu quadril para trazer a outra mão até meu seio. Sua palma é tão grande que faz minha carne parecer pequena. Meus mamilos ficam túrgidos. Ele puxa os bicos sensíveis, e eu estremeço. Joguei minha cabeça para trás, arqueando meu pescoço. Ele arrasta o queixo pela minha coluna. Meu couro cabeludo formiga, meus dedos dos pés se curvam.

—Vou te foder agora.

Eu engulo em antecipação. Ele continua com os dedos tocando os lábios inchados da minha boceta e um tremor maior me toma.

Ele libera o aperto em meu seio, apenas para envolver seus dedos em torno da minha garganta. O pânico borbulha de algum lugar lá no fundo e a pele se estica até ficar muito apertada. Ele pressiona o polegar no local que pulsa na cavidade do meu pescoço.

—Shh.— Seu hálito quente levanta o cabelo em minhas têmporas. — Me deixe fazer do meu jeito, Passarinho.

Eu tremo.

— Concentre-se no meu toque, no meu calor, na minha voz, esqueça todo o resto. Apenas siga meus comandos. Consegue fazer isso, hum?

Eu concordo.

—Boa menina. — Seu calor me envolve, suas coxas pressionam as minhas, seus dedos continuam brincam com minha

boceta. Ele cutuca minha entrada molhada com seu pau.

—Você confia em mim?

Não.

Não.

Mas eu balanço a cabeça, dizendo que sim.

Seu peito se expande atrás de mim e seus músculos parecem ficar ainda mais sólidos.

— Se segure em mim. — Seu pênis cutuca novamente minha entrada molhada; seu aperto no meu pescoço aumenta.

Ele se move para frente e seu pau me penetra. Eu arquejo; minhas coxas apertam.

Tentáculos de calor me envolvem, enquanto a pressão na base da minha coluna cresce.

Ele fica parado, e eu respiro fundo. Seu pau pulsa dentro de mim e um gemido brota de minhas entranhas.

—Você está bem?

—S... sim.

Seus músculos ficam tensos e seus braços vibram com o esforço para sustentar o peso de seu corpo.

Ele faz um movimento para trás, mas logo em seguida joga seus quadris para frente de novo. A dor ainda me corta, mas o prazer começa a brotar em ondas.

Sinto o pulsar nos dedos que acariciam minha garganta e cada sensação que me trazem.

—Shh, me deixe tornar isso bom para você.

Seus lábios tocam minha nuca. Calor irradia do contato. Ele puxa meu cabelo para o lado e mordisca a pele na junção onde meu pescoço encontra meu ombro. Um tremor me percorre. Ele lambe a curva do meu braço, depois morde.

Meu sexo aperta, trazendo mais umidade para o meio das minhas pernas.

Um gemido ressoa em seu peito.

— Você cheira tão bem. — Ele enterra o nariz na minha pele.
—Você está me matando.

Uma pressão começa a se formar entre minhas pernas.

— Não posso me conter mais, Passarinho. Eu tenho que me mover.

Eu empurro meu queixo e mordo meu lábio inferior.

—Por favor. — As palavras saem de meus lábios.

— Obrigado. — Ele começa a movimentar os quadris, deslizando dentro de mim novamente. Muito, muito grande. A dor pulsa na minha espinha. Eu bufo e curvo minhas costas.

—Shh.— Ele beija a lateral do meu pescoço, em seguida, prende os dentes no lóbulo da minha orelha. Ele puxa e uma sensação de derretimento se desenrola em algum lugar bem fundo dentro de mim.

—Oh. — Eu inclino minha cabeça, dando-lhe acesso, e ele obedece.

Ele acaricia com a língua o lóbulo da minha orelha, então a coloca dentro da cavidade, e arrepios se espalham pela minha pele.

Que diabos é isso?

Como eu não imaginei que poderia ser tão erótico tê-lo mordiscando o lóbulo da minha orelha, chupando-o, enquanto ele agarra meus quadris, se impulsiona para frente e se enterra dentro de mim?

— Sin... Por favor.

Eu aperto meus olhos e jogo minha cabeça para trás. Seu aperto no meu quadril me mantém no lugar. Ele segura meu seio e aperta o mamilo. *Jesus*. Flashes de calor avançam por trás dos meus olhos. Estou voando, flutuando... em algum lugar nesse espaço entre o prazer e a dor.

Ele libera meu seio, e eu gemo.

Ele desliza a mão para baixo para tocar minha boceta, dedilhando os dedos sobre meus lábios inferiores, meu clitóris e eu grito.

A pressão se intensifica, cresce, irradia para minhas extremidades. Meus pés afundam no colchão, meus dedos se fecham e todos os poros da minha pele parecem se abrir.

Ele me dá um tapa na bunda com força suficiente que faz com que meu corpo empine. Seus lábios roçam minha orelha.

—Vem.

E eu quebro. As sensações varrem meu peito, meu coração bate forte contra minha caixa torácica, mas com tanta força que tenho certeza de que vai pular para fora. Ele afrouxa o aperto na minha garganta e o clímax me engole. O sangue tamborila contra minhas têmporas. Faíscas de vermelho e branco encham minha visão. Mas isso também desaparece quando a escuridão me toma.

Algo frio desliza entre minhas pernas e minhas pálpebras tremem. Olho para baixo para descobrir que estou de costas, as pernas bem abertas. Sinto uma mão passando uma toalha branca imaculada no meu centro latejante. Eu estremeço.

—Shhh! Me deixe cuidar de você.

Ele esfrega a toalha fria em cada lado das minhas coxas. O frescor permeia minha pele, e a queimação diminui um pouco.

— Melhor?

Eu balanço a cabeça confirmando.

Ele se endireita e vai até o banheiro adjacente. A porta está aberta e a luz passa por ela. Ouço o som de um armário sendo aberto e fechado. Então ele volta. A cama afunda quando ele coloca um joelho entre minhas pernas. Ele espreme algo de um tubo.

— O que é isso?

Ele o espalha o creme em minhas coxas. Uma sensação de frio chega em meu sangue e todas as dores instantaneamente recuam.

— É um...?

—Aloe.

—Você faz isso com frequência?

— O quê?

— Cuidar das virgens que traz para sua cama.

Ele tampa a pomada e se curva para colocá-la na mesinha lateral.

— Eu nunca dormi com uma antes.

— Mesmo?

— Além do mais, só estou cuidando de você para que esteja pronta logo para mais uma rodada.

—Espera... como é?

— Chega para lá. — Ele desliza pela cama.

— Eu entendi direito? — Minha boceta aperta. A umidade inunda mais uma vez meu núcleo.

Eu chego para o outro lado, certificando-me de que há um bom espaço entre nós na cama.

— O que acha? — Ele cruza as mãos atrás do pescoço.

Ele fecha os olhos, e eu espio suas feições. Observo aquele semblante duro, com o nariz adunco, o lábio inferior surpreendentemente carnudo, com o qual estou me familiarizando com o gosto.

— Eu sugiro que você durma um pouco.

— E a segunda rodada?

Ele abre um olho.

— Estou começando a achar que você não consegue ficar com as mãos longe de mim.

Idiota. Dou as costas para ele e puxo as cobertas até o queixo.

Fecho os olhos e tento dormir. Viro para o outro lado. Contorço os dedos dos pés, em seguida, deito de costas. Droga, agora estou com coceira nas costas. Eu mexo meus quadris, arqueio minha coluna e tento alcançar o ponto que está logo abaixo da minha nuca.

— O que você está fazendo? — Ele resmunga.

— Tentando coçar minhas costas, algum problema nisso?

— Eu posso fazer isso...

— Não precisa. — Eu bufo.

Eu rolo minhas omoplatas contra a cama.

Há uma profunda inalação de ar. Em seguida, o colchão afunda e ele vem em minha direção.

—Vire-se.

— Mas...

Ele agarra meu ombro e me coloca de lado.

— Onde coça?

— No centro das minhas costas.

Ele coloca a palma da mão exatamente no lugar certo e arrasta os dedos pelo meu dorso —Ah...— não consigo conter o gemido que sai dos meus lábios. Ele repete a ação, desta vez no sentido contrário.

—Ah...

Eu me estico sentindo seu toque, e ele obedece ao comando. Ele crava seus dedos no espaço entre minhas omoplatas e percorre todo o caminho até chegar à fenda da minha bunda. E sobe de novo. E repete o movimento. Hum, tão bom. Um som de prazer escapa dos meus lábios.

—Você me lembra um gatinho que eu tive.

—Você já teve um gatinho?

Ele para os dedos por um segundo, mas logo torna a mexê-los.

— Não importa.

— Claro, iria humanizar o cretino mal-humorado se compartilhasse algo de sua vida pessoal, não é?

—Exatamente.

Fazer este homem falar sobre si mesmo é como... tentar encontrar um lugar para sentar no metrô na hora do rush.

— Então... Amadeus?

Ele acaricia minha espinha com sua mãozorra e eu arqueio com seu toque.

—Tem alguma história aí?

Seu toque se acalma, então ele massageia com as pontas dos dedos os músculos nodosos dos meus ombros. *Humm!*

— Minha mãe.

Eu fico quieta.

— Ela adorava música clássica. Ela estava ouvindo Mozart quando entrou em trabalho de parto, assim...

Ele enfia os dedos na parte de trás da minha cabeça e coça meu couro cabeludo. Arrepios percorrem minha pele. Eu tremo toda.

— Onde você aprendeu a fazer isso?

— Com a experiência.

Claro. Meu estômago se revira e algo quente apunhala meu peito. Eu não sou ciumenta. *Por que estou com ciúmes?*

— Já chega. — Eu me afasto e ele não diz nada.

Eu fico olhando para a parede, então limpo minha garganta.

— O que foi? — Ele soa meio resignado, meio excitado. —Eu posso ouvir você pensando, então diga em voz alta.

— Aquilo... o que aconteceu?

— Aquilo?

—Você sabe, ‘aquilo’, quando eu quase desmaiei...

—Você quer dizer o segundo orgasmo que você teve poucos minutos depois do primeiro? — Não consigo ver o rosto dele, mas caramba, posso sentir a satisfação presunçosa em sua voz. — De nada.

Eita.

— Como você pode ser ao mesmo tempo atencioso e um cretino?

— Não acho que tecnicamente me enquadre na definição dessa palavra, não que eu esteja protestando contra seu uso por você. — Ele sorri. —E ‘aquilo’ é algo que acontece naturalmente quando uma mulher está comigo.

Por que eu perguntei? Eu gemo alto.

O silêncio perdurou por uns instantes. *Não pergunte a ele, não pergunte.*

— É... ah, é sempre assim? — Quer dizer, eu sei que não pode ser, mas tenho que perguntar. Não que eu espere que ele responda ou algo assim, mas...

O silêncio se estende. O quarto está completamente silencioso, na verdade. No apartamento de merda que eu dividia com Karma, sempre havia algum barulho. Uma ambulância com a sirene ligada, festeiros tarde da noite voltando para casa, a equipe do bar no andar de baixo limpando o espaço antes de ir para casa. Aqui, eu posso ouvir meus pensamentos, o que não tenho certeza se aprecio, não quando todos eles parecem me levar de volta a ele.

—Nunca foi assim para mim. — Sua voz é baixa.

Oh!

—Você quer dizer que...

—Vá dormir, Passarinho.

Ele se vira de lado. Sua respiração se aprofunda. Aparentemente, aquele mecanismo estúpido de ligar e desligar que ele tem que permite que ele ligue o interruptor de suas emoções

também pode ajudá-lo a adormecer em um instante. O homem realmente não tem alma.

Tirar a virgindade da mulher que você chantageou para ajudá-lo a se vingar e a destruir o pai dela? *Feito*.

Garantir que você irá tornar a vida dela completa e totalmente miserável durante o processo, se infiltrando sob sua pele e ocupando todos os seus pensamentos, mantendo-a acordada e invadindo seus sonhos? *Feito*.

Fecho os olhos e meus membros ficam pesados. Minha respiração se aprofunda, mas sou desperta.

Num segundo, estou só, no próximo, ele está lá. Seu calor queima minhas costas quando ele me envolve por trás. Eu me inclino para ele, esfrego minha bunda contra a dureza que pulsa entre minhas pernas. Ele desliza para dentro de mim, preenchendo o vazio. Eu tremo e um gemido sai da minha garganta. Estico a coluna, buscando mais daquela presença deliciosa, o aconchego completo, aquela consciência absoluta do que é estar tão em sintonia com o outro. *Espera um minuto...*o quê? Eu abro meus olhos na escuridão.

— Sin?

— Shh, eu não pretendia te acordar.

Ele afasta meu cabelo da minha nuca, e deixa um beijo no meu ombro. A umidade volta a se acumular entre minhas pernas. Eu viro meu rosto para ele, e Sin entende a dica. Ele segue mordiscando e beijando minha pele até chegar no lóbulo da minha orelha, e o prende entre os dentes.

— Ah! — estremeço, estico o braço e o coloco em volta dele.

Ele é tão grande que eu mal chego na metade de suas costas largas.

Sin levanta a mão, segura meu seio e brinca com meu mamilo ereto. O calor de seus dedos penetra em meu sangue e eu me coloco mais a seu alcance.

Ele desliza a mão pela minha barriga e segue em direção a minha boceta. O gesto é tão possessivo, tão completamente confiante, que minha cabeça gira. Ou talvez seja porque nesse instante seu membro entra mais fundo dentro de mim, friccionando contra minhas paredes internas. Arrepios de prazer percorrem minha espinha.

—Você é tão linda, Summer. — Ele dá beijinhos no meu queixo.

Eu torço minha parte superior do corpo, me estico em sua direção, e ele cola os lábios sobre os meus. Sua língua invade minha boca, duelando com a minha, bebendo de mim. Sua posse é absoluta, sua força incomparável. Ele está me sugando, me marcando, me transformando em uma sombra de si mesmo, e eu não consigo impedi-lo. Outro gemido sobe pela minha garganta, e ele o engole. Sin impulsiona seus quadris, e seu pênis entra mais fundo. A sua pélvis se choca contra a minha bunda, tomando cada pedaço com sua rigidez, de forma implacável. Nunca me senti tão impotente, tão vulnerável. Um abrir e entregar. Um... ah, sou incapaz de controlar as emoções que me envolvem, que torcem minhas entranhas. O que ele está fazendo comigo? Abro a boca para perguntar, mas ele aprofunda o beijo. Sua língua traça meus dentes, seus dedos apertam meu clitóris, e seu pau parece se expandir ainda mais, invadindo minha boceta. Um gemido ressoa em seu peito e as vibrações repercutem em mim. Meu sangue lateja em minhas têmporas e meu batimento cardíaco acelera. Sin, Sinclair, Sr. Sterling, o cretino que entrou na minha vida e a virou inteira de cabeça para baixo.

Ele arranca sua boca da minha, então movimenta seus quadris com mais ímpeto. Seu pau entra mais fundo em mim e eu arfo.

— Olhe para mim, Passarinho.

Eu abro meus olhos e encontro seu profundo olhar cor de anil.

Uma urgência trêmula cresce em algum lugar lá no fundo do meu ser. Suas estocadas continuam cada vez mais fundas. Seus dedos vibram em meu clítoris. Sensações se acumulam na base da minha coluna.

Ele coloca a outra mão em volta da minha garganta, enfiando o polegar na minha boca. Eu chupo seu dedo, e suas pupilas ficam mais escuras.

Ele segura meu olhar no seu, movendo mais rápido seus quadris, me estocando com seu pênis cada vez mais fundo. Uma gota de suor escorre pela minha espinha e eu estremeço. Ele inclina a cabeça, até que nossos narizes se encostam.

— Goza para mim, Passarinho, goza e banha todo o meu pau.

Seu sussurro corta o silêncio na minha cabeça e eu explodo. O clímax me invade, e meu corpo inteiro estremece. Minhas costas se esticam quando sinto meu gozo se derramando entre minhas pernas.

— Gostoso pra caralho, meu Passarinho.

Um gemido ressoa em seu peito. Seu pau pulsa, então um calor líquido banha minhas entranhas. Ele tira a mão da minha boceta, a leva a boca e chupa os dedos, então esfrega o líquido das nossas essências pelos meus seios.

— Durma agora.

Meus olhos se fecham, mas flutuo nesse espaço entre o sono e a vigília. Ele me puxa para mais perto, e seu pau se contorce dentro de mim. *Ele não pode estar duro de novo, pode?*

— Estou, Passarinho. Parece que no que diz respeito a você, eu tenho um apetite insaciável. Aparentemente, eu gosto de me punir. — Ele respira fundo e seu corpo inteiro parece se expandir. — Mais uma primeira vez. — O tom de sua voz diminui ainda mais.

Ele disse mesmo isso? Não, deve ser minha imaginação. Ele não pode ler minha mente. Não. Este foi um sonho muito bom,

apenas isso. Eu me aconchego no seu calor, mas quando começo a adormecer, algo surge diante de mim.

—Timotheé Chalamet.

—Hã? — Seu aperto na minha cintura aumenta.

— Eu amei a atuação dele em *Me Chame Pelo Seu Nome*.

— Hmm.

Um sopro esvoaça meu cabelo. *Ele me beijou?*

— Como você sabia que esse era o meu filme favorito de todos os tempos?

Ele hesita.

—Eu não sabia. — Ele coloca a mão na minha boceta. —Mas eu queria tanto provar seu gozo.

Uau.

—Isso é... ah...— eu engulo em seco — É a coisa mais romântica que alguém já me disse.

— Que bom. — Ele me aconchega firmemente em seu peito. Agora, vá dormir.

Eu adormeço com seu pau dentro de mim.

Quando acordo, seu lado da cama está vazio.



A esposa falsa
DO BILIONARIO

Sinclair

Capítulo 39

— Uísque às 9 da manhã? Isso não é um pouco radical demais?

Eu tomo o resto da bebida, que deixa um rastro de queimação na minha garganta.

— Que porra você quer agora, Saint?

Ele caminha até o bar no canto do escritório e a máquina de café entra em ação.

— Qual é o sentido de ter esta máquina de 5.000 libras se você nunca a usa?

Eu dou de ombros. Mandei comprá-la só porque o resto dos Sete prefere café. Eu? Eu gosto é de chá, provavelmente por ter crescido no East End. Chá bem forte e com tanto açúcar que uma colher só não será suficiente. Essa foi a primeira bebida que experimentei na vida, e sei que nunca vou conseguir abandonar.

Ele caminha até a janela, e fica olhando para fora.

— Tem alguma coisa interessante para contar?

Eu rosno.

— Noite ruim, hein? — Ele ri.

— Por que o interesse?

— É você quem está liderando todo esse esquema. Estou apenas verificando se meu investimento está em boas mãos, mano.

— Não é você que tem algo a perder.

— E você tem? — Ele se vira para mim. — Há alguma coisa que queira confessar, pecador?

— Cai fora! Não estou precisando de um padre. — *O que eu preciso mesmo é de um maldito cirurgião para olhar dentro do meu cérebro e me dizer o que diabos eu tinha na cabeça na noite*

passada? Eu a tinha tomado sem um centímetro de empatia, bati em sua bunda, entrei rasgando na sua boceta.

Então eu fingi estar dormindo no meu lado da cama, esperando que ela entendesse a dica. A ouvi murmurando algo para si mesma, então sua respiração se compassou.

Eu me virei para o outro lado, tentando ficar o mais longe dela possível, mas cada pedacinho da minha atenção estava focado nela, na forma como seu cheiro se intensificou enquanto ela dormia, nas inalações suaves, na contração de seus membros que indicavam que ela havia caído mais profundamente no sono.

Eu estava com os olhos fechados, mas não precisava vê-la para imaginar suas feições. Suas bochechas coradas, os lábios entreabertos, o subir e descer daqueles seios deliciosos, a suavidade de sua barriga lisa, sua boceta molhada. Meu pau inflou, então comecei a me masturbar.

Eu poderia ter me virado e me servido dela, com certeza ela não teria resistido. Ela não era páreo para mim, era inocente demais. Ok, não tão inocente assim. Ela já passou por muita coisa nessa sua curta vida, é uma sobrevivente. E não tenho dúvidas de que ela tem garra para aguentar tudo o que planejei. A pergunta é: será que eu vou aguentar? Não tinha previsto ficar tão excitado só por estar deitado ao lado dela. Eu me tocava, tentando me aliviar sem perturbá-la.

Eu tirei a virgindade dela, e isso tinha sido inesperado. Ela tinha negado quando perguntei a ela! Embora essa pergunta fosse apenas para irritá-la, eu acreditei piamente na sua resposta, eu não tinha motivos para duvidar.

Eu fui seu primeiro homem. *Porra! Seu primeiro!* Eu achei... O quê? Que ela era experiente o suficiente para enfrentar minhas preferências sexuais? Que eu podia pegar o que era meu? *Ela é minha? Que porra estou fazendo, deixando meus pensamentos seguirem nessa direção?*

E por que estou aqui em meu escritório ao raiar do dia, deixando seu corpo quente e disposto sozinho na minha cama? Tudo pareceu tão fodidamente certo, esse é o problema. Sua pele, seu cheiro... seu gosto ainda está na minha boca.

Depois que a tive pela segunda vez, não consegui pregar os olhos. Esperei até que ela caísse no sono, então rastejei entre suas pernas, como um idiota faminto, e comi sua boceta.

Mesmo dormindo, suas coxas se apertaram em volta da minha cabeça, e isso me estimulou. Segurei firme suas nádegas e afundei minha língua dentro dela. Lambi sua boceta, chubei, belisquei e esfreguei seu clitóris. Agarrei sua bunda e a trouxe para mais perto, para poder afundar meu polegar naquele pequeno buraco enrugado, e ela gozou novamente. A doçura de seu líquido explodiu na minha boca enquanto ela gemia em sua liberação.

E aqueles barulhinhos que ela faz quando está perto do ápice? Porra. Eles vão ser a minha destruição. Sua voz rouca de desejo está rapidamente se tornando a trilha sonora da minha vida, uma que eu não posso ficar sem.

Eu soube então que estava cometendo um erro imenso. Estava mergulhando muito fundo, preso pela atração daquele corpinho sexy... Não, não era só por isso. É o espírito dela que eu desejo, sua sede de viver, algo que já tive um dia, mas que perdi ao longo do caminho. Na presença dela, cada parte de mim fica em alerta, meu pau se contrai... sim, especialmente essa parte de mim desperta. *Inferno!*

Ela estava se infiltrando em cada parte do meu ser, e, merda, isso é algo assustador. Nunca permiti ninguém chegar tão perto de mim. Ninguém.

Eu me afasto da janela, vou até o bar e me sirvo com outra dose, que ingiro de um gole só. O líquido provoca uma queimadura no fundo do meu estômago, mas ainda sinto minhas mãos e pernas, e o gosto dela ainda impregna minha língua. Seu cheiro permanece na minha pele, e confesso que não queria tomar banho para não o perder. Não me julgue, sou apenas mais um idiota se jogando da

beira de um penhasco, tudo em nome de alguma merda emo estúpida. *Jesus, será que perdi totalmente o controle?*

Pego a garrafa para me servir mais um dedo, mas ouço passos e Saint tira a garrafa de mim.

— Ei.

Eu tento pegá-la de volta e ele estala a língua.

— Coloque sua cabeça de volta no lugar.

O encaro e ele sustenta meu olhar. Ele é tão alto e largo quanto eu, tão capaz quanto eu para liderar qualquer iniciativa dos Sete, ele também tinha muito em jogo, mas se retirou do lance e me deu corda suficiente... para que me enforcasse, é o que posso dizer.

— Você sabia.

Ele inclina a cabeça.

— De que porra você está falando?

Eu empurrei meu queixo para alto.

—Você queria que eu me apaixonasse por ela, não é?

— E você está se apaixonando por ela?

— Pare de responder uma pergunta com outra.

—Você não está bem. — Ele diz e estala a língua.

— Não mude de assunto. — Agarro seu colarinho e o puxo para frente. — Diz que você não armou para cima de mim para que eu levasse a culpa por tudo isso.

— Claro que não. — Ele junta as sobrancelhas. —Você está imaginando coisas, meu velho.

Será?

— Por quê? — eu rosno. — Fala, Saint, ou então não vou responder por mim e vou quebrar essa sua cara bonita.

—Você não vai fazer isso. — Ele sorri. — Da última vez que saímos na porrada, você sabe o que aconteceu.

Nenhum de nós tinha vencido, essa era a verdade. Tinha sido um maldito empate, de novo. Ele e eu somos muito parecidos. É o que nos faz sempre estar competindo um com o outro por tudo.

— O que você estava falando com ela ontem?

— O que você está fazendo no seu escritório na manhã seguinte ao seu casamento? Você não deveria estar ocupado com sua noiva, desfrutando da sua lua de mel?

— Uma lua de mel de mentira, e não, isso nunca estive nos meus planos, como você bem sabe.

Qual é o problema desse cara, afinal? Como ele ousa falar dela assim?

— Larga meu colarinho, Sin. — Eu olho para baixo e noto que ainda estou segurando sua camisa. Eu o solto, dou um passo para trás e estendo a mão. Ele me devolve a garrafa.

— Até seu funeral.

— Desde quando você se preocupa tanto com o meu bem-estar?

— Ah, vamos ver— Ele levanta um dedo. — Desde que você decidiu inventar um esquema maluco para salvar nossa reputação, o que eu poderia ter lhe dito de graça que era uma má ideia. E quando contratou a única mulher de quem você deveria ter mantido distância e se casou com ela. E tudo isso para nos vingar, certo? Você não me engana.

Eu bebo direto da garrafa. O líquido desce, deixando um rastro de fogo em seu caminho. Meus dedos estão ficando dormentes... ótimo.

— Blá-blá-blá. — Imito uma boca falando com os dedos da minha mão esquerda. —Já acabou?

— Você precisa colocar na sua cabeça que nós não somos seus inimigos. — Seus lábios se unem numa linha fina.

— Ah, claro, e deixar você entrar e me roubar bem debaixo do meu nariz? — Eu rio. Em seguida, tomo outro gole do álcool. Pronto, agora eu mal posso sentir meus dedos. Eu coloco a garrafa no balcão do bar com um cuidado exagerado.

O intercomunicador toca, e eu estremeço. Saint vai até a mesa e o atende.

— Escritório do Sr Rico do Caralho.

A risada de Meredith enche a sala.

— Olá, Saint.

— Oi, M.

— Sin está aí com você?

— O que sobrou dele, sim.

Ela ri.

— Seu perdedor. — Não consigo sentir meus lábios, nem a ponta do meu nariz. Fez já uma boa diferença. — Alguém já te disse que você é um filho da puta irritante?

— E aí, M?

— Pergunte por que ela não veio ao casamento — resmungo.

— Você está no viva-voz, Sin. — Saint sorri.

— Eu sei disso. — Eu pisco e caminho até a mesa. —Você está me devendo, M. Por que não veio ontem?

—Só vou quando você decidir se casar de verdade.

Hã? Não posso falar sobre a cerimônia, mas a noite de ontem com certeza parecia a primeira de uma nova vida juntos. *Para tudo, recue.* Coisa de emo de novo.

— Essa mulher é esperta demais. — Digo e olho para Saint.

Seu rosto aparece e desaparece na minha linha de visão.

— Posso ser velha, mas não sou surda... ainda. — A risada de Meredith soa na caixa. — Eu ouvi o que você disse, Sin.

— Oops. — Curvo meus lábios. — Foi um elogio.

— Eu sei. — Ela ri. — Liguei para lembrá-lo de tomar seu café da manhã. Está na mesa do seu escritório.

Olho através das portas adjacentes e localizo a bandeja.

— Obrigado, M.

— De nada, meu rapaz.

A mulher me faz sentir como se eu fosse uma criança novamente.

Depois do incidente, eu me meti em tantas brigas na rua que é um milagre eu ter sobrevivido a essa fase da minha vida. Eu provavelmente não teria chegado até aqui se Meredith não tivesse me encontrado e me levado às pressas para o hospital depois de ter sido espancado. Então ela conheceu o resto dos Sete... e se tornou uma parte importante em nossas vidas.

— Sin? — A voz suave de Meredith interrompe meus pensamentos. — Os livros que você encomendou já chegaram.

— Cenas divertidas.

— Estou mandando levarem para você.

A linha ficou muda.

— Cenas divertidas? — Saint franze a testa. — Livros?

— Nada que seja da sua conta.

Uma batida soa. Volto para a parte principal do meu escritório e abro a porta. Vejo uma garota... seria uma estagiária? Quantos deles empregamos ali?

— Entra.

Ela olha para mim e suas bochechas ficam vermelhas. Fica parada no corredor, sem reação. Aponto para a mesa e ela caminha em direção a ela. Coloca os livros na superfície de madeira, e se endireita. Nesse instante, Saint se aproxima dela.

Sua dificuldade para engolir é visível. Seu peito sobe e desce acelerado. *Aqui vamos nós novamente.* Minha presença por si só já

é avassaladora, adicione a figura do Saint no mesmo recinto, e toda a área vira um campo explosivo de feromônios.

—Você pode ir agora, Tanya.

— É Alia.

— Tchau, Stela.

Ela bufa, passa por mim e tropeça, mas rapidamente se endireita e sai apressada porta afora.

Saint ri.

— Meu efeito sobre o sexo oposto não deve ser subestimado, hein?

Imbecil.

Ele vai até a mesa e pega os volumes.

— *Curiosidades Sobre Filmes, Quizzes Avançados Sobre Filmes, Diálogos de Filmes que Você Sempre Quis Saber.*

— Obrigado por ler os títulos. — Eu me aproximo e empilho os livros.

—Você está se sentindo bem, Sin?

— Hã? — Eu troco o meu peso de um pé para o outro.

— Quer me contar alguma coisa?

— Sobre o quê?

Ele olha para a pilha de livros na minha mesa.

— Isso? É um novo hobby.

Ele me acompanha com olhar enquanto eu dou a volta e me sento na mesa.

—Você não tem hobbies, Sin.

— As coisas... mudaram. — Pego um exemplar e me acomodo relaxado em minha cadeira giratória.

— Não me diga que...?

Apoio meus pés na mesa e começo a ler o livro. Olho por sobre a capa para o canto em que Max normalmente fica para me fazer companhia. Ele se recusou a sair de casa, passou a noite deprimido em frente a porta do meu quarto.

Sim, eu o deixei do lado de fora na noite passada. Pelo visto, eu não queria compartilhar minha noiva nem com o meu vira-lata. *Merda!* Quando abri a porta do quarto esta manhã, ele disparou para dentro, depois se acomodou no chão perto do lado dela na cama.

Deixei a mulher e o cachorro lá, dormindo pacificamente.

— O que você está fazendo? — A voz de Saint corta meus pensamentos.

— Você ainda está aqui? — murmuro.

Ele anda devagar, como se fosse o dono do escritório – o que ele não é – ok, talvez 1/7 dele, mas este é o meu espaço, e estou ficando um pouco cansado de um ou outro dos Sete constantemente aparecendo por aqui.

É quase como se eles estivessem me fiscalizando... Mais provavelmente, o investimento deles é o que os mantém vindo aqui. Eu sorrio.

Ele tenta pegar o livro que estou segurando e eu o coloco fora de seu alcance.

— Que merda...? — Eu o encaro.

— Você está enlouquecendo, meu velho. — Ele esfrega o queixo.

— Cai fora daqui. — Eu empurro meu queixo, indicando a porta.

— Tudo bem. — Ele levanta as mãos. — Mas você deve saber que já estão comentando.

— Sobre? — Pego outro livro e o abro.

— Os tabloides ficaram sabendo do casamento.

— Levou o quê, 24 horas? Eles estão perdendo a mão.

— Não, acho que você é que está.

—Você está conseguindo me irritar. — Eu estalo meu pescoço.

— Está pisando em tudo que demos duro para conseguir.

— Não seja tão dramático. — Viro outra página.

Ele pega o livro e o joga na mesa.

—Tire a cabeça da bunda por um segundo.

Eu inclino minha cadeira para trás e bocejo.

—Você está querendo comer meu rabo pelo visto.

— Farei mais do que isso se você não me contar o que está acontecendo.

— Tenho tudo sob controle. — *Certo*. Meu coração começa a acelerar. Coloco as mãos cruzadas no colo. — Mas já que você obviamente está obcecado por esse assunto... — eu empurro meu queixo. — Diga o que quer saber agora ou cale-se para sempre.

Ele endireita sua postura.

— Essa farsa de casamento não convenceu ninguém, nem eu, e certamente nem o pai dela.

— A intenção era tirar o velho do esconderijo e atraí-lo para cair na nossa rede, o que aconteceu.

Ele passa os dedos pelo cabelo e começa a andar de um lado para o outro.

— Não é o suficiente. Você é o quarto homem mais rico do país. Seu patrimônio líquido está abaixo do meu e...

— Espere um minuto. — Apoio meus pés no chão e me inclino para frente. — Da última vez que verifiquei, nosso patrimônio líquido era exatamente o mesmo.

—Isso era...— ele bate um dedo no queixo, fingindo pensar — vinte e quatro horas atrás, antes de você tirar seu nome da lista dos 'solteiros mais cobiçados do país'.

— O que isso tem a ver com a história?

— Tudo. — Ele ri. — Você está com a cabeça tão enfiada na bunda que não percebeu que esta seria a ocasião perfeita para angariar um pouco de publicidade positiva. Pensa comigo: o playboy mais cobiçado da década encontra seu felizes para sempre. E blá, blá blá.

Eu pressiono meus lábios numa linha fina.

— E isso quer dizer...?

— Que ainda dá tempo. Você queria um casamento em segredo, algo simples e romântico. Conseguiu. Agora jogue um osso para a imprensa, faça uma aparição rápida, apresente sua adorável esposa e lance a ...

— BV.

— Isso, a BV. — Ele se estica e apoia as palmas das mãos nos quadris. — Pode isso usar a seu favor, dizendo que tinha a pretensão de manter as coisas reservadas. Quando a mídia não tem nada, você sabe como fica louca tentando farejar uma história por trás.

Me jeito na poltrona, tentando encontrar uma posição mais confortável.

— O que você ganha?

— Lance o BV corretamente, chame toda a atenção para o projeto e nas suas núpcias. Assim, garantirá que o pai dela não tenha motivos para duvidar do relacionamento. Então, quando ele estiver à vontade, acionamos a armadilha.

Tive que rir.

—Tire todos os seus bens, e aí se divorcia de sua filha. — Saint conclui e sorri, satisfeito.

Eu posso fazer isso, desde que eu não me aproxime mais dela. Eu esfrego minhas mãos úmidas em minhas calças.

—Você parece mais perto de acabar com o casamento dele, não é?

Ele esfrega o queixo e olha para o relógio em seu pulso.

—3, 2...

Seu telefone toca. Ele me lança um olhar e o atende.

— Alô. — Ele balança a cabeça, então mostra os dentes. —
Com certeza. Te encontro no Claridge's para um chá, em uma hora.
— Ele me dá um sinal de positivo. — Até mais.

Ele guarda o telefone no bolso.

— Viu? Pode contar comigo, meu velho.

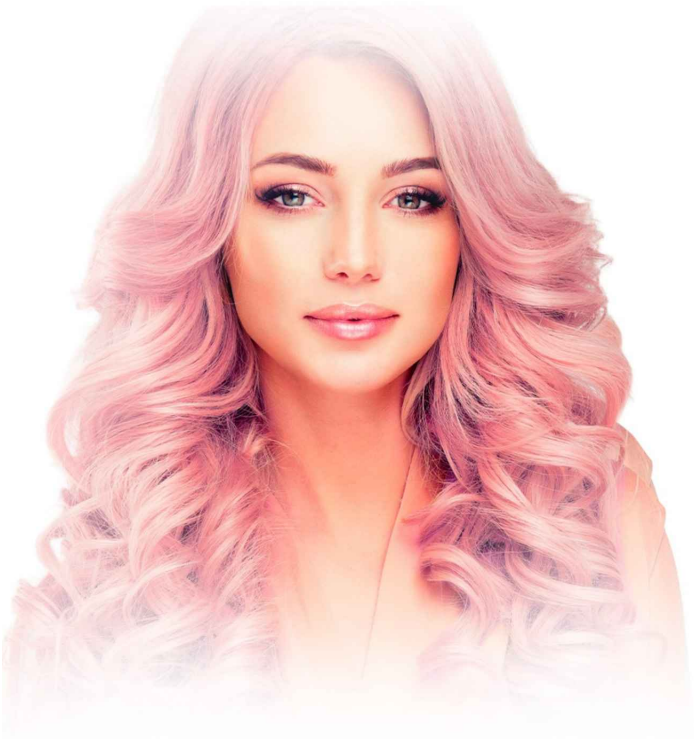
— Pare de me encher.

—De nada. — Ele levanta as mãos. — Tive que intervir para
salvar as últimas cartadas do seu plano lamentável, que foi uma
merda desde o início, aliás.

Uma dor de cabeça começa a surgir em minhas têmporas. —
Larga do meu pé, cara.

— Com prazer. — Ele faz uma meia reverência, e quando se
vira para sair, a porta se abre de súbito. Minha esposa entra
correndo na sala.

— Sinclair Amadeus Sterling, como você teve coragem?



A esposa falsa
DO BILIONÁRIO

Summer

Capítulo 40

— Olá, Summer.

Eu olho por sobre o ombro de Saint e vejo aquele homem detestável, babaca, presunçoso que também é conhecido como meu marido, e todo o fôlego prontamente me deixa.

— Você está bem? — Saint franze a testa.

— Claro. — Faço um som no fundo da garganta. — Por que eu não estaria?

— Você estava resmungando.

— Ele tem esse efeito sobre mim. — Eu rosno.

Saint olha de mim para Sinclair, que não dá nenhum sinal de estar surpreso com minha aparência. O idiota não tinha esperado por mim. Ele me deixou para trás, mas escolheu a roupa que eu deveria usar, isso ele não tinha esquecido, é claro.

Ele mandou que um dos estagiários do escritório me acordasse prestativamente às oito e quarenta e cinco, então arrastei minha bunda para fora da cama e fui voando para o chuveiro. Corri para o metrô e consegui chegar ao escritório às nove e meia.

— Você poderia ter me esperado, me oferecido uma carona.

— Ah? — Sinclair cruza os braços atrás do pescoço, estica mais as pernas em cima da mesa feita sob medida que devia custar umas 5.000 libras que, sem dúvida, ele poderia substituir em um estalar de dedos, da mesma forma que pode me trocar por outra. O que ele fará, a questão é saber quando, e é algo que pretendo descobrir.

Dou mais um passo para dentro da sala, e Sinclair sorri.

Minha boceta fica molhada instantaneamente. *Inferno*. Algo naquele seu olhar perverso, a maneira como ele varre meu corpo de cima a baixo, me despindo, da mesma forma que fez quando

mandou que eu tirasse a roupa algumas horas atrás. Já parece algo tão distante, nessa luz fria da manhã cinzenta de Londres.

— Mas, por favor, diga-me, Passarinho, por que eu deveria ter adiado uma importante reunião, esperando você parar de roncar?

— Era você, babaca. — Pego meu telefone e mostro para ele. — Tenho provas. Eu gravei.

— O quê? — Ele franze a testa.

— Acho que nenhuma de suas namoradas ousou te contar sobre sua condição, não é?

— Você só pode estar brincando.

— Cara, isso está ficando interessante. — Saint ri.

— Dê o fora daqui. — Eu rosno ao mesmo tempo que Sinclair.

— Se é isso que o casamento faz com as pessoas...

— Um casamento falso.

Sinclair ecoa minha indignação.

— Certo. — Ele alterna o olhar entre nós dois. — Tchau, Summer. — Ele abaixa a voz. — Desejo-lhe sorte, mas acho que aquele idiota precisa mais do que você.

Ele se dirige para a saída e fecha a porta.

— Sentiu minha falta, querida? — Sinclair fala arrastado.

Seu tom áspero parece acariciar meus mamilos sensíveis e deslizar para o vale entre minhas pernas. Arrepio inteira.

Maldito homem. Ele está com a barba por fazer, seu cabelo bagunçado como se ele tivesse passado os dedos por ele várias vezes, ou como se ele tivesse pulado para fora da cama e vindo direto para cá sem penteá-los, o que acho mais provável, considerando que eu tinha seu pau enterrado dentro de mim menos de 3 horas atrás. Meu sexo se contrai. *Merda*. Eu fecho meus dedos ao lado do corpo.

Por que diabos essa atração parece aumentar toda vez que o vejo? Considerando o número de vezes que ele me fodeu ontem à noite... Será que as duas últimas vezes foram minha imaginação? Ele realmente tinha caído de boca em cima de mim? Ele me fez gozar, então me beijou, fazendo com que eu provasse dos nossos fluidos unidos. Eu passo a língua nos lábios e suas narinas se dilatam. Mesmo do outro lado da sala, juro que posso ver seus bíceps se expandirem, seus ombros esticam a camisa feita sob medida.

Ele está sem gravata, claro. Os dois primeiros botões de sua camisa estão abertos, revelando o peito esculpido por baixo, aquele tórax duro em que deslizei meus dedos, puxando os pelos escuros que agora estão escondidos pelo tecido.

Meus dedos coçam. Eu o tive dentro de mim. Ele é enorme - minha boceta que o diga, muito, muito maior do que eu esperava, mas eu não tive a chance de tocá-lo, de segurar aquele músculo grosso e sentir o quão grande ele realmente é.

Eu posso ter sido criado por freiras, mas meu conhecimento está longe de ser limitado sobre o sexo oposto. – *haha! Não, não é bem assim.* A culpa é da Karma. Minha irmã tem seus defeitos, mas um pouco de sua curiosidade passou para mim, o suficiente para ler seus romances, mas nenhum deles me preparou para o domínio absoluto do homem que não tira os olhos de mim enquanto entro na sala.

Mantenha a calma, não estrague tudo. Não mostre que você está puta com ele. Eu ando até a mesa, mantendo meus braços ao lado do corpo.

—Tivemos uma reunião esta manhã.

— Estou ciente.

— Poderíamos ter falado a respeito em casa antes de você sair.

— Você sabe que prefiro manter as coisas de trabalho estritamente no ...— ele para e faz o sinal de aspas no ar —

...espaço oficial.

Idiota. O que isso diz sobre nós?

— Achei que o que está rolando entre nós fosse trabalho. Você não parece ter problemas em levar *isso* para casa. — Aponto meu dedo, indicando nós dois.

Ele me ignora e muda de assunto, verificando as horas em seu relógio barato em seu pulso. *Qual é a história disso aí, hein?*

— Bom, você chegou cinco minutos atrasada.

— Estou pouco me lixando.

— Modere a linguagem, Sra. Sterling.

— Vá se foder, Sr. Sterling.

— De nada. — Ele ri, coloca as pernas no chão, se inclina para frente, então serve o chá em uma xícara. Ele pega o açúcar, acrescenta uma colher, outra. Quando ele pega a terceira, eu bufo.

—O que foi? — Ele me lança um olhar confuso e observo aqueles lindos cílios grossos.

—Se você continuar se envenenando desse jeito, vai ser diabético num piscar de olhos.

— Ah? — Ele faz uma pausa, com a terceira colher de açúcar acima do chá. —Você está preocupada comigo?

— Lógico que não. — Afasto uma mecha de cabelo que caiu nos meus olhos. — Diria o mesmo para... qualquer estranho que encontrasse na rua.

— Mesmo?

— Pode acreditar.

— Então você não vai se importar se eu... — ele abaixa a colher em direção à xícara e eu me atiro para frente, agarro sua mão com força e o açúcar se espalha por sobre a mesa.

— Opsie. — Me endireito. — Desculpe, não queria ser tão...

— Possessiva? — Ele sorri, então mexe seu chá com a colher agora vazia.

— Agressiva. — Eu arrasto meus pés, desconcertada.

— Estou começando a ver o que me atrai em ambas as versões, na verdade. — Ele leva a xícara aos lábios e sorve a bebida. Os belos músculos de sua garganta flexionam enquanto ele engole. — Eu gosto de todas as suas emoções, me deleito com cada insulto que você joga em minha cara. — Ele lambe os lábios, e inferno, fico instantaneamente molhada.

Eu esfrego minhas coxas uma na outra, troco meu peso de perna, então aperto minha bolsa na frente do meu peito, como se isso fosse diminuir o impacto de sua presença absurdamente sexy em mim.

Ele devolve a xícara à bandeja do café da manhã.

— Por que não se senta? — Ele empurra o prato para o lado.

— Eu estou bem assim.

— Mesmo de pé, você mal está no nível dos meus olhos. — Ele franze a testa.

Obrigado por apontar minha falta de altura, seu patife.

— Então, se você acha que isso lhe dá alguma vantagem...

— Deus me livre, — eu olho para o céu, — se acha o próprio Sr Malvadão.

— Bonitinho.

— O quê?

— O apelido que deu para mim.

— Não é um apelido, seu pervertido.

— Mas você gosta desse lado meu.

O sangue corre para o meu rosto. Ele examina minhas feições e seus olhos brilham. — Por que acho, minha querida, que você está ruborizando?

— Ah, vá se catar. — Eu solto um suspiro, então caio na cadeira. Um ardor toma meu traseiro e eu pulo.

—Ai!

— O que houve? — Sua sobancelha se ergue. — Ah, já sei.

— *Você não sabe de nada, Jon Snow.*

— Até eu sei que essa é uma frase de *Game of Thrones*... fácil demais. Você está perdendo a mão, Passarinho. A menos que...— ele franze a testa, então se endireita, —Acho que sua bunda deve estar doendo, não é?

— Nossa, você é mesmo um gênio.

Agarro a borda da mesa e, quando olho para a esquerda, vejo que há um tapete do tipo usado para animais de estimação no canto. Que estranho, estava ali na última vez que vim aqui? Claro, eu estava tão preocupada com outras coisas que não devo ter notado.

Ele vai até a porta e a tranca.

— O que você está fazendo?

—Preciso me certificar de que você está bem.

— Claro que estou. Eu não vim trabalhar?

— Hmm. — Ele se aproxima de mim. Seu grande corpo bloqueia a visão da sala, extrai todo o oxigênio do espaço. Eu tento respirar, mas meus pulmões parecem ter parado de funcionar.

Ele para na minha frente.

— Vire-se.

— Pra quê?

— Para que eu possa verificar o estado do seu traseiro.

—Você já fez isso ontem à noite. — Minhas bochechas queimam.

Droga, por que sua proximidade me reduz a uma mulher vermelha que nem um pimentão? Eu sou melhor que isso. Eu não preciso dele. Eu não preciso de um cavaleiro para montar em seu cavalo branco e me salvar, coisa que, a propósito, ele não é. Embora ele provavelmente tenha muitos árabes em seus estábulos.

— Treze.

— Hã?

— Cavalos Árabes, e são todos brancos.

Meu queixo cai.

— O que... você leu minha mente? Você não pode ler pensamentos, pode? — Eu franzo a testa. — É assim que você tem sucesso nos negócios? Você tem um poder secreto de...

— Pode parar de elucubrar, Passarinho. Na verdade, suas expressões são muito fáceis de ler. — Ele ri e seu rosto inteiro se ilumina. Seus olhos cor de anil brilham, e estão azuis como o céu. Algo quente apunhala meu peito.

Ele é 100% um idiota detestável, arrogante, mas, caramba, é um espécime magnífico, totalmente irresistível, que talvez tenha, em algum lugar bem escondido, um lampejo de humanidade. Claro, vou ter que procurar com a ajuda de uma lupa, mas eu nunca desisti de um desafio antes, então...

—Vamos, eu quero avaliar o dano que causei. — Ele segura meu queixo — Não é nada demais...

— Deixe que eu julgue isso por mim mesmo.

Eu torço meus dedos na minha frente, e olho em volta.

— Sem câmeras.

— Ah, tá, foi o que você disse da última vez.

— Ainda não era minha esposa, agora é.

Eu enrijeço. Entendi certo o que ele quis dizer? Será que o grande egocêntrico babaca realmente reconhece que a cerimônia de ontem significou alguma coisa? Pego uma mecha do meu cabelo, levo-a à boca e mastigo com força. Ele estende a mão e gentilmente puxa o fio até que eu o solte.

— Prometo que não vou me aproveitar da situação. — Ele levanta a mão, —Além disso, não é algo que eu já não tenha visto.

Obrigada por me lembrar como você me reduziu a uma manteiga derretida. Eu mordo o interior da minha bochecha, e o

encaro.

Ele apenas sorri. Ele parece quase inofensivo... Quase. *Sim, ele é inofensivo e eu sou a Rainha da Inglaterra.* Eu bufo, giro e me apoio na mesa.

Ele apoia sua mão grande na parte inferior das minhas costas e eu estremeço.

Ele aplica pressão e eu sigo seu comando, me curvando sobre a superfície polida de sua cara e antiga mesa executiva.



A esposa falsa
DO BILIONARIO

Sinclair

Capítulo 41

Eu a tenho onde a quero. Curvada sobre minha mesa.

Já imaginei essa cena cem, não, mil vezes, desde o dia em que a encontrei no bar e a vi reclinando no balcão e estendendo a mão para pegar sua bebida, quando tive um vislumbre da pele cremosa de seu pescoço, ali começou a minha rendição.

Seu vestido cola em sua cintura incrivelmente fina, depois cai, cobrindo aquele lindo traseiro em forma de coração. Eu sabia que ela era um problema, que devia me afastar, mas meus dedos formigavam na ânsia de tocá-la, de acariciá-la, querendo apalpar aquela bunda, e é exatamente o que faço. Seguro aquela curva sensual e atendo meu desejo, toco aquela parte de seu corpo que me assombra, que me tortura há tanto tempo, que compete com seus seios por minha atenção. Agarro suas nádegas e ela estremece. Um gemido sai de sua boca.

— Dói, Passarinho?

Ela balança a cabeça.

—Tudo bem se eu puxar sua saia para cima, querida?

Que merda! Querida? Outro termo carinhoso? Mas eles vêm tão naturalmente, como a chuva caindo dos céus de Londres. Algo dentro de mim se rompeu em algum momento nas últimas vinte e quatro horas. Algo mudou, mas, por Deus, eu não sei definir o quê. Uma esquina foi dobrada, uma linha cruzada. Caí naquele vão entre o trem e a plataforma e fui esmagado por toneladas de aço. Ah!

Não há como voltar atrás. *Mas o que isso significa?* Eu tenho que descobrir.

— Summer?

—Hmm.

— Posso ver sua bunda?

— Um pouco tarde para fazer essa pergunta, não acha? —
Ela ri.

— *Nunca diga nunca.*

— Sean Connery, James Bond. Na verdade, odiei esse filme
— ela murmura.

Já imaginava. Estou começando a ter a mesma paixão que ela por curiosidades sobre filmes. É viciante. *Ela* é viciante. Era como o vapor d'água para carregar minhas nuvens, o sol no meu tempo chuvoso. Somos opostos e, no entanto, nos completamos. *Porra!* Tire sua mente do trilho da veia poética.

— E é *nunca diga nunca de novo*. — Ela vira a cabeça, apoia sua bochecha no tampo da mesa, então me olha.

— Eu devo estar fazendo algo errado.

— O que você quer dizer com isso? — Ela franze a testa.

—Você ainda está falando, ainda está pensando. — Um leve sorriso curva meus lábios. —Vou encarar isso como um desafio pessoal.

— O quê?

— Vou distraí-la, Passarinho. Vou cuidar do seu pobre traseiro machucado, depois enfiar meu pau no seu buraco enrugado e te fazer gozar com tanta força que não haverá outro pensamento em sua cabeça, nenhuma outra palavra, e nenhum outro nome, exceto o meu.

Suas pupilas dilatam e suas bochechas ficam vermelhas.

Ela abre a boca para falar e eu levanto sua saia.

— Sinclair...

— Sin.

Ela morde o lábio inferior e meu desejo se aprofunda, aumentando minha vontade de mergulhar meu pau dentro daquela boca deliciosa.

—Diga meu nome.

Ela balança a cabeça.

Hmm.

Eu me abaixo, rasgo sua calcinha, e ela guincha. Seus olhos se arregalam. Levo o pedaço de seda ao rosto e enterro o nariz nele. Ouço seu gemido.

— Gosta disso, hmm?

Ela esfrega a bochecha contra a superfície de madeira. — Eu não deveria, mas...

— Mas gosta. — Eu guardo o pedaço de pano no bolso da minha calça, então me inclino e beijo a superfície avermelhada de seu traseiro.

Seus quadris se contorcem. Eu deslizo minha coxa entre suas pernas, afasto-as, e ela endurece.

— Relaxa. — Eu deixo pequenos beijos na curva de sua coluna, certificando-me de não encostar em suas nádegas avermelhadas.

Eu jogo seu cabelo para o lado, então beijo sua nuca.

— Por que está fazendo isso? — Ela estremece.

— Fazendo o quê?

— Sendo tão bom comigo?

— Não gosta?

— Não tenho certeza. — Ela fecha os olhos por uns instantes.

— Que tal isso? — Eu acaricio sua bochecha, então beijo o canto de seus lábios.

—Você andou bebendo?

— Tentei, Passarinho.

— Tentou? — Ela enruga a testa.

— Tentei esquecer o que fizemos ontem à noite. De como você se sentiu debaixo de mim, da sua boceta apertando meu pau,

do calor do seu canal quando me movia dentro de você, da maciez dos seus seios em minhas mãos, da firmeza das suas nádegas nas minhas palmas enquanto eu batia em você.

Ela engole em seco, o som alto o suficiente para ecoar naquele espaço minúsculo, infinitesimal, que nos separa um do outro.

— Dizendo isso até parece ... que...

— Pareço um homem que está enlouquecendo? — Eu permito que meus lábios se torçam em um sorriso.

— Um homem que está se apaixonando por mim.

Meus ombros ficam rígidos.

— É tarde demais para isso.

— Ah. — Seus lábios se comprimem.

— Estou mais do que meio apaixonado por você. — Examino suas belas feições. — *Você é tudo que me impede de cair em algum lugar escuro.*

— Do filme *Cold Mountain*. — Suas feições se iluminam.

— Dirigido por Anthony Minghella. — Eu inclino minha cabeça.

— Você andou estudando? — Ela pega um dos livros espalhados sobre a mesa.

— Eu tenho tentado te acompanhar.

— Então o que vem depois disso?

Pego o livro da sua mão e o coloco de lado.

— Nós fodemos como visons. — Eu sorrio.

— Credo, eu odeio visons. — Ela sussurra.

— Isso é uma frase do filme *Instinto Selvagem* — eu rio. — E você não entendeu.

— Claro, você está fazendo tudo errado. — Ela estende a mão e acaricia meu lábio inferior.

Meu pau fica instantaneamente duro... Ok, *mais* duro.

Estou latejando desde o momento em que ela entrou no meu escritório cuspidando fogo. Eu soube, então, que não podia deixá-la ir, não até satisfazer uma fantasia particular minha.

—Você está certa.

— Uau! — Ela suspira exageradamente. — Duas vezes em dois segundos que você me dá razão.

— Não se acostume. A verdade é que...

Eu olho para aqueles olhos verdes da cor do oceano. Eu me distraio, e não apenas por ver sua boca sexy pra caralho, ou aqueles cílios longos que se destacam quando ela chora, ou aquele narizinho atrevido, arrebitado na ponta, que não faz justiça a ela . É o pacote completo. É ela, toda ela.

A escuto limpar a garganta.

— A verdade é...?

— ...que eu ainda não comecei. — Eu me endireito, alcanço a bandeja do meu café da manhã e puxo-a para mais perto.

— O que você está fazendo?

—Shh.— Pego a pequena manteigueira de prata e coloco perto do rosto dela.

— Não. — Ela estremece.

— Você está dizendo *não*? Ou você apenas *disse* a palavra não?

— Não estou *dizendo* não.

Ela coloca a mão para trás, e eu seguro seu pulso.

—Então?

— Estou com medo.

— Eu também. — Eu direciono seus dedos para tocarem a barraca armada no meio das minhas pernas, virando seu braço o suficiente para que possam segurar meu pau. — Viu o que você faz

comigo? Sempre que estou perto de você, tudo que vejo é você. E é só no que penso quando não estou no mesmo espaço que você.

— O que isso significa? — Sua testa franze.

Que eu quero você, que eu preciso de você.

— Que preciso estar dentro de você. Eu quero gravar meu toque em cada parte do seu corpo, saturar suas células com minha essência, me impregnar no seu ser até que tudo o que você consiga fazer seja pensar em mim, que ouça minha voz em seus sonhos, que meu cheiro seja a primeira coisa que sinta pela manhã, que se derreta em mim quando adormecer.

— Oh.

— Estou dizendo — aperto sua palma e arrasto seus dedos contra meu pau. Ela me tem em suas mãos, literal e fisicamente — que vou te foder.

— Achei que fosse fazer algo para aliviar minhas dores.

— Isso também.

— Como?

— Eu admito que meus métodos não são nada ortodoxos, Passarinho, mas acredito que eles se mostrarão eficazes. — Eu não consigo conter o sorriso que toma minha boca.

— Explique melhor. — Ela apoia o queixo na mesa.

— Vou distraí-la de forma que não consiga se lembrar de mais nada. — Aperto sua mão, depois a solto, mas ela mantém a mão em volta do meu pau. *Bom.*

Abro o pote e lambuzo meus dedos.

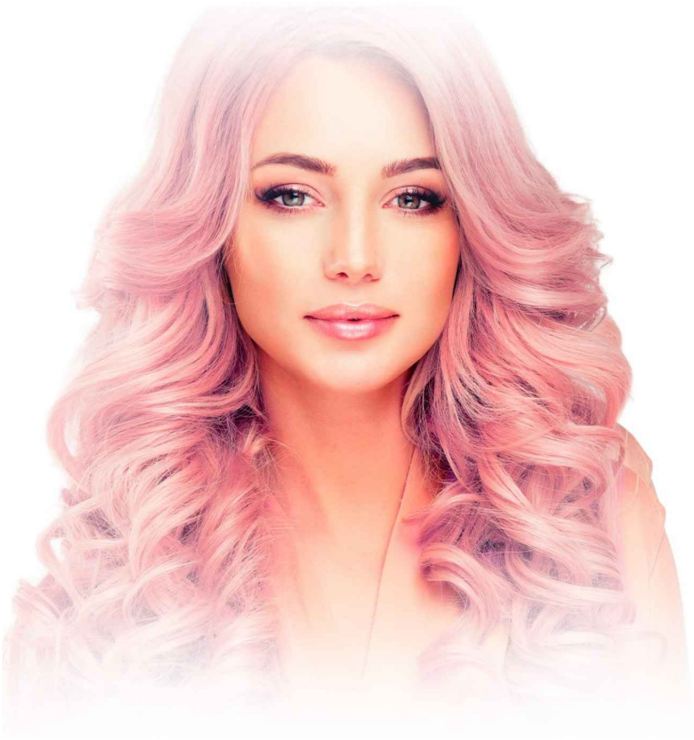
— Com minha mente, vou distrair você. — Ela morde os lábios.

— Com meu pau, eu vou... — Passo a manteiga na fenda entre suas nádegas.

Ela estremece.

— Sin.

—Isso. — Eu insiro um dedo em seu buraco enrugado.



A esposa falsa
DO BILIONÁRIO

Summer

Capítulo 42

Seu dedo cutuca essa parte proibida de mim e cada músculo meu se enrijece com a tensão.

— Relaxa, Passarinho.

Eu seguro com mais força seu pau rígido. Meu Sin. Ele é isso e muito mais. Proibido. Fora do alcance. No entanto, é tudo que eu preciso. Vou permitir que ele faça isso comigo? Sim, vou.

Aí está a resposta. Eu peguei o trem expresso direto para o inferno desde o momento em que ouvi aquela sua voz áspera. Não há volta agora.

Seu pau parece engrossar ainda mais dentro das suas calças. O cheiro dele é avassalador. O ar está saturado com seu domínio, com suas intenções, seu calor me queima, me convidando a esquecer os limites.

— Sin.

— Summer. — Ele pega o restante da manteiga na vasilha de prata.

Eu engulo em seco e abaixo meu olhar.

Meu reflexo distorcido na superfície de madeira polida mostra meus olhos arregalados, as narinas dilatadas. Minha boca treme, meus mamilos endurecem. Maldito seja ele por me fazer querer essas coisas que acho erradas. Isto é errado. Estamos cometendo um erro. Este local é um erro. Um filme sem fim em um loop, sendo repetido de novo e de novo. Levanto meu olhar para seu rosto e vejo que ele estava me observando.

—Você me quer, Passarinho?

Eu balanço a cabeça, dizendo que sim.

— Quanto?

— *Leve-me para a cama, Pecador, ou me perca para sempre.*

— Isso é de *Top Gun*. Argh, eu disse isso? Jesus, eu não acredito que entrei nessa sua brincadeira. — Suas sobrancelhas se unem.

Ele me encara e minhas terminações nervosas se esticam. Minha pele se arrepia, meus dedos dos pés se curvam e eu contorço meus quadris. Eu não posso... não posso conter esse desejo, esse anseio, essa pura fome carnal de tê-lo enterrado dentro de mim.

— Chega de jogos, Summer. Diga-me que você quer o que tenho em mente.

Eu engulo.

— Diz. Diga 'não'.

— Sim.

Seu pau pulsa em minhas mãos. Eu o aperto e uma pulsação ganha vida em sua mandíbula. *Uau*.

Ele mergulha os dedos no vinco entre minhas nádegas, infalivelmente encontrando meu buraco. Ele desliza um dedo para dentro.

Eu suspiro. É muito, muito.... É apertado, mas não parece exatamente assim. Está além do meu nível de conforto, o suficiente para eu querer... eu preciso...

— Mais?

Eu levanto meu queixo e o encaro.

Ele começa a mover o dedo e eu engulo em seco. Ele o gira dentro de mim e um tremor me atinge.

— Sim.

— Estou aqui.

Ele insere outro dedo e meu corpo estremece novamente.

— Meu Deus. — Ele arfa. — Você é tão... — os músculos de sua garganta se contraem. — Linda, meu Passarinho. — Ele lambe os lábios, e maldito seja, aquilo tocou fundo dentro de mim.

— Você é única, exótica, singular, minha Summer. Cada resposta sua reverbera em mim.

Suas palavras me envolvem, penetram em meu sangue, aquecem meu peito, satisfazendo meu ser. Era algo que nunca experimentei em todos esses anos, que ia muito além do físico. Sempre quis encontrar alguém que me completasse, que me levasse a ultrapassar meus limites, que entendesse que as curiosidades de filmes eram mais do que meras frases. Eram mais que emoções, eram imagens dos meus desejos não ditos, que quero ter na palma da minha mão, saborear na vida real, ver diante dos meus olhos, assim como ele está fazendo eu me sentir agora. Neste exato momento, não há mais nada. Só eu, ele e o prazer que ele vai extrair do meu corpo.

— Sin.

— Que foi?

— Eu quero você dentro de mim.

Vejo seus olhos cor de anil cintilarem.

— Como você quiser. — Ele desliza um terceiro dedo em meu buraco e minha boceta tem espasmos. Um calor líquido escorre do meu núcleo. Eu deslizo meus dedos pela extensão de seu pau, mas não como queria pela posição que estava. Eu tento me aproximar mais dele.

— Eu quero...

— Eu sei.

Ele retira os dedos e sinto um vazio, como uma concha sem meu antigo eu. Estou pronta...

Ele afasta a bandeja de comida, então coloca meus braços esticados sobre a mesa, na frente do meu rosto.

Percebo que seus olhos espelham a calma de quem está perto de alcançar seu objetivo. Ele sempre esteve focado naquilo que queria ter desde que declarou sua intenção, que era a minha

completa e absoluta destruição. Minha submissão. E eu estou dando a ele, de bom grado.

— Pegue tudo.

—Você me possui. — Sua voz atinge minhas terminações nervosas já sensibilizadas.

Ele abre a fivela do cinto, puxa o zíper para baixo e seu pênis fica livre. Lá está ele.... E é todo meu... pelo menos por este instante. E depois... o que acontece depois? *Não vá por esse caminho.*

— Está tudo bem?

Ele para, segurando seu pau na mão. Seus dedos agarram a base de seu membro grosso. Ele é enorme, as veias saltam por seu comprimento, uma gota de pré-goço brilha na ponta. Claro, eu já o tive dentro de mim, mas vê-lo assim, me querendo, ávido pelo que posso dar a ele...

É isso mesmo? É só a mim que ele quer? E as outras? Por que estou pensando nisso? Tenho algum direito sobre ele? Toda essa coisa de casamento está me afetando. Eu estava começando a acreditar em minhas próprias mentiras. Finja até conseguir fazê-lo soar verdadeiro.

— Summer. — Sua mandíbula está rígida.

— Eu...

— O que você quer?

— Achei que você pudesse ler minha mente.

Ele hesita.

— Não quero errar.

— Não vai.

Uma veia lateja em sua têmpora, seu pau pulsa. Tanta emoção, tantos segredos guardados sob a superfície. Ele não está no controle, é tudo uma farsa. Tem um rosto que mostra ao mundo, uma máscara que usa para se proteger, mas eu a arranquei dele.

Sensações explodem dentro do meu peito. Estou começando a conhecer esse homem. Aprendi muito rápido. Tudo está acontecendo a uma velocidade vertiginosa e eu não tenho forças para parar.

Ele se abaixa e com a mão livre segura minha nuca. A intensidade com que me olha arrepia minha pele, e eu engulo em seco. Eu nunca me senti tão próxima a alguém quanto neste instante.

Ele respira fundo.

— Isso eu não posso te dar.

Eu mordo o interior da minha bochecha.

— Sempre fui claro sobre o que queria.

Foi?

— Eu deveria ter me afastado antes que as coisas ficassem tão fora de controle, e assumo a culpa por isso.

Culpa? O que ele quer dizer com isso?

— Olha, eu nunca quis tanto alguém como quero você. Nunca me senti tão... perto de ninguém antes. Nunca permiti que ninguém visse as partes de mim que você viu.

Mas não é suficiente. Não consegue entender isso?

— Não sei se posso te dar meu coração, porque duvido que ainda tenha um depois de tudo que fiz até agora, mas meu corpo, ele é seu.

Minha garganta fecha. Ah, esse homem, ele poderia ficar ali falando para sempre, que eu não me cansaria. E seria capaz de gozar várias vezes, uma após a outra, só ouvindo o som da sua voz.

Eu quero mais. Mas o quê? O que eu preciso?

— Que tal um acordo?

— Hã? — Ele inclina a cabeça.

— Você tem que admitir que não está exatamente em posição de negociar.

— Menina esperta. — Ele sorri.

— Estou aprendendo com o mestre dos mestres.

— Certíssima. — Ele aperta mais seu pau, levando os dedos da base até a ponta, não consigo desviar o olhar de sua virilha. Gotas de esperma pingam da ponta de seu pau, que definitivamente intumescceu ainda mais nos últimos segundos.

— Ora, Sr. Sterling, eu acredito que você adora a minha petulância.

— Nunca neguei. — Ele rosna. — Pare de brincar, Passarinho, qual é o jogo?

— Não é um jogo. — Eu mordo meu lábio inferior e ele respira fundo.

Viu só? Definitivamente ele não está tão no controle quanto diz estar. Na verdade, está tão perdido quanto eu. Levanto meus ombros, cruzo meus dedos, e disparo.

— Eu quero assumir o comando na cama.



A esposa falsa
DO BILIONARIO

Sinclair

Capítulo 43

— Não. — Minha voz soa quase tão dura quanto meu pau. Eu estremeço. Ela poderia ter pedido meu dinheiro, meu império, meu maldito coração, que naquele momento eu teria dado... Ok, talvez não o último item, mas o domínio na cama é a única coisa que eu não abro mão.

Ela inclina a cabeça, seu rosto mostrando aquela expressão que já estava se tornando minha velha conhecida. A parte de trás do meu pescoço esquenta, e meu pau pulsa com força contra minha palma. Como é que eu posso achar sua tentativa de assumir o controle tão... tão excitante?

Eu olho para ela, e a vejo erguer o queixo.

—Você disse que me daria seu corpo.

Eu trinco meus dentes.

—Então isso...— ela olha para minha virilha — ...isso tudo é meu.

Ah, essa mulher! Porra, como ela pode me surpreender tanto? O sangue corre mais rápido em minha virilha. Minhas bolas ficam tão duras que tenho certeza de que vou me esvair ali mesmo, agora mesmo.

—Você vai me dar sua bunda?

Ela acena que sim.

—Sua boceta?

Ela hesita, mas então balança a cabeça.

—Sua boca?

Uma veia pulsa tão rápido em sua garganta que tenho certeza de que vai rasgar sua pele.

— Tudo num mesmo momento?

Eu balanço a cabeça e ela projeta o queixo.

—OK.

— Quando eu quiser?

Ela aperta os olhos.

— Por que tenho a sensação de que vou me arrepender disso?

Você nem faz ideia o quanto, Passarinho.

— O que mais? — Ela me encara firme.

Mulher esperta, ela sabe que eu ainda não terminei minhas exigências. Uma onda de orgulho enche meu peito. Minha esposa aprendeu rápido, em poucos dias.

— Eu vou permitir que você fique no comando...— Sua respiração fica presa com o suspense. — ... uma vez.

—Você...— Ela engole em seco. —...você faria isso?

O que eu disse antes? Sou muito bom em mentir para mim mesmo, pois quando se trata dela... acontece que eu não consigo desapontá-la. Mas isso por um motivo, é claro. O que importa aqui é jogo, que é longo. Este sou eu. Espero o tempo certo, mantendo meu foco no alvo. Nunca recuo. Vingança. Que palavra vazia, mas que se tornou algo natural, o que me fez chegar até aqui. Também não posso decepcionar os Sete. Desistir daquilo que me define? Mas tinha um preço que eu nunca pensei que teria que pagar.

Faria isso por ela? Sim, só por ela. Só para ela.

—Não comemore ainda.

Agarro sua cintura e a trago mais para perto de mim. Ela volta a se deitar na mesa, relaxa os ombros e empina sua bunda, que tinha uma forma perfeita de coração. Esfrego meu pau no vinco entre suas nádegas, e ela se contorce. Aplico pressão e começo a penetrá-la. Quando ela vira a cabeça para mim, me abaixo e tomo sua boca com a minha boca, deslizando minha língua entre seus lábios, ela chia. Inclino a cabeça, aprofundo o beijo e ela se abre para mim. Chupo sua língua e mordo seu lábio inferior. Ela geme e

eu engulo o som, ao mesmo tempo em que empurro meus quadris para frente.

Meu pau entra mais fundo em seu buraco enrugado e um som rouco sai de sua garganta. Coloco minha mão entre suas pernas e toco seu clitóris. Ela estremece, separa as pernas, e mergulho meus dedos em sua boceta molhada. Sua espinha arqueia, e quando empurra sua bunda, começo a movimentar meus quadris. Esfrego seu botão enquanto a beijo com ainda mais intensidade. Ela segura meu pescoço e se curva para mim.

Meu doce Passarinho. Continuo a estimulando com meus dedos e sinto seus joelhos se dobrarem. Aumento meu aperto em seu pescoço e um tremor varre seu corpo. Ela crava seus dedos na minha pele. Separo nossos lábios e ela geme. Suas pupilas estão dilatadas, os lábios entreabertos, inchados pelos meus beijos. Eu deslizo minha palma pela sua espinha, aplico pressão, então ela se curva, apoia a cabeça na mesa, encostando a bochecha no tampo mais uma vez. Uma cena de beleza ímpar, de uma composição perfeita. Isso é ela, e ela é minha. Eu agarro seus quadris e me movo para frente, seu corpo inteiro estremece. Intensifico os movimentos. Minhas bolas endurecem e a pressão aumenta na minha virilha. Eu quero mais. Muito mais. Saio de dentro dela e a viro. A frente de seu vestido se abre.

Seus olhos estão arregalados, seus lábios separados, e não hesito. Me inclino sobre ela, toco meus lábios nos dela e a beijo com fome. Deslizo os dedos por seus quadris até chegar em seus seios, e aperto os mamilos. Ela geme alto, um som tão doce, tão certo.

Levo minhas mãos para suas coxas e as afasto. Ela joga as pernas para cima e as coloca em volta da minha cintura. *Porra.* Eu cerro os dentes, tenho que ir mais devagar. O suor pinga da minha testa, meus batimentos cardíacos trovejam em meus ouvidos. O que está acontecendo comigo? Isso era para ser algum tipo de foda do ódio, uma última tentativa de superar qualquer domínio que ela exerça sobre mim. Eu a adocei com palavras - embora tudo que

disse fosse verdade, mas ela não precisa saber disso - então tentei quebrá-la, mas quem está sendo quebrado sou eu.

Eu aperto a base do meu pau e me posiciono na entrada de sua boceta encharcada. Em seguida, inclino minha cabeça para olhar em seus olhos.

—Vou te foder agora.

Ela balança a cabeça.

—Você pode dizer 'não.'

— Sim.

— Última chance para escapar. — *Esse aviso é para ela ou para mim?*

— Ah, pelo amor de Deus. — Ela agarra meu pau, o encaixa em sua fenda, então desliza para frente.

Meu pau desliza com facilidade, e me enterro nela. Não consigo conter o rosnado que sai de mim. Segurando seu olhar, eu agarro seus quadris, retiro meu membro e o deixo bem na entrada do seu canal, e então eu penetro nela de novo, e com tanta força que toda a mesa treme.

Ela coloca os braços em volta do meu pescoço e se segura ali.

—Boa menina.

Eu começo a fodê-la com uma intensidade que nunca senti antes. Era uma posse carnal, que se sobrepõe a qualquer outra intenção que eu possa ter tido.

Lembra o que eu disse sobre tirar de sua mente qualquer lembrança que tivesse de outro homem? Eu menti. Mais uma vez. Acontece que sou eu que nunca mais vou conseguir pensar direito. Nunca mais.

Eu mergulhei dentro dela, e de novo e de novo...

Pressiono meu polegar na frente de seu pescoço, onde posso sentir cada vibração que emerge de sua garganta, dos seus

gemidos roucos.

O suor cobre meus ombros, mas eu não paro. Me enterro nela, de novo e de novo.

Seus lábios se separam, um rubor cobre seus seios, seu rosto. Seu corpo inteiro treme. Ela joga a cabeça para trás, seu lindo cabelo caindo pelos ombros.

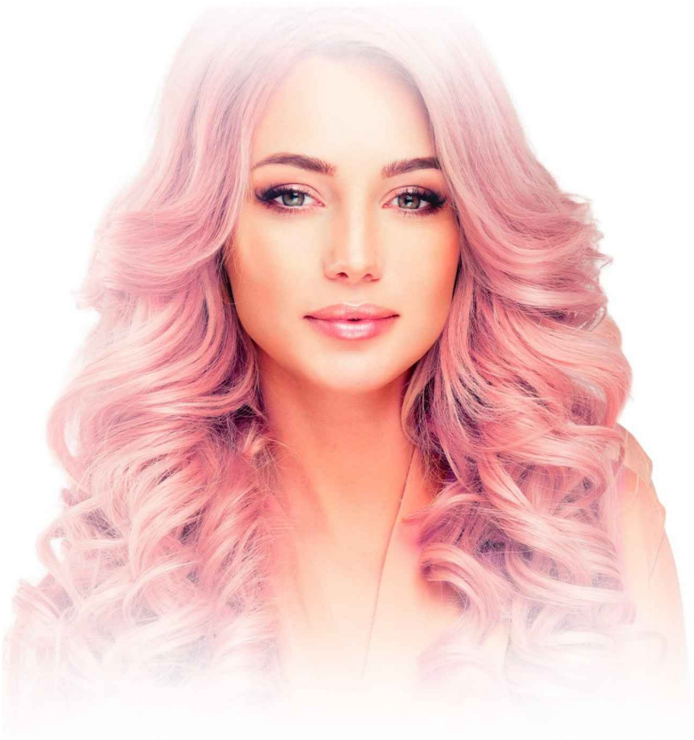
— Goza — eu rosno. E ela se despedaça. Lindamente.

Seus olhos rolam para trás e ela estremece.

Saio rápido de dentro dela e meu esperma jorra em seu peito. Aperto meu pau da base à ponta e deixo cada gota do meu prazer em cima de seu corpo. Levanto a mão e esfrego minha semente na pele exposta pela frente aberta de seu vestido.

A pego no colo, dou a volta na mesa e me afundo na cadeira. Ela se aconchega em meu peito, puxa o ar e o solta pela boca.

Eu a seguro firme em meus braços, inclino a cadeira para trás, virando-a para a janela, e fico ali observando as gotas de chuva escorrerem pela vidraça.



A esposa falsa
DO BILIONÁRIO

Summer

Capítulo 44

Acordo e vejo que estou deitada no centro da cama enorme, na cama dele, em sua casa em *Primrose Hill*.

Me sento e o lençol desliza para baixo, enrolando na minha cintura. Quando mexo minhas pernas, eu estremeço. Sinto dores em várias partes do meu corpo, incluindo aí a região no meio das minhas pernas. Olho para baixo e a respiração me deixa. A pele das minhas coxas está irritada, parecendo até esfolada. Tento levantar da cama e minha bunda dói... Ah, e também aquela parte de mim que ele lambuzou de manteiga antes de me penetrar por trás. Uma quentura começa a subir, vindo do meu baixo ventre. *Não. Eu não gostei, não.* Quem estou querendo enganar? Ele... me surpreendeu mais uma vez.

Ele deu vida a uma das cenas mais emblemáticas da história do cinema e ah! Um calor líquido escorre entre minhas pernas. Aquela foi a experiência mais degradante da minha vida... e a mais excitante. Cerro meus dedos ao lado do meu corpo.

Então ele me virou... e... me beijou. Ele tinha feito amor comigo.

Estou mais do que meio apaixonado por você.

Ele quis dizer realmente isso? Sinclair Sterling não diz nada levianamente, e com certeza não faria isso ao se referir a esse sentimento em particular. Talvez seja minha imaginação me levando por esse caminho do pensamento positivo.

O que eu tenho que fazer para tirá-lo da minha cabeça? Para livrar do peso da sua mão que ainda posso sentir na minha bunda, na curva da minha cintura, do toque dos seus dedos dentro de mim, me levando ao orgasmo, de sentir o frio da manteiga enquanto ele me lubrificava antes de me tomar com aquela confiança absoluta.

Ele sabia que eu não iria rejeitá-lo. Eu queria aquilo. Não... na verdade, era *e/ele* que eu queria. Quando estou perto dele, não

consigo pensar em mais nada... *Mentirosa*. Mesmo quando não estamos juntos, é só nele que penso. Ele invade minha mente e, sim, minha boceta também não colabora, sempre me faz querer tê-lo enterrado dentro de mim.

Jesus, controle-se, mulher. Pare de ficar passando essas cenas pornográficas repetidamente na sua cabeça. Não que eu tenha visto pornografia algum dia, bom, isso se não levar em conta o filme *9 1/2 Semanas de Amor*, que explorava o BDSM muito antes de *Cinquenta Tons de Cinza*, ou *9 Canções*. Espera... *Por que será que gostam tanto do número 9, hein?* Eu balanço minha cabeça. Ou os inúmeros filmes independentes que eu ia assistir no *Prince Charles Theatre*, um dos poucos cinemas perto de Leicester Square que exibiam esse tipo de longa-metragem. Minha vida está começando a se assemelhar a um desses filmes de baixo orçamento mal produzidos!

Eu engulo em seco e, cambaleando, sigo em direção ao banheiro, com as cenas do dia anterior voltando a minha mente.

Lembrei que adormeci em seus braços - sim, recostada naquele peito largo e duro, mas surpreendentemente confortável, e apesar de todas as maneiras com que ele me fodeu, literalmente falando, alguma coisa no fundo do meu ser me levava a confiar irrestritamente no Sr. Malvado – e acordei quando ele estava me levando para o terraço do edifício. Ele havia chamado um helicóptero, porque... bem, porque ele podia. Me disse que queria estar dentro de mim novamente e não queria esperar. Claro que não.

Assim que chegamos, ele me carregou para dentro da casa, indo direto para a cozinha. Me deu morangos com chantilly, insistindo para que eu comesse tudo, e me fez beber até a última gota do copo de suco de laranja que serviu para mim. Então... me comeu.

Transamos sobre a mesa da cozinha, nos degraus que levavam ao segundo andar, contra a parede do seu quarto, na cama... Ele só fez uma pausa para me trazer queijo e torradas na

hora do jantar, mas sem uma gota de álcool para acompanhar a refeição, porque ele queria que eu tivesse total controle sobre minhas faculdades mentais.

Eu parei de contar depois do orgasmo número treze, ou já era o vigésimo? Eu mordo o interior da minha bochecha. Eu tinha adormecido com ele dentro de mim novamente. Minha boceta se contrai. Como já posso estar sentindo falta dele?

Abro a porta do banheiro e vou até a pia à esquerda, aquela que estava cheia de cosméticos femininos, nenhum comprado por mim. A marca é top de linha. Só um vidro daqueles provavelmente custava mais do que o salário que receberia por uma semana de trabalho na BV. *Porra!*

Eu passo meus dedos pelo cabelo. Eu acabei esquecendo de contar a ele porque fui até sua sala ontem. Eu tinha tido uma ideia para a estratégia de marketing, algo que preciso mostrar para ele imediatamente.

Olho para o espelho e percebo um bilhete pregado no vidro. O SS dourado no papel creme confirma de quem era o recado. Eu o pego.

Os cosméticos são para você, não os recuse.

Idiota. Sua letra é tão dominante quanto sua presença.

Seu café da manhã está numa bandeja na cozinha.

Hã? Não me diga.

Como estou me sentindo caridoso, pode trabalhar em casa hoje. De nada.

Quê? Eu deveria me sentir grata ou algo assim? Eu franzo meus lábios. Leve o bilhete ao nariz e o cheiro. Bergamota, couro... e um cheiro de algo intangível que rotulo como *testosterona*. Eu esfrego minhas coxas uma na outra. Deixei a nota de lado, escovei os dentes e tomei banho em tempo recorde.

Quando volto para o quarto, vejo o conjunto que ele tinha escolhido para eu usar. Eu o visto e me olho no espelho. A saia é

longa e esvoaçante, e a blusa caiu tão bem em mim, que me deixou intrigada. Será que ele sabe minhas medidas e mandou que confeccionassem as peças especialmente para mim? Uma coisa é certa, ele conhece meu corpo mais intimamente do que qualquer outra pessoa.

A saia é vermelha escura. Eu acaricio o material macio. Como ele adivinhou que é a cor que destaca melhor o meu tom de pele? Meu cabelo rosa flui ao redor dos meus ombros, destacando ainda mais a minha tez perolada.

Mais uma vez, ele mostra que sabe o que é melhor para mim. Mas ele sempre irá acertar? Será que estou começando a nutrir algum tipo de paixão secreta por ele, que está me levando a aceitar de bom grado todas as suas exigências? Não. Eu passo a escova de qualquer jeito pelo meu cabelo, e a largo em cima da cômoda. Não vou usar maquiagem, afinal não estou querendo impressionar ninguém. Além disso, não quero usar nenhum dos cosméticos que ele comprou para mim. A roupa? Bem, isso é diferente. Eu tenho que usar algo, embora se fosse deixar para o Sr Cretino decidir, aposto que preferiria que eu ficasse nua.

Não duvide disso, Passarinho.

Examino o quarto. Tem a cama desarrumada onde passamos a noite, uma mesa e uma cadeira numa extremidade e um sofá de aparência confortável do lado da lareira. Os móveis são luxuosos, mas há uma escassez que sugere... o quê? Algo mais complexo sobre o homem a quem eu tenho dado muito crédito?

Mas aqui não há nenhuma pista, esse escrutínio não vai me ajudar a desvendar esse mistério. No fim das contas, ele é um idiota ganancioso, narcisista e pomposo, que só pensa nele mesmo. E em como acumular mais dinheiro. Viu? Enigma resolvido.

Calço as sapatilhas, feitas do couro mais macio que eu já usei na vida, então saio do quarto e desço as escadas. Entro na cozinha e encontro uma bandeja coberta, com um bilhete em cima.

Coma tudo.

Eu deveria ignorar a comida, virar as costas e sair agora mesmo, antes que me esqueça que esse relacionamento é uma farsa e comece a nutrir sentimentos por ele. Humpf. Tarde demais. Eu *já* sinto algo por ele.... Ódio, sim, é isso. Só isso.

Eu destapo a bandeja e encontro um sanduíche enorme e um prato com frutas . Há outra nota presa ao lado do prato.

Sem glúten. De nada.

Como ele sabe que eu sou alérgica a glúten? Eu nunca contei isso para ele e até agora tinha conseguido evitar as comidas que achava ter vestígios dessa proteína.

Claro, ele teve que estragar tudo com aquele tom de sabedoria.

Eu amasso o bilhete e o jogo fora.

A chaleira elétrica liga e ouço a água começar a ferver. Ele usou um timer? Será que há algum tipo de sensor que detectou quando entrei no cômodo? Eu solto um suspiro.

Vou até a chaleira quando ela desliga. Preparei uma xícara de chá e sentei na mesa. Assim que acabei de comer o sanduíche, a campainha tocou.

Meu coração dispara. É ele? Será que decidiu trabalhar em casa hoje? Melhor ainda, resolveu tirar o dia para ficar comigo? Saio em disparada em direção a entrada da casa, mas diminuo a velocidade quando chego no hall. Ouço uma batida na porta, então a abro e me deparo com olhos iguais aos meus me encarando.

—Você?

— Olá, Summer.

Parado na soleira está meu pai, o bastardo que abandonou a mim e minha irmã quando mais precisávamos dele. Ele nunca nos procurou, até que sentiu o cheiro de um possível ganho comercial, e então veio correndo. O idiota sacrificaria sua família por dinheiro – oh, espere, ele já tinha feito isso.

Ouço um trovejar suave, como se a chuva estivesse pedindo licença para chegar. Assim é o clima britânico, parecido com o nosso comportamento. Aparentemente, usamos “com licença” mais do que qualquer outro país – até 8 vezes por dia.

— O que está fazendo aqui? — Eu franzo a testa.

— Posso entrar?

Começa a chover lá fora, algumas das gotas caindo em seu ombro.

— Eu tenho escolha? — Levanto o queixo.

— Essa é minha garota. Bem espirituosa.

— Não graças a você, e não me chame de sua garota.

—Você é minha filha.

— Sério? Você perdeu o direito de me chamar assim quando decidiu deixar eu e Karma largadas a própria sorte.

— Não exagere. — Ele franze a testa. — Olhe para você agora. Não parece que sofreu tanto assim.

Se deixarmos de lado o fato de que passamos da fartura para duas refeições por dia de uma hora para outra, e que na escola éramos motivo de chacota por sermos diferentes das outras crianças, então realmente não foi nada. Não fomos abusadas fisicamente, mas mentalmente e emocionalmente, isso já era outra história. Eu enrolo uma mecha do meu cabelo em volta dos meus dedos.

—Você poderia ter nos levado com você, melhor ainda, você poderia ter nos contado o que estava acontecendo, e tentado encontrar uma maneira de consertar as besteiras que fez.

— E ir parar na cadeia? — Ele balança sobre os pés. — E o que teria acontecido com vocês?

— Acabaríamos tendo o mesmo destino de qualquer forma. Lutando para sobreviver. Tentando esquecer o sofrimento por que passamos na nossa infância, o nosso abandono. E a reestabelecer a confiança, não vamos esquecer disso.

— Seu marido tem dinheiro, ele pode pagar os melhores terapeutas para você se tratar.

—Você ouviu o que acabou de dizer?

— Eu não vim aqui para brigar. — Ele suspira.

— Que pena. — Eu envolvo meus braços em volta da minha cintura. — Queria tanto poder jogar na sua cara que você é um pai de merda... Não, não, dizer que te renego, pela forma como nos abandonou. — Tento fechar a porta na sua cara, mas ele me impede.

—Sunshine, por favor.

Eu congelo. Só meu pai me chamava assim quando eu era pequena. Eu era seu raio de sol. Dizia isso enquanto preparava o café da manhã para mim, quando só nós dois estávamos acordados. Era o nosso momento juntos. Depois ele me levava para a escola. Karma era muito bebê e ficava com a nossa mãe. Nessa época, eu tinha adoração por ele.

— Cinco minutos. Isso é tudo que estou pedindo. — Ah, ele sabe como forçar o ponto quando vê que tem uma vantagem.

Dou um passo para trás e entro. Me dirijo para a sala de estar com vista para o jardim. Ele me segue. Paro nas enormes portas francesas e olho para fora, e ele chega atrás de mim.

—Posso explicar, Summer.

— Não perca seu tempo. Não quero ouvir suas desculpas.

—Tudo o que fiz foi para garantir que você e sua irmã tivessem um futuro.

—Você espera mesmo que eu acredite nisso?

— Eu me envolvi com pessoas perigosas. Depois que sua mãe morreu, eu não estava pensando direito. Tomei muitas decisões erradas, e acabei me endividando.

Não quero ouvir nada disso, não quero.

Ele engole em seco, o som audível no silêncio no cômodo, que era apenas interrompido pelo tamborilar da chuva lá fora.

— Acabei devendo muito dinheiro à máfia. Eu tive que sair de cena antes que eles tomassem tudo que eu mais amava.

— Então você nos deixou?

— O único jeito era começar de novo, era o melhor para todos nós. — Ele se afasta. — Te entreguei para o programa de assistência social, depois fingi minha própria morte. Me mudei para os Estados Unidos, troquei minha identidade, e apaguei todos os vestígios do nosso passado.

— O que fez com muita eficiência. — Continuo olhando para frente. — Você era bom em alguma coisa.

— Tudo o que fiz foi para tirar a máfia do seu caminho. Foi para o seu bem.

— Assim dizem os pais, *foi para o seu bem*. Só não imaginam o quanto nos ferram com isso, que temos que passar o resto de nossas vidas tentando apagar tudo a que fomos submetidos.

— Desculpe, Summer. Fiz o que achei que seria o melhor para todos nós. — Solta um suspiro ruidoso e abaixa a cabeça.

— Sim, eu também sinto muito. — Eu me viro para ele. — Conseguiu acalmar sua consciência, contando sua triste história, então que tal ir embora agora, hein?

— É que... — ele troca o peso de um pé para outro. — ... tem mais uma coisa.

Sabia.

— Dinheiro? Você acha que por que estou vivendo aqui... — eu agito meus braços, mostrando o espaço ao redor — que eu tenho alguma ingerência sobre sua riqueza e seu poder? Se acha isso, está redondamente enganado.

— Você é a esposa de um homem rico e poderoso. Tem que valer de alguma coisa.

— Isso não significa nada.

— Não é o que acho. — Ele abaixa o queixo. — E não quero dinheiro.

— Não minta. — Uma dor de cabeça começa a latejar em minhas têmporas.

— Admito, foi uma das principais razões pelas quais aceitei a oferta de Sinclair, mas quando vi você e sua irmã depois de todos esses anos....percebi que não era só pelo dinheiro.

Eu não acredito nele. De maneira nenhuma. Mas algo quente se espalha em meu peito. —E então?

—Você está feliz?

Eu pisco, aturdida com a pergunta.

— Como?

— Ele te faz feliz?

— O que isso tem a ver com o que estávamos falando?

— Você é minha filha.

— Já te disse que você perdeu todo o direito de me chamar assim.

— Está bem, já entendi. — Ele levanta uma mão. — Sei que se ressentir com o que teve que passar, isso é compreensível, mas é hora de deixar isso para trás e começar a aproveitar sua nova vida.

— É por isso que veio até aqui? Para me dar conselhos?

— Quando Sinclair me convidou, concordei em vir, mas com uma condição. Eu tinha que estar convencido de que ele era o homem certo para você. Que seria alguém que poderia cuidar de você, te proteger...

— E fazer tudo aquilo que você não fez.

— Você se virou bem. Sempre foi inteligente, soube se cuidar. — Seus lábios torcem.

— Não graças a você.

— Diga-me que você está feliz e eu vou selar o nosso acordo.

— Que acordo?

— Ele não te contou? — Adam franze a testa.

— Não tivemos tempo de conversar. — O rubor toma meu rosto. Não consegui evitar, mas meu pai parece não notar.

— É compreensível. Sinclair é um homem ocupado. Ele conseguiu minha anistia junto ao governo, me dando a chance de voltar para casa e assistir o casamento da minha filha. — Adam olha para os pés. — Ainda assim, considerando o que ele quer...

Meu pulso começa a acelerar e os pelos da minha nuca se arrepiam. Eu enxugo minhas mãos na saia, que de repente ficaram úmidas.

— O que ele quer?

— O que você acha? — Uma voz familiar soa na sala.

Viro a cabeça e vejo meu marido encostado no batente da porta. Ele dirige seu olhar para meu pai.

— Eu quero arruinar você, é claro.



A esposa falsa
DO BILIONARIO

Sinclair

Capítulo 45

Minha esposa fica tensa.

Na minha frente está o homem que foi responsável por destruir minha infância. Ele me encara, parecendo confuso com minha fala.

— O que acertamos era que você garantiria a minha segurança e da minha família e que faríamos uma parceria comercial para que eu pudesse me estabelecer novamente no meu país.

Eu inclino minha cabeça.

—Você não me convidou para vir ao casamento porque minha filha me queria aqui ao lado dela?

— O que acha? — Dou um sorriso debochado e ele engole em seco.

— O quer você quer de mim? Você não pretende manter sua palavra?

— O que te leva a achar isso? — Eu ando em direção a eles e paro ao lado da minha esposa.

Adam olha para ela, então de volta para mim.

— Ela é inocente. — O suor brota em sua testa.

— Foi o que eu disse aos homens que me sequestraram.

— O quê? — Summer inclina seu corpo para me encarar. — Do que você está falando?

— Pergunte ao seu pai.

Ela se afasta, ficando distante de nós dois.

A raiva me toma. Ela não confia em mim.

Nem pode, não depois do que aconteceu em meu escritório ontem, por eu não conseguir manter minhas mãos longe de seu

corpo. Ela é por si só a maior distração da minha vida, terminar com ela e com essa farsa de casamento vai ser bom para mim.

Eu esperava ter mais tempo com ela, não imaginei que as coisas tomariam esse rumo assim tão cedo. *Merda!* Mas tenho que jogar com as cartas que recebi. E daí se eu disse a ele que os protegeria? Eu não devo nada a ele, nem a ela, nem a ninguém.

— Pai?

Adam olha para sua filha.

— Não ouço você me chamar assim desde...

— Desde que você nos abandonou.

Ele estremece.

— Já te expliquei, Summer, eu...

— Para. — Ela corta o ar com a mão. — Não quero mais ouvir suas desculpas. — Ela se volta para mim, mas mantém os olhos baixos. — Pode me explicar o que ele quis dizer com aquilo?

— Eu... não tenho certeza. — Adam alterna o olhar entre nós dois.

— Seu filho da puta! — Eu explodo. Os ombros de Adam se curvam. Minha esposa estremece, mas não tira o olhar do rosto dele. — Conte a ela.

Ele pisca, aturdido, então examina bem minhas feições.

— Quem... quem é você... realmente?

— Ainda não adivinhou?

— Não pode ser — ele sussurra. Seu rosto empalidece.

— Diga a ela o que você fez comigo, seu merda!

— É uma longa história. — Adam respira fundo.

— Com certeza, nada tão extenso quanto o tempo que eu e o resto dos Sete ficamos trancados em um porão sem janelas. — Eu torço meus lábios, com desdém.

— Você ficou preso num porão? — Ela vira a cabeça e sinto cada milímetro daquele olhar verde me encarando. Ondas de confusão emanavam dela. *Que se foda*. Não preciso da simpatia dela, aliás, não preciso de ninguém sentindo pena de mim. O que eu quero é vingança! A raiva toma minhas entranhas. Um sentimento quente apunhala meu peito. Eu clico o fecho do meu relógio. *Se contenha. Você tem que controlar seu temperamento. Mantenha o foco*. Eu clico o fecho novamente.

O metal frio me acalma e minha cabeça assume o comando. Tão perto. Estou tão perto do meu objetivo que posso praticamente sentir o gosto o final se aproximando. Vingança! Vou ver sua destruição total, descobrir o paradeiro dos homens responsáveis por aquilo e deixar essa parte feia da minha vida para trás.

Uma pressão aumenta atrás da minha caixa torácica.

— Conte a ela, ou juro que te mato com minhas próprias mãos. Agora!

Vejo Summer respirar com dificuldade. *Vá em frente, Passarinho, corra em sua defesa*. Mostre-me que você tem o mesmo sangue do meu inimigo circulando em suas veias.

— Fala logo, o que você fez com ele? — Seu olhar está fixo em seu pai.

Adam parece em choque. Ele pega um lenço e enxuga a testa.

—Você pode me trazer um pouco de água?

— Não. — As feições de minha esposa estão pálidas. Ela pega uma mecha daquele glorioso cabelo rosa e a mastiga, uma prova de que está nervosa. Eu dou um passo à frente, mas paro. *O que eu estou fazendo?*

Por que eu quero ir até ela, puxá-la para os meus braços e pedir para confiar em mim? Dizer a ela que ela não precisa se preocupar com nada enquanto eu estiver por perto, que vou cuidar dela para sempre. *Porra, lá vem esses malditos pensamentos emo*

de novo! De onde eles estão vindo? Só porque eu transei com ela... você fez amor com ela, seu idiota.

Na noite passada, você chegou próximo de declarar seus sentimentos. Você adorou o corpo dela com o seu. Você a beijou, possuiu sua boceta, sua bunda como se ela fosse sua, mas ela é sua. Ela é sua. Só que é tarde demais. Fui longe demais, planejei demais. Mas eu tinha que levar isso a cabo de qualquer maneira. Eu devia isso aos Sete.

E ela? Ela é apenas um dano colateral.

Uma dor se intensifica atrás dos meus olhos. Eu passo meus dedos pelo meu cabelo.

— Não adianta adiar o inevitável. — Olho para o homem.

Ele faz um som como se estivesse sem ar.

— Não vá desmaiar agora. — Eu me inclino para frente e o encaro. — Você não terá nenhuma piedade vindo de mim.

— Não preciso disso. — Ele se endireita. Em seguida, volta-se para minha esposa. — Você se lembra do que eu lhe disse sobre dever dinheiro à máfia?

Ela faz que sim com a cabeça.

— Eu era o responsável por vigiá-los. Eu tinha que fazer o que eles mandaram. Ameaçaram matar você e Karma. Ou fazer coisa pior.

— O quê? — Um rosnado rasga meu peito. — Eles ameaçaram a vida dela? — Eu fecho meus dedos em punho.

Ambos se voltam em minha direção.

— Qual é o seu problema? — O olhar de Summer se estreita.

Mergulho em seu olhar e balanço minha cabeça. Ela respira fundo e abre a boca. Quando franze os lábios, tenho certeza de que vai falar alguma coisa, mas em vez disso, ela envolve os braços em volta de sua cintura e me encara de volta.

Mais tarde, Passarinho. Apenas você e eu. Vamos resolver isso, e eu prometo, você não conseguirá falar nada até chegarmos ao final.

Suas bochechas ficam vermelhas. Talvez ela tenha lido o que estava estampado em meu olhar.

Me viro para Adam, aquela escória de ser humano que ele é.

— E você se diz pai? Você as deixou correndo perigo e fugiu?

— Simulei minha morte, o que cortava meus laços com eles. Eu coloquei minhas filhas no programa de assistência social porque, convenhamos, o governo teria mais sucesso em esconder seu rastro do que eu, por conta da confidencialidade de informações, ficando mais difícil para qualquer um encontrá-las.

— Você realmente fez um trabalho brilhante. Na verdade, quase me esqueci da sua existência. — A voz de Summer soa áspera. Falava de um jeito que eu nunca tinha ouvido antes.

— Pena que você não pôde fazer o mesmo por si mesmo.

— O que você quer dizer com isso? — Adam afrouxa a gravata.

— Meu marido te localizou, não foi? Então você não foi tão eficiente em cobrir seus rastros quanto pensava.

Adam se vira para mim, com os olhos arregalados.

— Como você me encontrou afinal? A máfia tentou e falhou por todos esses anos.

— Certamente, não possuem tantos recursos quanto eu. Engraçado como a experiência de quase morrer pode acender um fogo em você que lhe dá o combustível para não desistir até encontrar sua presa.

— O que... o que você quer dizer? Quem quase morreu? — Summer me olha, assustada.

— Não importa.

Eu a encaro. Agora é quando ela explode, me xinga, faz um comentário sarcástico. Minha pulsação acelera, meu sangue corre mais rápido em minhas veias. *Vamos, Passarinho, me dê um gostinho daquele atrevimento e do fogo que você esconde por trás desse rostinho lindo.* Espero... e espero... Ela examina minhas feições com um olhar inquisidor, então balança a cabeça.

— Cora. — O queixo de Adam treme.

Summer fica rígida.

— Não me chame assim.

— Quando você nasceu, seu rosto tinha o formato perfeito de um coração. Eu queria te chamar de Cora. Sua mãe insistiu em Summer. Nós fizemos um acordo, e Cora se tornou seu nome do meio. — Suas feições suavizam. — Você era tão linda, tão doce!

Ele balança e esfrega o peito.

— Jamais esquecerei como você trouxe luz para minha vida, minha filha. O tempo que passamos juntos está entre as lembranças mais preciosas que tenho.

—Tenho o prazer de lhe dizer que não me lembro muito da minha infância.

— Eu mereço isso. — Ele estremece.

Dou um passo à frente.

— Conte a ela o que você fez conosco.

— Quer dizer que tem mais? — Summer coloca as mãos na cintura, todo seu corpo está rígido. Ela deve estar imaginando o que aconteceu, mas com certeza a realidade é muito pior.

—Eu...— Adam passa a língua sobre os lábios. —Por favor, pode pegar um pouco de água primeiro?

Eu me viro para fazer isso.

— Não.

Paro e olho para minha esposa.

— A história completa primeiro. — Summer aperta o maxilar.
— Chega de enrolar.

—Você me lembra sua mãe. — Um pequeno sorriso surge em seus lábios.

— Não vai conseguir me distrair com isso. — Seu queixo treme. — Fala logo, *Adam*. — Ela cospe o nome dele.

Ele fecha os olhos com força e quando os reabre, estão brilhando com as lágrimas não derramadas.

—Tudo bem. — Ele parece não se aguentar em pé, então estende a mão e agarra a cadeira mais próxima. — Eles me coagiram... e eu tive que obedecer.— Ele olha de mim para ela e diz: —Eu sequestrei seu marido.

— Por quê? —Ela faz uma carranca.

— Seu pai se associou a máfia para salvar seus negócios. — Minha voz sai como se pertencesse a outra pessoa. Eu olho para Adam. — Conte a ela como você me sequestrou no caminho da escola para casa quando eu tinha doze anos.

Seu olhar se move para sua filha.

— Não é o que parece.

— Não? — O sangue lateja em minha têmpora. —Você está negando o que fez comigo?

Ele passa a mão pelo cabelo. Seus dedos tremem.

— É verdade que te sequestrei e te entreguei para a máfia.

— Assim como fez com o resto dos Sete? — Eu dobro meus dedos em punho.

Ele franze a testa.

— Não peguei nenhuma outra criança. A máfia deve ter colocado mais gente para fazer o serviço. — Ele levanta as mãos. — Eu juro. Eu sabia que não conseguiria fazer aquilo de novo. Foi aí que resolvi fingir minha morte.

A raiva explode atrás dos meus olhos, me cegando.

— Por que eu? — eu rosno. — Eu era o único bolsista naquela escola. Meus pais não tinham dinheiro, nem mesmo status de família tradicional, como o resto dos Sete tinha.

— Foi um erro. Mudança de planos de última hora. A criança que eles queriam não foi à escola naquele dia. Então você apareceu. — Ele levanta os ombros. — Eu estava desesperado e você se encaixava no perfil.

— Lugar errado, hora errada, não é?

— Digamos que sim. — Seus lábios torcem.

Minha esposa respira fundo e solta o ar pela boca.

— Foi falta de sorte, Sinclair. Mas veja o que isso fez com você. — Ele mostra com a mão o que está em seu entorno — Que porra você quer dizer com isso? — O sangue tamborila em minhas têmporas com tanta intensidade que a minha visão fica escura.

— Que isso lhe deu a motivação que precisava para te levar até o topo.

— Você está realmente tentando levar o crédito pelo meu sucesso? Aquilo levou meus pais mais cedo para a cova, seu idiota. Minha vida inteira mudou por causa desse sequestro.

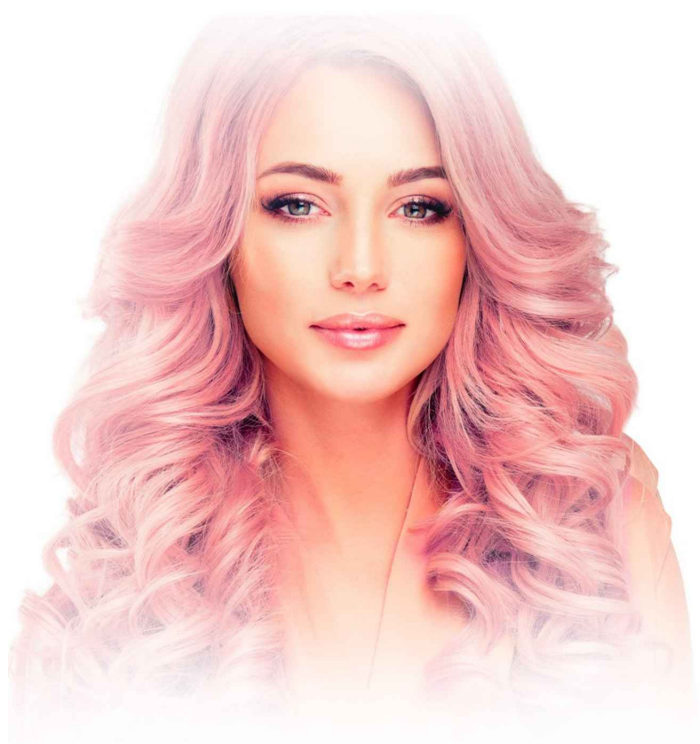
Um tremor percorre minha espinha. Eu fecho meus dedos, dou um passo à frente, depois outro, até que quando dou por mim, estou segurando seu colarinho.

— Sinclair. — Summer me puxa pelo braço. — Sin, não faz isso.

— Vai em frente. — Adam sorri, então seus lábios seus lábios se curvam para baixo. — Eu mereço.

Eu levanto a mão com meu punho fechado e ouço minha esposa gritar.

Adam cai no chão.



A esposa falsa
DO BILIONARIO

Summer

Capítulo 46

O som ritmimado do respirador reverbera no meu peito, espelhando a cadência do meu coração. Olho para o homem deitado na cama que era... é meu pai.

Eu não o via há quinze anos, e quando ele apareceu no meu casamento eu o ignorei. Eu o insultei quando bateu na minha porta... Ok, na porta da casa do meu marido. Eu havia recusado dar água a ele. Ele pediu duas vezes e eu neguei.

Eu fecho meus dedos em punho.

Eu queria muito me vingar, queria feri-lo com minhas palavras, que ele se sentisse tão quebrado quanto eu fiquei nos anos após ele ter me deixado. Quando descobri que ele não tinha morrido, desejei sua morte tantas vezes... E aqui está ele, a beira de partir. Posso ver seu peito cheio de fios pela abertura da bata do hospital, seu rosto tão pálido que se confunde com os lençóis. Quando seu cabelo escuro ficou tão grisalho? Eu não tinha notado antes.

Nas imagens borradas que eu carregava na minha cabeça, ele era alto, maior que a vida, tinha um sorriso largo, uma cabeça cheia de cabelos escuros. Ele era meu herói... uma visão que eu me apegava em meus momentos de fraqueza. Alguém que esperei que um dia voltaria para mim e que me diria que estava arrependido, que ainda me amava.

E ele havia retornado, mas eu não queria acreditar que ele ainda existia. Por causa dele, todas as lembranças ruins da minha infância ganharam vida, e o pior foi ouvir ele dizer que fez tudo aquilo para o meu próprio bem. Sei. Por que os pais sempre pensam que seus filhos precisam ser protegidos? Que eles não podem suportar ou entender o que seus pais estão passando?

Tudo o que ele tinha que fazer era nos levar com ele, nos amando, nos odiando, mas estaríamos juntos, e isso era tudo o que

importaria.

Mas ele nos abandonou.

E aqui estamos nós em um quarto de hospital. Meu pai desmaiou na nossa frente e Sinclair o pegou antes que ele caísse no chão. Meu marido acionou seu helicóptero, depois telefonou para o hospital e pediu que seus médicos particulares fossem avisados e que estivessem de prontidão. Pela primeira vez eu agradei aos céus por ele ser tão rico.

Chegamos ao hospital e papai foi levado às pressas para a sala de emergência. Ele teve um ataque cardíaco. Precisou ser operado imediatamente, e colocaram um stent para alargar suas artérias bloqueadas. Agora tudo o que tenho a fazer é esperar. Mas para quê? O que vou dizer quando ele acordar? O que vai acontecer depois? O que será de nós?

Karma e Victoria também vieram para o hospital e já tinham entrado para vê-lo, agora estão sentadas na sala de espera.

Eu adiei esse momento, até que Karma insistiu para que eu entrasse. Ela me disse que se algo acontecesse com ele, eu iria me arrepender. Mas papai está na casa dos cinquenta, novo ainda, nada vai acontecer com ele, certo?

As pessoas colocam vários stents e vivem plenas. Certamente, não será diferente com meu pai. Ele vai sobreviver. Ele *tem* que sobreviver. Eu passo os dedos em meus olhos.

Ouçõ a porta se abrindo atrás de mim, e um arrepio percorre minhas costas.

É ele. Ele entrou no quarto.

Sinclair para ao meu lado, e o cheiro de bergamota e couro atravessa a nuvem de antisséptico. Inalo aquele perfume e o saboreio. Quantas vezes mais poderei fazer isso?

— Como você está?

Estas são as primeiras palavras que me dirige nas últimas horas. Não precisei lidar com a papelada, nem me preocupar com

as formalidades, ou conversar com os médicos. Ele cuidou de tudo, deixando-me sofrer... Como as coisas teriam sido, se meu pai não nos tivesse abandonado? Eu teria lidado com ele de forma diferente? Eu teria dito tudo o que eu tinha em minha mente? Meu pai... Sin... Por que minhas emoções são sempre tão emaranhadas?

— Passarinho...

— Summer. — Minha voz sai muito alta na sala silenciosa. — Meu nome é Summer.

— Você deveria descansar um pouco, vá para casa...

— Não. — Eu desvio o olhar. — E aquela não é *minha* casa.

—Chame de minha então. — Ele enrijece a postura. —Vá, coma alguma coisa, tome um banho...

—E se ele morrer enquanto eu estiver fora?

—Ele não vai morrer.

— Não? — Eu seguro a risada que brota. Histeria? De jeito nenhum vou desmoronar. Não na frente dele. —Você acha que pode controlar a morte?

— Eu sei que não.

— O que você quer dizer com isso?

— Quase morri quando era criança.

— O quê? — Eu me viro. Ele está olhando para a parede oposta. Uma veia ganha vida em sua têmpora.

—A máfia nos sequestrou e nos manteve cativos.

— Por quanto tempo?

— Muito tempo. — Ele mexe no fecho do relógio. — Quase um mês. — Sua mandíbula fica tensa.

Não ousou falar, não quero quebrar sua linha de pensamento. Ele está... preso no meio de seus pesadelos. Eu não sou a única a querer fugir do passado pelo visto.

— Ficávamos amarrados em nossas camas, erámos drogados. — Ele abre o fecho de seu relógio, depois o fecha com

um clique mais forte. — Eu flutuava entre a consciência e a escuridão. — Os músculos de sua garganta ficam tensos. — Nos meus momentos de lucidez, eu tentava me comunicar com os outros meninos da sala. Eram...

— Sete contando com você.

Ele concorda. — Foi assim que nos conhecemos. De diferentes lares, famílias e realidades, mas naqueles dias nossas vidas mudaram irrevogavelmente.

—Um vínculo forte.

—Um que te une e te persegue pelo resto de sua existência.

— O que eles queriam?

— Eles chantageavam nossas famílias para conseguir dinheiro. Até que descobriram que meu pai não era rico.

O clique de seu relógio fica mais alto. Ele apruma a postura.

— Depois de cerca de 3 semanas naquele buraco infernal, um de nós conseguiu fugir. Ele foi pego e trazido de volta. Naquele dia decidiram fazer de mim um exemplo. Afinal, eu era o sem valor. — Seu sorriso fica feroz. —Eles me bateram com tanta força que perdi a consciência.

Eu suspiro.

— A cicatriz sobre sua sobrancelha...?

Ele balança a cabeça, confirmando.

— As outras famílias pagaram o resgate. Os sequestradores pegaram o dinheiro, e revelaram o local onde estavam nos mantendo. Fui resgatado junto com os outros meninos. — Ele aperta o fecho do relógio. — Quando cheguei ao hospital, não estava respirando. Eles me ressuscitaram. — O clique fica mais alto.

— Eles trouxeram você de volta. — A respiração sai de mim.

— Eu escolhi viver.

— É por isso... que você é tão intenso?

— Está bancando a diplomática agora? — Um lado de sua boca se curva.

Claro, afinal quando um homem decide revelar algo de seu eu mais profundo, você não vai chutá-lo por isso, não é?

Ele esfrega a nuca.

— Quase morri... O resto dos Sete também não escapou ileso.

— Como assim?

— Essa história é deles, só eles podem contar.

Ele se vira para mim.

Sua camisa está desabotoada até o meio do peito, seu cabelo despenteado, como se ele tivesse passado as mãos pelos fios grossos várias vezes. Isso lhe dava um ar de vulnerabilidade. Estaria representando?

Ele me usou para atrair meu pai, porque queria destruí-lo. Acho que já conseguiu seu intento, não? Então o que mais ele quer?

— Por que compartilhar tudo isso comigo justo agora?

Ele estende a mão.

— Vamos dar uma trégua.

—Tudo é uma negociação? — Eu olho para sua mão.

—Sim. — Ele solta um longo suspiro. — Foi a lição mais importante que aprendi durante o tempo em que estive trancado naquele lugar. Tive que pensar rápido, às vezes, recuar. Se você tiver algo que interessa ao seu oponente, terá uma chance.

—E eu sou sua oponente? — Eu inclino minha cabeça para trás, e perscruto suas feições pela primeira vez desde que entrou no quarto. Sombras escuras circundam seus olhos, e sua barba por fazer lhe dava um ar mais selvagem, o que de alguma forma ressaltava sua aura de poder.

Sua beleza sombria e taciturna combinada com aquela pitada de vulnerabilidade que toma suas feições é inebriante. Ele era um vício. Um calor começa a me tomar, vindo do meu baixo ventre. Meu corpo está condicionado a reagir ao dele, não tenho chance de escapar.

Eu alcanço sua mão, seus dedos se entrelaçam nos meus e ele me puxa para seus braços. Eu me aconchoo em seu peito e o encaro.

Ele coloca uma mecha do meu cabelo atrás das minhas orelhas e eu estremeço. Seu olhar se aprofunda enquanto examina meu rosto e suspira.

— Passarinho, eu...

Uma tosse soa. Sinclair se afasta. Me volto e caminho em direção à cama.

— Papai?

— Summer? — Os olhos do meu pai se abrem.

— Estou aqui.

Seus dedos estão trêmulos. Eu agarro sua mão. Vejo que é maior que a minha, mas seus ossos parecem frágeis.

— Me perdoe por tudo que fiz.

— Você precisa descansar e se recuperar, depois conversamos.

— Está na hora de partir.

— Não diga isso. — Meu coração dispara e uma fraqueza toma meus joelhos. Eu me apoio na beirada da cama.

—Você precisa ficar bom e...— Minha voz vacila. Eu não tenho certeza do que dizer. *Venha para casa comigo?* Ainda temos algo em comum? Nossos mundos são muito diferentes, e tanto tempo já havia se passado desde a última vez que nos vimos. — Nós podemos... começar de novo.

— Faça isso por mim. — Ele olha para o homem parado na porta. — Cuide dela.

Sinclair se aproxima de nós, até que seu calor me envolve.

— Farei isso. — Sua voz parece vir de muito longe.

— Eu sei cuidar de mim mesma.

— Eu sei que sim. — O rosto do meu pai se ilumina em um sorriso. — Mas a vida é uma longa caminhada. Há altos e baixos, e o tempo passa mais rápido quando você tem companhia.

O rosto do meu pai oscila na frente dos meus olhos, e só então percebo que estou chorando. Limpo as lágrimas que escorrem pelo meu rosto.

— Foi assim com você e minha mãe?

— Nunca mais fui a mesma depois que ela morreu. — Seu queixo treme. — Mas não demorará muito para que eu a reencontre.

Meu sangue lateja atrás dos meus olhos.

— Não fale assim — fungo. — Você vai ficar bem.

Ele tosse e olha para Sinclair.

— Há algo que você precisa saber. — Ele engole em seco e solta um suspiro.

O bipe do monitor aumenta o ritmo.

— Papai, por favor, não fale. Por favor, você precisa poupar sua energia.

— É importante. — Ele respira fundo — Eu temo que eles tenham me encontrado.

— Quem? — Sinclair se aproxima, — Diga, Adam.

— Para. — Eu empurro Sin. — Sai daqui, seu idiota, deixe que ele se recupere primeiro.

— A máfia. O chefe do submundo. — Meu pai tosse novamente e toda a cor foge de seu rosto. — Ele me ligou e me ameaçou. Ele vai machucar minhas meninas.

— Para de falar, papai. Por favor. — Eu torço meus dedos. Ele não parece nada bem. — Vou chamar o médico.

— Não. — Meu pai chia. — Fique comigo, Summer. — Ele estende o braço. Dou um passo à frente, agarro sua mão e entrelace meus dedos com os dele.

Ele dirige seu olhar para Sinclair.

— É a mesma facção que estava por trás do seu sequestro e de seus amigos. — Ele respira com dificuldade.

O som do bipe na sala se intensifica ainda mais. Minha pulsação acelera.

— Pai, não faça tanto esforço, por favor.

Sinclair se aproxima da cama.

— Quem é ele? Fala.

Os cílios de meu pai tremem, seus lábios se movem, mas nenhum som sai. *Merda. Isto não é bom. Nada bom.* Minha garganta fecha e meu estômago se revira.

— Não fica assim em cima dele. Você não vê que ele precisa recuperar sua saúde primeiro? — Eu grito. — Afaste-se dele!

As feições de Sinclair endurecem. Uma veia lateja em sua têmpora.

— Diga-me quem é o mandante. — Ele se inclina sobre papai. — Se eu tenho que protegê-la, preciso saber quem virá atrás dela. Diga.

A boca do meu pai abre e fecha. Sinclair coloca sua orelha perto de seus lábios.

Seus lábios se movem.

— Byron... Capo...

O monitor ao lado da cama apita e mostra uma linha reta.

— Não. — Grito e aperto os dedos do meu pai. — Você não pode fazer isso comigo. — A porta se abre e ouço passos

apressados. Um médico, seguido por duas enfermeiras, entram no quarto.

O médico ausculta seu coração com um estetoscópio, faz um sinal para a enfermeira, que se vira para mim.

— A senhora precisa esperar lá fora.

— Não. — Eu agarro mais forte a mão do meu pai, ela ainda está quentinha. Ele não pode ter me deixado. Eu não tive chance de dizer a ele o quanto ele era importante para mim. Que eu o tinha perdoado. — Papai!

— Senhora, por favor. — A enfermeira se vira para o homem ao meu lado.

— Passarinho... — Sinclair segura meu braço.

Eu balanço minha cabeça, lágrimas escorrendo pelo meu rosto.

— Venha comigo. — Ele me puxa e a mão do meu pai escorrega do meu aperto. Um segundo médico e outras enfermeiras inundam o espaço, bloqueando a cama da minha linha de visão.

Ele me leva para fora do quarto. Caminha comigo pelo corredor até chegarmos numa sala de espera. Identifico rostos... rostos familiares, que se voltam para nós assim que nos aproximamos.

— Como ele está? — Saint pergunta, e noto que está parado bem próximo a Victoria.

Eu desvio o olhar.

Karma corre para mim, eu abro os braços e recebo minha irmã.

Victoria está com os dedos entrelaçados na frente do corpo. Usa um vestido azul escuro, quase preto, que vai até a altura dos joelhos. Sua maquiagem é perfeita, e seus lábios cobertos com um batom vermelho. Ela olha para a porta de onde saí, suas feições ficam brancas. Ela amava meu pai? Talvez eu devesse ir confortá-la, não é?

Eu tento me mover para ir até a ela, mas Karma aumenta seu aperto em mim.

É, talvez não devesse.

As portas se abrem atrás de mim.

Não, eu não vou virar. Não vou.

Há um suave murmúrio de vozes, então ouço passos se aproximando de mim. O médico limpa a garganta.

—Sra. Sterling...

—É a Srta. West. — Me viro para ele, com Karma ainda me segurando.

Seu rosto diz tudo.

— Não. — Eu engulo com dificuldade.

— Eu sinto muito, senhora... ah... senhorita West. O corpo do seu pai rejeitou o stent. É extremamente raro, mas...

Ele se interrompe e não diz mais nada.

Victoria se aproxima de nós. Eu encontro seu olhar vazio. Ela afasta Karma de mim. Minha irmã me solta meio a contragosto, mas passa o braço em volta dos ombros magros da outra mulher.

Passo pelo médico e vou em direção a Sinclair, que me observava de longe.

Seus lábios se movem, mas eu não registro as palavras. Olho para seu peito largo, coberto por uma camisa branca engomada, a cor pura fazendo contraste com os fios pretos de seu cabelo e sua pele bronzeada, e subo até aquele queixo forte e quadrado.

— Você está bem? — Ele abaixa o rosto para olhar dentro dos meus olhos, e vejo meu reflexo dentro daquela íris azul.

—Você o matou. — Uma frieza aperta meu peito. — Ele era muito novo para morrer, poderia ter vivido até os noventa...

—Sinto muito por sua perda, Summer. — Um músculo salta na sua mandíbula.

— Não, você não sente. Era o que você queria. Você queria arruiná-lo e me obrigou a te ajudar a fazer isso. Bem, adivinha só? Você arruinou a todos nós. — Meus joelhos vacilam. Eu fecho meus dedos em punho. Pensei que já tinha tido minha cota de luto quando minha mãe morreu... e na primeira vez que tinha perdido meu pai, mas agora estou sentindo tudo muito mais nítido, mais real. É por que agora estou mais velha? Por que eu posso separar cada fragmento de emoção que perfura meu íntimo? Eu pressiono meus dedos na frente do meu peito.

—Eu não queria que isso tivesse acontecido.

— Mentira! — Meu peito dói e a pressão aumenta atrás dos meus olhos. — Você o fez vir até aqui, o envolveu nessa farsa. Você o ameaçou, disse que ia arruiná-lo. Devia saber que esse era um resultado possível.

— Eu não queria que Adam morresse. Eu o queria vivo para poder testemunhar sua queda. — Ele cerra os lábios numa linha fina. Uma veia ganha vida em sua têmpora.

— Se não fosse por você — eu aponto um dedo para ele — meu pai ainda estaria vivo.

— E você ainda estaria pensando que ele estava morto.

Eu estremeço.

— Merda! Desculpa, Summer. — Ele passa os dedos pelo cabelo.

Eu me inclino para frente nas pontas dos pés e olho bem em seus olhos.

— Eu te odeio.

— Não, você não me odeia.

Essa certeza em seu tom reverbera através da confusão de pensamentos na minha cabeça.

—Você não sabe de nada.

Eu me parto para cima dele. Levantei meu punho e dei um soco naquela linda mandíbula. Começo a bater em seu pescoço, no

seu peito, em toda parte de seu corpo que eu conseguia alcançar.

— Eu odeio você. Nunca mais quero te ver. Eu quero que você vá embora agora, eu não suporto mais olhar para a sua cara. Vai embora! Vai! — Eu levanto meu braço de novo e ele o pega no ar.

—É isso mesmo que você quer?

Eu jogo meu queixo para cima. *Não faça isso. Não faça.*

— Afaste-se de mim, seu monstro.



A esposa falsa
DO BILIONARIO

Sinclair

Capítulo 47

Fui em direção à saída da sala de espera do hospital, mas parei na porta. Me virei e vi Karma e Summer abraçadas, Victoria perto delas.

Pelo menos Summer teria companhia. Minha esposa não estaria sozinha em sua dor. Isso me tranquilizou o suficiente para me dar forças para ir embora.

Eu a havia libertado, assim como pretendia fazer desde o início.

Fiz todas as tratativas para o funeral de seu pai, mas tinha dito a mim mesmo que não iria. Mas não me contive, e fui. Fiquei a observando à distância.

Porra, quando eu comecei a voltar atrás em minhas decisões, hein?

Por que ainda me lembro do vestido preto que usava, que modelava suas curvas, indo até abaixo dos joelhos? Do brilho do seu cabelo rosa sob o sol da tarde...

Sim, ao contrário dos filmes, na vida real a porra do sol banha uma cena de funeral com sua luz dourada, mesmo em Londres, terra famosa pela chuva constante.

Minha esposa segurava a mão de sua irmã, e sua madrasta estava postada do seu outro lado.

Saint tinha ido representando os Sete. Ele estava um pouco afastado do grupo de pessoas presentes, mas era nítido que sua atenção estava focada em Victoria.

Summer levantou a cabeça e me viu, e nossos olhares se conectaram. Eu não desviei o meu, desejando no íntimo que ela viesse até mim, mas ela se virou, me dando as costas, então me forcei a sair dali.

Isso foi exatamente sete dias atrás. Decidi me concentrar na 7A Investimentos e na mídia BV, e me enterrei no meu trabalho.

Ela me disse para ficar longe dela, e assim o fiz.

Mas, pela primeira vez na minha vida, eu estava indo contra os meus instintos, que gritavam para que me aproximasse, que fosse confortá-la, que cuidasse dela. Ela não queria isso, estava atendendo seus desejos. *Ah, que se dane! Que ela vá pro inferno e leve junto essa porra que existe entre nós que parece crescer a cada segundo.*

Eu levanto a garrafa de uísque e tomo um longo gole. O líquido atinge meu estômago como uma bola de fogo. Olho pela janela do meu escritório.

— Planejando entrar em coma alcoólico? — Saint se aproxima e para ao meu lado.

Eu não respondo. Continuo olhando para longe, vendo Londres se descortinar a minha frente, esperando surgir o próximo grande bastardo que vai foder alguém. Opa, espera aí. Este sou eu. Sou aquele que transformou todas as coisas inocentes que surgiram em seu caminho em sordidez, que ganhou milhões não importando o que tivesse que fazer para consegui-los, pois, como todos sabem, não se chega ao topo sem pisar em algumas cabeças.

Um dano colateral. É isso o que ela é. Ponto. *Então por que estou aqui melancólico quando deveria estar celebrando que meu plano funcionou espetacularmente?* Eu havia destruído Adam e, no processo, minha esposa. Ela havia se desnudado para mim e eu a esmaguei. Mas o que eu não contava era que ela me levaria para baixo com ela, e sem nenhum esforço. Sem levantar um dedo.

— Não foi culpa sua.

— Não? — Levo a garrafa aos lábios, tomo outro grande gole.

— Ele não sofreu tanta pressão assim, o coração dele que era fraco e não aguentou.

Que se dane.

Ele estende a mão e eu entrego a garrafa para ele.

— Até quando você vai ficar sofrendo desse jeito?

— Por acaso estou com cara de quem está sofrendo?

— Sem deixar nenhuma dúvida.

Estendo a mão e ele me devolve a garrafa. Vazia. Típico dele.

— O que veio fazer aqui, Saint?

— Nada em especial.

—Você sempre tem um motivo.

— Apenas vim me certificar de que você ainda está vivo, meu velho.

— Já viu. Pode ir embora agora.

— Você está um pé no saco.

— Me deixa em paz, que porra.

—Você já falou com ela?

Tentei, uma vez. E ela desligou na minha cara. Ninguém desliga na minha cara. Ninguém! Quase fui parar na casa dela por causa disso, mas... e depois? O que eu teria feito? Pedido desculpas? Diria a ela que era agora um novo homem? Este sou eu. E a verdade é que o pai dela teve um papel crucial para me tornar o que sou hoje. Talvez o velho estivesse certo, eu havia forjado minha identidade depois daquele incidente. Eu não estaria aqui se não tivesse me forçado a seguir em frente, se não tivesse mirado tão alto para que ninguém pudesse me parar. Para que eu pudesse ter a minha vingança perfeita, até que...tudo se volta contra mim.

— Estou me divorciando dela.

Saint enrijece.

— Vou garantir que ela tenha uma vida confortável. Darei a ela dinheiro suficiente para que nunca mais precise trabalhar.

— E é isso o que ela quer?

— É o que ela vai ter. — Coloco a garrafa na mesa. — Deve ser uma compensação mais do que suficiente pelo que eu a fiz passar, certo?

— Você que sabe. — Ele se vira e caminha até o bar. Eu ouço o tilintar do gelo. Ele volta com dois copos de uísque.

— Um brinde então. — Ele ergue o copo.

Eu entorno o álcool de um gole só na minha garganta.

—Você é um grande parvo.

— Esse sou eu. Sempre pronto para trazer à tona o pior das pessoas.

—Talvez você devesse tentar amansá-la?

— Não é meu estilo.

— Não estou dizendo que você deva mudar sua abordagem ou coisa do tipo... a menos que sinta algo por ela.

— Não sinto.

— Se você a ama...

— Claro que não. — Faço um de deboche.

— O homem está protestando demais. — Jace entra na sala.

— Achei que você já tinha ido embora do país. — Faço cara feia.

— Voltei ontem à noite. Sienna e eu estamos comprando uma casa na sua rua.

— O quê? — Eu franzo a testa —Por quê?

— Não me diga que não ficou feliz com a notícia? — Ele ri. — Não foi ideia minha. Sienna quer que nosso filho cresça no Reino Unido, mas não me pergunte por quê. — Ele balança a cabeça. — Além disso, ela se apaixonou por *Primrose Hill* quando foi ao seu casamento. — O rosto de Jace se ilumina, como sempre acontece quando ele fala sobre a mulher. Toda essa merda emo, porra, é muito cedo para ficar ouvindo essa baboseira. — Ela imaginou que assim poderia conhecer melhor sua esposa também.

—Você perdeu a atualização. — Eu ranjo meus dentes com tanta força que a dor atinge minha mandíbula. — Estou me divorciando.

Ele balança a cabeça, —Não seja tão...— ele se vira para Saint — Qual foi a palavra muito eloquente que você usou?

— Parvo.

— Sim, isso.

— E você é o mestre dos relacionamentos desde quando? — Levanto uma sobrancelha.

—Desde que sou casado com uma mulher que ilumina meus dias e minhas noites.

— Quero distância dessa merda. Essa baboseira floreada pode combinar com você, mas não é para mim.

— Hmm. — Jace se aproxima de mim. —Feche seus olhos.

— Hã?

Saint cai na risada.

— Se eu fosse você, tomaria cuidado. Seja lá que vírus foi esse que atacou o Jace, ele é claramente contagioso. Eu, por exemplo, pretendo aproveitar e muito meu status de solteiro. — Ele se afasta bem de nós, nos dando um amplo espaço.

Jace faz uma careta.

— Vai se deixar ser influenciado pela fala de um sacana, ou você vai, pela primeira vez em sua vida, ouvir a porra do seu coração?

— Ah, só um lembrete — Saint se esparrama no sofá. —Ele não tem um.

— Não te achava um bundão, Sin. — Jace me encara em desafio.

Que merda! Fechei meus olhos.

— Tá. E agora?

— Qual é a primeira imagem que surge atrás de seus olhos?

Ela.

— Qual é a primeira voz que você ouve?

A dela.

— Qual o primeiro cheiro que sente?

Da sua excitação.

— E a cor?

Os fios cor-de-rosa de seu cabelo.

— O primeiro toque que você se lembra?

Como seus lábios se separaram sob os meus. Como ela gemeu, e se abriu para mim. Como me acolheu em seu corpo, em sua vida, em sua alma.

Meus olhos se abrem. Algo quente apunhala meu peito.

— Você ainda tem alguma dúvida do que sente por ela? E o que você vai fazer sobre isso?

Saint ajeita uma almofada atrás de seu pescoço.

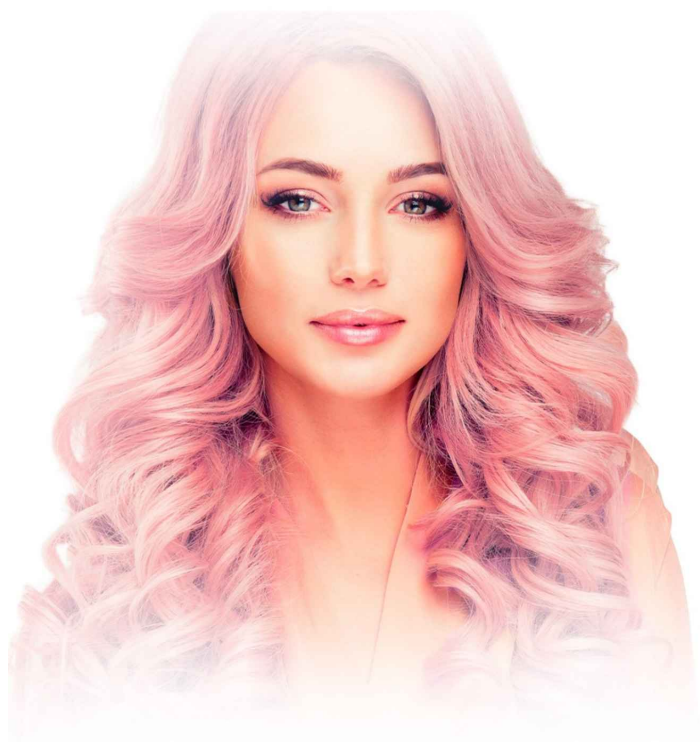
— Você tem é que tirar essa mulher da sua cabeça, é isso o que tem que fazer. Se eu fosse você, cara, caía logo fora dessa. — Ele esfrega as mãos. — Divorcie-se dela. Mas antes — ele coloca as mãos atrás do pescoço — faça com que assine um contrato dizendo que abre mão de todos os direitos sobre seu nome, sua empresa, de tudo o que é seu.

Vou em sua direção e olho bem para ele.

— Você está certo, Saint.

— Estou?

— Mas ainda bem que eu não sou você.



A esposa falsa
DO BILIONARIO

Summer

Capítulo 48

— Ele não fez isso. — Eu amasso o papel e o deixo de lado.

Karma levanta os olhos de seu laptop.

— Deixe-me adivinhar. — Ela finge pensar. — Está falando do Cretino, também conhecido como seu marido?

— Meu futuro ex.— Uma situação que mal posso esperar para resolver. Algo quente apunhala meu peito, meu coração acelera. Tenho que me livrar logo disso, para deixar toda essa bagunça sórdida para trás.

— Hmm. — Ela volta a trabalhar.

— O que você está fazendo? — eu rosno.

Pelo menos minha própria irmã poderia ser solidária com a minha causa, né? Ela tem estado curiosamente reticente em seus comentários nos últimos dias toda vez que tento falar com ela sobre o Sr. Sterling. É, voltei a me referir a ele assim. Melhor pensar nele em termos formais. Só tenho que avisar isso ao meu subconsciente, que tem um lugar especial em que o nome Sin está guardado.

— Ora, veja lá o que eu fiz.

— Karma. — Eu marchoo até ela e bato a tampa de seu laptop, um segundo depois que ela puxou a mão para não ter os dedos esmagados.

— Ei, você nunca foi tão violenta assim antes.

— Alguma merda está fedendo por aqui. — Eu faço uma careta para ela. — O que você está escondendo de mim?

— *Moi?* — Ela ajeita o cabelo. — Nada. De verdade. — Ela alarga seu olhar, mas parecendo nada inocente. — *Afinal, não há choro no beisebol.*

— Isso é do filme *Uma Equipe Muito Especial*. E você não vai me distrair com isso, pode parar.

—Tentei. — Ela solta o ar pela boca.

— O quê?

—Você está supervalorizando isso.

—Eu? — Meu sangue começa a ferver lentamente em algum lugar dentro de mim. — Estou supervalorizando?

Eu localizo o pedaço de papel amassado, pego e o enfio debaixo do nariz dela.

— Leia o que está escrito.

Ela pega a folha, com a relutância escrita em cada ângulo de seu corpo. Ela o desamassa e olha para mim.

— Pode começar.

Ela suspira, e começa a ler.

— Em voz alta.

Prezada Srta. West,

Esta mensagem é para informá-la de que foi nomeada chefe da BV Quizzes, uma nova divisão da BV Media. Por favor, a aguardo amanhã, às 9h, para que apresente suas ideias, o que já deveria ter feito há muito tempo, em resposta ao briefing de marketing anterior – suponho que você conheça os detalhes?

P.S. De nada.

— Argh! Esse homem....

Ela continua lendo.

*Atenciosamente, Sinclair Sterling MD, BV Media
Presidente, 7A Investimentos*

— Tá, tá, isso eu já sei. — Pego essa folha dela e, em seguida, lhe entrego outro pedaço de papel.

Ela lê e suas sobrancelhas se erguem.

— Processo de divórcio?

— Sim. — Meus ombros caem.

— Mas não era isso que você queria?

— Hmm? Sim.

— Então?

— Você não vê nenhum problema nisso? — Eu faço uma carranca.

— De você trabalhar com ele?

— Você tá tirando uma com a minha cara, né? — Eu olho para ela, irritada.

— Mas por que isso te incomodaria?

— Porque ele seria meu ex, sem falar em tudo que aconteceu entre nós.

— Ele está lhe dando a chance de realizar todos os seus sonhos. Você sempre quis ter sua própria empresa de quizzes e seria o CEO dela, por assim dizer.

— Mas como contratada da empresa dele.

— E?

— Então, eu quero total autonomia.

— Talvez seja para isso que ele está te chamando para discutir.

— Por que ele está fazendo isso? É favoritismo, nepotismo.

— Não será se ele estiver se divorciando de você.

— Eu seria sua ex.

— E isso dará mais credibilidade a escolha, porque te contratou pelo seu potencial.

— Mas eu não... — Mordo meus lábios.

— Você não quer se separar dele? — Ela inclina a cabeça.

— Não disse isso.

— Mas quase. — Ela dá um meio sorriso e continua. — Você está tendo uma reação exagerada.

— É a minha vida.

— Que ele devolveu para você.

— Hã?

Ela começa a enumerar nos dedos.

— Te devolveu este apartamento de merda, quitou todas as suas contas pendentes, e transferiu 4,5 milhões de libras para sua conta bancária.

Sim.

A quantia é exatamente essa. Quando vi, quase caí de costas. Tipo, quantos zeros havia nesse número? Bem, pergunte-me, eu sei. Eu contei e recontei algumas vezes quando peguei meu extrato bancário.

— Ele não voltou atrás no dinheiro combinado e não tentou pagar sorrateiramente nossas dívidas. — E Karma continua sua lista. — E não te mostrou favoritismo. E não te intimidou a fazer nada que você não quisesse.

— Tá, tá. — Eu bufo. — O que foi isso? Virou a relações públicas particular do Cretino?

— Não, esse é emprego é seu. — Ela ri.

— Como eu fui cair nessa? — Eu jogo minhas mãos para cima.

— Falando sério agora, Summer. Ele está tentando. Ele também garantiu minhas consultas com o Dr. Weston, bem, isso se eu optar por prosseguir com o tratamento com ele.

— E você vai.

— É algo que precisamos conversar.

— O que houve? Ele é o melhor cardiologista da cidade.

— Eu...— ela levanta o queixo. — Não tenho certeza se quero continuar com ele.

—Ah, tá. — Eu aponto um dedo para ela. —Esse é o problema, não é? Você tem medo de obter um diagnóstico, porque então vai ter que fazer algo sobre sua condição, vai ter que parar de fingir que não há nada de errado com você.

— Não é verdade, e quem é você para falar isso? — Ela fica de pé.

— O que quer dizer com isso?

— Que você fica se enganando, dizendo que não tem sentimentos pelo Sr. Zilionário.

— E não tenho. — Eu ranjo meus dentes.

— Tem, sim. E agora, quando ele está fazendo tudo como você queria, fica aí, toda irritadinha.

Ela está certa, embora de jeito nenhum eu vá admitir isso.

— Você estava esperando uma chance de encontrar defeitos nele, mas não consegue. Na verdade, eu iria até mais longe a ponto de dizer que você está sentindo falta dele.

—Você está delirando, só pode.

— É?

— Não posso ser comprada com boas ações.

—Você deveria estar dizendo isso para ele, não para mim. Poderia aproveitar a oportunidade desse compromisso agendado e dizer tudo isso na cara dele. A menos que você seja muito covarde.

Eu fico rígida. Começo a andar de um lado para o outro.

— Eu não confio nele.

— Ou não confia em si mesma?

— O quê? — Paro e coloco as mãos na cintura.

— Você tem que admitir que saem faíscas quando vocês se encontram. Talvez seja por isso que você não quer ir à reunião com ele, não é?

— Eu não preciso fazer isso. Posso assinar os papéis do divórcio e depois enviá-los para ele, simples assim. Então vá dizer ao Sr Cretino para enfiar sua oferta de trabalho naquele lugar onde o sol não bate.

— Pois é. — Ela senta no sofá e pega seu computador. — Mas você pode jogar isso tudo na cara dele, como eu já sugeri.

Eu pego uma mecha do meu cabelo e a levo aos meus lábios.

— Imagina a cara dele, hein?

— Aposto que ele não seria capaz de acreditar que alguém teria a coragem de rejeitar uma proposta dele.— Ela sorri. — Você teria a última palavra. E sei que iria gostar muito disso.

Isso é verdade. *Seria mesmo muito legal.* Eu levanto meus ombros e os deixo cair em seguida.

— Bem, mas ninguém é perfeito.

— Você está muito longe disso, minha querida. — Ela bufa.

— Te peguei — Bato palmas.

— Espera. Para tudo. Em quê? Estou confusa.

— Essa última fala minha. — Eu rio. — É do filme *Quanto Mais Quente Melhor*.

— Isso não é justo, Summer. — Ela faz uma careta.

— Marquei um ponto. — Eu jogo meus punhos para o ar, em seguida, faço uma dancinha. —Yesss. — Sei que é infantil da minha parte, mas caramba, é bom extravasar.

— Não sou tão obcecada quanto você por citações de filmes.
— Ela balança a cabeça. — Então eu acabo deixando passar algumas. Não que eu esteja competindo com você ou algo assim.

— Que má perdedora. — Eu sorrio.

— Agora é você quem está mudando de assunto. — Ela aponta um dedo para mim.

— É.— Fico séria e endireito os ombros. — Então, o que devo vestir amanhã?



A esposa falsa
DO BILIONARIO

Sinclair

Capítulo 49

Eu passo o dedo ao redor da gola da minha camisa. Está quente nesta sala ou é impressão minha?

Vou até a minha mesa, pego o copo de água e tomo um gole. Meu estômago se revira. Eu engulo a bile que sobe, e o coloco de volta no tampo.

Por que estou tão nervoso? Eu não preciso ficar assim. Esse sou eu no meu jogo. Eu sou o CEO dessa empresa, o quarto homem mais rico do país, um bilionário... Blá-blá-blá.

Eu aperto a ponta do meu nariz.

Os últimos três dias tinham sido um inferno. Eu tentei me enterrar no trabalho, mas a cada novo investimento que eu tentava considerar era barrado pelo fato de que a mídia BV ainda não estava operando. Sim, eu adiei o lançamento do projeto. Eu bufo.

Eu, o CEO tubarão dos investimentos, um empresário no topo da cadeia, viu portas sendo fechadas... por obstáculos que eu mesmo criei.

Mandei-lhe aquela carta com o aviso de divórcio, que foi a coisa mais difícil que já fiz. Pela primeira vez, eu tinha deixado meu ego de lado.

Eu sei quando tenho que fingir recuar para poder me mover para matar. Atraia a presa para o seu covil, e então ataque. Mas não dessa vez. Eu vou atraí-la para minha teia para garantir que ela entenda o que eu quero dela. Eu vou colocar a porra do mundo a seus pés se ela me permitir. Até parece que vai ser fácil assim.

Eu sorrio.

A inflexível deusa de cabelo cor de rosa não vai permitir que a trate como um caso especial. Ela quer ser minha igual. Implorou para que eu desse a ela a coisa que mais prezo: o controle. Eu abri meu maldito mundo para ela, revelei meus arrependimentos, contei

a ela coisas que não compartilhei com mais ninguém. Eu arranquei a escuridão de mim por ela. Mostrei o que me fez ser o que sou. Mas foi o suficiente? De jeito nenhum.

Ela queria mais.

Ela queria conhecer cada detalhe do que eu tinha escondido dentro de mim e que tentava esquecer.

Ela quer que eu me mostre. Inferno. Isso... é a coisa mais difícil de todas para mim. Mas estou tentando. Maldita boca doce e sua boceta linda, que me vem à mente nos meus momentos de insônia. Seus lábios lindos e aquelas deliciosas pernas bronzeadas, sua voz rouca e seu perfume sedutor, que gruda em meus poros e me deixa louco. Tenho medo de dormir, porque quando fecho os olhos me lembro de cada olhar, de cada momento, do toque, do beijo... *Merda!* Eu esfrego meu peito.

Ela se infiltrou sob minha pele e se fundiu em minha alma. Odeio isso. E amo isso... Ela me deixou irreconhecível para mim mesmo e, caramba, se essa não é a maior surpresa de todos os tempos. E é por isso que estou enraizado na frente da minha mesa, falando sozinho? Definitivamente estava me transformando em um submisso da dominatrix. Mas da última vez que verifiquei, minhas bolas ainda estavam no lugar, menos mal.

Um ganido soa e olho em direção aos meus pés. Max cutuca sua cabeça contra minha coxa. Me inclino e esfrego sua cabeça lustrosa.

—Você também sente falta dela, não é?

Ele arfa e arqueia o pescoço, pedindo carinho debaixo de suas orelhas.

— Você é um bom menino, sempre saindo da sala quando ela está por perto. Juro, às vezes acho que você é humano... Não, você é melhor que eles. Você tem um sexto sentido quando se tratava de me dar minha privacidade com ela. Isso termina hoje.

Ele enrijece os músculos, assumindo aquele jeito alerta que os *whippets* têm, em que ficam relaxados, mas tensos ao mesmo

tempo. Tipo como eu me sinto agora.

— Você vai conhecer a mulher... eu... quero isso. Ela é alguém muito especial para mim, Max. Alguém que vai mudar o futuro... para nós dois.

Ele senta, e gani novamente.

— É isso. Farei tudo, menos implorar... Não, talvez até faça isso. Ok, talvez... mas só se for preciso... Ai, porra! Parece que estou ficando louco! Falando comigo mesmo, como se tivesse voltado a ser criança.

Eu tive que fazer isso quando estava naquele porão, com os olhos vendados. Foi o que me manteve são. Ouvir minha voz na minha cabeça, ouvir os sons que os outros faziam, quando nos comunicávamos através de palmas e batidas. Era a única maneira de fazer contato, já que fomos amordaçados. Mas eu não sou mais aquele menino. Percorri um logo caminho longe. Me vinguei... Meus ombros caem com essa lembrança. Não foi tão satisfatório quanto eu esperava que seria.

Meu telefone fixo em cima da mesa toca. A adrenalina corre no meu sangue. Pego o fone.

— Mande-a entrar.

Há uma pausa.

—Você está bem, Sinclair? — A voz de Meredith é um calmante para mim.

— Não ficarei se você demorar mais um segundo para a mandar entrar.

— Ela está a caminho.

Eu inspiro. *Fique calmo, não precisa entrar em pânico agora.* Ela é apenas uma garota... que ficará parada na minha frente, me pedindo para expor minhas emoções para ela. Sem pressão. Notei que meus pensamentos estão recheados daquelas citações de filme que ela tanto adora. Isso é viciante pra caralho. Ela é viciante. Para mim. Me faz expor meus fracassos, minhas pretensões...

— Desculpe, M.

— É melhor você não a deixar ir desta vez.

— Certo. — Eu rio. — Obrigado pelo voto de confiança.

— Estou contando com sua habilidade, rapaz, e quando você se casar, desta vez, de verdade, eu... — Há uma batida na porta.

—Tenho que desligar, M.

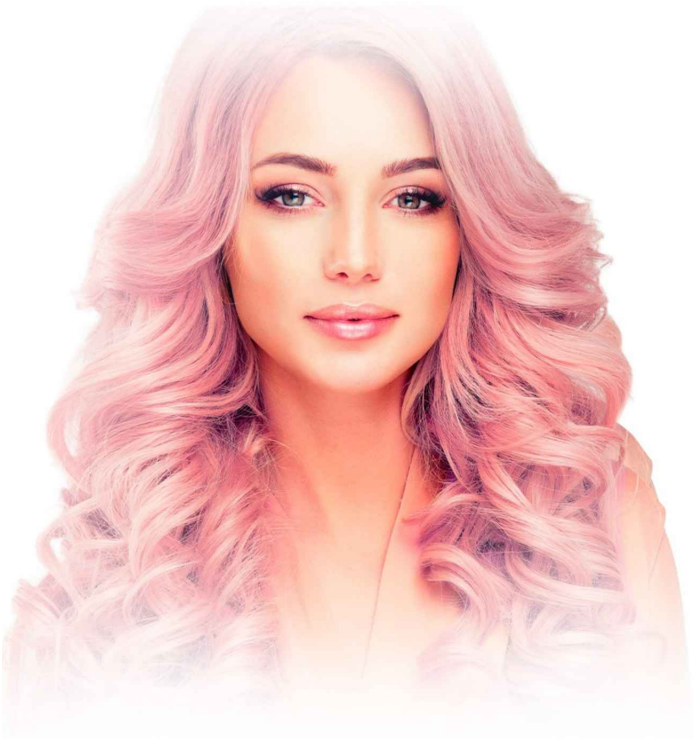
Eu largo o receptor tão rápido que ele quica na base e cai sobre a mesa. Eu o pego, e o deposito com calma no gancho.

Eu posso fazer isso. Já encarei negociadores maiores, mais letais... mas nenhum deles tinha grandes olhos verdes, seios que se encaixavam perfeitamente nas palmas das minhas mãos e uns lábios, ah, aqueles lábios... Aquele vinco na parte inferior com certeza vai me deixar louco. *Está nas suas mãos, Pecador.*

Eu giro, me apoio contra a mesa, tamborilando meus dedos na superfície. Não, não está bom. Eu apoio minhas mãos em meus quadris.

A batida soa novamente.

— A porra da porta está aberta. O que você está esperando, um convite para o Tapete Vermelho?



A esposa falsa
DO BILIONÁRIO

Summer

Capítulo 50

Pude ouvir voz do Cretino através da madeira. Eu congelo. Meus dedos ficam brancos. Foi ele quem me convidou, poderia ser um pouco mais acolhedor, um pouco menos intimidante. Que vá para o inferno! Vou ensinar a ele que mexeu com a pessoa errada. Giro a maçaneta e as portas duplas se abrem. Eu entro e paro.

— Então? Pensei que ia me deixar esperando o dia todo.

A raiva faz minhas têmporas latejarem. Levanto minha cabeça e aqueles olhos cor de anil travam com os meus. Fico sem ar. A força de seu domínio me atinge com a precisão de um míssil teleguiado, me prendendo no lugar. O cheiro dele, bergamota e couro, preenche o espaço, penetra em minhas células, e me deixa instantaneamente molhada.

Ele franze a testa e seu olhar me varre dos pés à cabeça. Ele lambe os lábios e um gemido borbulha na minha garganta.

Ele inclina a cabeça e seu queixo corta o ar. Quando fez esse movimento, me lembrei da aspereza daquela barba quando estava entre minhas pernas, sugando minha boceta. Eu engulo em seco. A imagem é tão nítida, tão real, que aperto minhas coxas.

— É melhor fechar a boca ou pode engolir uma mosca, além do que, não é uma pose sexy, eu te garanto.

Ranjo meus dentes. *Que vagabundo!* Eu tinha esquecido que ele tem essa habilidade de me excitar num segundo e no seguinte, despejar água gelada em todos os meus desejos mais quentes. Eu entro e a porta se fecha atrás de mim. O som faz minha espinha estremecer e meus joelhos baterem um no outro. Paro e seguro firme as alças da minha bolsa, cravando meus dedos no couro.

— Como você se atreve? — ele rosna.

— O quê? — Fico tensa.

Nem um segundo em sua presença e ele já gritando, dando ordens e opiniões. É como se nunca tivéssemos nos afastado, nenhum incidente tivesse ocorrido, nada, além da morte de meu pai, e suas ações subsequentes tentando mostrar... O quê? Que ele está tentando acertar as coisas entre nós? Como se isso fosse possível!

— Do que você está falando?

Ele vem em minha direção. Dou um passo para trás, mas ele já está na minha frente. Quando estende a mão, eu me encolho.

— Seu cabelo. — Os músculos de sua mandíbula se contraem. — Você mudou seu cabelo.

— Ah, a cor. Sim, mudei.

— Por quê?

— Por quê? — Eu mudo o meu peso de um pé para outro. — Eu precisava de uma mudança, eu acho. — Eu ergo o queixo. — É o que alguns de nós fazem quando querem dar novo rumo a vida. Menos os cretinos, que para se distrair, destroem a vida de outras pessoas.

Ele empalidece. Seus olhos se tornam tão sombrios, que me assusto. Mas logo aquela sombra some e o azul frio volta ao seu lugar. Nossa, devo ter me enganado. Ele não revelaria tão claramente seus sentimentos. Sem chance.

— Ruivo combina com você.

— Acha mesmo?

— Torna você comum o suficiente para que você possa sumir na multidão.

Ai! Meus ombros endurecem. Eu empurro meu queixo para cima.

— É bom ver que você está aprimorando suas boas maneiras.

— É bom ver que você aceitou minha oferta de emprego.

— Eu não aceitei.

Ele pisca, aturdido. Suas feições empalidecem ainda mais.

Te peguei!

Ele deixa cair as mãos ao lado do corpo.

— Então por que você está aqui?

Abro minha bolsa e tiro os papéis. Meus dedos tremem tanto que acabam caindo no chão. Que droga! Fico olhando para as folhas brancas espalhadas no chão entre nós.

Ele também.

Nenhum de nós diz uma palavra.

Então ele faz um estalo com a língua.

— Max, pegue.

Eu franzo a testa e o observo. Ele tem seu olhar fixo no chão. Espero um segundo, outro. Vejo uma gota de suor rolar por sua têmpora.

— Sinclair?

Seu queixo treme.

— Sin?

Uma veia pulsa em sua têmpora.

— O que houve?

— Max.— Ele limpa a garganta, e traz seu olhar do chão para mim. —Você gosta dela, não é, garoto?

Eu examino a sala novamente e não vejo nada... exceto o tapete para animais de estimação colocado num canto, um que eu já tinha visto antes, e sobre ele havia uma coleira. Meu coração começa a bater acelerado.

—Sin, você está começando a me assustar.

— Eu sabia que você tinha gostado dela desde o momento em que a viu naquele dia no pub. Do modo como ela se inclinou sobre o balcão como se fosse a dona do lugar, quando tomou aquela mistura rosa...

— Chama-se Daiquiri, não o frozen, mas o clássico.

— Não importa a porra do nome.

Fico rígida. Por um segundo, tive certeza de que havia sentido algo diferente nele.

— Eu já assinei, então é isso. Está tudo acabado entre nós.

— Eu giro e caminho em direção à porta.

— Pare.

Apresso meus passos.

— Passarinho.

Meu coração erra uma batida. Não, não vou ceder por causa de seus apelidos estúpidos. Não significa nada para ele quando me chama assim. É apenas como manipula minhas emoções, que, aparentemente, carrego uma tonelada quando se trata dele.

Eu alcanço a porta, agarro a maçaneta.

— Max, vá até ela.

Minha coluna endurece.

— Bom menino, é isso, garoto, roce os tornozelos dela, agarre a barra da saia, esfregue suas costas nas...

— Para. — Eu giro para encará-lo. — Quem é Max?

— Meu cachorro imaginário.



A esposa falsa
DO BILIONARIO

Sinclair

Capítulo 51

— Surpresa?

Eu estufo meu peito. Eu consegui. Eu contei para a ela uma coisa que nunca confessei a ninguém. Nem os Sete, nem M sabiam. E obviamente, não disse para meus pais, que na época em que me levaram de volta para casa, tentaram de várias maneiras entender o que havia acontecido com minha mente no período do cativeiro.

Ela olha para mim, as sobrancelhas estão franzidas.

— Não entendi.

— É um mecanismo de defesa. — Eu endireito minha postura.

— Então Max... não é... ele não é...

— Ele não é real.

— Ah, meu Deus.

— Depois que fui resgatado das mãos dos sequestradores, passei um mês no hospital me recuperando. Meus pais tiveram dificuldade para lidar com minha mudança de comportamento. Não que eu tivesse sido a criança mais fácil de lidar antes do ocorrido, mas me tornei mais retraído. Eu estava com raiva deles, do mundo, e de mim mesmo, por estar em uma situação em que eu não tinha controle.

— Não foi sua culpa. — Seu tom é suave.

Não foi? Eu passo meus dedos pelo meu cabelo.

— Meus pais estavam ocupados tentando sobreviver, por assim dizer, e não sabiam como lidar comigo. Minha mãe tentou... — uma veia lateja em minha têmpora — ela tentou me levar para fazer terapia, mas...

—Você recusou.

— Sim — eu a encaro. — Eu sei ser um idiota teimoso quando quero.

— Engraçado, não tinha notado. — Seus lábios se curvam.

Diga. Diga que eu sou uma aberração. Um maluco... sim, essa seria uma descrição mais precisa. Por que diabos ela iria querer ficar comigo depois de tudo que eu disse a ela?

—Você acha que sou louco, não é? — Dou um meio sorriso.

— Não. — Ela balança a cabeça. — Uma reação mais do que normal.

Dê meia volta e voe para longe, Passarinho. A porta da gaiola está aberta. O mundo espera por você. Siga adiante. Encontre novos amigos. Um amante. Outro marido.

Minhas coxas ficam rígidas, meus músculos do ombro, tensos. Se ela olhar para outra pessoa, se colocar outro homem no meu lugar... eu mato o idiota... Que se foda tudo, eu não vou permitir isso, não posso permitir.

Eu a trouxe aqui pensando em coagi-la a ficar, em suborná-la mais dinheiro, oferecer um trabalho que realize seus sonhos, mostrar a ela o que estava perdendo ficando longe de mim. Esperava que ela sentisse falta do que tínhamos. Eu tinha certeza de que ela olharia para mim e... e o quê? Se jogaria em cima mim, me pedindo para voltar para ela? Porra! Eu tento relaxar meus ombros.

Essa tinha sido exatamente minha linha de pensamento. Então ela entrou na minha sala, e soube que nada daquilo funcionaria. Toda a minha arrogância foi para o ralo, forçada a ficar em segundo plano. Então eu fiz o impensável. Mostrei aquilo que desvendaria toda a minha personalidade, minha existência, desfiguraria o rosto que mostro ao mundo.

Eu me expus. Fiquei nu diante. Nada mais tinha a esconder. Quase nada.

— É melhor você ir agora — eu rosno.

— OK.

Ela se vira e vai em direção a porta.

Porra, ela está mesmo indo embora? Claro, eu disse a ela para ir. Mas desde quando ela obedece minhas ordens? E sem questionar?

Desta vez. A única vez que eu queria que ela me desobedecesse, que lutasse comigo, que se mantivesse firme, ela... me deixou perplexo... mais uma vez. Ela é perfeita. Ela é minha. E eu a perdi de novo. Eu aperto meus olhos e os mantenho fechados. O sangue lateja em minhas têmporas. Minha caixa torácica aperta. Eu inspiro fundo e meus pulmões queimam. Imagens do passado dominam minha mente. A escuridão me envolve.

Vozes me alcançam no espaço úmido e mofado. Ouço os gemidos dos meninos naquela sala fechada — eram seis — os reconheço pelos grunhidos abafados pelos trapos na boca.

A porta se abre, passos soam. Alguém está vindo. Mais perto, mais perto. *Não, por favor, não eu. Não dessa vez.* Eu faço o que você quiser. Existe um Deus? Eu nunca orei antes. Se eu soubesse como... eu rezaria. Mas não sei. Então, tudo o que posso fazer é pedir que me ajude. Alguém. Qualquer um.

Eu tento engolir, mas minha garganta está muito seca. Tento respirar, mas meus pulmões sofrem espasmos. Meu rosto todo dói. Meus braços estão dormentes. Não consigo sentir meus dedos das mãos nem meus dedos do pé. Estou flutuando... flutuando... olhando para o meu corpo machucado e quebrado. Eu não estou mais lá.

Clique. De novo. Eu preciso de mais. *Clique. Clique.* Meus dedos se atrapalham com o fecho do meu relógio. Frio. Metálico. *Clique. Clique. Clique.* O som abafa o ruído na minha cabeça.

Foco. Concentre-se nisso.

A forma do fecho. Retângulo. O recuo no centro é como seus lábios. O vinco na boca. Cor de rosa. Suave. Linda. *Clique. Clique. Clique. Clique.*

— Sinclair.

A voz dela. Suave e rouca. Sua respiração fica suspensa. Ela faz isso quando goza. Nos meus braços. No meu pau. Em meus dedos. Em minha língua. *Clique. Clique. Clique. Clique. Clique.*

—Sin.

Seus dedos quentes envolvem meu pulso. Seu cheiro enche meus sentidos. *Concentre-se nisso.* Em como ela se inclina em cima de mim, seus seios subindo e descendo de encontro ao meu peito. Os mamilos eretos. As auréolas rosadas se contraindo, ansiando pela minha boca. Meu pau endurece.

—Sin.

Ela segura meu membro por cima da minha calça. Um calor sobe pela minha espinha, a escuridão recua, e eu abro meus olhos.

Estou de volta ao meu escritório, no presente, com a única pessoa que importa na minha vida. Ela.

—Você não quer fazer isso. — Eu a encaro.

— Quero. — Um sorriso curva aqueles lindos lábios.

—Você não entende.

— Seu relógio. — Ela olha para baixo.

Eu afasto meus dedos do fecho de aço.

Ela se aproxima.

— É por isso que você usa esse relógio gasto e velho, não é?

— Tenho certeza que você não precisa da minha ajuda para entender o significado. — Eu apertei meus lábios.

—Você brinca com o fecho como meio de se ancorar, de se conectar com o presente, certo?

— Alguém já lhe disse que você daria uma ótima psicóloga? Eu, com certeza, contrataria seus serviços. Faríamos bom uso do sofá, e aposto que ele estaria destruído em uma semana, no máximo. — Inclino minha cabeça. — O que você me diz? — Eu sorrio.

— Eu digo que você não deve mudar de assunto.

— Hmm. — Empurro minha pélvis para frente e esfrego meu membro em sua palma.

Ela engole em seco.

— Sin. Por favor. — Seu tom se torna suplicante, mas não a impede de agarrar o volume em minhas calças. Bom. Eu endireito minha postura.

— Adoro quando você implora.

— Posso falar o que estou pensando?

— Contanto que você mantenha a mão no meu pau, por mim está tudo bem.

— Mas não está nada bem. — Ela faz uma careta.

— Hã?

— Você tem um cão imaginário como companheiro e usa um relógio de sua infância, como meio de conectá-lo à sua sanidade. Você precisa enfrentar o que aconteceu com você. Você precisa de ajuda, Sin.

— Não, de jeito nenhum. — Eu cerro minha mandíbula.

— Você superou seu passado, Sin. Olhe para você hoje, um zilionário incrivelmente bonito, sexy, que venceu na vida por seus méritos, que tem um coração de ouro escondido atrás de um comportamento idiota.

Um calor atinge meu pescoço. Já fui elogiado por muitos, mas isso vindo... da minha mulher... nada supera isso. Eu quero dizer algo irreverente, para não perder o hábito e quebrar o clima de emoção, mas quando tento abrir a boca, há algo bloqueando minha garganta. Uma pressão aumenta em minhas têmporas.

Eu olho em seus olhos, e tudo que vejo sou eu mesmo. *Que porra está acontecendo comigo?*

— O que você passou teria quebrado um homem mais fraco.

— Ela esfrega meu pau com mais força. — Mas não você, Sinclair

Sterling. Você sobreviveu. Você está aqui, de pé na minha frente, orgulhoso...

— E excitado.

— E continua sendo um belo de um cretino. — Ela franze os lábios.

— Que está prontinho para você.

Ela retira a mão, mas sou mais rápido. Agarro seus dedos, pressionando-os de volta em minha carne entumecida.

— Preciso de você, Passarinho.

Ela engole em seco.

—Viu o que você faz comigo? — Eu empurro nossas mãos unidas sobre meu pau.

Suas pupilas dilatam, sua respiração fica superficial. Ela dá um passo para trás, colocando distância entre nós, e meu coração começa a bater acelerado. Minha garganta fecha, minhas entranhas se agitam.

— Não me deixe, Passarinho.

— Isso não é justo. — Seus lábios se curvam. —Você está usando expressões emo.

O quê? Eu? Não! Uh!... ok, talvez. Mas nada demais, usando algumas apenas para chamar a atenção dela, e se isso significa que posso ligá-la mais a mim, por que não? Bem, então, tá valendo.

— Você quer dizer isso? — Eu uso a mão dela para me massagear e um gemido rasga meu peito. —Vê como eu reajo a você?

Seus dedos se fecham e minhas bolas se contraem.

— Gostoso pra caralho, Passarinho. Admita, ninguém nunca vai te fazer gozar do jeito que eu faço. — O suor pinga da minha testa.

—Você sabe que é verdade.

Eu sorrio.

— Não é só isso. — Ela morde o lábio inferior e, claro, ver aquilo elevou meu tesão a níveis inimagináveis. *Porra!*

Eu me inclino perto o suficiente para minha respiração levantar o cabelo em sua testa. —Então, não quer me sentir duro e pulsando dentro de você?

Ela estremece.

—Você não me quer?

— Eu não disse isso.

— E? — Eu a encaro. — Me ajude a entender, Passarinho.

— Você confia em mim o suficiente para revelar como...

— Sou quebrado? Sim.

— Eu ia dizer resiliente, mas se você quer se rebaixar. — Ela levanta os ombros. —Fica à vontade. — Seus dedos me apertam e o sangue corre rápido para minha virilha.

— *Porra.* — Eu gemo.

Ela desliza as mãos para baixo, e agarra minhas bolas.

Um rosnado ressoa no meu peito.

—Você se desvaloriza. — Seus olhos verdes brilham.

Eu franzo a testa, então rio.

— Boa piada. Seu senso de humor melhorou bastante.

—Você acha que compartilhar seus pesadelos e como conseguiu não deixá-los dominar você um...

— Um sinal de fraqueza.

—Deixe-me terminar. — Ela aperta minhas bolas.

Meu pau engrossa ainda mais. Eu a encaro. Ela sustenta.

—Só porque você enganou o mundo, fazendo todos acreditarem que você é um idiota detestável...

— Estou sendo eu mesmo, Babe.

Ela torce minhas bolas, e eu rosno.

— Porra, Summer!

— Deixe-me completar minha linha de pensamento.

Eu tiro minha mão do bolso e coloco meus dedos ao redor de sua nuca.

—Você ousa me dizer o que fazer?

— Não. — Ela balança a cabeça. — Só estou me atrevendo a mostrar o que você realmente é.

—Ah, é? — Eu inclino minha cabeça, a puxo perto o suficiente para nossos lábios quase se tocarem. Quase. —E o que sou?

— Um homem que precisa de um toque suave.

— Não sei, pra mim, já estou duro o suficiente...

Ela solta minhas bolas apenas para agarrar meu pau mais uma vez. Ela o massageia e todos os pensamentos se esvaziam da minha mente. Essa mulher... Porra! Ela sabe exatamente como me agradar.

Eu me movo para frente, me colocando mais ao seu alcance, fodendo sua mão. Eu tiro meus dedos de cima de sua mão palma, e me apoio na mesa.

— Isso é delicioso, mas eu prefiro foder sua boca...

— Me ouça, seu idiota, só dessa vez.

— *Seu* idiota, todo seu. — Deixo um sorriso curvar meus lábios — Você já tem minha atenção.

— O que eu tenho é sua masculinidade na palma da minha mão. — Ela me masturba por cima do tecido, massageando da base à ponta. Arrepios tomam minha pele.

— Jesus, mulher, fala logo.

— Isso o torna humano, ok? O que você me contou não teria sido fácil para ninguém admitir. E para um cretino cheio de si como você, bem, deve ter levado horas de preparação para poder se abrir comigo.

—Dias... Semanas... Desde que te conheci, na verdade.

Ela franze a testa.

Eu firmo meus lábios, e confirmo.

—O que quero dizer é que isso significou muito para mim... Que você confiou em mim o suficiente para compartilhar seus segredos.

Eu franzo minhas sobrancelhas. Sinto um *mas* chegando... *Nah! Ela não ousaria, ousaria?*

— Mas é um pouco tarde demais.

Minha boca se abre. Eu sei que estou boquiaberto, mas foda-se.

—Não se atreva a fazer isso, Passarinho.

— O quê? — Ela abre o zíper da minha calça, e meu pau se vê livre. Ela agarra meu membro inchado, desliza os dedos pela base até chegar à ponta, e eu xingo.

Aumento a pressão dos meus dedos em sua nuca.

— O que você estava dizendo? — Ela me espia por baixo de seus cílios grossos, me massageando novamente. O sangue corre para minha virilha e meu pau se contrai.

— Não se atreva a ir...

Ela me segura com pressão suficiente para meu pau engrossar ainda mais. Sinto minhas têmporas latejando. Minhas bolas estão tão duras que tenho certeza de que vou gozar nesse instante.

Minha cabeça gira, meus joelhos tremem. E foda-se, isso não é sobre o boquete. É que a mulher que eu amo está me... *Espera aí.*

Amor? O quê? Não. Eu não pensei isso.

Quer dizer, eu confessei a ela estar *quase* apaixonado... Quando eu cruzei a linha? É por isso que eu contei todos os meus segredos para ela como se ela fosse minha confidente? Na verdade, ela é mais que isso... Ela é... Minha. E eu sou dela. Dela.

Eu olho para suas feições coradas. Observo as pupilas dilatadas, a cor em suas bochechas. Seus lábios entreabertos. Ela também está excitada. Bom.

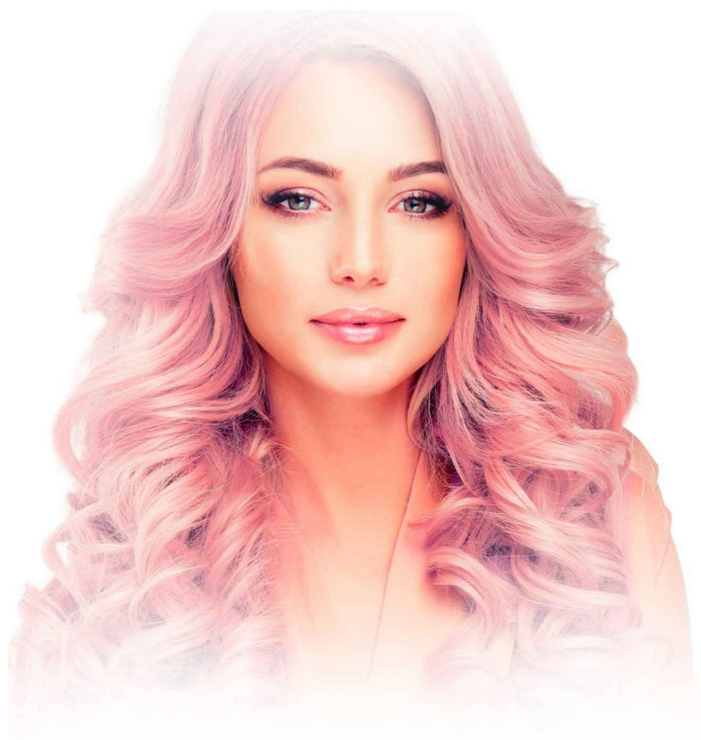
Eu forço meus ombros para destravar e corrijo minha postura.

— Passarinho?

— Hmm?

Ela arrasta os dedos para a base do meu pau e vai subindo.

— Eu amo você.



A esposa falsa
DO BILIONÁRIO

Summer

Capítulo 52

Suas feições se contorcem. Seu peito estremece. Seu pau duro e cheio de veias salta na minha palma e rajadas quentes de esperma se espalham pelo meu antebraço, molhando a blusa que faz conjunto com minha saia curta.

Sin entregue em um orgasmo? Foi a coisa mais quente que eu já vi. Um gemido brota na minha garganta, mas eu o engulo. Inclino meu queixo para cima.

—Você está mentindo.

Suas feições relaxam. Seu pau pulsa no rescaldo do orgasmo. Meus dedos nem se fecharam direito ao redor de sua dureza. E ele simplesmente gozou. *Maldito seja!*

— Quando você tem as bolas de um homem em suas mãos, é mais verdadeiro do que a confissão de um moribundo. — Ele sorri.

—Você quer dizer que um homem vai dizer qualquer coisa para ter seu pau chupado? — Eu franzo a testa.

— Você está se oferecendo? — Ele faz uma careta.

— Não. — Eu o solto e seu aperto no meu pescoço aumenta.

— Então é minha vez.

Ele me vira, e agora sou eu quem está encostada na mesa. Ele cai de joelhos na minha frente.

— O que...?

— Quietinha. — Ele me espia por baixo das pálpebras semicerradas.

—Sinclair, o que você está fazendo?

— Deixe-me dar prazer a você, querida. Por favor. — Suas feições suavizam.

— Uau.

Eu balanço minha cabeça, agarro a borda da mesa, espelhando sua postura de minutos antes.

— O que foi? Achava que eu não sabia dizer essa palavra?
— Ele sorri.

— Só você poderia transformar um simples pedido em...

— Exigência?

— Um conjunto de idiotices. — Eu juntei meus lábios.

— Adoro quando você fala obscenidades pra mim.

— Você é mesmo um bab... ahhh...

Ele se inclina e coloca seus lábios bem no meio das minhas pernas. O prazer sobe pela minha espinha, e eu jogo minha cabeça para trás.

— Amo mais quando você geme.

— Isso foi um...um — Um sim?

— Para de colocar palavras na minha boca.

— Então diga em voz alta, Passarinho.

— Não consigo pensar quando você me toca assim.

— OK.

— O quê? — Eu pisco. Sem sendo... agradável? Uau! Todos os meus sentidos ficam em alerta.

Eu olho para baixo para descobrir que ele está de fato mantendo as mãos para cima.

— Viu? Eu posso atender todos seus desejos.

— Hmm. Então por que não confio em você?

— Dê-me uma chance, Passarinho.

Eu mordo meu lábio inferior.

— Se eu não fizer você gozar nos próximos cinco minutos...

— Três.

— O quê? — Ele me encara.

Eu estremeço, e troco meu peso de um pé para outro. Aquele tom rouco de sua voz... A umidade aumenta em meu núcleo, como ele vai descobrir nos próximos segundos...

— Dois minutos.

— Summer. — Ele rosna.

Eu mordo o interior dos meus lábios.

— Você agora tem um minuto para me fazer gozar. Se eu fosse você, eu...

Suas mãos voltam a explorar meu corpo, e ele sobe minha saia acima dos meus quadris.

— Você não está usando calcinha.

— Não queria que marcasse minha roupa.

— Mentirosa. — Ele abaixa a cabeça, lambe minha boceta, descendo a língua até meu buraco enrugado e voltando para chupar meu clitóris.

Eu suspiro.

— Não, não estou mentindo.

— Você veio aqui com a intenção de me seduzir.

— Claro que não.

Ele lambe meu botão inchado e um tremor me toma, começando nos meus dedos dos pés. *Não Não Não*. Eu não posso deixá-lo ganhar. Eu arqueio para trás, e me afasto dele. Ele agarra minhas coxas e me puxa.

— Abra para mim, *Baby Girl*.

Minhas pernas se abrem como mandam as palavras do meu filme favorito.

—Tão bonita. Tão doce. Sua boceta é minha casa, querida.

Eu engulo em seco, empurro minha pélvis para frente, e ele mergulha sua língua dentro da minha vagina.

— Sin.

—Shh. — Sinto seu murmuro indo fundo dentro de mim. Um gemido escapa de meus lábios e ele me aperta com mais força. Ele mergulha em mim, lambendo, chupando. Eu cravo meus dedos em seu cabelo e puxo os fios. Levanto uma perna e a apoio sobre seu ombro. Ele abaixa e faz o mesmo com a outra, e se apoia nos meus joelhos. Estou cavalgando em seu rosto, enquanto ele me fode com a língua. Não vou conseguir mais segurar.

— Vou gozar. — Eu arqueio meus ombros para trás, minha coluna se curva, e o clímax rouba meu fôlego.... lágrimas grossas rolam pelo meu rosto. Não consigo conter a tempestade que me toma.

Mas ele não para. Ele enfia aquela sua língua pecaminosa e perversa dentro do meu canal, prendendo com os lábios a parte mais delicada do meu núcleo. Outro orgasmo pulsa no meu centro e faz vibrar até minhas extremidades. Ele afasta sua boca de mim.

—Venha para mim, Passarinho.

E eu fui. Mais uma vez. Eu solto meu corpo sobre sua mesa. Minha umidade escorre pelas minhas coxas. Ele inclina a cabeça e lambe todo o meu gozo.

Estou totalmente sem forças deitada sobre a mesa. Ele me pega, coloca minhas pernas ao redor de sua cintura, então me carrega no colo.

Minha cabeça cai contra seu peito. Tud-thud-thud. Sinto se coração galopando sob minha orelha. Ou seria o meu?

Ele dá a volta e afunda em sua cadeira, comigo agarrada a ele.

—Sinclair?

— Hmm?

— Eu também te amo.

Uma risada ressoa em seu peito.

— Eu sei, Passarinho.

—Você é um grande idiota.



A esposa falsa
DO BILIONARIO

Sinclair

Capítulo 53

—Tenha um bom dia, senhor.

Peter para no meio-fio em frente ao meu escritório. Eu me inclino e abro a porta do Aston Martin, não o espero dar a volta para fazer isso.

— Pode deixar. — Eu aceno para ele.

Seu olhar se alarga, então ele balança a cabeça e se afasta.

Max salta para fora do carro, puxando a coleira. Ele para na frente do mendigo que está na entrada do prédio. Sua placa hoje diz: *Veio e foi-se a manhã, veio e não trouxe o dia...*

Olho em seus olhos e digo: — Porra, não dá para você escrever algo um pouco menos deprimente?

Ele me encara, surpreso.

Pego minha carteira.

—Tem um trabalho esperando por você — Eu aponto em direção ao prédio. — Isso se você estiver precisando de um. Não que eu esteja menosprezando seu estilo de vida, mas você sabe, se mudar de ideia...

Ele balança a cabeça.

Certo. Então, de repente, sou uma espécie de benfeitor? Tentando mudar o mundo? Não. É a Passarinho que está me mudando. Talvez eu esteja tão feliz que queira compartilhar minha boa sorte com o resto do mundo. *Que seja*. Pego algumas notas, coloco-as no chapéu na frente do homem.

Max corre em direção à entrada, me levando a reboque.

—É um trecho de *Escuridão*.

— Hã? — Eu me viro, e olho para o homem.

— Um poema de Byron. — O mendigo me encara. A porra do homem está com um olhar esgazeado. Será que está chapado ou

coisa do tipo?

Uma pontada de desconforto me toma.

— Byron? Você quer dizer o poeta ou o *Capo* da Máfia?

Ele pega as notas e as coloca no bolso. Em seguida, recolhe o chapéu, o coloca na cabeça, sem perder uma única moeda. Ele se afasta, a prancha com os dizeres debaixo do braço.

— Ei, espera. — Eu tento me aproximar dele, mas Max choraminga. Olho para trás, e o vejo balançando o rabo, querendo seguir em direção ao prédio. Ele geme, então puxa sua coleira.

— Jesus, espera aí, seu vira-lata.

Quando me viro, descubro que o mendigo tinha desaparecido.

O que diabos aconteceu ali?

Esfrego a nuca, depois ando em direção à entrada, com Max ditando o ritmo. Eu empurro a porta e ele salta na frente, me arrastando para dentro. Ele deita no chão em frente à mesa da recepcionista, e ela sorri para o cachorrinho.

Eu franzo o cenho. Toda aquela doçura que o desgraçado deixa em seu rastro é seriamente enjoativa. Mas meu Passarinho insistiu. O cão tinha sido seu presente para mim no nosso primeiro aniversário, quando comemoramos o primeiro mês morando juntos. Ela me fez prometer que levaria o filho da puta para o trabalho, e eu... Bem, eu não poderia dizer não para um pedido dela.

Max fica de pé e salta em minha direção. Ele me circula uma vez, então cai sobre as patas traseiras, bem no meu caminho.

Eu solto um suspiro, me inclino, bato na cabeça dele. Ele deita de costas. Sim, ok, só mais um segundo. Eu caio em um joelho e faço cócegas em sua barriga. Sua boca se abre e sua língua pende para fora. Ele contorce seu pequeno corpo, seus olhos rolando para trás em sua órbita.

Um arfar chocado chega até mim vindo da direção da mesa de recepção. Eu olho para cima e a garota instantaneamente fica

vermelha. Ela disfarça, e arruma os papéis à sua frente.

Eu me endireito e vou até ela, que empalidece.

— Alia, certo?

Ela pisca, surpresa, e olha para mim.

— O senhor... se lembra do meu nome?

Palpite de sorte.

Assegurei a Passarinho que controlaria o meu mau humor. Este sou eu mantendo minha palavra. Falando nisso... Cedi a pressão dela e fui a uma consulta com um psiquiatra. Vou sobreviver. Além disso, ela me prometeu algumas coisinhas em troca. Eu sorrio.

— Pode apostar que sim, Ste... quero dizer, Alia. — Afasto uma mancha imaginária do meu colarinho. — Sei o nome de todos os meus funcionários.

Não, não sei. No entanto, eu tinha pedido que me enviassem uma lista. Mais um passo para a mudança do meu perfil para o mundo.

Aparentemente, relações públicas internas são mais importantes do que as externas, e a maneira mais rápida de consertar nossa reputação no mercado é começar em casa, transformando nosso pessoal em embaixadores que amplificarão essa mensagem e blá-blá-blá... um bestirol corporativo, mas Summer me pediu para fazer isso, e eu nunca recusaria atender um pedido de minha esposa.

Além disso, tenho certeza de que isso irá alavancar a construção da imagem de mercado da BV, o que ajudará bastante a aumentar a capitalização da 7ª, que é o que me interessa. O efeito borboleta, certo?

Passarinho havia apontado tudo isso para mim, quando eu finalmente a deixei compartilhar suas ideias de marketing comigo... ou seja, quando eu liberei sua boca tempo suficiente para ela poder falar. Eu a tenho mantido bem ocupada, confesso.

Ela apoiou a ideia de Saint de realizar uma rápida coletiva de imprensa, em que faríamos o papel de casal feliz, sem precisar fingir, lógico, e que apresentáramos a BV Media adequadamente ao público. Obtenha a cobertura positiva, e blá-porra-blá.

Eu odiei a ideia e disse isso a ela. Mas ela insistiu, e bem, foi.

Minha esposa é muito inteligente, essa é a maldita verdade. Embora seja uma mulher esperta, sei quando estou sendo manipulado, e esse é o caso aqui, o de conhecer melhor meus funcionários. Ainda assim eu quero que ela tenha essa pequena vitória, e não, eu não estou ficando mole. Não.

Ela odiava o nome BV... queria que eu o mudasse, mas eu não estava propenso a isso... ainda.

Eu faço uma carranca e a recepcionista engole em seco.

Ela se afasta da mesa. Puta merda. Quem diria que tentar mudar a minha imagem na empresa exigiria tanto esforço, hein? Olho no prêmio. Se isso deixa a Passarinho feliz, vale a pena. Serei legal com meus funcionários nem que seja a última coisa que eu faça.

Eu afasto meus lábios e mostro meus dentes. Parece mais uma careta do que um sorriso, mas é o melhor que posso fazer.

—Uh... Ah... Sr. Sterling, o senhor está bem?

Eu mantenho o sorriso fixo no meu rosto.

— Claro, Alia. — Eu inclino minha cabeça, —Você está fazendo um bom trabalho. — Eu bato meus dedos no console da recepção. — Continue assim.

Seu queixo cai.

Acho que a convenci, hein? Mereço um Oscar pela minha atuação. Eu me afasto e vou em direção aos elevadores.

—Ah, e Alia...? — Eu me viro para encará-la. Ela está olhando para mim, sua boca ainda meio aberta. — Quando a Sra. Sterling...

—Ah, a Summer? — Ela sorri.

Meu coração pula. Summer. Meu pássaro. Meu raio de sol. A mulher por quem eu faria qualquer coisa... porque eu sou seu submisso filho da puta. Tudo bem, a felicidade dela vem em primeiro lugar. Eu a quero feliz. E nua. E satisfeita, depois de gozar em meus braços. Todo o resto fica em segundo plano, incluindo meus desejos.

Eu endireito minha coluna.

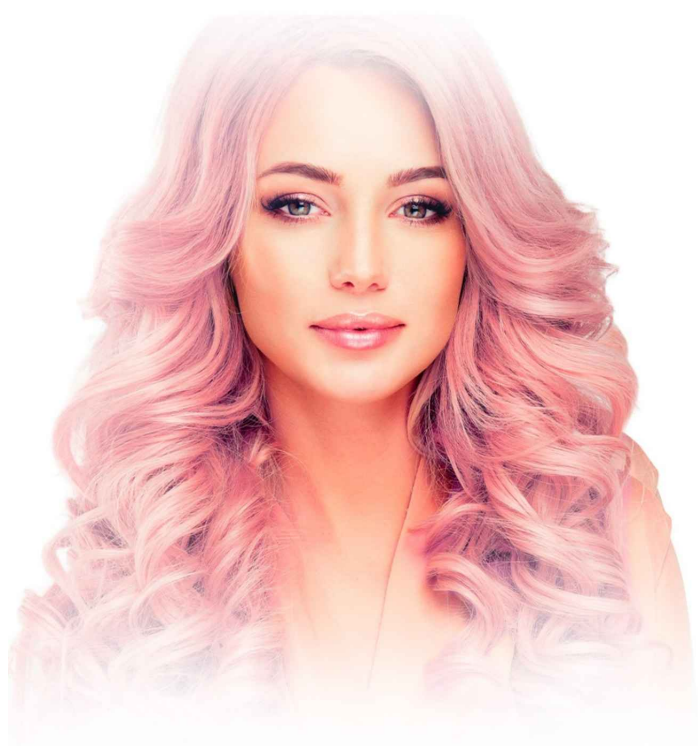
—Exatamente. Quando *minha esposa* chegar, por favor, peça a ela para vir diretamente ao meu escritório.

—Claro, Sr. Sinclair.

Ela me chamou de *Sr. Sinclair*? Franzo a testa, depois levanto os ombros e sigo meu caminho. Que se dane. Desde que façam o que eu mando, eles podem me chamar de filho da puta que não me importo.

Me dirijo até os elevadores, paro na frente do meu e aguardo as portas se abrirem. Max entra, e eu o sigo. Aperto o botão do andar do meu escritório, então coloco um joelho no chão e coço atrás de suas orelhas.

— Você acha que ela vai gostar da surpresa, safado?



A esposa falsa
DO BILIONARIO

Summer

Capítulo 54

— Obrigada, Peter.

Abro a porta do Aston Martin e atravesso a calçada até o prédio de escritórios da 7A.

Já estou dois minutos atrasada. Apresso meu passo.

Foi uma surpresa quando Karma me ligou na noite passada e me pediu para ir vê-la. O que foi mais chocante? Sinclair me permitiu ir sem reclamar. Ele não gostava de me deixar fora de suas vistas. Ele me queria sempre ao seu lado, na cama e fora dela. Meu Babaca Possesivo, e eu uso esse termo carinhosamente, podem acreditar. Ele me disse que eu deveria ir sempre que Karma precisasse de mim. Eu tinha encontrado meu caminho de volta para ele, de jeito nenhum eu iria perdê-lo novamente. Mas um pouco de distância também é saudável, certo? Uma noite longe dele, para ter espaço para mim mesma, para me recuperar do impacto de sua proximidade física... Certamente, minha boceta e minhas coxas, que estiveram treinando muito neste último mês, iriam apreciar o descanso... Não é?

Ele insistiu que Peter me levasse, e eu aceitei. Eu também não queria me colocar em uma situação de risco, afinal a máfia poderia chegar até mim. Ele também tinha um guarda-costas designado para Karma, pelo qual eu estava grata.

Eu tinha comprado o apartamento que alugávamos e presenteei minha irmã. Na época, quase não aceitei o dinheiro do acordo com Sinclair, mas Karma me lembrou que eu o tinha ganhado de maneira justa e honesta. Já tinha gastado uma boa parte do valor que estava na minha conta bancária, afinal, Londres é uma cidade cara.

Comprar aquele imóvel significava que tenho uma base e Karma tem um lar, como Sinclair não hesitou em me lembrar. O

cretino estava certo em pensar assim. Então, peguei o dinheiro e o usei.

Eu havia aceitado um emprego na empresa dele, como Diretora de Marketing da BV Media e da 7A Investimentos.

A divisão de quizzes que ele mencionou que queria inserir na proposta? Isso não aceitei. Em vez disso, eu estava transformando minha consultoria de marketing como uma empresa de quizzes, também usando o dinheiro que ganhei.

Seria algo meu, separado de qualquer outro interesse comercial de Sinclair.

Quando eu mencionei isso para Sin, ele foi mais do que compreensivo. Ele sugeriu que eu pedisse um empréstimo pela BV Media para financiar a expansão internacional, em vez de usar meus fundos pessoais. Hmm, não era por que ele queria me proteger, não é? Mas fazia sentido para os negócios, então eu concordei.

Eu checo a hora no meu telefone. Droga, estou cinco minutos atrasada. Eu me atrasei de manhã para deixar o apartamento da Karma. Eu teria pegado o metrô para economizar tempo, mas Sin insistiu que eu esperasse pelo Peter. Sinclair Sterling ainda era um cretino. Mas ele era o meu Cretino. *Meu.*

Meus dedos formigam e meu couro cabeludo se arrepia só de pensar nele.

Estava tão perto de vê-lo. De sentir seu perfume masculino, de ouvir aquela voz rouca. A lembrança daqueles lindos lábios, que me provocavam até me levar ao orgasmo, enquanto sua língua penetrava em mim, em uma simulação de como seu pau se enterraria dentro de mim... Humm, em breve, muito em breve o teria de novo. A umidade toma meu núcleo. Droga. Como eu sinto falta desse homem. Sinto falta do seu domínio, da sensação de segurança que me passa, do seu calor, da sua proximidade, da sua capacidade de olhar dentro da minha alma e enxergar meus medos.

Estou completa quando ele está em mim. Muito brega isso? Eu solto um suspiro.

Se isso é amor... Bem, eu não quero saber de outra alternativa. Não é apenas físico, claro que a atração é muito forte, e minha pobre e devastada boceta aprecia muito isso, de verdade, mas tem muito mais... É como ele me segue com o olhar, como ele me observa quando pensa que não estou vendo, como ele segura a porta aberta para mim, me empresta o paletó quando percebe que estou com frio. Quando ele concordou em que eu mantivesse um quarto separado para mim em sua casa, sem fazer perguntas. Percebi pelo modo que seus lábios se firmaram numa linha fina que não gostou muito do meu pedido, mas aceitou o pedido.

Eu queria uma expressão de minha independência, um lugar para onde pudesse ir para me isolar, onde pudesse pensar, ler, olhar para o longe, ficar sozinha. Ele tinha seu escritório e este local seria o meu retiro. É um quarto adjacente ao dele, ele insistiu nisso, e eu concordei. Não era necessário cutucar o monstro mais do que o necessário, certo?

Ele convidou o resto dos Sete para jantar em casa, aceitando minha sugestão, e nós passamos a noite jogando *Um Palpite*. Sim, uma noite de curiosidades sobre filmes. Nossa, foi hilário, e faíscas voaram entre minhas amigas e uns dos Sete. Karma não pôde estar presente naquela noite. Mais uma razão para eu ter feito questão de ir quando ela me ligou pedindo isso. Ficamos a noite quase toda conversando, colocando as fofocas em dia, e ela se despediu de mim esta manhã com um brilho estranho em seus olhos. Começo a andar mais devagar.

Talvez eu devesse ter ficado um pouco mais com ela, tentado descobrir o que a estava incomodando. Tenho certeza de que ela me ligou porque queria me contar alguma coisa, mas toda vez que eu tentava trazer o assunto à tona, ela se esquivava. E como estou consumida por minha nova obsessão, minha paixão, meu amor pelo homem que Sinclair Sterling está se tornando, acabei deixando de lado e não insisti.

Sin. Tão pecaminoso em ações quanto em nome. Tão sexy como o inferno. Me bate, me atormentando até o limite, então faz amor comigo com uma ternura que alivia a dor.

Chego à entrada dos escritórios da 7A, e avanço pelo hall. Minhas sandálias escorregam no piso liso, mas me equilibro, e quando passo pela recepcionista, ela me dá um sorriso e um recado.

— Ele quer que você vá direto para o escritório dele.

— Ah.

— Não enjoa de você, hein?

— Nem eu dele.— Eu rio.

— Não sei o que você está fazendo com ele... quer dizer, além de... ah, você sabe. — Ela cora. — Não quis dizer isso, Sra. Sterling.

— Summer, eu disse para você me chamar de Summer, lembra?

Ela sorri.

— Summer. Ele está diferente desde que você entrou na vida dele.

— Você quer dizer um pouco menos horrendo?

— Muito menos.

— Haha. — Eu sorrio. —Não deixe o charme dele te seduzir.

—Você não está com ciúmes por que ele falou comigo, não é? — Sua testa franze.

— Se eu tivesse ciúmes de todas as mulheres que olham para o meu marido...— Eu rio e balanço a cabeça. —Ele tem esse impacto no sexo oposto.

—Você é realmente um amor de pessoa, Summer. — Ela suspira.

— Certifique-se de dizer isso a ele. — Eu sorrio — Claro, pode deixar.

Eu me despeço então corro para hall de elevadores e uso o seu privativo. Olhei para a câmera no alto. Sim, agora há câmeras, ele tinha mandado instalar, mas só ele tem acesso as imagens. Dessa forma, ele pode me rastrear e saber quando me aproximo de seu escritório, disse ele. Eu sei, parece um pouco assustador, mas significa que posso fazer isso, levantar a barra da minha saia rosa, que é bem conservadora, exceto pela fenda que vai até o meio da perna, e lhe mostrar a minha coxa. Comecei a rir. Acho que o calor que me subiu deve ter chegado pelo monitor que recebe as imagens da câmera de segurança...

Espero que tenha entendido o recado, Cretino. Dois podem jogar este jogo. Você não aprendeu isso até agora? Eu mando um beijo para ele enquanto o elevador desacelera até parar. As portas se abrem e eu corro para o andar executivo.

Eu insisti que meu escritório ficasse três andares abaixo do da presidência, junto com o resto da equipe. Ele parecia que iria protestar quando apresentei a proposta, mas então concordou. Aceitou, mas me liga me chamando para reuniões umas cinco vezes por dia. Uma vez ele me encontrou no meio do caminho, na escada, e nós...bom, transamos ali mesmo. Foi quente, confesso, e acabamos nos atrasando para nossa próxima reunião, mas ele não se importou.

Sim, ele definitivamente está tentando mudar. Mas gostaria de saber o que ele vai pedir em troca...

Passo pela mesa de Meredith. Está vazia. Me apressei, cheguei no escritório dele, abri a porta e não tinha ninguém lá. Meu coração acelera.

Coloco minha bolsa em cima da mesa dele, vou até a porta da sala de conferências anexa, abro e o encontro lá. Está de pé, mas de costas para mim.

Ele está com as mãos apoiadas no batente da janela. Nessa posição, seus bíceps musculosos se destacam, esticando o tecido das mangas do seu terno feito sob medida. Minha respiração fica presa. Ele é tão gostoso quanto o pecado... *Sin*, que quer dizer

pecado em inglês. Se há um nome que se encaixa adequadamente a um homem, é o dele.

Sua jaqueta escura molda cada palmo das suas costas amplas, sua cintura estreita e aquela bunda dura. Eu engulo em seco. Eu sei como é bater nessa bunda. Ah, e aquelas coxas poderosas coberta de pelos que roçam minha pele sensível, as panturrilhas grossas, a postura altiva...

— Passarinho.

Eu empurro meu queixo para cima. Eu não tinha feito nenhum barulho. Juro que acho que o homem tem olhos atrás da cabeça. Eu bufo.

— Eu sei que você está aí. Venha, estava te esperando.

Eu entro e a porta se fecha com um estalo atrás de mim.

— Chegue mais perto, você sabe que eu não mordo... — Ele ri baixinho, e se vira. — Nem sempre.

— Você... você se barbeou. — Eu suspiro.

Ele sorri. Sem os pelos que cobriam seu queixo, seus lábios estão expostos em toda a sua glória, e o que é aquela mandíbula quadrada?

— Você tem uma covinha no centro do seu queixo?

Ele franze a testa.

— É tão...

— Não diga isso.

— Tão doce.

— Você me faz parecer um cupcake. — Suas bochechas ficam vermelhas.

— E eu adoraria lamber seu creme.

— Mesmo? — Suas pupilas se dilatam.

— Sim, e quantas vezes você quiser, mas só se prometer manter esse ar de colegial.

— Se importa de repetir isso? — Ele vem em minha direção.

—Ah! — Dou um passo para trás.

Ele se aproxima. Eu me afasto, até que minha bunda bate na porta. Procuro a maçaneta atrás de mim, mas seus passos largos acabam com a distância entre nós.

— Colegial, é? — Ele se inclina para frente e me encara.

A luz realça suas feições perfeitas. Aquele brilho de seus olhos cor de anil me envolve, o cheiro de testosterona satura o ar, e eu engulo em seco.

Ele levanta a mão e enfia uma mecha de cabelo atrás da minha orelha. Eu optei por manter minhas madeixas ruivas naturais, e ele adorou. Me ama como eu sou. Talvez seja isso que significa gostar de alguém. *Quando você sente falta de uma pessoa, mesmo quando ela está bem na sua frente, te devorando com o olhar, quando você sabe que ela está tão excitada quanto você, que não pode esperar para te beijar, te possuir, gravar seu nome em cada célula do seu corpo.* Ah, quero que ele me marque com sua língua na minha boceta, que lamba a sola do meu pé, que chupe meus dedos antes de me inclinar e...

— Vamos transar agora ou depois, *Babe*? — Ele arqueia as sobrancelhas.

—Austin Powers. — Eu jogo minhas mãos para cima. — Com tanto filme para citar, você tinha que escolher logo esse?

— Sou um cara, o que você esperava? — Ele dá de ombros.

— Flores, corações, chocolate? — Enumero nos dedos. — Talvez um anel? — Deixo meus lábios se curvarem. — Nah, estou brincando. — *Não, não estou.* Eu bato em seu ombro. —Seja o que for que você planejou, Sinclair, não vai te fazer cair em minhas boas graças, principalmente depois daquela tentativa completamente patética de tentar ser romântico.

Ele coloca a mão no bolso da calça e suas sobrancelhas se unem.

— Sério, se você acha que Austin *pirado* Powers é o seu modelo de ser amoroso, então...

Ele puxa a mão e dá um tapinha no bolso do paletó.

— O que você está fazendo?

— Nada.

— Está aprontando alguma coisa.

— Jesus, mulher, dá um tempo, estou tentando...

— O quê? — Eu franzo a testa. —Você está agindo todo misterioso e eu odeio isso. —Minha pulsação acelera.

— Me dê um segundo...

— Pra quê? Por quê?

Ele se ajoelha.

—Não. — Eu recuo e bato na porta novamente. Eu inclino a cabeça em sua direção, e vejo sua respiração falhar.

—Summer Cora West, você quer ser minha? — Ele levanta a palma da mão. A luz do sol banha sua cabeça e chamas douradas explodem sobre a safira amarela perfeita colocada no centro do anel de ouro batido.

— Por quê? — Eu engulo com dificuldade e levanto meu olhar para seu rosto.

— Por quê? —Suas sobrancelhas se levantam.

— Por que eu deveria me casar com você... uma segunda vez? — Eu uno meus lábios.

—Você realmente quer fazer isso agora? — Ele olha sério para mim.

— Agora. — Levanto meu queixo. — Convença-me, Sinclair Sterling. O que eu ganho com isso?



A esposa falsa
DO BILIONARIO

Sinclair

Capítulo 55

Ah, essa mulher. Toda vez que eu espero que ela aja de uma certa maneira, ela me joga nas cordas. Eu a pedi em casamento e pensei o quê? Que ela cairia em meus braços, com declarações de amor eterno? Que ela ficaria chocada, talvez tão balançada que desmaiaria e eu a pegaria para não cair no chão? Que me abraçaria e me beijaria até perder o fôlego? Então nós viveríamos felizes para sempre? Não, ela vai me fazer lutar por isso.

Meus músculos da coxa tremem, mas eu ignoro. *Coragem, bastardo. Diga a ela o que você realmente sente. É agora ou nunca.*

— O que foi? Não sabe o que dizer? — ela olha para mim. — Pelo jeito, eu finalmente deixei você sem palavras, hein? — Ela coloca um dedo contra sua bochecha. — Devo me parabenizar por isso?

Eu olho para ela. Um lado de seus lábios se curva.

— O cretino que está acostumado a sentar numa mesa e negociar até conseguir tudo do jeito que quer ficou mudo — ela tira o cabelo do rosto — e só por que eu pedi para falar de um assunto delicado que envolve seu coração?

Meus ombros ficam rígidos, meu pulso começa a acelerar, o suor desliza pela minha espinha.

— Acho que terminamos por aqui, não? — Ela olha para o anel em minha palma, depois para o meu rosto, então se vira para sair.

— Flores.

Ela para.

— Sei que você ama as violetas entre todas as flores silvestres porque elas lembram meus olhos.

Ela endurece, e segura a maçaneta da porta.

—Você tem alergia ao glúten, mas come sua marca favorita de bolo do Gregg's porque não está disponível em nenhum outro lugar, e depois toma meia caixa de Benadryl para compensar a reação alérgica. Um hábito que você tem que parar, aliás.

Ela se encolhe. Ela gira a maçaneta e abre a porta.

—Você odeia esnobes arrogantes que têm muito dinheiro e que não sabem como o aproveitar, mas você perdoou o pior deles, porque percebeu que esse cara estava quebrado e o que fazia era para compensar suas inseguranças.

Seus ombros tremem.

— Você adora acordar de madrugada e andar descalça na grama, enquanto levanta a cabeça para sentir a brisa suave que vem do Leste.

Seu corpo inteiro fica tenso.

—Você odeia a cor rosa.

Ela gira e me cara.

— Quem te contou?

— Foi por isso que você pintou seu cabelo e comprou roupas dessa cor, porque era uma maneira de se treinar para aceitar que você nem sempre consegue o que quer, que tem que abraçar seus defeitos e olhar além da superfície para o que realmente importa.

— E o que realmente importa? — Vejo sua garganta se mover enquanto engole.

— Você.

Meu telefone vibra. Olho para o dispositivo colocado virado para baixo na mesa, ela também. Vou até lá para pegá-lo, então olho para ela.

Sua respiração fica presa.

Segurando seu olhar, eu o lanço na lixeira. O zumbido é interrompido.

— Não vai ver quem era? — Ela pisca.

—Você vem primeiro.

Ela arregala os olhos.

— Poderia ser uma proposta de fusão ou um acordo de aquisição no valor de milhões.

— Foda-se — eu rosno.

—Uau, você com certeza sabe ser intenso, hein? — Ela pega uma mecha de seu cabelo e o puxa.

— Melhor ir se acostumando com isso, Passarinho. — Eu rio. —Você é tudo que me importa. Seus sorrisos. Suas risadas. Seus suspiros. Seus pequenos gemidos quando você goza, os murmúrios suaves quando você fala dormindo, o pequeno vinco...— toco meu lábio inferior — ... que me deixa louco. As linhas profundas...— eu esfrego o centro da minha testa — ... que se formam quando você está discutindo consigo mesma. O fogo que queima em seus olhos quando você está com raiva. Seu cheiro, que se aprofunda quando você está excitada. — Eu lambo meus lábios. — O jeito que você mastiga os fios de seu cabelo...

Ela solta a mecha e franze os lábios.

— É nojento, mas diabos, eu amo cada peculiaridade sobre você, especialmente esse visual profissional sexy com essas porras de sandálias sensuais.

— São sandálias plataforma. — Ela ri.

— Isso meio que acaba meu discurso.

Eu sorrio e ela aperta os lábios.

— E especialmente isso.

— O quê?

Eu empurro meu queixo para cima.

— O jeito que você me desafia. Você nunca cede um milímetro, sempre consegue me tirar do sério, e quando você segura meu pau e aperta...

Ela fica vermelha.

—... porra, você é a única mulher que já me teve nas mãos, ao ponto de me levar a pensar em deixá-la assumir o comando na cama, se for esse seu desejo.

— Sempre? — Seu olhar se alarga.

— Às vezes. — Eu rosno.

— Da próxima vez? — Ela morde o lábio inferior, e meu pau se contrai.

— Com uma condição.

— Ah, não, não, não. — Ela se afasta, os braços levantados.
—Você não vai transformar isso num acordo.

— Foi você que começou, *Babe*, agora aguenta.

— Então? — Ela prende a respiração.

— Então. — Eu endireito os ombros. — Summer, você é a porra da minha outra metade, então arrasta essa sua bunda deliciosa até aqui, para que eu possa colocar esse maldito anel no seu dedo, depois te deitar sobre a minha mesa e te bater até que você esteja à beira do clímax, então vou me enterrar dentro de você e te tomar de novo e de novo e de novo até que você esteja perto de gozar, o que não vou deixar, não até que eu tenha fodido cada maldito orifício desse corpinho sexy, e você não vai conseguir pensar em mais nada, vai esvaziar essa cabecinha superestimulada de qualquer pensamento coerente, o que te deixará calada, e se você for uma boa menina e eu achar que deva... te deixo gozar junto comigo.

Sua boca abre e fecha, surpresa.

— Isso é o que acho que eu poderia ter dito. — Eu inclino minha cabeça e a encaro.

— Hã?

— Mas... Não... Na verdade, o que eu queria dizer... bom...—
Eu respiro fundo. *Porra, controla suas emoções, cara.*

—Você... você está bem, Sin?

Não.

Mas, sendo sincero, eu nunca estive melhor, nunca estive tão bem quanto agora, quando tudo está tão claro para mim. Eu endireito meus ombros.

— O que eu realmente quero dizer é que eu te amava quando te odiava. Eu te amava quando não queria ter nada com você, quando pensei que queria vingança por algo que não era sua culpa. E agora que sei que te amo... eu não consigo parar de pensar em você. A verdade é que eu sou louco por você, Summer. Eu não consigo viver sem você, nem por mais um segundo. Então, o que me diz, Passarinho? Você quer ser minha?

Seus olhos brilham. Seu queixo treme.

Porra, eu acho que fui longe demais. Isso é para eu aprender a me conter. Reprimi tanto minhas malditas emoções, o que eu realmente sentia, e quando deixei vir à tona... fiz o pedido de casamento mais horroroso, mais sofrível de todos os tempos. Me fodi.

Eu engulo em seco. Meu coração está acelerado, meu pulso bate forte. A adrenalina corre em meu sangue. Se ela me rejeitar... eu... eu... a deixarei ir. É isso. Mas vou assombrá-la pelo resto de sua vida, enquanto me masturbo todas as noites com as imagens de seu lindo rosto em minhas lembranças.

Seus lábios estão entreabertos, seu queixo treme, então as lágrimas escorrem pela sua face.

— Porra, Summer, não chora.

— Chorar? — ela funga. —Você acha que estou chateada?

— E não está?

— Não. — Ela tenta conter o choro. — Isso... isso foi a coisa mais romântica que alguém já me disse. Você não se conteve. Pela

primeira vez, você disse o que estava em sua mente sem pensar, com um sentimento real te guiando. Era você, só você, presente em cada segundo daquele pedido. — Ela enxuga o rosto. — Mas preciso dizer que achei a primeira parte um pouco complexa e muito obscena.

— É mesmo, dona encrenca? — Eu rosno — Mas te perdoo por isso.

— Perdoa? — Levanto as sobrancelhas.

— Sim. — Ela assente. — Eu sei como é, às vezes sua cabeça está a mil e então as palavras saem atropeladas. Isso se chama seguindo seu instinto.

— Sêrio?

— Está tudo bem, Sin — ela dá um tapinha na minha bochecha — eu aceito, tanto seu pedido quanto o...— Ela estende a mão.

Eu rio e deslizo o anel em seu dedo anelar esquerdo.

Ela olha para a joia e mais lágrimas escorrem por suas bochechas. Meu coração erra uma batida e um calor sobe pelo meu peito.

— Droga, Passarinho, não chore. Não sei como lidar com suas lágrimas.

— Desculpa. — Ela funga. —É só que... é tão...

— Maravilhoso?

— É...

— Estupendo? — Eu sorrio. —Você adorou, já entendi.

— Sinclair Sterling, cala a boca e me beija.

— Com prazer. — Envolver meus dedos em sua nuca, puxo-a para mim e colo meus lábios nos dela.

Ela geme, aquele gemidinho gutural, e meu pau engrossa.

Eu a beijo profundamente, morderisco seu lábio inferior até que sua boca se abra, em seguida, enfio minha língua dentro de sua

boca de mel e extraio sua essência. Ela torce os dedos na minha lapela, me puxando para mais perto, até que seus seios ficam esmagados contra o meu peito. O sangue corre rápido para minha virilha. Porra, eu preciso dela. Eu a quero. Agora. Quando deslizo meu outro braço ao redor de sua cintura, ouço um som de patas. A porta se abre de repente e Max vem correndo em nossa direção, latindo descontroladamente, e pula em cima de Summer.

Ela cambaleia, mas eu a firmo em meus braços.

— Mas que... — Olho para baixo e vejo Max arranhando a perna da minha esposa, querendo chamar sua atenção. Ela se abaixa e o pega no colo. Ele lambe sua bochecha e ela ri.

Franzo a testa e cruzo os braços. Então é isso, agora eu estou com ciúmes de um cachorro. Humpf! Me inclino, chego perto de sua orelha e sussurro: — Chegue em casa antes de mim e me espere despida na nossa cama, com as pernas bem abertas, mostrando sua boceta, com os dedos em sua...

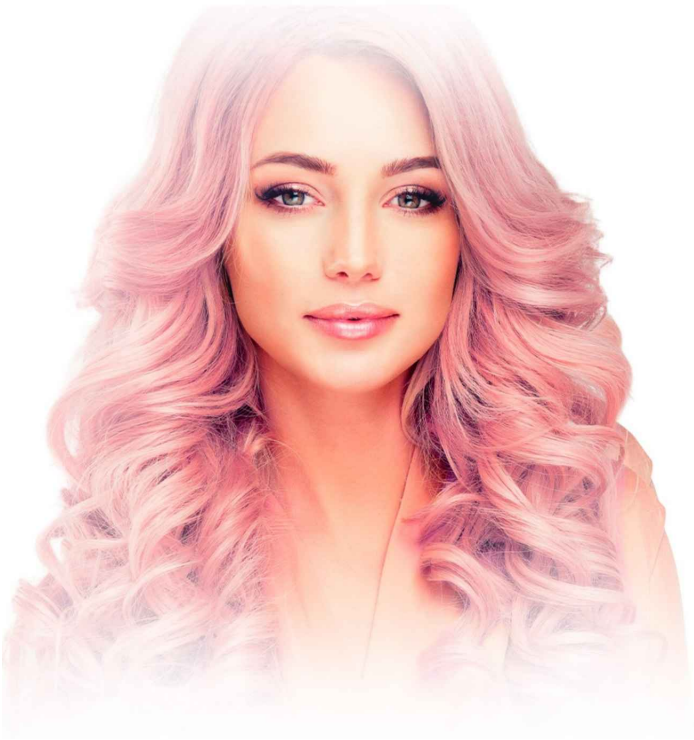
—Shh! — Ela pressiona seus lábios nos meus. Tão suave, tão doce. Meu coração se derrete. — Estarei lá. — Ela murmura.

— Promete?

— O que você acha?

Sorri.

Nessa hora, Saint aparece na porta da sala de conferências e diz: — O que houve com você?



A esposa falsa
DO BILIONÁRIO

Summer

Capítulo 56

Meu marido coloca seu corpo na minha frente, bloqueando-me da linha de visão de Saint.

— O que você...? — Tento movê-lo, mas não consigo.

Ele envolve o braço em minha cintura, me mantendo no lugar.

— Sinclair.

Ele abaixa a cabeça e me encara. Eu sustento seu olhar.

— O que você está fazendo?

— Sou possessivo.

— Não diga? — Eu levanto o queixo.

— Não vou conseguir mudar isso.

— Mas não quero que você mude essa parte de você. — Eu cravo meus dedos em seus braços, e seus músculos tensionam. Mesmo com a barreira do tecido da camisa e da jaqueta, consigo sentir todo seu vigor. Seu olhar cai sobre o anel no meu dedo.

— Eu realmente amei esse anel.

— Fico feliz. — Seus lábios se curvam num sorriso. — Desculpe, eu não consegui te dar outro buquê de flores silvestres.

Eu enrijeço e olho emocionada para ele.

— Então foi você quem pegou as flores para mim no dia do nosso casamento?

— Foi. — Ele desvia os olhos.

Ora, ora...Sinclair Sterling com uma expressão desconfortável em seu rosto. Uau.

— Não queria que tivesse sido da forma que foi. — Ele passa os dedos na ponta do nariz.

— Por acaso você está se desculpando? — Arregalo os olhos. — Por que eu acho tão difícil de acreditar?

— Se tratando de você, Passarinho, aprendi a nunca subestimar suas respostas. — Ele dá um sorriso debochado. — Nem as minhas, tenho que admitir.

— Ah...

—Ah! — Ele ri. —Adoro quando te deixo sem palavras, você sabe disso.

— Eu te amo... ponto final.

Ouvi um som de engasgo vindo da direção da porta.

— Cala a boca Saint. — Meu marido diz, mas sem se virar. — Então, onde estávamos mesmo? — Ele se endireita e me puxa para mais perto do seu corpo.

Eu me derreto. Passo meus braços em volta da sua cintura, e encosto minha bochecha naquele peito duro.

— Como eu disse — Saint se joga em uma cadeira — você está diferente, Pecador.

— E desde quando me importo com sua opinião?

— E não estou me referindo a ter tirado a barba... ah, tenho que admitir, te remoçou uns bons anos.

Eu o encaro, surpreso com o comentário.

— Estou falando sobre aquele brilho repugnante de autocomplacência que todos os casais apaixonados têm e que estou vendo agora nos seus olhos. Com certeza você vai querer que todos os seus amigos encontrem essa mesma satisfação.

— E quando foi que você me viu fazendo algo desse tipo?

— Obrigado por isso. — Saint levanta as mãos para o céu.

Nesse momento seu telefone toca. Ele o tira do bolso, olha para a tela e franze a testa.

— Que merda é essa?

— O que foi?

— Recebi uma mensagem de texto de um número privado. Mas que estranho...

— O quê?

— É o trecho de uma poesia.

Sin fica tenso. Ele caminha em direção a Saint, mas mantendo seu braço em volta dos meus ombros, o que me obriga e dar passos largos para poder acompanhá-lo. Paramos em frente a mesa, e ele me puxa mais contra seu peito.

— Deixe-me ver isso.

— Não faça uma tempestade num copo d'água, Sinclair, deve ser alguma mulher irada que comi.

— Leia em voz alta. — A voz de Sin é dura.

Os ombros de Saint enrijecem, então ele olha para a tela.

— *Eu tive um sonho que não era em todo um sonho. O sol esplêndido extinguiu-se, e as estrelas vagueavam escuras pelo espaço eterno...*

— Byron. — Sinclair e Saint dizem ao mesmo tempo.

— Espera um minuto...— Sinclair me solta e vai pegar seu telefone no cesto de lixo. Volta para perto de mim e me puxa de novo para seus braços. Então verifica as mensagens em seu aparelho. Ele fica pálido.

— O que foi?

Ele me mostra seu telefone. Leio em voz alta: — Finou-se a multidão de fome, aos poucos; mas dois de uma grande cidade sobreviveram, mas eram inimigos...

— Mas o que significa isso? — Sin rosna.

— Mais um trecho do poema de Byron. — Saint parece nervoso.

Ouçõ um zumbido vindo da minha bolsa.

—Sin.— Eu o cutuco. — O meu telefone está tocando. Vou ver quem é.

—Tudo bem. — Ele me solta e fui pegar o aparelho.

Vi que havia uma chamada perdida da Karma e uma mensagem de voz. Eu escuto o recado, então franzo a testa.

— Algum problema, querida? — Sin se aproxima e coloca o braço ao redor da minha cintura.

— Sim... Não... quer dizer, não sei. Era a Karma, me avisando que está indo para a Sicília. Um amigo tinha uma passagem extra, então a convidou para viajar com ele.

— Ele? — Seu aperto fica mais forte no meu quadril.

— Foi o que ela disse. Karma não deveria viajar em sua condição.

— Ela está estável, não está? — Ele começa a desenhar círculos na curva da minha cintura. Eu estremeço.

— Sim, está, mas precisa tomar cuidado, não ficar agitada demais.

Ligo para ela, mas cai direto para a caixa de mensagens.

— Merda! Ela não está atendendo o telefone. — Meu coração dispara. — Ela não me falou nada sobre isso nem ontem nem hoje de manhã, quando me despedi dela.

Saint olha para Sin, então se levanta e se espreguiça.

— Uns dias ao sol, na companhia de um homem...— Ele curva o lábio, tentando parecer relaxado. —Talvez seja isso o que ela anda precisando, não?

— Não tentem me enganar. — Alterno meu olhar entre Saint e meu marido. — Vocês estão preocupados, admitam. Primeiro meu pai menciona Byron, o chefe da máfia, agora vocês dois recebem mensagens com trechos de um poema de Lord Byron e ...— franzo o cenho olhando para o meu telefone. — ... e Karma de repente parte para a Sicília. — Balanço a cabeça. — Tem alguma coisa errada aqui.

Há uma batida na porta.

Max salta de seu tapete, corre até a porta e a arranha.

Outra batida, então Meredith entra na sala.

— Tem uma mulher esperando para falar com você.

— Não estou esperando ninguém. — Sin franze a testa. — Além disso — ele enrola uma mecha do meu cabelo em seu dedo, e descansa o queixo na minha cabeça — estamos de saída.

— Não com você, com ele. — Meredith aponta para Saint com a cabeça. — Ah, e parabéns Sr. e Sra. Sterling. — Ela sorri para mim.

Eu ruborizo. Uau. *Sra. Sterling*. Parece... parece tão certo. Meu coração se aquece.

— Obrigada, Meredith.

— De nada, minha querida. — Seu rosto inteiro se ilumina com um sorriso.

— Mande-a entrar, M. Obrigado. — Saint se endireita na cadeira.

Meredith assente e sai da sala.

— Ah, fique à vontade, sinta-se em casa. — Sin rosna.

Saint mostra o dedo médio para ele, então se vira para a porta quando ela se abre.

Vitória. Nem um fio de cabelo fora do lugar. Maquiagem perfeita, exceto pelo batom que está borrado. Ela olha direto para mim.

— Espero não estar incomodando. — Ela torce os dedos.

— Bom, já está aqui mesmo... — Saint a olha da cabeça aos pés — ...então entre.

Noto que há um rasgo na barra de seu vestido. Fico tensa.

— Victoria, está tudo bem?

Max cheira seus tornozelos e começa a ganir. Ela se curva e faz um carinho em sua cabeça. Ele lambe os dedos dela, depois corre de volta para o tapete e se acomoda ali, mordendo seu brinquedo.

—Vitória?

Ela olha para mim novamente.

— Agora vai ficar tudo bem. — Seu tom parece controlado.
Ela então se vira para Saint. — Eu estava a sua procura.

— Já não era sem tempo. — Saint sorri.

Ela dá um passo à frente, então tropeça.

— Ei. — Saint vai em sua direção.

Suas pernas parecem vacilar e ela desaba, mas ele já está lá para ampará-la.

— Você está bem?

— Me ajude.

Sobre a Autora

L. Steele (Laxmi) adora escrever romances com homens perigosos e mulheres geniosas.

Laxmi gosta de debater curiosidades com seu marido cineasta, assistir muitos e muitos filmes e fazer passeios por trilhas naturais.

Ela mora com a família em Londres.

Leia Também:

Minha Segunda Chance



Link: <https://amzn.to/3KKuPnI>

Sinopse:

Sentindo-se culpado pelo acidente de carro que vitimou o seu melhor amigo, o milionário do ramo madeireiro, Alexander Brooke, como forma de autopunição impôs-se a solidão, afastando-se de todos que o amavam. Recluso e agora sombrio, ele abandonou seus sonhos, inclusive de ser amado e formar uma família.

Quando uma menina, tão quebrada quanto ele, fraca e desnutrida, aparece em sua porta precisando de proteção, o CEO não hesitou em cuidar dela, embora lutasse arduamente contra os sentimentos despertados por aquela desconhecida, emoções que não poderia mais permitir ter. E lutar contra a tentação que Mariana representava

tornou-se impossível para o homem poderoso, e acabou tomando sua inocência e luz para si.

Mas aquela felicidade frágil ao lado da sua Pequena poderia vir a ruir quando o milionário se vê obrigado a cuidar da filha do seu melhor amigo.

Um milionário envolto em sombras, uma virgem inocente, uma bebê órfã, uma segunda chance!

Casados por Dever



Link: <https://amzn.to/3uAiGuw>

Sinopse:

Há cinco anos, Jefferson Miller abandonou a sua família e a empresa para viajar pelo mundo a bordo de um barco, em busca do próprio destino. Depois de tanto tempo distante, ele retornou a São Francisco para o enterro do seu irmão mais velho, aquele a quem era mais apegado. Porém não esperava que, além da multinacional do ramo esportivo, Jonathan também deixasse uma esposa no testamento. Para assumir a presidência da Athena, se tornar o CEO e trazer estabilidade para os negócios diante do mercado, ele precisou cumprir o último pedido do irmão: casar por meio de um contrato com sua viúva, uma mulher dez anos mais jovem que ele e que só conheceu no funeral. Clare tinha o emprego dos sonhos trabalhando como secretária do melhor amigo, à frente de uma das maiores companhias esportivas do mundo, contudo um terrível acidente mudaria sua vida para sempre. Jonathan jurou protegê-la e então decidiu casar-se com ela, mas era um arranjo de fachada, que também o ajudaria a esconder sua orientação sexual. Virgem e

viúva, não esperava viver um grande amor ao se ver enredada em um segundo casamento de contrato, mas o que Clare e Jefferson não imaginavam é que poderiam encontrar o seu porto seguro nos braços um do outro.

Uma virgem para o CEO (Irmãos Clark Livro 1)



Link: <https://amzn.to/3wQmcUi>

Sinopse:

Dean Clark nasceu em meio ao luxo e o glamour de Miami. Transformou a concessionária de carros importados que herdou do pai em um verdadeiro império. Ele é um CEO milionário que tem o que quer, quando quer, principalmente sexo. Sua vida é uma eterna festa, mas sua mãe está determinada a torná-lo um homem melhor.

Angel Menezes é uma moça pacata e sonhadora que vive com a mãe em um bairro de imigrantes. Trabalhando como auxiliar em um hospital, sonha em conseguir pagar, um dia, a faculdade de medicina. As coisas na vida dela nunca foram fáceis. Seu pai morreu quando ela ainda não tinha vindo ao mundo, e a mãe, uma imigrante venezuelana, teve que criá-la sozinha. Porém, sempre puderam contar com uma amiga brasileira da mãe, que teve um destino diferente ao se casar com um milionário.

Laura mudou de vida, mas nunca deixou para trás a amiga e faz de tudo para ajudar a ela e a filha. Acredita que Angel, uma

moça simples, virgem, e onze anos mais jovem, é a melhor escolha para o seu filho arrogante e cafajeste, entretanto, tudo o que está prestes a fazer é colocar uma ovelhinha ingênua na toca de um lobo.

Dean vai enxergar Angel como um desafio, ele quer mais uma mulher em sua cama e provar que ela não é virgem. No jogo para seduzi-la, ganhará um coração apaixonado que não está pronto para cuidar...

Será que o cafajeste dentro dele se redimirá ou ele só destruirá mais uma mulher?

Nos braços do Meu Protetor



Link: <https://amzn.to/3JRKYHs>

Sinopse:

Fabrizio Flauzi é o único herdeiro de um dos maiores patrimônios do país, mas enquanto o momento de assumir o império não chega, segue seu sonho na polícia civil.

Lindo e misterioso, o delegado da narcóticos cometeu um dos maiores erros da sua carreira, acreditar apenas em evidências. Certo de estar resolvendo um crime, acabou levando uma família à ruína.

Mariana Vaz é uma jovem ingênua de dezoito anos com uma beleza singular. A bela garota determinada e desastrada tem somente um objetivo em sua vida: provar a inocência do pai e fazer o delegado pagar pela injustiça. Desconfiada de quem possa ser o culpado pelo crime, inicia uma investigação solitária, tornando-se alvo da maior rede de corrupções, contrabandos e exploração sexual do país.

Encontros inusitados colocam os dois frente a frente, provocando emoções incontroláveis. Sem conhecer a real identidade um do outro, acabam vencidos pela força do desejo e se entregam a uma noite de amor inesquecível, onde a menina perde sua virgindade com o seu maior inimigo.

O romance foi condenado quando ela descobriu na manhã seguinte, quem é Fabrizio. O amor será colocado à prova nesta história de mentiras, sexo, crimes e investigações. Descubra o perigo de dar ouvidos ao coração.

ATENÇÃO! Essa história contém cenas impróprias para menores de dezoito anos. Contém gatilhos, palavras de baixo calão e conduta inadequada de personagens.

A redenção do mafioso



Link: <https://amzn.to/3lOrzWx>

Sinopse:

Escondido sob a fachada de rico empresário, o mafioso Liam Costello construiu sua fortuna por meios ilícitos. Cercado pelo luxo, ele é dono de uma boate, coleciona mulheres em sua cama e as descarta como bem entende, mas é surpreendido quando uma delas volta com uma menina de sete anos e a deixa aos seus cuidados.

Liam não tinha envolvimento duradouros e não esperava ser pai, porém, quando se viu responsável pela criança, percebeu que precisava de ajuda.

Samantha Smith é uma professora que alcançou o fundo do poço. Sozinha e desamparada, fugiu para recomeçar.

Ao começar a trabalhar em uma nova cidade, ela se aproxima de uma aluna e resolve ajudar o pai da menina. O que não esperava era que o sedutor milionário fosse tirá-la do eixo. Disposta

a se permitir mais, Sam embarca numa perigosa aventura, mas não sabe se será capaz de superar seus fantasmas.

Ambos possuem segredos e um passado que os assombra. Quando a verdade vier à tona, o sentimento cultivado entre eles pode não ser o bastante.

ATENÇÃO! Essa história contém cenas impróprias para menores de dezoito anos. Contém gatilhos, palavras de baixo calão e conduta inadequada de personagens.



www.grupoeditorialportal.com.br